

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MARLISE REGINA MEYRER

**REPRESENTAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO
NAS FOTORREPORTAGENS DA REVISTA *O CRUZEIRO* (1955-1957)**

Porto Alegre

2007

MARLISE REGINA MEYRER

**REPRESENTAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO
NAS FOTORREPORTAGENS DA REVISTA *O CRUZEIRO* (1955-1957)**

Tese apresentada como requisito para
obtenção do Grau de Doutor em História, pelo
Programa de Pós-Graduação da Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador(a): Profa.: Dra. Sandra Brancato

Porto Alegre

2007

MARLISE REGINA MEYRER

**REPRESENTAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO NAS
FOTORREPORTAGENS DA REVISTA *O CRUZEIRO* (1955-1957)**

Tese apresentada como requisito para
obtenção do Grau de Doutor em História, pelo
Programa de Pós-Graduação da Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de janeiro de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sandra Brancato – (Orientadora) PUCRS

Profa. Dra. Heloisa Jochims Reichel – UNISINOS

Profa. Dra. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

Profa. Dra. Miriam Rossini – UFRGS

Prof. Dr. Caharles Monteiro – PUCRS

*Dedico este trabalho a minha família querida Ney,
Bruna e Pedro, por darem um sentido especial a minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a minha família – Ney, Bruna e Pedro – pelo amor, carinho e apoio que forneceram a estrutura emocional necessária para que esta conquista se tornasse possível.

Agradeço à CAPES pela bolsa que permitiu a realização da pesquisa.

Ao Programa de Pós Graduação em História da PUCRS pela estrutura que possibilitou a concretização da tese.

À professora Sandra Brancato, minha orientadora, que acompanhou o processo de construção da tese e, por tabela os percalços pessoais que tive durante a caminhada, e mesmo assim, acreditou na finalização do trabalho.

Agradeço também aos meus colegas da FACCAT, que tantas vezes tiveram que ouvir pacientemente minhas lamúrias e sempre me aconselharam a não desistir. Aos alunos da Instituição que deram sentido à realização deste trabalho.

De forma especial, à professora Juliana, sempre muito prestativa em colaborar fazendo as correções necessárias ao longo da elaboração da tese.

Aos colegas da UNISINOS, que contribuíram com sugestões e questionamentos que enriqueceram o trabalho.

Aos meus amigos mais próximos, não nomeados aqui, mas que participaram desse longo processo, com quem quero partilhar a alegria de ter chegado ao final de mais uma etapa. Muito obrigada.

Quero, aqui, agradecer de forma muito especial, aos inspiradores da minha trajetória acadêmica e que tiveram importância em fases distintas do percurso. Ao Professor Doutor José Alberto Baldissera, que despertou meu interesse pela História, me mostrando, pela primeira vez, que não havia História, mas Histórias. A ele devo minha formação como **Professora de História**. À Professora Doutora Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos, que já no final da graduação, foi a grande incentivadora para que eu continuasse a caminhada, despertando em mim o interesse pela pesquisa. Foi através da Eloísa que me tornei **Pesquisadora**. Numa outra etapa, durante o meu Trabalho de Mestrado, os ensinamentos da Professora Doutora Heloísa Jochims Reichel foram fundamentais para o aperfeiçoamento de minha formação. À Heloísa atribuo minha formação como **Historiadora**. Muito obrigada, vocês são exemplos, cada um com suas características, de professores e de profissionais comprometidos com o seu fazer pedagógico e nos quais eu me inspiro na realização do meu trabalho.

RESUMO

Nos anos de 1950, a idéia de desenvolvimento apresentava-se como o principal componente do imaginário nacional. O Brasil, então, apresentava-se como pleno de possibilidades, inserido em uma trajetória irreversível rumo ao futuro que tinha, como ponto de chegada, o mundo civilizado, identificado com os países desenvolvidos. Analisar de que forma este imaginário foi representado e difundido na revista *O CRUZEIRO*, entre os anos de 1955-1957, é o objetivo da tese. Ao mesmo tempo fonte e objeto da presente pesquisa, a revista é considerada a principal publicação nacional do ramo, na época, a atingir todo o território brasileiro. Ela ocupava uma posição privilegiada no campo jornalístico e, por conseguinte, desfrutava de um grande poder no jogo de forças que compunha as diferentes esferas da sociedade brasileira. O estudo concentrou seu foco de análise nas fotorreportagens, principal atrativo da revista e que a caracterizava. A análise levou em consideração a especificidade deste formato, na qual a mensagem não privilegia o texto verbal, mas a imagem fotográfica em composição com as legendas, títulos e subtítulos que orientam a leitura. Ao estudar o tema desenvolvimento em uma revista de variedades, buscamos conhecer as suas diferentes representações, para além do aspecto puramente econômico. Elas estiveram pautadas, em *O CRUZEIRO*, pela visão do grupo que a revista representava, pelas idéias de seu proprietário – Assis Chateaubriand - e pelo imaginário desenvolvimentista do período.

Palavras-Chave: Brasil – História. Imprensa – História. Desenvolvimento – Representação – Fotorreportagem – Revista *O CRUZEIRO*.

ABSTRACT

In the 1950's the aspiration for development was the main component of national imagination. During this period, Brazil's own perception was that of a country full of possibilities and on an irreversible course towards the future, with the civilized world as its destination point and fully identified with developed countries. This thesis focuses on the ways in which this imaginary was represented and disseminated in the magazine "*O CRUZEIRO*" between 1955-1957. While both source and object of this research, "*O CRUZEIRO*" was considered the main publication of its kind in the country during this period, reaching the whole Brazilian territory. It occupied a privileged position in the journalism Field and, as a result, enjoyed a great deal of power within the disputes among the different spheres of influence of Brazilian society. This study focuses particularly on the analysis of its photo-reportages, its main attraction and what characterized the magazine. Our analysis took into consideration the specific aspects of this format of journalism, which favor photo images in combination with headlines and short texts, at the expense of a more elaborate written content. Through the study of the theme of national development on a variety magazine, we seek to understand the magazine's representations beyond the strictly economic significance. These representations of "*O CRUZEIRO*" reflected the vision of its publishing group, the ideals of its owner – Assis Chateaubriand – and the development imaginary of the period.

Keywords: Brazil – History. Press – History. Photo-reportage – Development - Representation - "*Magazine O CRUZEIRO*".

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Gráfico Progressão da Tiragem de “ <i>O CRUZEIRO</i> ”	32
Figura 02: Reportagem <i>O CRUZEIRO</i> Internacional. <i>O CRUZEIRO</i> , 04 maio de 1957.	36
Figura 03: A volta de Whitaker. <i>O CRUZEIRO</i> , 30 abr. 1955.	59
Figura 04: A volta de Whitaker. <i>O CRUZEIRO</i> , 30 abr. 1955.	59
Figura 05: “A árvore e a erva”. <i>O CRUZEIRO</i> , 29 out. 1955.....	61
Figura 06: Reportagem: “Amazônia, petróleo e dólares”. <i>O CRUZEIRO</i> , 09 abr. 1955.....	70
Figura 07: Reportagem: “Amazônia, petróleo e dólares”. <i>O CRUZEIRO</i> , 09 abr. 1955.....	70
Figura 08: Brasil Civilização da Lenha. <i>O CRUZEIRO</i> – 18/06/1955	72
Figura 09: “O Petróleo na Vida do Homem”. <i>O CRUZEIRO</i> , 21 jul. 1956.....	74
Figura 10: Brasil - Civilização da lenha III. <i>O CRUZEIRO</i> , 02 jul. 1955.	75
Figura 11: Brasil Civilização da Lenha V – <i>O CRUZEIRO</i> , 13 ago. 1955.....	77
Figura 12: SOS Cafés Finos. <i>O CRUZEIRO</i> , 14 jul. 1956.	82
Figura 13: Melhorar ou Morrer. <i>O CRUZEIRO</i> . 09 jul. 1956.....	83
Figura 14: Reportagem: Ballet do IV Centenário. <i>O CRUZEIRO</i> , 05 fev. 1955.....	96
Figura 15: Reportagem: O Brasil faz um “Grand-Jeté”de 400 anos. <i>O CRUZEIRO</i> , 26 fev. 1955.....	96
Figura 16: Praça Tiradentes. <i>O CRUZEIRO</i> , 07 jul. 1956.	99
Figura 17: Praça Tiradentes II. <i>O CRUZEIRO</i> , 07 jul. 1956.	100
Figura 18: Praça Tiradentes III. <i>O CRUZEIRO</i> , 14 jul. 1956.	100
Figura 19: Teatro de Revista. <i>O CRUZEIRO</i> , 28 jul. 1956.....	100
Figura 20: A maioria do teatro brasileiro. <i>O CRUZEIRO</i> . 02 jun. 1956.....	103
Figura 21: A maioria do teatro brasileiro II. <i>O CRUZEIRO</i> . 02 jun. 1956	104
Figura 22: A maioria do teatro brasileiro III. <i>O CRUZEIRO</i> . 02/06/1956.....	104
Figura 23: Reportagem: Escolas de Samba. <i>O CRUZEIRO</i> , 12 mar. 1955.	109
Figura 24: Império do Samba. <i>O CRUZEIRO</i> , 19 fev. 1955.	111
Figura 25: Dez telas de Grandes Mestres I. <i>O CRUZEIRO</i> , 23 fev. 1957.	115
Figura 26: Dez Telas de Grandes Mestres II. <i>O CRUZEIRO</i> , 23 fev. 1957	115
Figura 27: A Nova Miss Universo. <i>O CRUZEIRO</i> , 04 ago. 1956	120
Figura 28: Como vivem as três mais recentes misses Brasil. <i>O CRUZEIRO</i> , 06 abr. 1957.	123
Figura 29: Emília e sua história de amor. <i>O CRUZEIRO</i> , 06 abr. 1957.	123

Figura 30: Mamãe Emília no país dos sonhos. <i>O CRUZEIRO</i> , 05 out. 1957.	124
Figura 31: Caras da Coroa. <i>O CRUZEIRO</i> , 30 jul. 1955.	127
Figura 32: Os 30 anos de Marilyn Monroe. <i>O CRUZEIRO</i> , 09 jul. 1956.	130
Figura 33: As Orações de Elisabeth Taylor. <i>O CRUZEIRO</i> , 16 abr. 1955.	131
Figura 34: Do Didu ao Didi. <i>O CRUZEIRO</i> , 18 ago. 1956.	136
Figura 35: Não Lute, Hélio. <i>O CRUZEIRO</i> , 24 dez. 1955.	138
Figura 36: “Jânio Mergulha no Sertão”. <i>O CRUZEIRO</i> , 23 abr. 1955.	147
Figura 37: “Jânio Mergulha no Sertão”. <i>O CRUZEIRO</i> , 23 abr. 1955.	148
Figura 38: Tributo de Sangue. <i>O CRUZEIRO</i> , 14 abr. 1956.	151
Figura 39: Tributo de Sangue. <i>O CRUZEIRO</i> , 14 abr. 1956.	152
Figura 40: Segundo Tempo do Levante no Paraná. <i>O CRUZEIRO</i> , 02 nov. 1957.	155
Figura 41: A Epopéia de Rondon. <i>O CRUZEIRO</i> , 15 jun. 1957.	157
Figura 42: Epopéia de Rondon I. <i>O CRUZEIRO</i> , 15 jun. 1957.	157
Figura 43: A Epopéia de Rondon II. <i>O CRUZEIRO</i> , 15 jun. 1957.	158
Figura 44: A Epopéia de Rondon III. <i>O CRUZEIRO</i> , 15 jun. 1957.	160
Figura 45: “Caçando Tuberculose na Selva”. <i>O CRUZEIRO</i> , 16 abr. 1955.	162
Figura 46: “Caçando Tuberculose na Selva”. <i>O CRUZEIRO</i> , 16 abr. 1955.	163
Figura 47: Iguaçu- Água Grande. <i>O CRUZEIRO</i> . 27/04/1957.	166
Figura 48: O Paraíso Perdido no Rio Paraná. <i>O CRUZEIRO</i> , 26 mar. 1955.	167
Figura 49: Jangadeiro. <i>O CRUZEIRO</i> . 14 abr. 1956.	169
Figura 50: Gávea Verde. <i>O CRUZEIRO</i> , 22 jan. 1955.	171
Figura 51: Maré Baixa. <i>O CRUZEIRO</i> , 15 jan. 1955.	172
Figura 52: O Rio faz 388 anos. <i>O CRUZEIRO</i> , 22 jan. 1955.	175
Figura 53: O Rio faz 388 anos. <i>O CRUZEIRO</i> , 22 jan. 1955.	175
Figura 54: O Rio faz 388 anos II. <i>O CRUZEIRO</i> . 22/01/1988.	176
Figura 55: Os Zebus de Pedra. <i>O CRUZEIRO</i> , 14 maio /1955.	177
Figura 56: Zebus de Pedra. <i>O CRUZEIRO</i> , 14 maio 1955.	178
Figura 57: Zebus de Pedra II. <i>O CRUZEIRO</i> , 14 maio 1955.	179
Figura 58: Copacabana sem retoques. <i>O CRUZEIRO</i> . 05/05/1956.	181
Figura 59: “O Metropolitano Carioca” <i>O CRUZEIRO</i> , 08 set. 1956.	182
Figura 60: “O Metropolitano Carioca” <i>O CRUZEIRO</i> , 08 set. 1956.	182
Figura 61: “Quanto Custa uma Greve”. <i>O CRUZEIRO</i> , 02 nov. 1957.	187
Figura 62: Deputados no Banco dos Réus. <i>O CRUZEIRO</i> , 03 nov. 1956.	192
Figura 63: Vinte e Oito Dias no Regime da Vassoura. <i>O CRUZEIRO</i> , 26 março 1955.	197

Figura 64: “ O Criador de Casos”. <i>O CRUZEIRO</i> 17 nov. 1956.	198
Figura 65: Tire o Chapéu a São Paulo. <i>O CRUZEIRO</i> , 24 ago. 1957.	204
Figura 66: Tire o Chapéu a São Paulo. <i>O CRUZEIRO</i> , 24 ago. 1957.	205
Figura 67: Tire o Chapéu a São Paulo. <i>O CRUZEIRO</i> , 24 ago. 1957.	205
Figura 68: “Fora a lata d água”. <i>O CRUZEIRO</i> , 07 dez. 1957.	206
Figura 69: É o Presidente do Brasil. <i>O CRUZEIRO</i> , 04 fev. 1956.	211
Figura 70: É o Presidente do Brasil II. <i>O CRUZEIRO</i> , 04 fev. 1956.	211
Figura 71: JK o Pé-de-Boi. <i>O CRUZEIRO</i> , 04 ago. 1956.	213
Figura 72: JK o Pé-de-Boi II. <i>O CRUZEIRO</i> , 04 ago. 1956.	214
Figura 73: JK de Fevereiro a Janeiro . <i>O CRUZEIRO</i> , 02 fev. 1957.	217
Figura 74: JK de Fevereiro a Janeiro II. <i>O CRUZEIRO</i> , 02 fev. 1957.	217
Figura 75: JK de Fevereiro a Janeiro III. <i>O CRUZEIRO</i> , 02 fev. 1957.	218
Figura 76: JK de Fevereiro a Janeiro IV. <i>O CRUZEIRO</i> , 02 fev. 1957.	218
Figura 77: A Conferência do Panamá. <i>O CRUZEIRO</i> , 11 ago. 1956.	220
Figura 78: A Conferência do Panamá II. <i>O CRUZEIRO</i> , 11 ago. 1956.	221
Figura 79: A Conferência do Panamá III. <i>O CRUZEIRO</i> , 11 ago. 1956.	221
Figura 80: O Brasil vacinado contra o golpe. <i>O CRUZEIRO</i> , 12 maio 1956.	226
Figura 81: Pique Nique no Maranhão. <i>O CRUZEIRO</i> , 02 abr. 1955.	228

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	IMAGENS DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	38
2.1	QUAL DESENVOLVIMENTO?	38
2.2	A ÁRVORE E A ERVA.....	55
2.3	“PETRÓLEO SE EXPLORA COM DÓLARES”	65
2.4	CAFÉS FINOS.....	78
3	DESENVOLVIMENTO E CULTURA	87
3.1	CULTURA NACIONAL	87
3.2	CULTURA: O ERUDITO E O POPULAR NA FORMAÇÃO DA CULTURA NACIONAL	93
3.3	A MISSÃO CIVILIZADORA.....	112
4	REELABORANDO OS ESPAÇOS NACIONAIS	140
4.1	Os ESPAÇOS NACIONAIS	140
4.2	O SERTÃO	143
4.3	BRASIL EXÓTICO: A RETOMADA DA VISÃO EDÊNICA	163
4.4	RIO DE JANEIRO: CAOS URBANO OU PARAÍSO TROPICAL?	169
5	A POLÍTICA NACIONAL: A VASSOURA, A SIMPATIA E A ESPADA	185
5.1	O NOVO POLÍTICO	185
5.2	O REGIME DA VASSOURA	193
5.3	JK - O PRESIDENTE SIMPÁTICO	206
5.4	A ESPADA DO GENERAL LOTT	222
5.5	OS ANTI-HERÓIS.....	227
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	231
	REFERÊNCIAS	238
	FONTES CONSULTADAS	251
	ACERVOS CONSULTADOS	256

1 INTRODUÇÃO

Nos anos 1950, o desenvolvimento compôs o imaginário na qual o Brasil aparecia como país do futuro, moderno, progressista e pleno de possibilidades. Economistas, intelectuais, políticos passaram a discutir, planejar e implementar ações que levassem o país o mais rapidamente possível ao futuro. O desenvolvimento nacional, sobretudo na sua versão mais conhecida, o desenvolvimentismo,¹ tem sido extensamente estudado por historiadores e economistas brasileiros que buscam entender tanto o crescimento quanto as crises do período. Estudam os planos econômicos, cuja ênfase é o Plano de Metas, diagnósticos e projetos para o desenvolvimento. Enfatizam, sobretudo, o viés especificamente econômico do desenvolvimento, tendo por base, principalmente, a documentação de Instituições criadas na época, como a CEPAL², O BNDE³ e o ISEB⁴.

¹ O desenvolvimentismo foi a ideologia dominante no Brasil dos anos 50 e é pautada pelo ideal de transformação da sociedade brasileira definida pelo projeto que tem como base a idéia da industrialização como forma de superação do subdesenvolvimento, a necessidade de um planejamento estatal consciente que defina os setores a serem investidos e promova e oriente os recursos financeiros necessários à expansão. BIELSCHOWSKI, Ricardo. **O pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. Pedro César Dutra da Fonseca entende o desenvolvimentismo como “possuindo um “núcleo duro” que o caracteriza em suas várias manifestações concretas, como a defesa: (a) da industrialização; (b) do intervencionismo pró-crescimento; e (c) do nacionalismo, embora este deva ser entendido num sentido muito amplo, que vai desde a simples retórica ufanista conservadora até propostas radicais de rompimento unilateral com o capital estrangeiro.” Para o autor, “O desenvolvimentismo, tal como tomou vulto no Brasil e na maior parte dos países latino-americanos, ia além de um simples ideário, mas emergiu como um *guia de ação* voltado a sugerir ou justificar ações governamentais *conscientes*. Estabelece-se, portanto, a hipótese de que *sem uma política consciente e deliberada não se pode falar em desenvolvimentismo*.” FONSECA, Pedro César Dutra. **Gênese e Precursores do desenvolvimentismo no Brasil**. In.: Revista Pesquisa e Debate do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política. Departamento de Economia, PUCSP, SP, volume 15, n. 2 (26), p. 225-256, 2004. p. 2.

² A CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina) foi criada pelas Nações Unidas em 1948. O desenvolvimento *cepalino* tem por base a industrialização através de um planejamento estatal consciente. A CEPAL tem como princípio normativo que a contribuição do Estado é necessária para ordenar o desenvolvimento econômico nas condições da periferia latino-americana. Para ela, os problemas decorrentes da condição periférica poderiam ser superados através de políticas econômicas e sociais a nível nacional e internacional, não implicando em necessidade de ruptura com o capitalismo, ou seja, os diagnósticos *cepalinos* levavam à execução de políticas reformistas.

³ O Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE) foi criado em 1952 “[...] com a finalidade de criar condições para a eliminar obstáculos ao fluxo de investimentos, públicos e particulares, estrangeiros e nacionais, necessários para promover o desenvolvimento econômico.” Conforme SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 117. O BNDE seria o principal formulador e executor da política nacional de desenvolvimento.

⁴ Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB, criado dentro do Ministério da Educação. O ISEB assumiu a mesma perspectiva da CEPAL, já que a economia oferecia uma explicação estrutural para os problemas brasileiros. Mas acrescentou-lhe a necessidade de uma ideologia do desenvolvimento, sem a qual não haveria processo de mudança. Nessa ideologia do desenvolvimento, o Estado assumia o papel de principal agente da modernização e também da democratização. O principal objetivo dos isebianos, conforme TOLEDO, era “superar o subdesenvolvimento. Completando o sistema capitalista nos quadros da nação”. TOLEDO, Caio Navarro de. **ISEB: fábrica de ideologias**. São Paulo: Ática, 1977. p. 12. O autor define os intelectuais do ISEB como porta-vozes dos grupos dominantes empenhados em construir uma ideologia de classe que favorecesse os seus interesses. Conforme ORTIZ, os isebianos estavam presos à realidade histórica brasileira e só podiam elaborar uma ideologia que fosse conforme a hegemonia da classe dirigente que queria modernizar o país. “A função dos intelectuais seria diagnosticar os problemas da nação e apresentar um programa a ser desenvolvido. Não havia utopia, a realização do ‘ser nacional’ era uma questão de tempo, cabia à burguesia progressista comandar este processo.” ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 65.

Este estudo não diz respeito aos projetos econômicos propostos pelas Instituições Oficiais e discutidos pelos economistas da época, embora seja necessário referir-se a eles para o melhor entendimento do contexto em questão. Mas, sim, às reportagens que tratam do desenvolvimento em suas diferentes acepções – econômica, cultural e política – numa perspectiva informal e visual expressa nas fotorreportagens de *O CRUZEIRO*, nos anos de 1955 a 1957, funcionando como tradução para um público mais amplo dos discursos que estavam ocorrendo nas esferas oficiais.

Nosso objetivo será o de analisar a construção e difusão das representações sociais na revista *O CRUZEIRO* como parte de um projeto civilizatório⁵ para a nação, que não se limitava ao econômico, mas também e, fundamentalmente, ao âmbito cultural. Partimos do pressuposto de que a imagem da nação veiculada adequava-se a um modelo de desenvolvimento específico, aquele defendido pelo proprietário da revista e os grupos que o apoiavam, ou seja, uma facção da elite nacional defensora de um liberalismo excludente e conservador.

A leitura das reportagens da revista *O CRUZEIRO* da época nos informam que ela tratou de reforçar e, até mesmo, construir a idéia de desenvolvimento numa perspectiva não puramente econômica, mas múltipla, mostrando as mudanças em curso em todos os setores.

Assim, em 12 de maio de 1945, *O CRUZEIRO* publicava uma reportagem intitulada “Fim da Guerra” na qual, após descrever o novo panorama mundial que se delineava, questionava sobre qual seria a parte do Brasil nesse novo contexto, afinal, o país integrava o grupo dos vencedores no conflito e o seu apoio aos aliados deveria, agora, resultar em algum tipo de dividendos. A matéria relata os problemas decorrentes do “estágio de subdesenvolvimento brasileiro” e projeta o Brasil do futuro, onde, segundo o repórter, ricos e pobres (cada um na sua função) vivam em harmonia, pois, “[...] o homem pobre não se importa que haja o homem rico [...]”.⁶

Embora nossa análise se concentre em meados dos anos 50, a reportagem citada pode ser vista como marco inaugural da nova era que se abria no pós-guerra. Mundialmente significou toda uma reorientação econômica e política, com os Estados Unidos e União Soviética assumindo o papel de potências hegemônicas e a vitória da democracia sobre os

⁵Nos referimos aqui ao conceito de civilização desenvolvido por Norbert Elias que “expressa a autoconsciência do Ocidente. Poderíamos inclusive afirmar: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas ‘mais primitivas’. Com esse termo, a sociedade ocidental procura descrever em que constitui seu caráter especial e tudo aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras (costumes), o desenvolvimento de seu conhecimento científico ou visão de mundo, e muito mais” ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. p. 05. v. 2.

⁶ *O Cruzeiro*, 12 maio 1945.

regimes nazi-fascistas. Nacionalmente significou o fim da ditadura varguista⁷ e o ingresso, no assim chamado período democrático brasileiro, quando o futuro (entenda-se este, como o pleno ingresso do país nos sistema capitalista mundial) apresentava-se não só como uma possibilidade, mas como uma meta, renunciando o que, anos mais tarde, foi oficialmente efetivado no “Plano de Metas” de Juscelino Kubitschek em 1956.⁸ A reportagem apresenta a preocupação com os rumos da nação e interpela o leitor sobre quais os caminhos que levariam o país mais rápido ao seu destino: o mundo desenvolvido.

Dez anos mais tarde, a revista propôs-se a fazer um balanço do país no último decênio.⁹ Foram oito páginas com charges e piadas, representando os principais acontecimentos que marcaram o período nas diferentes áreas: política, economia, sociedade e cultura nacional. Os destaques eram: a discussão sobre o monopólio do petróleo e a criação da Petrobrás; a crise econômica e o crescente processo inflacionário; o papel da burguesia brasileira¹⁰, considerada ociosa; carnaval; futebol; crise política, com o atentado da Rua Toneleros e o suicídio de Vargas. A revista não deixou de fazer referência, também, aos acontecimentos mundiais e chamava atenção para a necessidade de o Brasil e, especialmente a burguesia, de “inteirar-se” do que estava acontecendo no mundo, referindo-se ao fato de que, por ocasião da explosão da primeira bomba atômica, era carnaval e por isso os brasileiros só tomaram conhecimento do ocorrido muito tempo depois.

O título da matéria, acima referida, é significativo: “A crise é grande mas o Brasil é maior. Dez anos na vida de um Gigante (1945-55).”¹¹ A crise, aí, aparece como uma conjuntura de um processo maior que já estava em andamento, ou seja, o desenvolvimento nacional. O que nos anos 40 ainda era um projeto, nos anos 50 já se tornara realidade. O futuro havia chegado e o país vivenciava as transformações que, embora tenham suas raízes

⁷ Embora o fim do Estado Novo só tenha ocorrido em 29 de outubro de 1945, desde o 1944 Getúlio já assinalava para o fim da ditadura quando seria elaborada uma nova Constituição para o país. No início de 1945, a censura já não era eficiente e seguiu-se uma avalanche de protestos. A rede de Chateaubriand era a mais ferrenha opositora de Vargas nesta época, especialmente após a lei antitruste de agosto 1945, que Chateaubriand entendeu como ataque direto aos Diários Associados. SKIDMORE, Thomas. Op.cit. p. 77-78.

⁸ É só a partir deste momento – pós-guerra -, que são elaborados projetos econômicos para o país. Em 1948 Plano Salte (Dutra); em 1954 Plano Lafer (Getúlio Vargas) e em 1956 – Plano de Metas (JK).

⁹ *O Cruzeiro*, 01 jan. 1955.

¹⁰ O termo burguesia é aqui mencionado, conforme ele é citado nas fotorreportagens. É consenso entre os estudiosos que, nessa época, esse grupo apresentava-se dividido, grosso modo, em dois conjuntos de acordo com seus interesses econômicos: de um lado, o que comumente integrava a chamada burguesia nacional composta, majoritariamente, por nacionalistas ligados aos interesses da indústria nacional; e, de outro, segmentos vinculados ao setor exportador e ao capital internacional. Nas reportagens o termo é utilizado de forma genérica, não fazendo nenhuma distinção explícita, embora muitas das críticas sejam dirigidas ao grupo nacionalista.

¹¹ Idem.

nos anos trinta¹², aquele período foi profundamente marcado pela crise de 1929, da mesma forma como os anos quarenta sofreram os efeitos negativos da guerra. Porém, nos anos cinquenta, esses se abrandam, abrindo as portas do futuro caracterizado, em parte, pelos avanços tecnológicos e científicos, iniciados na Revolução Industrial e aprofundados durante os anos da Guerra.

Os anos 50 foram o período, portanto, em que, no Brasil, o discurso em torno do desenvolvimento nacional foi posto na agenda, sobretudo, na segunda metade da década. Havia um consenso entre elites políticas e econômicas, intelectuais e opinião pública de que o país vivenciava profundas transformações e, mesmo passando por crises econômicas conjunturais, ele estava “em desenvolvimento”, fase intermediária que conduziria a uma estrutura capitalista plenamente desenvolvida. Todos os segmentos estavam preocupados com a forma mais adequada de realizá-lo, sendo que, no final da década “[...] são incorporadas definitivamente as idéias desenvolvimentistas pois as elites e o governo tinham ampla consciência das mudanças que haviam ocorrido dentro do país ao longo dos últimos anos.”¹³

Para entendermos como esse discurso tornou-se nacionalmente aceito, é necessário compreender que o período foi, também, o dos avanços dos meios de comunicação de massa – imprensa – rádio – televisão e cinema, característica do processo de urbanização acelerada. Com exceção da televisão, os outros meios já vinham se expandindo desde a década de 40. Entretanto, o alcance ainda era restrito a determinados setores da sociedade.

No que tange especificamente ao desenvolvimento da imprensa brasileira, podemos dizer que é nos anos 50 que se consolidou o processo de transformações que já vinha sendo realizado desde a década anterior. O jornalismo teve que se adaptar às novas aspirações da população e do mercado. O crescente dinamismo da sociedade levava à necessidade de informações rápidas e facilmente digeríveis, e o aumento da concorrência estimulava inovações no setor. Assim, as empresas jornalísticas transformaram-se em grandes empreendimentos comerciais detentores de poder econômico, introduzindo inovações técnicas, gráficas e editoriais.

É nesse período que se dá a passagem, no Brasil, de um jornalismo literário, de opinião, para um jornalismo empresarial. Profissionais, a partir de então, formados nos cursos

¹² Embora seja questionável a classificação de Revolução Burguesa aos acontecimentos de 1930, é consenso que nos anos 30 houve um sensível incremento a industrialização e o fortalecimento da burguesia industrial nacional. Para Gorender, “O movimento político-militar de 30 realizou uma tarefa importante para desobstruir o caminho ao desenvolvimento do capitalismo: apeou do poder a oligarquia dos fazendeiros do café e dos seus associados do capital bancário e comercial, a qual governava o Brasil há quarenta anos.” GORENDER, Jacob. **A Burguesia Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

¹³ Ibidem. p. 39

universitários, aplicavam as novas técnicas do jornalismo norte-americano no país.¹⁴ Na esteira dessas transformações, a revista *O CRUZEIRO* foi pioneira na utilização do fotojornalismo, inovação que passa a caracterizá-la, tornando-a um dos principais veículos de comunicação do país na década de 50.

A importância que a revista atingiu na época, por seu pioneirismo, sua tiragem, distribuição nacional, sua importância no campo jornalístico,¹⁵ abordando temas nacionais e internacionais justificam a ênfase desse estudo nas fotorreportagens de *O CRUZEIRO*. O período recortado igualmente se justifica pela revista, sendo os anos de 1955 a 1957 os de maior tiragem.

Ao buscar decifrar o significado do desenvolvimento em *O CRUZEIRO*, o estudo insere-se na linha da história cultural que pensa a cultura como “um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” sendo entendida, assim, como forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica dotada de sentido.¹⁶

A partir desse entendimento de cultura, a problemática da representação torna-se central, referindo-se às relações entre as reportagens e o mundo que elas pretendem representar. As matérias destacam os avanços tecnológicos mundiais, a modernidade, os valores burgueses, a racionalidade do mundo industrial, ao mesmo tempo em que mostram, também, os aspectos do atraso presentes ainda no país, como a corrupção, falta de infraestrutura, a desordem social e política, a irracionalidade. Esses últimos aspectos aparecem, entretanto, como etapa a ser superada. Assim, contrapondo o velho e o novo, o moderno e o antigo, o urbano e o rural, a ciência e a magia, o erudito e o popular, enfatizam a idéia-força atraso versus desenvolvimento como dois lados da mesma moeda – a do desenvolvimento.

Nesse sentido, a articulação texto/contexto é fundamental para decifrar a representação do mundo social veiculada na revista, conforme o modelo relacional sugerido por Roger Chartier que propõe estudar a conexão entre a representação do mundo social com o próprio mundo social para melhor entendimento desse último.

¹⁴ RODRIGUES, Marly. **A década de 50**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996. Op.cit. p. 35.

¹⁵ Utilizamos aqui o conceito de campo de Bourdieu. Campos são entendidos como “[...] espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisados independentemente das características dos seus ocupantes [...]” BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 89. A revista encontrava-se numa situação privilegiada dentro do campo jornalístico, o que fazia com que tivesse uma relação privilegiada com outros campos. É nesse sentido que ela vai privilegiar, em suas páginas, alguns políticos, alguns artistas, alguns empresários, etc, na medida em que esses dêem algum retorno para a revista, e, nem sempre exclusivamente econômico – prestígio, privilégios, às vezes até pessoais.

¹⁶ PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 15.

Ao estudarmos as representações da sociedade brasileira na revista *O CRUZEIRO*, não as entendemos como simples reflexo do real, mas constituintes e constituidoras do próprio real, pois, na medida em que veiculava determinada visão de mundo, fazia com que muitos elementos se pautassem por essa visão. Ao atribuir, nas diferentes reportagens, valores negativos ou positivos a determinados comportamentos ou ações reforçava e criava modelos pelos quais homens e mulheres passavam a conduzir sua existência. A representação é, nesse sentido, elemento de transformação e de atribuição de sentido.¹⁷ Esta noção de representação também é reforçada por Pierre Bourdieu, citado por Chartier: “[...] a representação que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social.”¹⁸

Porém, a fim de garantir a eficácia das representações na tentativa de impor a sua visão de mundo sobre os demais, “de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais”¹⁹ elas dependem do seu reconhecimento, de seu poder de fazer crer, que não reside nas representações, mas,

Numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a *crença*. O que faz o poder das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é a da competência das palavras.²⁰

A partir desse entendimento, acreditamos que a força das representações sociais na revista *O CRUZEIRO* estava, de um lado, no fato de ela exprimir os interesses de um grupo poderoso - o seu público leitor, composto pelas camadas altas e médias da sociedade,²¹

¹⁷ CHARTIER, Roger. O Mundo Como Representação. In.: CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2002.

¹⁸ Ibidem. p. 177.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007. p. 14.

²¹ Esta caracterização do público leitor da revista, levou em consideração, de um lado, o preço do periódico, inacessível para as camadas mais populares e, de outro, o conteúdo em geral. As matérias se dirigiam claramente ao grupo social de maior poder aquisitivo, que poderiam usufruir dos espaços de lazer divulgados pela revista, por exemplo, ou comprar os produtos nela anunciados. A fim de justificar o que acabamos de dizer, reproduzimos parte de um anúncio da própria revista a fim de convencer os anunciantes a investirem nas suas páginas: “Alie a eficiência de seu anúncio a escolha do veículo mais adequado – pois os leitores de “*O Cruzeiro*” representam o maior conjunto humano, de melhor nível de vida do país.”. *O Cruzeiro*, 09 março 1957. Grifos do autor.

sensível às transformações decorrentes do crescimento acelerado que vinha ocorrendo no último decênio – de outro, pelo prestígio que a revista desfrutava no campo jornalístico.

Entendemos que a revista *O CRUZEIRO* estava inserida na luta das representações de que nos fala Bourdieu, que são:

[...] as lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõe ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a realidade da unidade e da identidade do grupo.²²

A revista ocupava uma posição privilegiada neste embate enquanto meio de comunicação de massa. Esses são os principais mediadores das representações sociais no mundo contemporâneo e, segundo Sandra Jovchelovitch, “tornaram-se constitutivos da vida social, [...] alteraram modos de interação, transformaram o acesso a, e ao consumo de bens simbólicos”,²³ sendo por isso, uma fonte importante para o estudo das representações sociais, neste caso, as fotorreportagens de *O CRUZEIRO* são entendidas como uma das representações acerca do real.

A imprensa, atualmente, é considerada uma fonte privilegiada para análise histórica, na medida em que se constitui num registro impresso dos acontecimentos de uma época, sem descuidar, no entanto, que foi elevado a esta categoria – acontecimento - por uma escolha dentro de uma multiplicidade de acontecimentos que permeiam a vida social. Por isso é fundamental para a análise desvendar essa subjetividade, procurando identificar quais as forças que agem sobre uma ou outra representação, e como elas poderiam influenciar a realidade ou mesmo quais as relações que mantém com a realidade. No caso da revista *O CRUZEIRO*, buscamos esse entendimento a partir das idéias defendidas por seu proprietário, já bastante difundidas na bibliografia sobre a imprensa, bem como da ideologia veiculada pelo grupo ao qual a revista pertencia – Os Diários Associados. Também levamos em consideração a posição ocupada pela revista no campo jornalístico e, concomitantemente, no jogo de poder no interior da sociedade brasileira da época.

Os veículos da Rede seguiam, à risca, os princípios (leia-se interesses) de Assis Chateaubriand, para quem a ética jornalística não era o mais importante. Porém, no caso de *O*

²² Idem. p. 113.

²³ JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações Sociais e Esfera Pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 89.

CRUZEIRO, Fernando Moraes diz que o fato não é de todo verdadeiro, pois a presença de Freddy Chateaubriand na revista (sobrinho do proprietário, mas que não concordava com seus negócios escusos), a partir dos anos 40, deu-lhe um profissionalismo que a tornou o principal veículo de comunicação do país, atraindo os melhores profissionais da área.

Acciolly Netto, por sua vez, que dirigiu a revista desde meados da década de 30, diz que as interferências do proprietário comprometiam o profissionalismo do veículo. Afirma que, quando a revista tornou-se um “fenômeno editorial”, Chateaubriand passou a utilizá-la como veículo divulgador de suas iniciativas.

Para cada uma de suas edições passou então a reservar páginas sem conta, onde estampava matérias sobre as campanhas que patrocinava, muitas vezes iniciativas até louváveis, mas sem interesse jornalístico imediato. As chamadas “matérias recomendadas” sempre focalizavam com exagero os festejos e comemorações, cujo único objetivo, às vezes era agradar aos poderosos.²⁴

Jacques Wainberg diz que, ao contrário do atual jornalismo do leitor, onde predomina a visão de satisfazer o consumidor (público leitor) aquele praticado por Chateaubriand era praticamente uma “caixa de ressonância de sua voz (o editor como ator político).” Para o autor, o jornalismo dos Diários Associados é fruto de uma época em que se praticava o jornalismo de editor, sendo que “nela preponderava a voz do chefe.” Nesse sentido, afirma que “os veículos são extensão de seus interesses, de suas idéias e projetos, ideologias e desejos.” O editor, torna-se, assim, um ator político que utiliza seus “meios” como palanque. A identificação do proprietário com seus veículos é evidenciada, quando lembramos que até meados do século XX, os grandes jornais do Brasil eram conhecidos pelos seus donos: O jornal do Chateau; o do Samuel Wainer; o outro dos Mesquita; do Lacerda e assim por diante.²⁵

Chateaubriand posicionava-se quase sempre ao lado do poder, seja ele privado ou estatal. Através de uma rede de favores, intrigas e chantagem, ameaçando colocar seus veículos a favor ou contra determinado grupo, empresa ou indivíduo público ou privado, ele obtinha uma série de privilégios que soube usar em seu benefício. Participou ativamente das discussões nacionais, tanto na imprensa quanto na tribuna, durante seus dois mandatos de Senador. Segundo Fernando Moraes, seus discursos, no primeiro período em que ocupou o Senado (1952 – 1954),

²⁴ NETTO, Acciolly. **Império de Papel**: os bastidores de *O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 85.

²⁵ WAIBERG, Jacques A. **Império das Palavras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1977. p. 14.

concentraram-se nas questões relativas à economia brasileira. O autor diz que, em menos de dois anos, o Senador fez sessenta discursos sobre esse tema, “dos quais dezoito para combater o monopólio estatal do petróleo (que o governo), apesar de sua oposição e contra o seu voto, acabaria implantando naquela legislatura) e quinze para defender os cafeicultores [...]”.²⁶

Suas posições podem ser sintetizadas como vinculadas às da ala liberal e conservadora da elite brasileira ligada aos setores exportadores, defesa do capital estrangeiro e combate aos nacionalistas mais radicais, que definia como xenófobos. Defendia, também, a criação da “cultura nacional” com base no exotismo das paisagens e do povo mestiço. Nesse aspecto, nutria uma verdadeira fixação pelo indígena como símbolo da nacionalidade brasileira. A revista *O CRUZEIRO* publicou inúmeras reportagens sobre o tema, onde mostrava incursões dos repórteres e do próprio Chateaubriand, pelas selvas brasileiras, “confraternizando” com as tribos indígenas. Bem ao seu estilo sensacionalista, deixou-se fotografar e obrigou a publicar na revista fotografias suas ao lado dos índios, completamente nu.

O interesse na construção dessa imagem do Brasil, no exterior, fica claro em outro evento promovido por ele e amplamente divulgado na revista. Chateaubriand promoveu um baile no Castelo de Corbeville, em Paris, com o objetivo declarado de apresentar o “verdadeiro” Brasil à sociedade do Velho Mundo. Foram fretados dois aviões da *Panair* com os convidados brasileiros que foram à festa, vestidos de baianas, cangaceiros, negros de tangas e índios de cocar. A revista *O CRUZEIRO* dedicou 68 páginas à divulgação do baile, em quatro edições.²⁷

A partir do exposto acima, entendemos Assis Chateaubriand como homem de seu tempo, que vivenciou o contexto histórico nacional da época e fez a sua leitura sobre as questões que estavam sendo discutidas então. Portanto, a revista *O CRUZEIRO*, ao expressar o contexto nacional do período, passava, também, por essa leitura.

Ao historiador, por sua vez, cabe dar sentido a este material num processo de reinterpretar feita por um sujeito histórico limitado por sua própria subjetividade. Deve estar atento para o fato de que esta leitura não é a mesma daquele leitor para o qual o texto foi dirigido na época, por isso precisa ser submetido a uma rigorosa crítica interna, assim como qualquer documento.

Importante frisar, que não nos propomos, aqui, a fazer uma análise da *recepção*, mas ao relacionar texto/contexto, podemos identificar uma certa comunhão entre as representações

²⁶ MORAES, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. p. 526.

²⁷ O Baile e a sua divulgação ocorreu no ano de 1952, período anterior ao aqui estudado, o que não invalida a sua utilização como referência para o entendimento do pensamento e comportamento de Assis Chateaubriand, bem como, da utilização da revista *O Cruzeiro* para a divulgação dos mesmos.

e o imaginário social da época, uma vez que a imprensa trabalha sempre com elementos já existentes na sociedade, caso contrário elas não fariam sentido para as pessoas que liam o periódico. “As mensagens enunciadas por um jornal inserem-se - ou lutam por se inserir - no imaginário social presente em determinada da época.”²⁸ Sandra Jovchelovitch, citando Stuart Hall, assim se refere aos meios de comunicação:

[...] expressam pressupostos que pertencem ao estoque cultural das sociedades nas quais eles operam. Como Hall observou “as ideologias presentes em fotos e textos de um jornal não produzem novos saberes sobre o mundo, elas produzem um reconhecimento do mundo tal como já aprendemos a apropriá-lo”(Hall, 1973:184). Em outras palavras, os jornais perpetuam e ao mesmo tempo constroem representações sociais.²⁹

No universo diversificado de matérias da revista, optamos por analisar somente as fotorreportagens, identificadas como *reportagens* no índice impresso na primeira página da revista. Este recorte justifica-se por considerarmos as fotorreportagens a principal característica da revista e o principal atrativo ao público leitor. Também pelo fato de o formato *fotorreportagem*, tanto por seu caráter técnico quanto por seu apelo visual, conter, por si só, todo um conjunto de significados que remetem à modernidade/desenvolvimento pelo qual passava o país na época.

A importância da forma para entendermos os significados das representações é enfatizada por Roger Chartier, que postula a necessidade de levarmos em consideração a materialidade do texto que é pleno de historicidade e, portanto, de significação.³⁰ A maneira como se expressam as representações relaciona-se com o contexto da época e com o público leitor apto a decodificar os códigos próprios de seu tempo.

Assim, o formato *fotorreportagem* foi possibilitado pelo acúmulo de recursos disponíveis decorrentes do desenvolvimento técnico. Quanto a esse aspecto, Orivaldo Leme Biagi diz que “os meios técnicos para apresentação da notícia são tão importantes quanto a própria, pois é nesse momento, o da apresentação (onde a diagramação e criação de títulos são

²⁸ ESPIG, Márcia Janete. **O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico**: O caso do Contestado. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v.XXIV, n, 2, p. 269-289, dezembro, 1988. p. 276.

²⁹ JOVCHELOVITCH, Sandra. Op.cit. p. 103.

³⁰ Sobre esta questão ver CHARTIER, Roger. **O Mundo Como Representação**. Op.cit.

fundamentais), que uma notícia ganha ou perde em importância, que seu conteúdo é passado de uma maneira ou de outra, [...]”³¹

A fotorreportagem impõe-se como um novo modelo de jornalismo em consonância com um tempo em que a sociedade urbana se estabelecia como modo de vida hegemônico. As imagens, nesta nova realidade marcada pela aceleração do tempo, contribuíam para encurtar o caminho entre a leitura e a apreensão de informações. Desde seu surgimento, no século XIX, a fotografia emergia como uma *janela para o mundo*, atuando diretamente no observador e de modo sensorial, enquanto que a palavra escrita permanecia como abstração, dependente de que a pessoa lesse, compreendesse e refletisse, para então assimilar, ou não, a informação.³²

Jorge Pedro Souza, ao fazer um histórico sobre o fotojornalismo ocidental, diz que a sua difusão é conseqüência da própria demanda. Diz que “nas rotinas produtivas da alvorada do século insere-se o elemento fotográfico informativo, a informação fotovisual. (...) O público pede. As empresas adaptam-se. A procura cresce.”³³ O autor situa esta mudança nos anos 1920-30 quando,

[...] a fotografia jornalística ganhou força, ultrapassando o caráter meramente ilustrativo-decorativo a que ainda era geralmente voltado. O fotojornalismo de autor tornou-se referência obrigatória. Pela primeira vez, privilegia-se a imagem em detrimento do texto, que surge como um complemento, por vezes reduzido a pequenas legendas.³⁴

O grande diferencial da fotorreportagem, portanto, é a ênfase na imagem fotográfica, que passou a ter o mesmo valor do texto verbal até então dominante. Em uma reportagem tradicional, o eixo central de organização das idéias expostas está apoiado no texto ao qual podem ser acrescidos elementos visuais como ilustrações, funcionando de forma complementar. A fotorreportagem quebra com esse padrão estético, trazendo a fotografia para o centro da organização do discurso.

³¹ BIAGI, Orivaldo Leme. **O imaginário e as guerras da imprensa**: Estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coréia (1950-1953) e Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana”(1964-1973). Tese defendida na UNICAMP, 2001. p. 15.

³² GAVA, José Estevam. **Momento Bossa Nova**: Arte, cultura e representação sob os olhares da revista *O Cruzeiro*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP-Assis), 2003. Disponível em:

<<http://www.biblioteca.unesp.br/bibliotecadigital/document/?view=2504.p.41>>. Acesso em: 22 maio 2006.

³³ SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000. p. 69.

³⁴ *Ibidem*, p. 75.

Nadja Peregrino afirma que na fotorreportagem há a preponderância da imagem sobre o texto escrito, não sendo ela uma simples reportagem verbal ilustrada, mas, na verdade, visual auxiliada por texto; porém, para a caracterização de uma matéria como fotorreportagem, não basta a predominância da fotografia, é necessário que elas estejam organizadas seqüencialmente, de modo a contar uma história, mais ou menos como uma “história em quadrinhos.”³⁵

Além do encadeamento das imagens, também a ordem de leitura e o tamanho das fotografias são observados. Geralmente, as grandes fotorreportagens de *O CRUZEIRO* eram constituídas de várias fotografias que ocupavam muitas páginas. O início, meio e o fim das matérias era marcado por imagens de página inteira, alternando o ritmo visual da diagramação.

A narrativa parte de um ponto inicial, geralmente sublinhada pela publicação de foto de página inteira. Com freqüência, um texto inicial, acompanhado do título da matéria, dá uma informação sucinta do teor da reportagem, numa espécie de *lead*.³⁶

Para Gava, nesse modelo, as imagens não suplantam o texto, sendo que o principal fator é o da diagramação, ou seja, a forma como as fotografias e textos se combinam e se completam na página. Para ele,

Nesta etapa é que a disposição e o diálogo entre todos os elementos da narrativa, visuais e textuais, eram pensados e disto dependia o sucesso comunicativo da reportagem.

Neste fluxo, as imagens deviam, em conjunto com os outros itens significantes, enriquecer o tema, deixando de atuar isoladamente como trabalhos de arte individuais, ao estilo pictorialista. Seriam, então, parte de um todo e esse todo deveria ser mais importante do que a soma das partes.³⁷

Ao adotar esta nova forma, a de investigação e o jornalismo de impacto, *O CRUZEIRO*, conforme Juarez Bahia, “vira uma página da história do jornalismo no país” assumindo um ideal de reportagem que,

³⁵ PEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991. p. 59.

³⁶ O *lead*, em jornalismo, é uma espécie de resumo inicial, constituído pelos elementos fundamentais do relato a ser desenvolvido no corpo do texto.

³⁷ GAVA, José Estevam. Op.cit. p. 39.

[...] valorizadas por flagrantes fotográficos de profissionais que se distinguem dos retratistas, e assinadas, as reportagens trazem a marca da investigação, da criatividade e da coragem dos repórteres. A revista notabiliza a reportagem ilustrada, documental, questionadora, cujas repercussões geralmente provocam resultados imediatos [...] elabora o mito do fotógrafo no conceito de um repórter ágil, criativo, ousado, intuitivo, dotado de um padrão perceptivo que elege o instantâneo como prioridade.³⁸

A própria revista se encarregava de defender e reforçar a importância desse novo padrão jornalístico, assumindo e divulgando o seu papel pioneiro no novo modelo editorial, como podemos perceber na leitura de uma reportagem intitulada: “David, o Repórter”³⁹. São seis páginas nas quais o trabalho do repórter é apresentado aos leitores através de fotografias das suas diversas reportagens e um texto bastante extenso sobre a sua vida e profissão. Um dos títulos, que ocupa duas páginas, diz o seguinte: “David Nasser fundou, no Brasil, uma escola de reportagem, da qual é catedrático vitalício”.⁴⁰

O CRUZEIRO, assim, marcava a ruptura com as formas editoriais tradicionais que tinham no discurso verbal a fonte principal da informação, substituindo-as pela linguagem fotográfica. Para Muniz Sodré, o campo (da reportagem);

[...] foi dominado pelo *O CRUZEIRO*, cujos repórteres e fotógrafos constituíam uma espécie de elite profissional da época – verdadeiros cavaleiros andantes em busca do Santo Graal da Sensação, indo buscar o assunto na fonte, em qualquer ermo do Brasil e do mundo.⁴¹

O forte apelo visual utilizado nas fotorreportagens remete-nos a uma noção ampliada de documento que passou a incluir a imagem como fonte histórica. A utilização deste material situa-se no contexto denominado por Le Goff⁴² como a revolução documental, que possibilitou o acesso ao historiador a novas fontes e novas formas de interpretá-las. Imagens passam a ser entendidas como documento/monumento - marcas de uma materialidade passada e, ao mesmo tempo, símbolo do que a sociedade selecionou para registrar e fixar como imagem da época.

³⁸ BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**: História da Imprensa Brasileira. São Paulo, Ática, 1990.

³⁹ *O Cruzeiro*, 27 ago. 1955.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ SODRÉ, Muniz. Apud CARNEIRO, Glauco. **Brasil, Primeiro**: História dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p. 334.

⁴² LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

Assim, as fotografias são entendidas como artefatos culturais, situadas no contexto no qual são produzidas, marcadas tanto por quem as produziu quanto por quem as selecionou. Ao analisá-las, devemos levar em consideração o autor (fotógrafo), porém considerando sua categoria profissional – fotógrafo de imprensa - neste caso, os fotógrafos da revista *O CRUZEIRO*.

Não destacamos, na análise, os fotógrafos individualmente como autores, mas sim inseridos num conjunto de fotógrafos e repórteres que atuaram em *O CRUZEIRO* e estavam sujeitos à orientação ideológica do grupo ao qual ela pertencia. A visão do fotógrafo, aqui, será entendida como a da revista como um todo. Isso não quer dizer, entretanto, que entendemos os repórteres como simples atores passivos a serviço da revista. Sabemos que suas posturas, cultura, valores pessoais interferiam na produção fotográfica, entretanto, sofriam os limites impostos, por exemplo, pela linha editorial da revista. Pela diversidade de profissionais que trabalharam no periódico na época, essa pareceu ser a forma mais viável para realização da análise.

Os limites a que estão sujeitas as fotografias de imprensa são definidas por Tanius Karam, conforme citação abaixo. Embora ele se refira ao jornal, os limites por ele apontados aplicam-se também para a revista *O CRUZEIRO*.

A fotografia é produto de um processo de produção que vai desde a produção do fotógrafo até a inserção de determinado material numa página de jornal, submetendo-se a um conjunto de códigos que ressignifica e orienta a possível intenção do fotógrafo, como sua posição no jornal (lugar, página), o título e a legenda da foto (que nunca é o próprio fotógrafo que redige).⁴³

Entendemos a fotografia como texto portador dos discursos de uma época. Nesse sentido, é fundamental relacioná-la ao contexto no qual ela foi produzida e com que finalidade. De acordo com Mauad:

A fotografia comunica por meio de mensagens não verbais, cujo signo constitutivo é a imagem. Portanto, sendo a produção da imagem um trabalho humano de comunicação, pauta-se enquanto tal, em códigos convencionalizados socialmente, possuindo um caráter conotativo que remete às formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas como mensagens.⁴⁴

⁴³ KARAM, Tanius. Fotografia jornalística, discurso visual e direitos humanos na imprensa da Cidade do México. In.: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (org.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 66.

⁴⁴ MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história, possibilidades de análise. In.: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (org.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 28.

Nossa intenção não é uma análise semiótica da fotografia, mas refletir sobre a dimensão histórica da imagem fotográfica e as possibilidades que ela nos oferece, para um melhor conhecimento sobre o passado, decifrando as significações que a aparente naturalidade das mensagens visuais implicam.

Não seguimos integralmente a linha de análise iconológica proposta por Boris Kossoy,⁴⁵ uma vez que não nos detivemos nos aspectos técnicos, metodológicos e conceituais presentes num historiador da arte ou fotografia especificamente. A fotografia será, no trabalho, um dos pontos centrais da reflexão sobre a produção e reprodução de representações sociais sobre o desenvolvimento na revista *O CRUZEIRO*.

É importante lembrar da impossibilidade de conhecermos os significados que estas imagens tiveram na época. Ao lermos as fotografias, o estamos fazendo como receptores e os significados que lhes atribuímos são os de hoje.

Ao trabalharmos com este tipo de fonte – imprensa – necessitamos lançar mão de uma metodologia que desse conta da organização do material para análise. Como veremos adiante, a revista tinha como característica, ser um periódico de variedades,⁴⁶ contemplando uma ampla gama de temas, correspondendo à diversidade própria do mundo social. Da mesma forma, as fotorreportagens possuem esta característica.

Recorremos, então, à técnica utilizada na *análise de conteúdo*,⁴⁷ que tem sido uma das mais utilizadas para análise dos meios de comunicação. Aqui não seguimos rigorosamente o método proposto por tal metodologia, mas nos apropriamos do instrumental por ele fornecido, à medida que nos proporcionou uma melhor sistematização do material para análise. Ela é por nós entendida como uma “técnica para fazer inferências através da identificação sistemática e objetiva de características de mensagens”.⁴⁸

⁴⁵ Kossoy divide o procedimento para análise da fotografia em duas etapas: A iconografia, referente a descrição da imagem e sua situação no espaço e no tempo, e a iconologia, que diz respeito à análise mais profunda do seu significado. KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

⁴⁶ “Em linhas gerais, define-se revista como uma publicação periódica de formato e temática variados que se difere do jornal pelo tratamento visual (melhor qualidade de papel e impressão, além de maior liberdade na diagramação e utilização de cores) e pelo tratamento textual (sem o imediatismo imposto pelos jornais diários, as revistas lidariam com os fatos já publicados pelos jornais diários [...] de maneira mais analítica, fornecendo um maior número de informações sobre determinado assunto)”. NASCIMENTO, Ceolin Patrícia. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete**. São Paulo: Annablume, 2002. p. 18.

⁴⁷ Metodologia de pesquisa utilizada para descrever e interpretar o conteúdo de documentos e textos em geral. Baseia-se na descrição sistemática quantitativa e qualitativa do material. Esta metodologia, “ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.” MORAES, Roque. *Análise de Conteúdo*. In: PUCRS, **Revista Educação**, Porto Alegre, ano XXII, n. 37, março 1999, p.7-32. p. 9.

⁴⁸ JOVCHELOVITCH, Sandra. Op.cit. p. 219, citando Holsti (1969).

Os passos da análise de conteúdo enfatizados por Laurence Bardin⁴⁹ podem ser sintetizados como: seleção dos documentos, categorização, descrição e interpretação. A primeira questão que a autora apresenta é a de que os documentos selecionados, a fim de formar o *corpus documental*, devem ser significativos. Nesse caso, ao estudar as representações sociais de *O CRUZEIRO*, o recorte das *fotorreportagens* fundamenta-se pela sua preponderância na revista e, ao selecionar os anos de 1955 a 1957, o fizemos considerando os anos de sua maior tiragem. A categorização consiste no recorte do texto em unidades de análises que podem ser textuais ou temáticas.⁵⁰ No nosso caso, optamos por fazer uma análise temática do conteúdo. Após a divisão das unidades, procede-se a descrição e interpretação, que optamos, neste estudo, em fazer conjuntamente.

Com base no exposto, organizamos as reportagens da seguinte forma:

O *corpus* documental constitui-se de 1384 reportagens, mais especificamente, *fotorreportagens*, veiculadas na revista *O CRUZEIRO* entre os anos de 1955 e 1957. Elas compõem a quase totalidade das edições do período, faltando apenas oito exemplares (02 de 1955, 02 de 1956 e 04 de 1957), pois não foram encontradas nos acervos a que tínhamos acesso. Dessas, foram classificadas (sofreram um processo de recorte e categorização) 1008 para serem analisadas.

As reportagens foram divididas em 4 grupos temáticos principais: Cultura, Economia, Política e Espaço Nacional. Cada um desses temas foi subdividido em outros conforme o material sugeria.

O tema Cultura foi subdividido em:

Valores e comportamento (V): diz respeito às reportagens cuja idéia central seja a divulgação destas orientações. Detivemo-nos, em especial, nas matérias sobre Hollywood, quando comentam a vida privada dos artistas, os concursos de misses, tornadas modelos da “moça brasileira” e dos ídolos do esporte, também exemplos tanto positivos quanto negativos de comportamentos. Outras reportagens nesse mesmo sentido também compõem o conjunto.

Arte (A): matérias que se referem a expressões artísticas diversas, como pintura, teatro, literatura, entre outros.

História (H): reportagens sobre aspectos da história, sobretudo do Brasil – fatos, datas, personagens.

⁴⁹ BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

⁵⁰“A análise textual implica examinar detalhadamente os conteúdos léxicos e as estruturas sintáticas, e usualmente toma a palavra como elemento básico a ser analisado. A Análise temática refere-se ao reconhecimento de certos temas, ou idéias, no texto e ao seu enquadre em determinadas categorias.” Ibidem. p. 219.

Cultura popular (CP): sobre expressões entendidas e, muitas vezes, descritas como populares, como o teatro de revista, cancioneros do nordeste, carnaval, cantores do rádio, entre outros.⁵¹

Cultura Geral (CG): reportagens que divulgam aspectos culturais, tanto históricos, geográficos, quanto artísticos, geralmente de outros países. Como exemplos há matérias sobre Veneza, Londres, Peru, Nova Iorque, Astecas, etc.

O tema Economia teve as seguintes subdivisões:

Modelo Econômico (ME): diz respeito a reportagens que, de alguma forma, orientam o leitor sobre o modelo e/ou medidas econômicas que deveriam ser adotadas no país a fim de promover o crescimento.

Agroindústria: (AGRO): refere-se às matérias que divulgam e/ou defendem algum setor agroindustrial do país. Inclui desde a defesa da pesca brasileira até a produção de adubo e – por incrível que pareça – a plantação de capim.

Café (CF): matérias que defendem a primazia e importância deste produto para o desenvolvimento da nação, bem como do investimento em novas tecnologias para o setor.

Petróleo(PT): reportagens que discutem a questão da exploração do petróleo – capital estrangeiro, nacional ou misto .

Progresso (PG): discutem, de um modo geral, o “progresso” em marcha, desde as questões que o inviabilizam até os empreendimentos bem sucedidos. Aqui estão obras de uma forma geral e matérias que integraram uma campanha intitulada “Municípios de maior progresso do Brasil”, veiculada entre 1956 e 1957 na revista.

Dentro da temática Política organizamos as seguintes categorias:

Personalidades políticas (PP): composta por matérias cujo tema é um personagem da política nacional. Este conjunto compõe a maioria dentro dessa temática, uma vez que as outras questões relativas ao tema eram tratadas numa outra seção da revista. Nessa, que ora estudamos, a política aparece mesclada à vida privada do político, como veremos adiante.

Modelo Político (MP): aqui inserimos as reportagens que, de alguma forma, transmitem a idéia de como deve ser um político “moderno”, mais condizente com a etapa de desenvolvimento pela qual passava o país. Críticas a práticas corruptas e elogios a algumas ações e políticos estão aí incluídas.

Política Externa (PE): pouco expressiva, mas há algumas matérias que se referem às relações do Brasil com outros países .

⁵¹ As questões teóricas referentes à *cultura popular* serão discutidas no capítulo referente a este tema.

Fatos Políticos (FP): informações sobre algum acontecimento, como revoltas, golpes, etc.

Por fim, elegemos a categoria Espaço Nacional para agrupar:

Exótico (EX): reportagens que enfatizam o exotismo de algumas paisagens do país, normalmente clamando pela sua melhor exploração turística.

Urbanos (URB): matérias que enfatizam as grandes cidades brasileiras, tanto seu crescimento como os problemas dele decorrentes. Rio de Janeiro e São Paulo são os espaços privilegiados.

Sertão (S): abordam o interior do Brasil, suas potencialidades, o atraso em que se encontram e sua cultura.

LAZER (LZ): matérias que trataram de divulgar novos e antigos espaços de lazer, sobretudo destinados à elite brasileira. Praias da Moda, Clubes, Estações de Veraneio integram esse conjunto.

Esta organização possibilitou-nos um maior conhecimento sobre o discurso da revista no período, auxiliando-nos na condução da análise. Os números a que chegamos, após a organização, podem ser observados na tabela abaixo:

Tabela 1 - Reportagens de *O CRUZEIRO* 1955 a 1957

Temas	1955	1956	1957	Total
Cultura	229	315	94	638
Economia	24	30	28	82
Política	28	37	31	96
Espaço nacional	29	35	27	91

Tabela 2: Reportagens – Cultura: 1955-1957

CULTURA 1955 a 1957	
Categoria	Quantidade
V	440
A	139
CP	79
CG	63
H	15

Tabela 3: Reportagens – Economia: 1955-1957

ECONOMIA 1955 a 1957	
Categoria	Quantidade
ME	22
AGRO	13
CF	9
PT	10
PG	32

Tabela 4: Reportagens – Espaço Nacional: 1955-1957

ESPAÇO N. 1955 a 1957	
Categoria	Quantidade
EX	14
URB	47
LZ	13
S	19

Tabela 5: Reportagens – Política: 1955-1957

POLÍTICA. 1955 a 1957	
Categoria	Quantidade
PP	63
MP	26
PE	2
FP	3

A partir desses dados, optamos por analisar as fotorreportagens das categorias que nos pareceram mais relevantes.

Assim, no tema Cultura, optamos por analisar as reportagens referentes às categorias (V), (A) e (CP) que compõe a maioria delas. A grande diferença entre o número de reportagens que abordam as temáticas referentes à cultura, devem levar em consideração que o tema é muito mais abrangente do que os demais, que é mais adequado à proposta da revista - variedades - e o vínculo contratual da revista com os estúdios de Hollywood, que obrigava a publicação de matérias sobre esta indústria cinematográfica, bem como o fato do Grupo Associado ser o organizador do concurso de Miss Brasil, portanto, seu maior divulgador. Ainda no que se refere à cultura popular, lembramos que o carnaval ocupava quase que uma edição inteira por ocasião do evento.⁵²

⁵² As edições no período do carnaval são quase que exclusivamente dedicadas ao tema, com uma matéria para cada baile ou desfile. Assim, optamos por considerar, neste caso, uma referência por edição. Procedemos da mesma forma quando em um período está ocorrendo um evento e a revista publica várias matérias sobre o mesmo acontecimento. É o caso, por exemplo, do Congresso Eucarístico ocorrido no Rio de Janeiro em 1956.

Dentro da temática Economia, nossa análise concentrar-se-á nas reportagens das categorias (ME), (CF) e (PT). Os critérios para essa escolha, aparentemente, não são pelo maior número de referências. No entanto, ao privilegiarmos (CF) e (PT), e não (PG) e (AGRO), fazemo-lo por serem essas duas últimas categorias que abrangem, em grande parte, as outras duas, que por tratarem de questões muito específicas, mostram-se relevantes em termos de quantidade. Também levamos em consideração a extensão e tratamento qualitativo dado a essas matérias - (CF e PT).

Quanto à política, nossa opção, como não poderia deixar de ser pelo exposto na tabela 5, será analisar as reportagens da categoria (PP) com algumas inserções de matérias da MP. Optamos por analisar reportagens dos políticos que mais frequentaram as páginas da revista no período, ou seja, Jânio Quadros, General Lott e Juscelino Kubitschek.

No último tema, Espaço Nacional, pela especificidade das reportagens que permitem uma divisão mais clara entre uma e outra categoria e, com exceção da categoria URB, composta por um número menor de reportagens, porém mais extensas, optamos por analisar todas as categorias. É importante frisar que neste grupo concentra-se um grande número de reportagens coloridas.

Lembramos que não nos detivemos somente a dados quantitativos, mas alguns aspectos específicos das reportagens as elevavam, segundo nosso entendimento, a um significado mais expressivo. É o caso de algumas séries de reportagens que compõem uma seqüência sobre determinado tema e que são veiculadas em várias edições. Também aí se inserem as grandes reportagens coloridas. A cor é utilizada somente em matérias especiais, pois é um recurso, na época, muito caro e demorado. Estas reportagens são bem mais elaboradas e, por isso, recebem uma atenção especial. Observou-se, também, o número de páginas de algumas reportagens que, às vezes, ultrapassam dez, enquanto outras ocupam somente uma.

Para realizar a análise das fotorreportagens, entretanto, é imprescindível fazermos um breve histórico da revista e sua caracterização,

O CRUZEIRO foi, durante muito tempo, o carro-chefe do primeiro conglomerado de imprensa e a primeira Rede de Comunicação instituída no país, o oligopólio formado pelos Diários Associados de propriedade de Assis Chateaubriand, cuja importância e influência sobre os rumos do país é bem conhecida.⁵³ Fundada em 1928, a revista inseriu-se no contexto inicial do processo de modernização dos meios de comunicação no país, no final dos anos 20,

⁵³ Para maiores detalhes sobre esta questão ver MORAES, Fernando. Op.cit.

que se consolidou nos anos 50. Porta-voz de um discurso modernizante, a revista foi a primeira do gênero de circulação nacional.

O caráter inovador já estava presente na estratégia adotada para o lançamento da revista. Dias antes, em 05 de novembro de 1928, 4 milhões de panfletos eram jogados do alto de alguns prédios da Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, anunciando a novidade: nascia no país uma nova revista semanal ilustrada, *O CRUZEIRO*, aquela que “tudo sabe e tudo vê”, a revista “contemporânea dos arranha-céus”.⁵⁴

O primeiro número circula no dia 10 de novembro de 1928, em todas as cidades importantes do Brasil, além de Buenos Aires e Montevidéu. Sua impressão era feita em papel de qualidade superior para a época e os modernos equipamentos garantiam, além da velocidade, uma alta qualidade gráfica, maior nitidez e impressão a cores. Desde o início, suas páginas eram recheadas de anúncios, muitos deles coloridos. Automóveis Lincoln, Filmes da Metro Goldwin Mayer, produtos de higiene e beleza, entre tantos outros, ajudavam a compor as primeiras 64 páginas da revista.

O CRUZEIRO era dirigida, inicialmente, por Carlos Malheiros Dias, possuía agentes em todo o país e correspondentes em Roma, Madrid, Lisboa, Nova York, Berlin, Paris e Londres. A impressão era feita em Buenos Aires, o que encarecia a sua produção. Porém, logo o problema foi solucionado, quando, três anos mais tarde, a gráfica mudou-se para o Brasil, instalando-se no Rio de Janeiro. Esses primeiros anos foram marcados por inovações tecnológicas, resultando numa maior qualidade, especialmente das imagens fotográficas, que seriam cada vez mais a característica marcante da revista.

Entretanto, apesar do estrondoso lançamento, até a década de 30, *O CRUZEIRO* não se diferenciava muito de seus concorrentes e permaneceu com uma tiragem bastante modesta, em torno de 17.000 exemplares.⁵⁵ Em consonância com o jornalismo brasileiro dos anos 30, apresentava ainda um caráter tradicional preso a convenções, em parte, já substituídas nos grandes centros mundiais. Isso era evidenciado, por exemplo, na dedicação de espaços consideráveis a poemas sentimentais de caráter romântico.

A grande mudança ocorreu nos anos 40, quando a revista trouxe propostas inovadoras, entre as quais, a intensa utilização do fotojornalismo, difundindo um ideal editorial de “reportagem” em contraposição ao modelo literário vigente no país até os anos 30. A linha adotada inspirou-se no jornalismo norte-americano, especialmente em revistas como a *Life*,

⁵⁴ *O Cruzeiro*, 10 nov. 1928.

⁵⁵ BAITZ, Rafael. **Um continente em foco**: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964). São Paulo: FFLCH/USP, 2003. p. 44.

tendo, por base, atualidades rapidamente digeríveis, adequando-se à vida moderna. O grande diferencial foi a utilização da fotografia, não mais como mera ilustração, mas como construtora de um discurso visual sobre os acontecimentos.⁵⁶

Os analistas atribuem ao novo formato o sucesso do periódico nos anos seguintes, tendo sua fase áurea nos anos 40 e 50, quando chegou a uma tiragem de 850.000 exemplares. Accioly Netto, ex-diretor da revista, calcula que cada exemplar era lido por cinco pessoas, o que elevaria o número de leitores para 4.000.000, num país de 50.000.000 de habitantes, transformando-se na publicação de maior circulação do país. O apogeu da revista *O CRUZEIRO* foi entre os anos de 1954 e meados de 1957, quando, então, passa a perder espaço para sua maior concorrente, a Manchete, no mercado desde 1952. Os números relativos ao ano de 1954, entretanto, devem ser relativizados devido à situação de anormalidade decorrentes da crise política vivenciada no país (assassinato da Rua Toneleros e o suicídio do Presidente), naquele momento, o que elevou a circulação da revista a patamares muito altos. O gráfico abaixo nos dá uma mostra da evolução da tiragem divulgada.

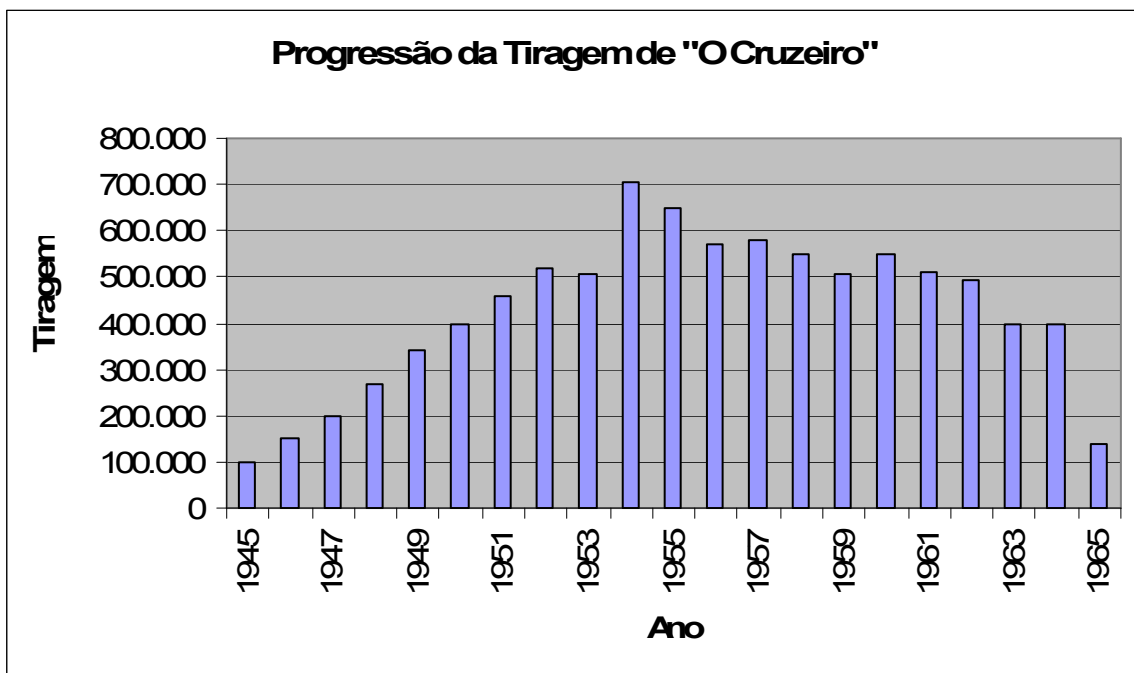


Figura 01: Gráfico Progressão da Tiragem de “O CRUZEIRO”
 Fonte: Gráfico extraído de GAVA, José Estevam. Op.cit.p.135.

⁵⁶ COSTA, Helouise. A fotografia como projeto etnicida. In.: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, **Fotografia**: comunicação e cultura., XXVIII. p. 02.

Glauco Carneiro⁵⁷ afirma que, nos primeiros 20 anos, a revista não deu lucro à empresa de Chateaubriand, confirmando que o grande “estouro” foi com a introdução das grandes reportagens em 1944. A idéia era fazer matérias que fossem além do simples lazer e trouxessem assuntos gerais que contribuíssem para o conhecimento da nova classe média brasileira. A contratação de Jean Manzon, que posteriormente trabalhou em conjunto com David Nasser, deu impulso a esse novo modelo de parceria repórter-fotógrafo. A primeira grande reportagem da dupla revelou para o Brasil uma tribo de índios Xavantes na Serra do Roncador. O sensacionalismo que envolveu as 18 páginas da reportagem (que incluía o ataque dos índios ao avião com tacapes e lanças) fez a revista esgotar nas bancas, marcando o modelo que adotaria por toda a sua existência, ou seja, o das grandes reportagens fotográficas.

Além das grandes reportagens, a revista trazia uma variedade de colunas e seções tratando de diferentes temáticas. Dedicava um amplo espaço ao público feminino em seções como “*Elegância e Beleza*”, “*Lar, Doce Lar*”, “*Da mulher para a Mulher*” e “*Mundanismo*”. Também o humor era um setor importante na revista que revelou cartunistas hoje famosos, como Millor Fernandes, Alceu Penna, Ziraldo, entre outros, criando personagens que se institucionalizaram na cultura nacional como o “*Amigo da Onça*”, de Péricles. Publicava contos e novelas, sempre em mais de uma página, indicando a continuação. As seções de *Política*, *Escreve o Leitor* e *Fototeste* estavam presentes em todas as edições. Ainda eram publicados pequenos artigos, geralmente de cunho ético e moral, que iniciavam e encerravam a revista. O fechamento sempre era com um artigo de Raquel de Queirós. A revista contava, entre seus colaboradores, com um grande número de intelectuais renomados como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Austragésilo de Athayde, Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues, dentre outros.

A diversidade de temáticas, própria do modelo das revistas magazines norte-americanas, era ainda permeada por muitos anúncios e peças publicitárias. Accioly Netto diz que 20% do espaço da revista, fora as três capas coloridas (que eram vendidas com um ano de antecedência), era ocupado por publicidade.

Nos anos 50, a televisão ainda engatinhava no Brasil, tendo uma qualidade, tanto técnica quanto de programação, precária. Os aparelhos de televisão ainda eram muito caros e a maioria da população brasileira não tinha acesso a esse veículo. A revista *O CRUZEIRO* era, então, o principal veículo nacional que apresentava a (s) imagem (s) da nação ao leitor brasileiro. Alguns autores a comparam com a TV Globo nos dias atuais. Entretanto a revista

⁵⁷ CARNEIRO, Glauco. Op. cit.

direcionava-se muito mais para uma classe média e alta com poder aquisitivo para comprar a revista. “Chateaubriand se gabava do fenômeno em que *O CRUZEIRO* se transformara: a revista tinha quase dez vezes mais leitores do que a soma dos telespectadores de suas duas estações de televisão.”⁵⁸

O sucesso da revista aliado à conjuntura político-econômica, marcada pelo entusiasmo jucelinista culminou com o lançamento de *O CRUZEIRO Internacional* com a finalidade de circular em toda a América Latina. Coincidência ou não, o lançamento coincidiu com outro lançamento – o da Operação Pan Americana (OPA) –⁵⁹ O empreendimento teria recebido apoio inicial do Presidente da República que, segundo Glauco Carneiro, havia se comprometido a liberar verbas para publicações do Governo em todas edições, de no mínimo oito páginas, a fim de divulgar os empreendimentos estatais desenvolvidos a partir do Plano de Metas. Da mesma forma, teriam sido feitos acordos com anunciantes norte-americanos. Tanto Carneiro quanto Acioly Netto atribuem a desistência dos anunciantes à interferência do grupo *Time- Life*. Também o governo brasileiro não teria cumprido com suas promessas, o que comprometeu seriamente a viabilidade da veiculação das edições internacionais, o que teria sido, conforme os autores citados, um dos motivos da posterior derrocada da revista que não teve condições de competir com sua nova concorrente nacional, a *Manchete*, que dominaria o mercado das revistas no Brasil na próxima década.

No que se refere à história dos meios de comunicação no Brasil, os anos 50 marcaram uma fase de predomínio do *Grupo dos Associados*, dirigido por Assis Chateaubriand. *Chatô*, como ficou conhecido, pode ser definido como *Capitão de Indústria*,⁶⁰ pela forma pouco racional como administrava suas empresas. No final da década, o conglomerado contava 36 emissoras de rádio, 34 jornais e 18 canais de televisão. O capital dessas empresas era nacional, porém as marcas da dependência podem ser encontradas tanto na importação da tecnologia (técnicas de impressão, maquinário), como nos próprios conteúdos, na medida em que, através principalmente da publicidade, veiculavam padrões de comportamento externos.

A revista inseria-se, assim, na lógica do próprio desenvolvimento industrial que estimulava a indústria cultural, reforçando o consumo e pautando comportamentos. É sob tal perspectiva que Marcos Silva percebe a publicação que, para ele, era:

⁵⁸ MORAES, Fernando. Op.cit.p.536.

⁵⁹ A Operação Pan Americana foi lançada por Jucelino Kubitschek, na defesa da idéia de que os Estados Unidos deviam considerar prioritariamente a luta contra o subdesenvolvimento latino-americano, dando-lhe prevalência às medidas de repressão, a fim de consolidar e fortalecer a democracia na região. SKIDMORE, Thomas. Op. cit. p. 382.

⁶⁰ Termo utilizado por Fernando Henrique Cardoso para definir o modelo de empresário que tinha como características o caráter instintivo de seus investimentos e a aproximação com autoridades nacionais, o que lhe garantia certos privilégios. ORTIZ, Renato. Op.cit.

[...] caracterizada pela amplitude de capital disponível e pela pluralidade de ligações com os mercados de consumo e produção, sendo a criação de fatos uma importante estratégia para o lançamento de inúmeras campanhas culturais, cívicas ou morais pela revista e por outros veículos do grupo, seduzindo consumidores e firmando uma imagem do produtor que as alimentava”.⁶¹

A linha editorial da revista segue a proposta de veicular grandes temas nacionais, construir uma imagem do Brasil voltada para a idéia do exótico, dado tanto pelas características regionais (em parte desconhecidas), quanto pelas populações indígenas que a revista se propunha a “descobrir”. Também se preocupava com a construção de uma modernidade pautada pelo modelo de sociedade norte-americana através, especialmente, da veiculação de sua indústria cultural, via reportagens sobre a indústria cinematográfica e publicidade. Politicamente, a revista afinava-se com a ala da democracia conservadora do país, mais próxima da UDN (União Democrática Nacional). Defende o desenvolvimento nacional e a necessidade de superação do atraso brasileiro, seguindo a argumentação dos setores liberais e anti-nacionalistas.

As posições da revista são defendidas por Chateaubriand em diversas ocasiões, como por ocasião da inauguração da *O CRUZEIRO* Internacional em 1957. Na presença do então presidente Juscelino Kubitschek, o proprietário da revista discursou dizendo:

A edição desta revista em língua espanhola [...] tinha que ser feita por nós, por nossa organização. Ela significa mais um golpe que das nossas fileiras parte contra o nacionalismo caricatural que aqui se faz. Nosso povo, senhor presidente, ou se levanta contra este nosso estado macrocefálico, contra o dilúvio dos monopólios estatais, que todos os dias nos esmagam, e contra a deformação da idéia nacional, ou ele sucumbirá nos dias que correm e que significam em todas democracias ocidentais, a partir da Alemanha, da Inglaterra, dos Estados Unidos e do Canadá, a ressurreição da livre empresa.”⁶²

Este seu entendimento sobre o modelo de desenvolvimento que o país deveria seguir, vinculado ao capital estrangeiro e submisso ao à hegemonia norte-americana pode ser identificado, muito mais do que na reprodução verbal de seu discurso, numa das imagens centrais da fotorreportagem citada.

⁶¹ SILVA, Marcos. **Prazer e Poder do Amigo da Onça**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

⁶² *O Cruzeiro*, 04 de maio do ano de 1957.



Figura 02: Reportagem *O CRUZEIRO* Internacional. *O CRUZEIRO*, 04 maio de 1957.

Na imagem, o bolo cortado pela então presidente de *O CRUZEIRO*, Sra. Amélia Whitaker Gondin de Oliveira, possui a forma do globo terrestre, sobre o qual, como fundo, tem-se a representação da bandeira do Brasil. Sobre essa, traços em alto relevo desenhavam o mapa da América. Curiosamente, no centro do bolo, representando o mundo, e o da bandeira do Brasil, está o mapa dos Estados Unidos. Essa imagem dispensa maiores interpretações, ela é, por si só, um discurso ideológico sobre o Brasil, suas relações internacionais e sobre o modelo de desenvolvimento defendido.

Podemos dizer que as mensagens veiculadas em *O CRUZEIRO* estiveram pautadas pelo contexto dos anos cinquenta; pelo formato da revista, no que diz respeito ao seu aspecto inovador, quando adotou técnicas modernas, tanto em equipamentos quanto na proposta gráfica, sobrepondo o visual sobre o texto escrito; também nas temáticas que evidenciavam a preocupação em construir o Brasil do Futuro, tanto no aspecto cultural, político e econômico quanto nas propostas de seu proprietário, Assis Chateaubriand. Entendemos que todos esses elementos relacionavam-se, de uma forma ou de outra, à grande questão nacional da época, ou seja, ao desenvolvimento da nação e à superação do atraso.

Em conformidade com o ideal civilizador, a revista *O CRUZEIRO*, ao longo do período estudado, veiculou diferentes imagens do país⁶³ que ajudaram a formar um conjunto definidor de um imaginário da época.

⁶³ Imagens aqui entendidas enquanto um conjunto amplo composto de texto e imagem.

Estruturamos a tese em quatro capítulos. O primeiro se intitula *Imagens do Desenvolvimento da Nação: (1955-1957)*; o segundo, *Desenvolvimento e Cultura*; o terceiro, *Reelaborando os Espaços Nacionais*; o quarto, *A Política Nacional: a vassoura, a simpatia e a espada*, correspondendo à classificação das reportagens conforme descrito acima.

No primeiro capítulo, partindo da questão: “qual desenvolvimento?”, buscamos identificar o modelo de desenvolvimento proposto e difundido pela revista, situando-o no contexto dos discursos veiculados à época em diversas esferas do mundo social. As representações deste discurso na revista são entendidas a partir da análise das reportagens inseridas nas categorias (ME), (PT) e (CF), como já foi citado.

No segundo capítulo, pretendemos investigar as representações sociais destinadas a contribuir para a formação e afirmação de uma cultura nacional específica, tanto nos aspectos relativos aos valores e comportamentos divulgados como ideais – análise das reportagens da categoria (V) -, quanto na construção e divulgação de expressões artísticas da chamada cultura erudita e da entendida como popular que estudaremos a partir da análise do material das categorias (CP) e (A).

O terceiro capítulo tem como objetivo o estudo das diferentes representações do espaço nacional. A classificação das reportagens nas categorias (EX), (URB), (LZ) e (S) já nos indica as diferentes imagens então veiculadas. A análise buscou compreender o significado dessas representações espaciais do país e sua vinculação com a idéia de desenvolvimento proposta pela revista.

O quarto e último capítulo refere-se às reportagens sobre a política e/ou políticos nacionais. A partir da análise das reportagens (PP), buscamos identificar os principais personagens políticos que circularam nas páginas da revista, bem como seus qualitativos valorados nas reportagens. As reportagens (MP) serviram para fundamentar os valores em relação à política e/ou políticos defendidos e difundidos pela revista, não desconsiderando as relações pessoais e financeiras desses personagens com a revista e seu proprietário.

Acreditamos que, embora sem esgotar o tema, os quatro capítulos referidos acima dão conta do objetivo maior a que nos propomos nesta tese, ou seja, o estudo das representações sociais na revista *O CRUZEIRO*, pautadas pela idéia de desenvolvimento, definidora do imaginário da época.

2 IMAGENS DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

2.1 QUAL DESENVOLVIMENTO?

A revista *O CRUZEIRO* reproduziu e intensificou as idéias que permearam o imaginário nacional dos anos 50, quando havia no Brasil “[...] a crença na transformação do presente com o objetivo de construção de um futuro alternativo ao próprio presente”.⁶⁴ Esse sentimento alimentou a utopia desenvolvimentista que tomou conta do país na época, culminando com o Plano de Metas de JK que, no final da década, propunha acelerar o tempo histórico, anunciando a chegada do futuro.

Mundialmente, o contexto econômico da década de 50 foi definido por Hobsbawn como a *Era de Ouro*. O mundo industrial expandia-se por toda parte: “nas regiões capitalistas e socialistas e no terceiro mundo”.⁶⁵ O autor aponta para o desenvolvimento espetacular dos países chamados “em recente industrialização”, tendo diminuído acentuadamente o número de nações dependentes da agricultura para financiar suas importações do resto do mundo. A economia mundial crescia a uma taxa explosiva e a produção de manufaturados quadruplicou entre o início da década de 1950 e o começo da de 1970.

O capitalismo mundial desenvolveu-se em torno dos Estados Unidos que, entre os anos 1950 e 1970, quadruplicaram as suas exportações para o resto do mundo, mas também se tornaram um importante importador de bens de consumo a partir do final da década de 1950. Em 1952, a eleição do republicano Eisenhower para a presidência dos Estados Unidos marcou a culminância desse processo. Segundo Muniz Bandeira,⁶⁶ Oswaldo Aranha teria se referido a Eisenhower como sendo manipulado pelos grandes banqueiros, industriais e comerciantes norte-americanos. Para ele, o período que se inaugurava seria caracterizado pelo domínio de *Wall Street* sobre o Estado. “O capitalismo no poder não conhece limitações, sobretudo as de ordem internacional”.⁶⁷

As multinacionais americanas aumentaram suas filiais estrangeiras de cerca de 7,5 mil em 1950 para mais de 23 mil em 1966. Contudo, as empresas de outros países as foram seguindo cada vez mais, sendo sua principal função a de “internalizar mercados ignorando

⁶⁴ NEVES, Lucília Almeida. In.: BENEVIDES, Maria Vitória. **O governo Kubischek: O desenvolvimento econômico e estabilidade política – 1956-1961**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976. p. 109.

⁶⁵ HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Extremos: O breve século XX – 1914-1991**. São Paulo. Cia. das Letras, 1995.

⁶⁶ BANDEIRA, Muniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

⁶⁷ *Ibidem*. p. 341.

fronteiras nacionais”, tornar-se independentes de fronteiras nacionais, isto é, tornar-se independentes do Estado e seu território. Assim, “[...] na América Latina, já em 1950, trezentas filiais de empresas norte-americanas respondiam por 90% das inversões realizadas pelas empresas estadunidenses na região [...]”.⁶⁸

O CRUZEIRO saudava este processo acolhendo, de bom grado, em suas páginas, as empresas estrangeiras, especialmente as norte-americanas, seja através de reportagens pagas ou publicidade explícita. Desde o início, a revista especializou-se na difusão do *american way*,⁶⁹ através da propaganda e do cinema de Hollywood. A partir de um contrato de permuta, realizado com o americano William Melniker, diretor no Brasil da Metro Goldwyn Mayer, passou a publicar, com regularidade, anúncios do estúdio americano em troca da exibição, antes de toda película da MGM distribuída no país, de pequeno filme, feito em Buenos Aires, mostrando uma máquina de rotogravura imprimindo exemplares de *O CRUZEIRO*. “Todo aquele conjunto de ações se constituía, garantia Fitz Gibbon a Chateaubriand, no mais moderno processo americano de infiltração na consciência dos consumidores”.⁷⁰

Os produtos eram anunciados por atrizes de Hollywood que ditavam os novos padrões de beleza e da moda. Assim, para ter “*dentes perfeitos e um sorriso que seduz*” – **Kolynos**; “*fazer a barba com maior suavidade e rapidez*” – **Gillette**; ter o “*frescor juvenil da cútis de Elizabeth Taylor*” – **Sabonete Lever**; “*dores, gripes e resfriados*” – **Melhoral**, “*que é melhor e não faz mal*”; “*saúde e energia de seus filhos*” – **Toddy ou Aveia Quaker**; “*cútis aveludada como pétala de rosa*” – **Sabonete Palmolive**; “*proteger o motor de seu carro*” – **Shell**; “*manter a alegria da mulher “mesmo naqueles dias*” – **Modess**; “*higiene do bebê*” – **Johson e Johnson**; entre tantos outros produtos de bens de consumo oferecidos aos leitores que chegavam ao consumidor através dos anúncios. Nos anos de 1950, caracterizado pelo auge do pensamento desenvolvimentista, algumas empresas preocuparam-se em enfatizar a sua grande contribuição para o desenvolvimento do país. Assim, o público de *O CRUZEIRO* também podia ler, através da publicidade, como a instalação de fábricas estrangeiras como a *Coca-Cola*, por exemplo, auxiliavam no desenvolvimento de outras indústrias nacionais, pois, afinal, “*ela (a tampinha) também é brasileira*”.⁷¹ A *Ford* publicava diferentes anúncios

⁶⁸ FURTADO, Celso. **A Hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p. 53.

⁶⁹ Expressão comumente utilizada para referir-se ao típico modo de vida norte-americano.

⁷⁰ MORAES, Fernando. Op.Cit. p. 187.

⁷¹ Frase referente a um anúncio veiculado na década de cinquenta em que a tampinha do refrigerante ganhava mais evidência do que o produto em si, destacando que a produção da mesma era feita no Brasil com a contribuição de Volta Redonda. Da mesma forma, outros anúncios se referiam a contribuição da *Coca-Cola* para o desenvolvimento nacional em vários outros setores, como o da construção de carrocerias para o transporte de suas mercadorias e, ligado a este, o setor madeireiro.

tematizando o desenvolvimento do Brasil, país no qual ela sempre confiou, antevendo o seu “futuro grandioso”.⁷²

Esta entrada maciça de produtos e capital estrangeiro já vinha se intensificando desde os anos 40, entretanto, o contexto da Guerra Fria, obrigando o alinhamento dos países a uma das potências dominantes, limitava sua soberania. O período anterior (da guerra) dera aos países latino-americanos um certo poder de barganha em relação às grandes potências, sendo que, naquele momento, os Estados Unidos haviam assumido uma postura de franca colaboração governo a governo, inclusive, enviando missões que enfatizaram a necessidade de amparar iniciativas para desenvolver a indústria brasileira, como a Missão Cooke –1943. Finda a Guerra, porém, os governos dos países não mais puderam negociar entre si, mas tiveram de obedecer a uma série de instituições econômicas criadas pelas principais potências, tendo, à frente, os EUA, a partir da Conferência de Bretton Woods, entre as quais o FMI e o Banco Mundial cujo objetivo principal era “promover uma ordem econômica liberal no plano internacional, que revertesse o protecionismo vigente no período anterior a segunda guerra”.⁷³

Em meio a tais questões, muitos países latino-americanos passaram a discutir cada vez mais o desenvolvimento nacional como forma de integração econômica internacional. No Brasil, este período constituiu-se na etapa final da industrialização, cujo processo havia se iniciado nos anos trinta. As forças produtivas estavam plenamente constituídas e cabia ao governo articular a grande empresa estrangeira, a privada nacional e a pública, a fim de promover o desenvolvimento e inserir o país, definitivamente e de forma mais vantajosa, na ordem econômica capitalista ocidental.

Eduardo Deves Valdés,⁷⁴ diz que o conceito de desenvolvimento é provavelmente o mais utilizado no pensamento latino-americano na segunda metade do século XX, tornando-se um dos pilares do que hoje conhecemos como pensamento latinoamericano. Entretanto o conceito, à medida que se integrou aos diferentes discursos, foi adquirindo matizes e significações diversas, sendo que, no período pós-guerra, a característica predominante foi a modernizadora. Destaca ainda que, embora muitas vezes desenvolvimento e crescimento

⁷² A Ford publicava freqüentemente na revista anúncios de página inteira, às vezes duas, explicando a atuação da empresa no país, desde os anos 20. Era descrita sua contribuição para o estágio atual do desenvolvimento brasileiro e a sua crença no futuro da nação. Evidencia-se a sua importância no transporte de mercadorias, nos motores das indústrias, nas máquinas agrícolas, entre outros.

⁷³ SALLUM, Brasílio Jr. A Condição Periférica: O Brasil nos quadros do capitalismo mundial (1945-2000). In.: MOTA, Carlos Guilherme (org.) **Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000): A grande transação.** São Paulo: SENAC, 2000.

⁷⁴ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. **El pensamiento latinoamericano em el siglo XX: desde la CEPAL al neoliberalismo 1950-1990.** Buenos Aires: Biblos, 2003. v. 2.

econômico tenham sido utilizados como sinônimos, tecnicamente o conceito é muito mais amplo, podendo ser definido como

crecimiento autosostenido que envuelve durante um período relativamente largo al conjunto de una sociedad: es también un proceso donde confluyen, em primer lugar, elementos económicos, que iran acompañados por factores sociales, políticos y culturales: también se lo ha identificado com uma melhoria em lãs condiciones de vida de lãs massas. Em términos más precisos se lo há asociado a la industrialización, al progreso tecnológico-científico, a la urbanización, al aumento Del ingreso per capitã y a mejoras en las condiciones de vida: alimentación, vivienda, educación, salud.”⁷⁵

Esta amplitude do conceito faz com que ele esteja presente em várias escolas de diferentes tendências, adquirindo significações distintas. Deves Valdés diz ainda que nos anos de 1950 o conceito foi incorporado por correntes, partidos e personagens que o foram integrando ao seu acervo conceitual, adaptando-o.⁷⁶

Para Bielscholwski, o conceito desenvolvimentismo⁷⁷ é o mais adequado para entender o pensamento econômico brasileiro da época (anos 1950), constituindo a ideologia central, a partir da qual se situavam as diferentes correntes de pensamento nacionais. Ele as divide da seguinte forma: a neoliberal, a desenvolvimentista - subdividida em três variantes - e a socialista.

A corrente neoliberal, em oposição às propostas desenvolvimentistas, representava toda a tradição da ideologia liberal brasileira, vigente desde o século XIX e que se via ameaçada diante do novo modelo de “desenvolvimento para dentro” e pode ser caracterizada pelo pensamento de Eugenio Gudín e Octávio Gouveia de Bulhões. O grupo defendia a redução da participação do Estado na economia, as políticas de equilíbrio monetário e financeiro e, em geral, não apoiava os projetos de industrialização.

Para essa corrente, o principal instrumento do desenvolvimento era o livre mercado e não a indústria como pensavam os nacionalistas. A industrialização dar-se-ia de forma lenta e gradativa como resultado do progresso técnico do setor primário-exportador. Ainda para o mesmo grupo, o principal recurso para o desenvolvimento econômico das nações “atrasadas” deveria ser a atração do capital estrangeiro. Essa, aliás, foi a questão mais polêmica relacionada ao debate desenvolvimentista brasileiro, sendo que, para os nacionalistas, era símbolo ideológico do velho imperialismo.⁷⁸

⁷⁵ Ibidem. p. 22.

⁷⁶ Ibidem.p. 44.

⁷⁷ Para este autor o desenvolvimentismo consiste na ideologia de transformação da sociedade brasileira definida pelo projeto econômico que tem por base uma industrialização planejada e dirigida pelo Estado. BIELSCHOWSKI, Ricardo. Op. cit. p. 07.

⁷⁸ Ibidem. p. 63.

Já a corrente desenvolvimentista é dividida pelo autor em três grupos:

O primeiro deles, o antiliberal e desenvolvimentista do setor privado defendia um projeto de industrialização planejada com base no capital nacional. Inicia-se na década de 1930, com a insipiência de uma elite industrial nacional cuja liderança pode ser atribuída, pioneiramente, a Roberto Simonsen, sendo que seu pensamento teve continuidade entre as elites industriais brasileiras até o final dos anos 50. O assunto mais polêmico do grupo foi o da participação direta do Estado e do capital estrangeiro. De um modo geral, defendiam a participação do Estado preferencialmente de forma indireta, criando condições favoráveis ao desenvolvimento das empresas privadas. Da mesma forma, as questões referentes ao capital estrangeiro vinculavam-se ao objetivo principal dos empresários nacionais que era o de evitar a concorrência desigual a esse capital.

O segundo eram os desenvolvimentistas “não nacionalistas” do setor público. Pouco numeroso, mas ativo e influente, era formado por economistas que acreditavam que o capital estrangeiro tinha uma ampla contribuição a dar ao processo de industrialização do país. Muitos deles aglutinados no projeto que instituiu a Comissão Mista e o BNDE em 1951, como Horácio Lafer e Roberto Campos, esse último figura importante no debate brasileiro dos anos 50 e que melhor representou o grupo. Apoiavam o ponto fundamental do projeto desenvolvimentista – a industrialização planejada -, não descartavam totalmente a participação estatal, mas preferiam o capital estrangeiro, especialmente, nas áreas de infra-estrutura.

Esse grupo aproximava-se dos liberais, porém afastava-se em pontos cruciais, como a crença de que a industrialização seria a via pela qual se daria a superação do atraso, defendida por Campos e negada por Gudim. A posição de Campos, a partir de meados dos anos 50, pode assim ser definida:

[...] a insuficiência de capitais, de Know-How e de capacidade para importar faziam com que os interesses da nação envolvessem uma política de atração de capitais externos. A participação do Estado em empreendimentos produtivos deveria ser tolerada, mas apenas naqueles projetos indispensáveis, em relação aos quais, momentaneamente, não houvesse interesse privado nacional ou estrangeiro em investir. E, mesmo o capital privado nacional deveria evitar certos ramos de investimento”⁷⁹

O terceiro grupo era o dos desenvolvimentistas nacionalistas que tinha, como principal característica, a defesa da intervenção do Estado na economia, através de políticas de apoio à industrialização aliadas a um planejamento, incluindo investimentos estatais em setores

⁷⁹ Ibidem. p. 122.

básicos da economia. Eram céticos quanto às possibilidades do capital estrangeiro contribuir para a estruturação da indústria nacional, particularmente, nos setores de infra-estrutura. Entretanto, nos setores não estratégicos, o capital estrangeiro seria bem vindo, porém, de forma controlada, sobretudo quanto à remessa de lucros.

Um aspecto que os diferenciava dos demais desenvolvimentistas era sua interpretação estruturalista do desenvolvimento, desconsiderando, em geral, ações de curto prazo para o controle inflacionário. Distinguiam-se, também, por inserir, ao menos em seu discurso, medidas econômicas de cunho social, como desemprego, pobreza e atraso cultural da população brasileira. Postura que, no entanto, não se constituiu em elemento-chave no seu projeto desenvolvimentista. O grande divulgador de tais idéias, no Brasil, foi Celso Furtado, principal representante no país da idéias da CEPAL⁸⁰.

Uma última corrente é definida como socialista. Agrupava elementos que, de um modo geral, possuíam algum vínculo com o Partido Comunista Brasileiro. Esse grupo, de certo modo, também era “desenvolvimentista” na medida em que defendia a industrialização e a intervenção estatal. Era constituído, em parte, por nacionalistas, porém mais radicais. Enquanto que, para os outros grupos, a industrialização era discutida como via para o pleno desenvolvimento capitalista, para o grupo em questão, ela seria o meio pelo qual se chegaria à transição para o socialismo. Os problemas brasileiros eram tratados, de um modo geral, como decorrentes do imperialismo e da estrutura agrária.

De acordo com Bielschowsky, o desenvolvimentismo foi a ideologia econômica dominante nos anos 1950, cujos pontos principais são industrialização integral, como via de superação da pobreza e do subdesenvolvimento brasileiro, sendo que essa somente poderá ser alcançada através do planejamento estatal; o Estado deve ordenar também a execução da expansão, captando e orientando recursos financeiros e promovendo investimentos diretos naqueles setores em que a iniciativa privada seja insuficiente”.⁸¹ Entretanto, este predomínio não foi absoluto. Conforme o mesmo autor, o ideário desenvolvimentista passou, nos anos cinquenta, por um processo de amadurecimento que chegaria ao seu apogeu somente a partir de 1955-56. Esse processo esteve vinculado à conjuntura econômica do período, marcada ao mesmo tempo por altas taxas de crescimento e por uma crise decorrente, em parte, desse acelerado crescimento.

⁸⁰ A CEPAL veio a ser o principal foro para discussão e defesa dos interesses latino-americanos, que produzia estudos anuais sobre o desenvolvimento da região, com ênfase na necessidade de industrialização, e, sobretudo, as formas de superação do atraso dos países periféricos. Suas idéias nortearam toda a discussão conceitual acerca dos planos de desenvolvimento latino-americanos na década de 50. O desenvolvimento *cepalino* baseia-se na industrialização através de um planejamento estatal consciente. Conforme SILVA, Heloisa Conceição Machado da. **Da Substituição de importações à substituição de exportações**: a política de Comércio exterior brasileira de 1945 a 1979. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 54.

⁸¹ *Ibidem*. p. 07.

Desde os anos quarenta, o Brasil vinha apresentando um elevado índice de crescimento que teve um notável aumento entre os anos de 1950-54. Este incremento decorreu, em parte, pela alta dos preços do café no mercado externo⁸², bem como pela entrada de capitais estrangeiros.⁸³

Entretanto o crescimento não esteve vinculado somente a fatores externos, mas também internos. Entre 1948 e 1954, diminuiu a participação do comércio exterior na renda nacional e houve um fortalecimento da produção para o mercado interno. No setor agrícola, embora a produção destinada à exportação tenha diminuído, a destinada ao mercado interno teve um incremento. A indústria manteve elevados índices de crescimento, entretanto, ainda não conseguia expandir-se sem a importação de equipamentos e tecnologia, o que mantinha o nível das importações em alta, decorrentes do aumento do seu valor. Estes dois fatores: queda nas exportações e aumento no valor das importações resultaram na diminuição da capacidade de importar, uma vez que essa era determinada pelas exportações.⁸⁴ Esta avaliação era feita pelos principais grupos de discussão na época BNDE e grupo Misto BNDE-CEPAL.⁸⁵

⁸² Segundo MALAN, Pedro Sampaio. *Relações Econômicas Internacionais do Brasil: (1945-1964)*. In: PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira, et. al. **O Brasil Republicano: Economia e Cultura (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1995. (História Geral da Civilização Brasileira. T.3, v.4). p. 80, na década de 50 (1950-60) as exportações brasileiras apresentaram acentuada oscilação, que se deveu basicamente ao café, que “representou em média mais de 60% das exportações totais do Brasil no período”. Não sendo de se estranhar, portanto, conforme o autor, que “a política cafeeira estivesse no centro do debate sobre o desequilíbrio do balanço de pagamentos brasileiro [...]”. Malan diz ainda que os preços do café em dólares haviam subido, entre 1945 e 1954, cerca de três vezes e meia, em termos reais.

⁸³ CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do Desenvolvimento** – Brasil: JK – JQ. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

⁸⁴ “A partir de 1954, a economia brasileira encontrou-se em situação peculiar[...] Sua taxa “necessária” de crescimento – taxa de crescimento correspondente a uma situação de plena ocupação da capacidade já instalada – é extremamente alta e exige uma forte complementação de recursos externos. Com efeito, a plena ocupação da capacidade instalada requer volumosas importações de certos produtos intermediários e de equipamentos. Como os produtos importados são a preços relativamente altos, em razão da estreiteza da capacidade de importar, tornam-se muito rentáveis as inversões na substituição de importações. Mas como, para substituir importações, requerem-se mais equipamentos importados, seria necessário reduzir as importações antes referidas para abrir espaço às novas. Criou-se, desta forma, uma situação peculiar de desequilíbrio entre a capacidade para importar e o volume de importações necessárias para manter operando as instalações existentes e o correspondente volume desejado de investimentos.” FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura S.A., 1961. p. 241-42.

⁸⁵ Conforme CARDOSO, Miriam Limoeiro. Op.cit. p. 384, as dificuldades econômicas decorrentes do processo acelerado de desenvolvimento com que o país se defronta em meados da década de 1950 impõem a necessidade de adoção de políticas mais sistemáticas de desenvolvimento, para o qual irão contribuir os estudos realizados pela CEPAL e pelo BNDE, destacando-se os trabalhos do Grupo Misto BNDE-CEPAL (1953-1955). Também contribuem as análises da Fundação Getúlio Vargas, principalmente através da revista *Conjuntura Econômica*. “O estatuto científico a elas atribuído permitiu que tivessem, através das constatações e projeções que faziam, a maior influência nas definições ideológicas, na articulação das relações de forças do período e, conseqüentemente, na programação governamental”. Também BIELSCHOWSKI, Ricardo. Op.cit p.368, diz que a conjuntura econômica e política do período (1953-1955) era “propício a que os intelectuais explicitassem suas preferências e definissem seus projetos de desenvolvimento. Sobressaía com nitidez, nesse contexto histórico, a orientação política dos debatedores da “crise” brasileira. Discutiam-se o “ritmo” do processo de desenvolvimento, sua orientação e a seleção dos seus “agentes capitalistas”, sabendo-se que se vivia um período de grandes decisões e repleto de indeterminações políticas”. Além dos núcleos de discussão citados por Miriam L. Cardoso, este autor cita o Departamento Econômico do Conselho Nacional de Economia (CNE), que, assim como a FGV, concentrava a tendência neoliberal; o Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP) que, em 1956, torna-se o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

O mesmo diagnóstico aponta para uma reversão na tendência de crescimento a partir de 1955. De acordo com essas avaliações, indícios de que a situação favorável da economia começava a se reverter já eram visíveis em 1955. A produção para exportação aumentou mais do que a para o mercado interno, fortalecendo novamente o setor tradicionalmente mais importante – o exportador. Paralelamente ocorria uma diminuição do ritmo de crescimento na indústria. Portanto, mesmo com uma política cambial que beneficiava a indústria de equipamentos, a perspectiva era de redução do setor.⁸⁶

A avaliação tanto do Grupo Misto, quanto do BNDE era de que, por ter se apoiado em fatores aleatórios, – melhora nos termos de intercâmbio –o crescimento não conseguiria manter-se. A análise do BNDE, citada por Miriam Limoeiro Cardoso, diz que: “a alteração da estrutura econômica brasileira determinada por estas condições externas extraordinárias não poderá conservar-se, uma vez cessada a atuação dos fatores que lhe deram origem”.⁸⁷ No mesmo sentido, o prognóstico do Grupo Misto BNDE-CEPAL afirma:

A deterioração na relação dos preços de intercâmbio – já manifestada fortemente em 1955 – assim como a carga dos recentes compromissos financeiros poderão inverter os termos daquela discrepância, passando a oferta interna a crescer menos que a produção.⁸⁸

O ano de 1955 mostra-se um período importante para essas discussões na medida em que se evidencia, no período, uma *crise de crescimento*,⁸⁹ que se torna base para a política de desenvolvimento a ser adotada pelo novo governo. Renova-se a discussão nacionalistas *versus* entreguistas travada, na década de 1940, entre Roberto Simonsen, líder empresarial, defensor do intervencionismo desenvolvimentista e da industrialização baseada no capital nacional e Eugênio Gudin, professor universitário, pregava o desenvolvimento orgânico e a necessidade de capital estrangeiro e não professava a superioridade da indústria frente à agricultura. Na segunda metade dos anos 1950 essas divergências podem ser sintetizadas no confronto entre

⁸⁶ Entre 1948 e 1953, vigoraram medidas de controle quantitativo das importações que favoreceram o setor indústria através do subsídio implícito às importações de matérias-primas e equipamentos. FURTADO, Celso. Op. cit. p. 239.

⁸⁷ CARDOSO, Miriam Limoeiro. Op. cit. p. 402.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ BIELSCHOWSKY, Ricardo. Op. cit. 1988, p. 372, ao analisar o triênio 1953-1955, diz que: Havia algo próximo a um consenso de que se vivia uma “crise de crescimento”. Para o autor, embora os desenvolvimentistas nacionalistas preferiam a idéia de crise estrutural, assim como os liberais, identificavam no período uma crise de investimentos decorrentes do ritmo de crescimento.

neoliberalismo e desenvolvimentismo que deram origem à discussão, no Brasil, entre os chamados monetaristas e os estruturalistas.⁹⁰ Para Diva Benevides Pinho,

[...] as duas interpretações analíticas divergiam não só nos enfoques dos problemas estruturais e conjunturais, como também sobre o processo inflacionário, o uso de capital estrangeiro e o papel do Estado na vida econômica [...].⁹¹

Miriam Limoeiro Cardoso enfatiza as propostas analíticas elaboradas pelo BNDE e pelo Grupo Misto BNDE-CEPAL. Estas análises, de um modo geral, apontam que o problema central para o desenvolvimento é o investimento. A solução estaria na elevação da taxa de poupança, através da diminuição dos gastos públicos; melhoria na produtividade, a partir da utilização de técnicas mais eficientes; e entrada de recursos externos, para a qual seriam necessárias medidas atrativas. Enfatizam, ainda, a necessidade de aumentar a exportação, o componente principal da renda nacional, através de uma política cambial adequada. Segundo a autora, O BNDE teria uma visão mais otimista em relação às possibilidades do desenvolvimento espontâneo, não intervencionista, enquanto para o Grupo Misto, seria necessária a coordenação efetiva do Estado.⁹²

Essas discussões se intensificam à medida que o crescimento mostrava-se ameaçado pela conjuntura de crise. A ameaça ganharia consistência a partir dos prognósticos elaborados pelas duas Instituições citadas, que passam a discutir a política a ser adotada a fim de dar continuidade ao crescimento, delineando-se as diretrizes do planejamento.

Como o principal fator de crescimento foram as relações dos preços de intercâmbio, sua deterioração é o que preocupa. O desenvolvimento passa a depender, então, de políticas protecionistas compensatórias. Caindo a entrada de capitais do setor exportador, o capital estrangeiro torna-se indispensável para substituir essa renda para o desenvolvimento industrial. É nesse sentido que é criada, em 1955, a Instrução 113 da SUMOC, liberando a

⁹⁰ Os estruturalistas eram representados sobretudo pelo grupo da CEPAL e do IBESP, entre os quais, Celso Furtado e Hélio Jaquaribe. Entendiam que a crise conjuntural e a alta inflação decorriam da estrutura econômica herdada do passado e a sua solução estava num planejamento geral da economia a longo prazo. Os monetaristas, por sua vez, defendiam medidas mais ortodoxas no combate à inflação e medidas para a atração de capitais externos. Podemos citar como representantes desta corrente Eugenio Gudín, José Maria Whitaker e Roberto Campos. Para os primeiros, a inflação é decorrente da crise e para os segundos, a crise decorre da inflação levando ao desequilíbrio.

⁹¹ PINHO, Diva Benevides. **Aspectos do pensamento econômico do Brasil: 1940-1960**. São Paulo: IPE/USP, 1986. p. 145.

⁹² CARDOSO, Miriam Limoeiro. Op.cit. p. 400.

entrada e saída de capitais externos no país. Desde então, a tendência à mudança estrutural da economia volta a ser fortalecida, sendo que a entrada de capital estrangeiro passa a fornecer à indústria o capital de que ela necessita.

Bielschowsky aponta para o fato de que o período caracteriza um amadurecimento do debate sobre a industrialização planejada. As inúmeras estatísticas, cada vez mais abundantes e divulgadas, conquistam as elites intelectuais, técnicas e políticas do país para a realidade dessa transformação (da estrutura agro-exportadora para a industrial). O momento, para o autor, não era propício para os liberais contestarem o significado do avanço decorrente da industrialização, sendo que as críticas passaram a se concentrar no combate à intervenção estatal na economia e à política artificial de preços.⁹³

É a partir da necessidade de um esforço para recuperação da economia que se insere o desenvolvimentismo de JK. O seu governo dá continuidade ao incentivo do desenvolvimento industrial associado,⁹⁴ enquanto a agricultura perde a hegemonia. O capital estrangeiro passa a ser fundamental neste modelo de desenvolvimento que se distancia da forma clássica de nacionalismo. Ele propõe um nacionalismo racional e técnico voltado para o desenvolvimento econômico. A soberania passa a estar vinculada diretamente à prosperidade e esta depende dos recursos criados no país independente destes serem nacionais ou internacionais. Prega, de fato, a incorporação do capital estrangeiro ao processo interno de produção no país.⁹⁵

Miriam Limoeiro, ao discutir o caráter ideológico do desenvolvimento no período de JK, diz que este se ancora na concepção que entende o Brasil como parte do mundo ocidental, porém a parte ainda atrasada. A posição dos pais é pensada, assim, em relação aos outros países. A partir desse pressuposto, a superação do atraso passa a ser o objetivo principal do desenvolvimento por ele proposto.

Para a mesma autora, o desenvolvimentismo visa, em última análise, à integração mais dinâmica do país ao sistema capitalista mundial, sendo a nação considerada como parte do sistema.⁹⁶ A soberania decorre da igualdade às nações ricas e democráticas. O conceito de nação tem, nesse sentido, uma dimensão muito mais econômica do que política. O

⁹³ BIELSCHOWSKY, Ricardo. Op. cit. p. 384.

⁹⁴ Associação de empresas nacionais e estrangeiras. “Do ponto de vista do empresário nacional, dadas as facilidades que o governo dá ao capital estrangeiro, passa a ser conveniente a associação, além do mais porque lhe permite baixar os custos de produção também pela incorporação de tecnologia mais avançada. Da perspectiva do empresário estrangeiro, a associação não só mantém os benefícios da legislação protecionista da importação de capital, como retira as dificuldades com que possivelmente se defronta por ser estrangeiro.” CARDOSO, Miriam Limoeiro. Op. cit.

⁹⁵ Ibidem. p. 425.

⁹⁶ Ibidem. p. 410.

desenvolvimento econômico, empunhando a bandeira do combate ao atraso e à miséria, surge como “redenção nacional.”⁹⁷

Esta idéia força atraso *versus* desenvolvimento é a base para a consolidação da ideologia desenvolvimentista que se afirma como dominante no período ora estudado. Mesmo levando em consideração a especificidade do conceito desenvolvimentismo, essa ideologia permanece em conformidade com a ideologia geral do desenvolvimento que visa, em última análise, à expansão do sistema capitalista para sua própria manutenção. Embora não possamos dizer que os Associados fossem defensores do desenvolvimentismo no seu viés nacionalista, a mesma idéia-chave – atraso *versus* desenvolvimento - permeou os inúmeros artigos publicados em seus jornais e as fotorreportagens da revista “O CRUZEIRO”. Seus discursos confrontavam constantemente miséria e riqueza; atraso e desenvolvimento; tendo o desenvolvimento do país como objetivo explícito.

Este posicionamento fica claro em uma reportagem intitulada: “O Velho Capitão”, que ocupou seis páginas da revista. O capitão era Assis Chateaubriand. O título referia-se ao seu papel de condutor dos Diários Associados, metaforicamente citado como a *nau* conduzida pelo capitão. Entretanto, o teor da mensagem sugere que o capitão estaria disposto a ajudar na condução de outra *nau*: o Brasil.

David Nasser, após fazer uma apologia ao “patrão”,⁹⁸ descrevendo seus feitos em prol do país – citando as suas diversas *campanhas* - diz que para ele (Chateaubriand), o Brasil “ é um menino pobre, sem transporte, sem meios para estudar, sem saúde, precisando de tudo e de todos. Ele quer ver a emancipação deste menino”.⁹⁹ A frase é repetida e destacada do texto num título que ocupa toda uma página dupla, evidenciando ser esta a idéia central da matéria. O destaque atua como uma reafirmação da mensagem a ser difundida.

Na seqüência, o autor diz que o Brasil de Chateaubriand é diferente daquele ufanista de Afonso Celso. O *Capitão* via o país como,

[...] descalço, pobre, fraco, com menos áreas cultiváveis que na realidade afirmam, cheio de problemas quase insolúveis. Brasil sem estradas, sem silos, sem armazéns, sem lavoura mecanizada, sem indústria organizada, sem petróleo, um Brasil que não basta a si mesmo e vai transferindo o encargo de sua libertação econômica às gerações futuras. Esse é o Brasil menino pobre que Chateaubriand quer ajudar a criar.”¹⁰⁰

⁹⁷ Ibidem. p. 412.

⁹⁸ Importante destacar que esta reportagem é veiculada por ocasião da campanha de Chateaubriand para o Senado pelo Maranhão. Os meios ilícitos que possibilitaram a Chateaubriand disputar a vaga, mobilizaram a oposição numa campanha bastante acirrada. David Nasser, o repórter predileto de “Chatô”, encarregou-se de elaborar algumas matérias na defesa do “chefe”.

⁹⁹ *O Cruzeiro*, 19 março 1955.

¹⁰⁰ Idem.

Seu posicionamento, portanto afasta-se do otimismo desenvolvimentista do período e do nacionalismo exacerbado explícito no ufanismo de Afonso Celso. Este entendimento do país justificaria as suas críticas duras na imprensa e na Tribuna, segundo o autor, necessárias para combater o atraso. Em um quadro destacado com moldura em negrito podemos ler:

Muitas formas existem de amar sua pátria. Algumas cantam as suas belezas. Outros exageram suas riquezas. Vivendo num mundo real, entre algarismos, Assis Chateaubriand ama a sua pátria exibindo as feridas nacionais e os meios para curá-las. Tem sido assim no látego de seus artigos, na dureza de seus discursos no Senado. Verdades que chocam, que agridem, que despertam a consciência nacional.[...] São verdades necessárias a um país pobre como o nosso.¹⁰¹

Importante enfatizar que todas as discussões acerca do desenvolvimento - posturas analíticas, estratégias propostas, grupos envolvidos -, divergiam sobre o modelo de desenvolvimento para o país, mas nunca quanto ao significado do desenvolvimento. Ele era um fenômeno tido como universal e inquestionável. Inserida nesse contexto, a revista *O CRUZEIRO* iria participar ativamente da discussão, utilizando-se dos recursos da fotorreportagem para difundir o “seu” modelo de desenvolvimento, em grande parte vinculado às idéias do proprietário, Assis Chateaubriand, conforme veremos a seguir.

A leitura de parte dos artigos de Chateaubriand, publicados na imprensa, no período em questão, e as reportagens veiculadas na revista *O CRUZEIRO* orientam-nos para situá-la entre a corrente neoliberal e a desenvolvimentista não-nacionalista de acordo com a classificação de Bielschowsky.¹⁰² Posições que eram próximas às da UDN e do PSD (Partido Social Democrático), partidos sabidamente ligados aos setores agro-exportadores, especialmente, aos cafeicultores paulistas. Defendia um liberalismo amplamente favorável ao capital estrangeiro, favorecimento à exportação do café, combate à inflação e anti-intervencionista. Jacques A. Wainberg¹⁰³ ao comentar o ideário dos Associados diz que este se opunha radicalmente à posição nacionalista que impedia a entrada de capitais estrangeiros e cita a seguinte passagem atribuída a Chateaubriand:

Sem poupança e sem técnica, prevalecem, sempre e completamente, os dislates do gingoísmo indígena, estaríamos até hoje alumiados a azeite de peixe, andando a cavalo e navegando a vela. Foram a moeda e experiência estrangeira que nos propiciaram o gás, a eletricidade, a ferrovia, o navio a vapor e portos do mar.¹⁰⁴

¹⁰¹ Ibidem.

¹⁰² BIELSCHOWSKY, Ricardo. Op.cit.

¹⁰³ WAINBERG, Jacques. Op.cit.

¹⁰⁴ Ibidem. p. 118.

Diz também que ele se opõe à Petrobrás e descrê na capacidade de a burguesia nacional levar adiante o processo de industrialização nacional. O que não o impede, segundo o autor, de pôr-se ao lado da classe empresarial emergente (ao mesmo tempo em que é eleito senador pelo PSD, partido que reúne a burguesia agrária).

José Nilo Tavares¹⁰⁵ buscou dar um contorno ideológico aos artigos publicados por Assis Chateaubriand e identificou quatro pilares básicos:

A crença no poder civilizatório do capital internacional em relação ao Brasil; a aversão ao comunismo e ao socialismo, símbolos da barbárie e da degradação; a defesa da iniciativa privada e a repulsa a qualquer forma de estatização da economia; e a descrença no potencial da burguesia brasileira – particularmente a industrial – no que se refere à possibilidade de efetivar o desenvolvimento nacional.¹⁰⁶

Glauco Carneiro¹⁰⁷ concorda parcialmente com as teses de Tavares. Afirma que Chateaubriand não duvidava da capacidade da burguesia brasileira industrial para prover o desenvolvimento nacional, só duvidava que ela pudesse fazê-lo sem o apoio internacional. Para esse autor, suas idéias mestras eram: a reeducação pelo capitalismo, os capitais estrangeiros e o culto à idéia nacional (no sentido de integração).

Devés Valdés,¹⁰⁸ por sua vez, o insere-o entre os defensores da industrialização planejada a partir de discurso veiculado nos anos 30. Porém, em 1960, segundo Fernando Moraes, Chateaubriand declarava seu posicionamento respondendo ao presidente Kubitschek que anunciava sua pretensão de acabar com a condição do Brasil de fornecedor de matérias-primas para os países industrializados:

Nesse ponto, minhas divergências com o presidente Kubitschek sempre foram as maiores e mais profundas. Por toda parte, na Inglaterra, me apresento com orgulho como produtor de algodão, café, milho, arroz e mamona. Se depender de mim, o Brasil continuará por mais trinta anos como produtor preferencial de matérias primas.”¹⁰⁹

¹⁰⁵ TAVARES, José Nilo. **Gênese do Império Associado de Assis Chateaubriand**. São Bernardo do Campo: Comunicação e Sociedade, v.4, n.7, p. 144-168.

¹⁰⁶ Ibidem. p. 153.

¹⁰⁷ CARNEIRO, Glauco. **Brasil, Primeiro**. Op. cit.

¹⁰⁸ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. Op. cit.

¹⁰⁹ MORAES, Fernando. Op.cit. p. 19.

O mesmo autor registra que, entre 1952 e 1954 (durante o mandato de Senador), a maioria dos discursos proferidos por Chateaubriand versavam sobre os problemas da economia brasileira, sendo que em primeiro lugar vinha o combate ao monopólio estatal do petróleo; em segundo, a defesa dos cafeicultores e em terceiro temas referentes à política externa brasileira.¹¹⁰

Maria Helena Capelato em sua obra: *Os arautos do liberalismo*, insere os Associados no grupo que ela define como imprensa liberal brasileira, que defendiam, em última análise, um liberalismo econômico socialmente excludente e politicamente autoritário. Entretanto, a autora destaca as diferentes correntes no interior do grupo que resultaram em projetos distintos para viabilizar o desenvolvimento do país. Estas diferenças estão diretamente ligadas aos interesses das elites paulistas ligadas ao setor exportador. É nesse sentido que ela aponta a defesa dos interesses liberais industrializantes pelos jornais de Chateaubriand, na década de 1930,¹¹¹ e o recuo deste ideário por ocasião do golpe de 1937, quando então a rede passou a defender explicitamente o nazi-facismo europeu e seu congênere no Brasil, o Estado Novo, bem como sua política intervencionista anti-liberal. Nesse período ocorre uma mudança, quando os industriais paulistas aderiram ao intervencionismo estatal e tornaram-se opositores do liberalismo econômico.¹¹² Chateaubriand, elogiando a iniciativa estatal de fomentar a indústria metalúrgica, escreve em um de seus artigos em 31/01/1940:

A fase do nosso pauperismo metalúrgico promete passar. As novas bases de uma indústria de fôlego estão sendo cuidadosamente traçadas e dentro em breve serão maior realidade brasileira. Até agora nossa indústria foi de sobremesa, de produtos leves, ainda incapazes de dar ao país uma base estável e segura. Vamos entrar na fase de real industrialização nacional, que é a do aproveitamento das maiores reservas de minérios de ferro do mundo e a sua transformação em produtos indispensáveis à civilização moderna [...]. Com a indústria pesada, aqui instalada, aí sim, seremos o segundo país do continente em riqueza econômica.¹¹³

¹¹⁰ Ibidem. p. 526.

¹¹¹ Uma das divisões do grupo liberal indicada por Maria Helena Capelato é entre agraristas e industrialistas. Para os primeiros, o desenvolvimento econômico do Brasil se fundamentaria no desenvolvimento do setor agrário. Os liberais paulistas, entretanto, embora defendessem de um modo geral, o setor agrário cafeicultor, “a fase agrária era vislumbrada como uma etapa ultrapassada no processo de desenvolvimento econômico que se consolidaria plenamente com a industrialização [...]”. para estes a industrialização era a condição do país “ir para frente”. Esta era, na década de 30, a posição dos Diários Associados, segundo a autora. CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo** (Imprensa Paulista 1920-1945). São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹¹² Chateaubriand e a rede Associada mantiveram uma relação ambígua com Vargas durante o Estado Novo, ora criticando, ora aplaudindo. O que “lhe desagradava é o populismo e o nacionalismo exacerbado do período”. Nesta fase se coloca na defesa dos industriais paulistas, escrevendo inúmeros artigos “preconizando maior esforço na industrialização nacional”. WAINBERG, Jacques. Op.cit. p. 66.

¹¹³ Citado por CARNEIRO, Glauco. Op. cit. p. 209.

Entretanto, apesar das divergências dos diferentes grupos liberais dominantes em relação ao desenvolvimento nacional, eles tinham, conforme Capelato, pontos em comum como o livre comércio, o individualismo, o anti-nacionalismo e apoio ao capital estrangeiro e o anti-intervencionismo (com as ressalvas feitas acima). Todos esses, ideais ainda defendidos, através das reportagens da revista *O CRUZEIRO*, na segunda metade da década de 1950. Cabe lembrar que o Segundo Governo Vargas (1951-54) caracterizou-se por um forte incentivo ao desenvolvimento da indústria nacional, aproximando-se dos grupos mais nacionalistas. Chateaubriand e os Associados, neste contexto, colocaram-se em oposição a esta postura, com destaque para sua campanha contrária à criação da Petrobrás e o monopólio da exploração do petróleo por parte do Estado.

No período estudado, especificamente, tanto as reportagens da revista quanto artigos de Chateaubriand publicados em seus outros veículos denotam uma postura anti-industrialista, diferente daquela referida dos anos 1930 e 1940. Nos artigos, essa posição é evidente e adquire um tom provocativo ao governo e às lideranças partidárias como nas duas referências abaixo:

Uma nação industrial é o que pode haver de dependente na terra, e, quando lhe acontece, como no Brasil, não poder fazer mercados externos para a sua produção, ela só tem um caminho, a fim de continuar a viver na linha manufatureira: ou exportar matérias brutas e matérias-primas vegetais, ou suicidar-se. (...) A moeda, a única moeda que temos diante de nós, neste momento, para fazer face a todos esses empréstimos de data certa, é a agricultura de exportação.¹¹⁴

Deve o Brasil a miséria em que se encontra, aos seus dirigentes, e aos dirigentes industriais do país e mais ninguém. Lançaram-se todos eles, com espessa ignorância, num estúpido processo de industrialização à outrance. E abandonaram a lavoura, a pecuária e as indústrias extrativas, certos de que o café pagaria tudo.¹¹⁵

O nacionalista ingênuo, que estimulava a indústria, fazia-o na suposição de estar plantando as sementes da independência do Brasil. Pobre analfabeto! Se há um negócio que crie e aumente vínculos de dependência é a indústria.¹¹⁶

Nas reportagens analisadas, o que observamos é quase a ausência deste tema - indústria - e excessiva presença dos relativos à produção agrária. É preciso lembrar que, nesta época, o tema industrialização era quase sinônimo de desenvolvimentismo, conceito

¹¹⁴ CHATEAUBRIAND, Assis. *Economia Tropical*. Artigo publicado nos órgãos dos Diários Associados em 27 dez. 1957. In: CHATEAUBRIAND, Assis. **O Pensamento de Assis Chateaubriand**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2001. v.4, p. 890. Artigos publicados em 1957.

¹¹⁵ CHATEAUBRIAND, Assis. *Pela Redenção da Inteligência Brasileira*. Artigo publicado nos órgãos dos Diários associados em 13/01/1957. In: CHATEAUBRIAND, Assis. **O Pensamento de Assis Chateaubriand**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2001. 4 vol.p. 43. Artigos publicados em 1957.

¹¹⁶ *Ibidem*. p. 44.

entendido no seu viés nacionalista. Sobre o “desenvolvimento nacional”, Vânia Moreira diz que “para os contemporâneos de JK, o conceito tinha um sentido muito claro: industrialização. Não se confundia, desse modo, com a idéia de um processo de desenvolvimento baseado exclusiva ou prioritariamente no setor agropecuário.”¹¹⁷ Esta constatação ajuda-nos a entender melhor a postura dos Associados acerca desta questão que de um lado via o desenvolvimento do setor agrícola como fundamental para o desenvolvimento nacional; de outro, era inimigo ferrenho dos “nacionalistas” que muitas vezes se confundiam com os industrialistas”.

No que se refere à economia especificamente, a análise das fotorreportagens, no período entre 1955 e 1957, - fase do apogeu da revista - evidenciou o domínio de cinco temas: o ataque ao monopólio estatal do petróleo; a defesa do café como principal produto exportável do país; o incentivo à agroindústria, clamando por melhorias técnicas no setor, ou seja, a racionalização da produção; a defesa incondicional do capital estrangeiro como forma de prover o desenvolvimento nacional e o ideal de progresso ligado, sobretudo, à infraestrutura. Temáticas, portanto, comuns ao grupo identificado por Bielschowsky e Cardoso como neoliberais, conforme visto anteriormente. Características também descritas por Capelato como próprias do ideário liberal. Idéias que afastam-se do projeto nacional-desenvolvimentista pregado pela CEPAL e pelo ISEB e aproximam-se muito mais da bancada ruralista conservadora, em grande parte agrupada no PSD, partido pelo qual Chateaubriand foi Senador por duas vezes.

Entretanto, é difícil definir linhas partidárias coesas neste período. O próprio Presidente é eleito por um partido de base ruralista e, no entanto, seu governo possui uma plataforma industrialista, concretizada no plano de metas que implementa as principais idéias do ISEB. A própria bancada ruralista não se opunha totalmente à industrialização. Vânia Maria L. Moreira diz que o projeto social ruralista não era anti-industrialista sendo que:

[...] reconhecia os fortes nexos existentes entre crescimento da economia rural e intensificação do processo industrial, preconizando, inclusive, a industrialização da agricultura, isto é a modernização da produção latifundiária ainda de caráter tradicional, a maior capitalização do setor agro-mercantil e investimentos em infraestrutura, como estradas, frigoríficos, silos e armazéns, para garantir a expansão do setor.¹¹⁸

¹¹⁷MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK: Industrialização e modelo Oligárquico de desenvolvimento rural. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (org). **O Tempo da experiência democrática**: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano; v. 3). p. 167.

¹¹⁸MOREIRA, Vânia Maria Losada. Op.cit. p. 180.

Para a autora é uma simplificação reduzir o projeto ruralista à defesa do latifúndio, pois ele, em conformidade com o seu tempo, continha propostas modernizantes e cita a fala do deputado Dino Pires: “[...] o problema da reforma agrária não é um problema de distribuição de terras. [...] É mecanização da lavoura, é o crédito [...]”.¹¹⁹

Esta indefinição em relação à industrialização que permeia os discursos dos setores liberais é, em parte, fruto de um contexto de transformação estrutural na economia brasileira que, conforme Celso Furtado, intensificou-se a partir dos anos 1940, constituindo-se os anos 1950 como uma fase de transição, transferindo o centro de decisão dos setores tradicionais ligados ao setor exportador para o grupo industrial. É esta disputa de hegemonia entre as classes dominantes que vai marcar os debates sobre nacionalismo e desenvolvimentismo. O mesmo autor, sabidamente representante dos desenvolvimentistas nacionalistas, chama atenção para a permanência dos grupos ligados aos interesses agro-exportadores nas posições de liderança política, o que dificultava uma “autêntica política de desenvolvimento, apoiada na industrialização.”¹²⁰

Portanto, os temas do desenvolvimento e nacionalismo tornam-se centrais nas discussões, mas as divergências entre liberais e antiliberais continuaram permeando os discursos que, em última análise, pretendiam, cada um deles, viabilizar o seu projeto para o desenvolvimento do país. Nesse aspecto, consideramos válidas as avaliações de Capelato, mesmo que ela se refira a um período distinto do aqui estudado, o que nos informa sobre a longa duração deste debate no Brasil:

Havia entre os representantes das diferentes facções várias divergências quanto aos assuntos de caráter econômico, mas um mesmo objetivo os unia: o fim do atraso e a conquista do progresso. Esse alvo deixou evidente a ambição dos setores dominantes: ainda que por caminhos diversos, queriam ver o país alçado a uma posição de hegemonia, ou seja, vislumbravam o Brasil como potência de primeira grandeza.¹²¹

Embora nosso objetivo não seja traçar um perfil ideológico de Assis Chateaubriand, mas analisar as reportagens publicadas em um de seus veículos, lembramos que partimos do entendimento de que estes funcionavam, em parte, como uma extensão de suas idéias e mesmo de sua prática política, conforme já citado. Dessa forma, as reportagens da revista vão

¹¹⁹ Ibidem. p. 182.

¹²⁰ FURTADO, Celso. Op. Cit. p. 254.

¹²¹ CAPELATO, Maria Helena. Op. cit. p. 66.

refletir, em parte, o pensamento de Chateaubriand. As variáveis neste ideário decorrem do período específico do estudo em questão e da própria tonalidade pessoal do jornalismo praticado. Sabe-se que devido à importância da revista que, como vimos, possuía um lugar privilegiado dentro do campo jornalístico, as posições mudavam conforme a conjuntura do momento. O próprio caráter pessoal, muito mais do que partidário, faz com que não se possa definir uma linha precisa e coerente. Para Tavares,¹²² entretanto, eram mudanças de ordem táticas, não implicando na perda de coerência do ideário global da rede Associada.

Passaremos, a seguir, à análise das fotorreportagens agrupadas na temática *economia*. Para fins de análise escolhemos os temas categorizados como ME – modelo econômico; PT – petróleo e CF – café, que apareceram com destaque na revista, no período estudado, e mantiveram uma maior coesão ao longo do período. No primeiro conjunto estão as reportagens que se referem à questão monetária – câmbio, inflação, déficit-público -, entre as quais privilegiamos uma série de reportagens sobre José Maria Whitaker, ministro da economia por um curto período em 1955; no segundo, as relativas ao combate ao monopólio estatal do petróleo que, embora se concentrem no ano de 1955, são importantes para o entendimento do modelo de desenvolvimento proposto pela revista; e, por último, que defendem a primazia do café como principal produto de exportação.

Vale enfatizar que uma outra temática presente de forma significativa nas reportagens, a defesa do capital estrangeiro, não foi categorizada isoladamente, uma vez que ela não aparece em nenhuma reportagem de maneira isolada, mas associada a outras, sendo, portanto, analisada de maneira conjunta aos outros tópicos.

2.2 A ÁRVORE E A ERVA

As idéias defendidas em relação ao modelo de desenvolvimento econômico podem ser identificadas quando a revista elege um representante destes ideais e o heroiciza em suas páginas. É o caso de José Maria Whitaker, como veremos a seguir.

O CRUZEIRO comemorou a chegada de Whitaker ao Ministério da Fazenda¹²³ por defender posições próximas àquelas propostas pelos Associados que iam ao encontro dos

¹²²TAVARES, José Nilo. Op. Cit.

¹²³ *O Cruzeiro*, 30 abr. 1955.

interesses do setor exportador ¹²⁴, especialmente os cafeicultores paulistas ¹²⁵. A indicação do ministro partiu de Jânio Quadros, então governador de São Paulo, e dos cafeicultores, em troca de facilidades creditícias para o setor.

O ministro era um dos “heróis” eleitos pela revista. Empresário do setor exportador, paulista e banqueiro, era amigo de Chateaubriand que tratou de alinhar melhor este relacionamento, promovendo o casamento de uma das filhas do ministro com seu primo, Leão Godin de Oliveira. A noiva ganhou de presente de casamento a presidência da revista “*O CRUZEIRO*”. Whitaker, já havia ocupado a pasta da fazenda nos anos de 1930 e retornara durante o período do conturbado governo Café Filho, tendo, como base de sua política, o combate à inflação, a reforma cambial (que não foi posta em prática) e a reorganização do crédito, seguindo a mesma linha de Eugênio Gudim (outro eleito pelos Associados).¹²⁶

Assim sob o título: “A volta de Whitaker”¹²⁷ foi publicada uma extensa reportagem descrevendo sua trajetória de vida, suas atividades públicas e privadas. A forma da narrativa, enfatizando a presença do ministro na vida pública nacional em momentos significativos do país, como a Revolução de 1930, o identificam com a história da nação a qual ele estaria novamente disposto a “salvar”, abrindo mão, para isso, do convívio familiar e do repouso que poderia usufruir devido a sua avançada idade, tal qual um herói que se sacrifica por um ideal superior. O texto inicia destacando a sua “velhice”, que lhe atribuía uma qualidade a mais: a sabedoria acumulada pela experiência. O autor utiliza metáforas, comparando os jovens políticos a um rio de águas cristalinas – que, no entanto, era somente água – e os mais velhos, a um rio lodoso – “que experimentou as agruras das encostas, que incorporou o húmus das

¹²⁴ BIELSCHOWSKY, Ricardo. Op.cit. p.367 e 374.

¹²⁵ Para Whitaker a política cafeeira e o confisco cambial haviam sido, até então, desastrosos para o país. Era contrário a fixação de preços mínimos. Para ele, “não seriam necessários preços mínimos, bastaria reduzir encargos indevidos impostos à exportação. [...] Se eram precisos sacrifícios, fossem para o governo, não para o consumidor, e muito menos, para o Produtor”. O ministro extinguiu a intervenção no mercado cafeeiro e o ano de 1955 teve como resultado a exportação de 3 milhões de sacas a mais do que o ano anterior. Conforme PINHO, Diva Benevides. Op.cit. p.110.

¹²⁶ Em linhas gerais Whitaker defendia os mesmos princípios de seu antecessor e um dos nomes mais expressivos do grupo liberal, Eugênio Gudim. Diferiam apenas em alguns pontos, por exemplo, quanto a política creditícia. Gudim saiu do Ministério exatamente pela sua medida de corte aos créditos, o que incomodou os cafeicultores paulistas. Quanto a política cambial de taxas múltiplas, instituída pela Instrução 70 da SUMOC, Gudim a entendia como uma medida provisória, necessária naquele momento, enquanto Whitaker propõe a sua extinção imediata. Ambos eram defensores ferrenhos da estabilização (combate a inflação), uma das principais questões do debate entre os desenvolvimentistas – contrários a estabilização – e os liberais, favoráveis. A inflação era entendida pelos desenvolvimentistas como conseqüência da estrutura econômica brasileira, portanto a solução só poderia ocorrer gradualmente a medida que os problemas estruturais fossem sanados. Portanto, o crescimento deveria ocorrer com inflação, proposta adotada pelo governo Jucelino Kubitscheck.

¹²⁷ *O Cruzeiro*, 30 abr. 1955.

serras, ricas de conteúdo, destinada a [...] adubar as terras fracas, que, assim fecundadas, podem desabrochar em searas”¹²⁸

A idéia é reforçada pela seqüência de fotografias. Na primeira página, ele é retratado no papel de avô, com uma criança no colo, abaixo, entre os membros de sua “numerosa família” e, na página ao lado, uma foto de página inteira do casal Whitaker que “se orgulha de sua descendência ... que forma uma das maiores famílias do Brasil”.¹²⁹

Nas duas páginas seguintes aparecem as cenas de sua posse no Catete. Elas são compostas por pequenas fotografias de Whitaker recebendo os cumprimentos das autoridades e de sua “numerosa família”. Embora a temática, nestas páginas, seja a sua posse como Ministro da Fazenda, a reportagem mantém a ligação com o aspecto pessoal do personagem. No subtítulo, que ocupa a parte superior das duas páginas, é reproduzido parte do telegrama enviado pelo ex-presidente Wescelau Braz que diz: “Como brasileiro, beijo-lhe as mãos pelo sacrifício que faz para o bem da pátria. Pode-se crer nos altos destinos de um país que tem filhos da estatura moral e cívica do eminente brasileiro.”¹³⁰

Nas páginas seguintes, o enfoque das imagens é o apoio de Jânio Quadros ao novo Ministro, também na época, heroicizado pela revista, como veremos mais adiante. No lado esquerdo, uma seqüência de oito pequenas fotografias. Em todas elas aparece o, então, governador de São Paulo, ora com Whitaker ora com a família desse. A última retrata o abraço entre Jânio Quadros e Assis Chateaubriand, selando o apoio do Governo de São Paulo e dos Associados ao novo Ministro da Fazenda. A imagem final, que ocupa a página inteira, é uma fotografia do abraço de Jânio Quadros e o Ministro. A legenda desta foto não deixa dúvidas:

UMA INDICAÇÃO: Por indicação do governador Jânio Quadros, o presidente Café Filho foi buscar José Maria Whitaker para assumir pela segunda vez, 24 anos depois, em função do difícil quadro, as finanças da República. Neste abraço há um agradecimento do governo de São Paulo ao seu ilustre filho, pelo sacrifício feito de sua vida própria em prol da coisa pública.¹³¹

O texto verbal descreve suas idéias econômicas que já havia tentado colocar em prática na década de 1930. Seu legado é assim sintetizado:

¹²⁸ Ibidem.

¹²⁹ Ibidem.

¹³⁰ Idem.

¹³¹ Ibidem.

“A linha liberal, lançada por Whitaker ficou, porém, como uma condenação à política valorizadora do passado e como uma definição de que o café, se produz para exportar e para ser exportado dentro do período econômico da safra”.¹³² E o que se espera do novo ministro é que ele possa “[...] consertar, como técnico, aquilo que os políticos estragaram como demagogos desassizados”.¹³³ Sua tarefa será fundamentalmente a de combater a inflação e incrementar a exportação do café .

A fotorreportagem, ao mesmo tempo que divulga as idéias do novo ministro ao longo de sua trajetória na vida pública, com as quais a revista compactuava, o faz vinculando-as às imagens de pai e avô de família, sábio e experiente. Esta associação auxilia na construção de uma imagem benéfica das propostas econômicas. Afinal, que mal poderia fazer ao país aquele “bom velhinho”? Assim, o projeto econômico de Whitaker que estava sendo discutido tecnicamente nas publicações específicas de economia da época e na imprensa jornalística¹³⁴ ganhava, nas fotorreportagens de *O CRUZEIRO*, uma outra tonalidade, mais “humanizada”. O modelo de desenvolvimento proposto por Whitaker e pela revista ganhava, assim, uma cara, e esta era de um bondoso e sábio avô.

¹³² Idem.

¹³³ Idem.

¹³⁴ O período em que vigorou a Instrução 70 da SUMOC – 1953-1957, foi conturbado e marcado por acirrados debates. Whitaker era um dos seus maiores críticos. Muito divulgado na imprensa foi o debate entre Whitaker e Souza Dantas, defensor da Instrução 70. Conforme BIELSCHOWSKY, Ricardo. Op.cit. p.374. A “Instrução 70 da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC) introduziu o chamado confisco cambial, A medida fixou um valor mais baixo para o dólar recebido pelos exportadores de café, ao ser convertido em cruzeiros. Isso significa que o governo ficava com uma parte dos dólares obtidos pela exportação do café, com o objetivo de financiar projetos considerados prioritários.” FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 411.



Figura 03: A volta de Whitaker. O CRUZEIRO, 30 abr. 1955.

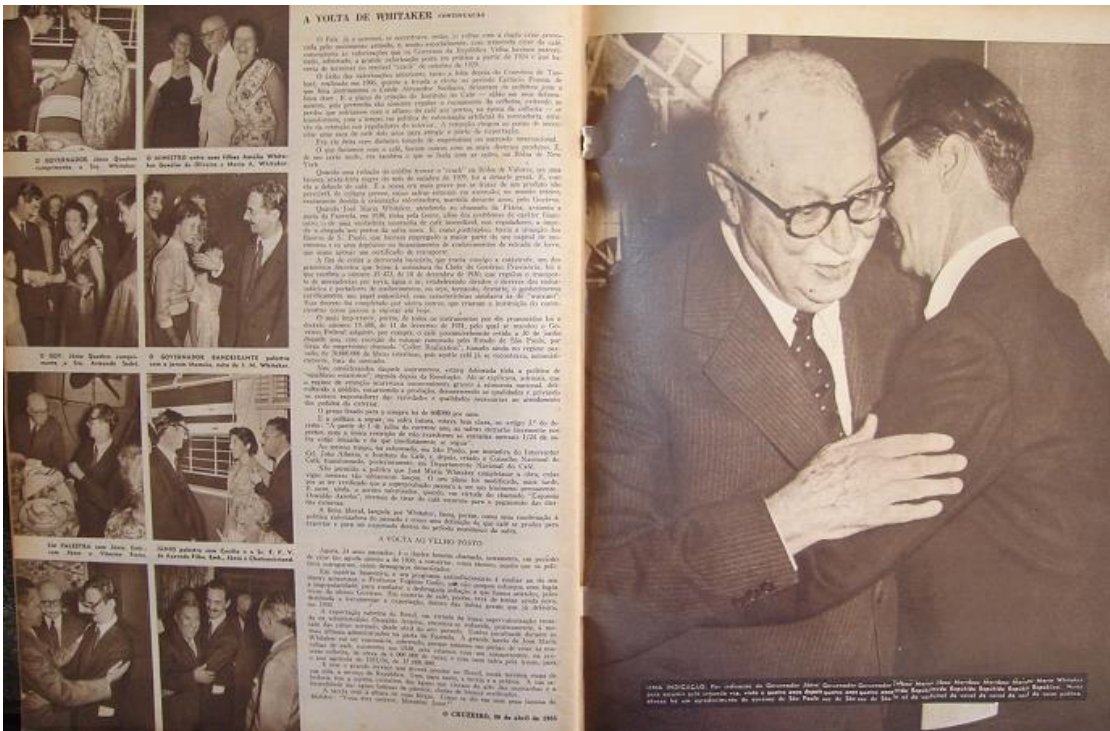


Figura 04: A volta de Whitaker. O CRUZEIRO, 30 abr. 1955.

Esta é a primeira das cinco grandes reportagens publicadas em *O CRUZEIRO* sobre o ministro, somente entre os anos de 1955 e 1956, todas com o mesmo propósito de divulgar suas propostas econômicas e, ao mesmo tempo, enaltecer suas qualidades pessoais. O que vem ao encontro da caracterização das fotorreportagens da revista, feita por Nadja Peregrino, que afirma que as temáticas tratadas nas reportagens não são aleatórias, elas possuem uma coerência interna, imprimindo uma lógica inerente ao ideário global do periódico.¹³⁵ Repetem-se de tempos em tempos, desenvolvendo uma história, mais ou menos como uma novela, que o leitor pode acompanhar. Nesse caso, os leitores passam a conhecer o personagem em questão, conforme a visão da revista, que o heroiciza, bem como suas idéias econômicas, enfatizando os aspectos tidos como *bandeiras* do próprio grupo Associado que, conforme já visto, podem ser definidas como: defesa do capital estrangeiro, favorecimento da exportação do café, combate à inflação e ao estatismo na área econômica. Neste processo, a revista simplifica os projetos econômicos, evidenciando algumas idéias-força, não aprofundando a discussão, característica do próprio modelo informativo, a fotorreportagem.

Whitaker teve passagem curta pelo ministério por não ter sido aceita sua principal proposta, ou seja, a Reforma Cambial, que previa o fim das taxas múltiplas de câmbio e os altos ágios cobrados que se tornaram uma importante fonte de renda para o Estado e prejudicavam os comissários e produtores de café.¹³⁶

O CRUZEIRO, por ocasião de sua demissão, novamente publicou uma extensa reportagem sobre sua saída do governo, retomando a pauta anterior: a trajetória heróica do ministro, seu sacrifício, medidas econômicas e a incompreensão dos políticos. O título, “A árvore e a erva”,¹³⁷ remete à metáfora que associa Whitaker a uma árvore frondosa que já deu muitos bons frutos ao país, mesmo sob o avanço das ervas daninhas (políticos brasileiros) que a ameaçam constantemente. A idéia de bons frutos, embora se refira à economia, é reforçada pelas imagens de sua “numerosa família” sempre enfatizada: “Um tronco robusto que floresce com 14 filhos, 54 netos e 16 bisnetos, árvore poderosa que a erva daninha nunca pode alcançar, assim é José Maria Whitaker.” Um outro título sintetiza a mensagem: “Um grande ministro, um pequeno presidente e uma reforma cambial”, ou seja, o presidente fraco, porque sobretudo político, não teve forças para apoiar as reformas do ministro que teve coragem e ousadia para propô-las. Novamente as idéias-força são destacadas em um quadro:

¹³⁵ PEREGRINO, Nadja. Op.cit.

¹³⁶ De acordo com vários analistas, Whitaker apresentou sua proposta de Reforma Cambial ao Presidente Café Filho, que não tendo coragem para aplicá-la, resolveu submetê-la ao Congresso, onde foi rejeitada até por alguns membros dos grupos conservadores que temiam uma onda inflacionária, o que levou o ministro a demitir-se.

¹³⁷ *O Cruzeiro*, 29 out. 1955.

O velho lidador empunhou, de novo, as suas armas e trouxe a um governo ocasional a sua experiência e a sua classe, restaurando a moralidade na administração das finanças públicas, **salvando o café** (vegetal), restabelecendo a confiança no crédito bancário e **enfrentando a inflação** – antes que a derradeira cidadela fosse tomada (**a Reforma Cambial**) percebeu que a seu lado, nesta quadra decisiva, encontrara palavras, mas não encontrara homens – e assim voltou, como um soldado espartano, aos seus campos sem amargura.



Figura 05: “A árvore e a erva”. *O CRUZEIRO*, 29 out. 1955.

No início de 1956, no alvorecer do novo governo¹³⁸, empresários e políticos paulistas promoveram uma festa em homenagem a Whitaker da qual participou o então Senador, Assis Chateaubriand. A iniciativa teria partido de parte da elite paulista, seguidamente cotejada pelos Associados.¹³⁹ O caráter empreendedor destes era freqüentemente idealizado na revista, glorificando o “espírito bandeirante”. A reportagem enfatiza o fato de São Paulo ter recebido

¹³⁸ A matéria na verdade é uma forma de pressão ao novo governo eleito. Vale lembrar que tanto o documento de campanha quanto o início do Governo Kubitschek não falam em estabilização econômica. Entretanto, “um programa de estabilização monetária e reajustamento cambial foi apresentado a Kubitschek pelo grupo Lopes-Campos logo no início de seu governo. Este programa era, essencialmente, aquele que Gudin e Whitaker já haviam oferecido a Café Filho em 1955, inspirados no relatório Bernstein, do FMI.” MALAN, Pedro Sampaio. Op. cit.

¹³⁹ Cabe lembrar que as elites nacionais, neste período, apresentavam uma divisão: as tradicionais, ligadas aos setores exportadores e as compostas pelos industriais, em geral adeptos à corrente nacionalista. As elites cotejadas por Chateaubriand e que têm mais espaço na revista *O Cruzeiro*, são em geral as do primeiro grupo. É importante destacar, no entanto, que esta divisão não é rígida e, muitas vezes, depende dos interesses em jogo no momento.

de volta um de seus filhos ilustres, “orgulho legítimo da gente bandeirante” através do (grupo) “mais representativo, mais seu, mais nobre e expressivo”.¹⁴⁰ Retomando a metáfora da árvore, criada na reportagem anterior, a homenagem é feita através do plantio de árvores pelas autoridades presentes, segundo a matéria,

[...] árvores de diferentes regiões do país [...] cerejeira gaúcha ofertada pelo Sr. Alcides Coelho Rosauro em nome do povo do Rio Grande; a Cabreúva de Tietê plantada pelo Sr. Erasmo Assunção; a castanheira do Pará, plantada pelo Sr. Assis Chateaubriand; o açaí do Maranhão, plantada pelo Sr. Adalberto Ferreira do Vale; e as secóias americanas que, trazidas pelo Sr. Cid Castro Prado, serão um marco da fraternidade que sempre existiu entre o Brasil e os Estados Unidos.

O “herói” José Maria Whitaker aparece aí como elo de ligação entre as diversas regiões do país, revelando a importância da idéia da integração nacional que, desde os anos de 1930, apresentava-se como um dos pilares do desenvolvimento nacional. O bandeirismo assume o significado de conquista e integração do território, presente tanto nas expedições do Marechal Rondon, na década de 1930-40, quanto na construção de Brasília por Juscelino Kubitschek na década de 1950. Este é um dos temas que a revista *O CRUZEIRO* vai privilegiar ao longo da maior parte de sua existência, enviando repórteres para as mais distantes regiões do país, difundindo suas imagens e enfatizando suas potencialidades. Pela importância que a revista lhe atribuiu, este será um tema abordado especificamente em um capítulo à parte.

Mas a integração das regiões do país tinha como objetivo o desenvolvimento que era entendido, pelos Associados, como parte do desenvolvimento do mundo capitalista ocidental como um todo. Nesse sentido, o país precisava aproximar-se dos países desenvolvidos, aliar-se a eles a fim de integrar esse grupo mesmo que como um sócio menor. O que importava era diminuir as diferenças para ser aceito como parte desse mundo. Este fato é notório pela importância dada por Chateaubriand e por seus veículos às relações entre Brasil e Estados Unidos. O desenvolvimento que *O CRUZEIRO* propunha, passava, assim, pelas relações de amizade com o vizinho rico do norte. Por isso era fundamental, também, plantar *secóias*.

Todo um universo simbólico era utilizado para reforçar a mensagem pretendida: a árvore como matriz – que quanto mais velha, mais fortalecida - traduz-se na experiência de Whitaker. Os frutos são seus filhos, futuro da nação; mas também são as suas atividades,

¹⁴⁰ *O Cruzeiro*, 29 out. 1955.

nesse caso, seus planos econômicos que, da mesma forma, visam ao futuro nacional; a incorporação de outras árvores, igualmente frondosas, representam integração das diferentes regiões do país através de sua elite, bem como a aceitação de outras árvores de fora do Brasil, representando o importante papel atribuído ao capital estrangeiro, sobretudo, o americano.

Seis meses mais tarde, Whitaker retorna às páginas da revista. *O CRUZEIRO* divulga o livro do ex-ministro no qual ele conta a sua curta passagem pelo ministério e seu projeto econômico.¹⁴¹ Reportagem extensa, predominando a parte verbal que descreve os pormenores das medidas do ministro que trouxeram benefícios aos produtores de café e, sobretudo, a Reforma Cambial frustrada. Ela não possui as características comuns às fotorreportagens, constando de uma foto de página inteira no início: a imagem de Whitaker com um semblante sério sobre a qual é fixada uma legenda sugestiva: *Câmbio e Café*. Vale lembrar que estes dois temas têm importância fundamental ao longo do período estudado, tendo desdobramentos em toda política econômica do governo Kubitschek.¹⁴² No final, outra fotografia bem pequena do então ex-ministro, dentro do carro, com a esposa e neto, na saída do ministério, conforme nos informa a legenda: “após libertar-se do ônus do Ministério”

A reportagem segue com um texto pedagógico, bastante técnico, explicando os projetos econômicos do ex-ministro. O repórter se propõe a elaborar uma síntese dos principais pontos do livro lançado pelo ex-ministro. Ele não usa nenhum recurso de apelo sensacionalista nem muitas imagens, somente frases-título ou legendas de efeito, o que confere uma idéia de seriedade à mensagem.

Os temas foram destacados nos seguintes subtítulos: “Um posto e um Telegrama”, onde o já referido telegrama de Wenceslau Braz é lembrado, bem como a empreitada que tinha pela frente: desmontar a política “errônea” até agora praticada em relação ao café; “Preços Mínimos e Compra do Café”, explicação das conseqüências negativas de tal política que não beneficiava os produtores, mas sim o governo. O Ministro tratou logo de suspender as comprar diárias do produto; “Orçamento Cambial” trata dos resultados obtidos com a nova política do café para o orçamento cambial da nação; “Combate à Inflação” descreve os problemas que a originam, como o desequilíbrio nos gastos públicos e, principalmente, as emissões feitas pelo Banco do Brasil para financiamentos diversos; “Remédios permanentes contra a inflação” critica os defensores da inflação e propõe uma lista de medidas; “Reforma Cambial” é a parte mais extensa, atacando a Instrução 70 e descrevendo o processo de

¹⁴¹ “As revelações do Ministro Whitaker”. *O Cruzeiro*, 21 jul. 1956. O livro lançado pelo ex-ministro intitula-se “Seis Meses, de novo, no Ministério da Fazenda”.

¹⁴² MALAN, Pedro Sampaio. Op. Cit. p. 80.

elaboração e apresentação de sua reforma que previa essencialmente a extinção desta Instrução e, por fim, “O Golpe na reforma”, sobre a não aceitação da proposta pelo Presidente e o envio para a votação no Congresso, o que levou o Ministro a demitir-se.

Após a descrição das propostas de Whitaker para o crescimento econômico do país, o autor retoma a imagem de herói a ele atribuída, reforçando o seu “sacrifício” pela nação, pois identifica as suas propostas com os anseios da nação, como podemos ler ao final da reportagem:

E foi assim de maneira melancólica, pequenina e sem grandeza, que se deixou de realizar em momento oportuno uma reforma necessária, por que todo o país ansiava, e para cuja realização o Sr. José Maria Whitaker, apesar de seus 73 anos abandonou o descanso a que tinha direito, fazendo para tanto, apelo às suas reservas de patriotismo e espírito público a que se referira o Sr. Wenceslau Braz, em seu telegrama.¹⁴³

A veiculação constante de matérias sobre Whitaker não se constituía, certamente, num apelo saudosista ou em simples homenagens ao ex-ministro, mas sim a clara mensagem de que os problemas econômicos do país ainda eram os mesmos e a revista se empenhava em divulgar a receita para a solução, de acordo com o seu projeto econômico para a nação. Construindo a imagem heróica desse personagem, auxiliava a divulgar suas idéias como redentoras de uma nação que vivenciava uma grave crise econômica.

Estas idéias eram reforçadas em outras reportagens, como na intitulada “A Dança do Dólar,¹⁴⁴ em que, de forma didática, procura-se esclarecer para o leitor “leigo” o que é “dólar divisa”(obtido nos leilões cambiais), “dólar-moeda” (entra via turistas) e “dólar-ordem” (cartas de crédito). Explicava a diferença entre os valores do dólar no Brasil, o que prejudicava os importadores que tinham que pagar ágio para adquirir as mercadorias. A política de leilões cambiais (conhecido como o confisco cambial), adotada pelo governo, estaria contribuindo para o aumento do contrabando. Neste período também são veiculadas reportagens sobre a extensão do contrabando no Brasil, em especial de automóveis, atribuindo a causa à política cambial.

¹⁴³ *O Cruzeiro*, 21 jul. 1956.

¹⁴⁴ *O Cruzeiro*, 10 nov. 1956.

2.3 “PETRÓLEO SE EXPLORA COM DÓLARES”

Um dos assuntos evidenciados, no período, pela revista foi referente à questão do petróleo, cuja posição da rede associada, contrária ao monopólio, é bastante conhecida, o que levou os Associados a serem acusados, no auge dos debates sobre a questão nos anos 1940, de “entreguistas”. Essa postura vincula-se ao modelo de desenvolvimento difundido pela revista que, como vimos, era favorável ao ingresso de capital estrangeiro e contrário à estatização da economia.

O petróleo ainda era a grande questão nacional, mesmo após a criação da Petrobrás em 1953. A ala liberal, da qual a revista fazia parte e era porta-voz, denunciava a incapacidade técnica da estatal para exploração do mineral que devia ser feita com capital e tecnologia estrangeiros. A ampla mobilização da opinião pública na Campanha Nacional do Petróleo – “O Petróleo é nosso”- intensificou os sentimentos anti-americanistas e antiimperialistas, nos diferentes setores da sociedade brasileira, ao mesmo tempo que polarizou a opinião pública entre as correntes de cunho mais nacionalistas e aquelas mais liberais, favoráveis ao capital estrangeiro.

O CRUZEIRO participou ativamente dessa discussão, posicionando-se, através da publicação de reportagens e artigos de políticos e intelectuais ligados aos setores liberais contrários ao monopólio estatal. Esses vão encontrar respaldo no governo de Café Filho que assumiu uma postura claramente pró- Estados Unidos, leia-se capital estrangeiro. Já no início de 1955, foi baixada a Instrução 113 da SUMOC que “... permitia a importação de máquinas e equipamentos, sem cobertura cambial ou restrição de qualquer espécie quanto aos similares produzidos no país...”,¹⁴⁵ amenizando, dessa forma, as reformas da Instrução 70 e privilegiando o capital estrangeiro. Lembramos que o contexto era de crise, pois a queda nas exportações aliada ao aumento do valor das importações resultou numa escassez de divisas, sendo que uma das formas propostas para obtê-las seria através do incentivo aos investimentos externos.

A criação da Petrobrás voltou, então, a ser discutida, instigada por empresas americanas como a *Standard Oil*, que se propunham a investir altas quantias na exploração do petróleo brasileiro. Ao mesmo tempo, o governo criava entraves para o pleno funcionamento da estatal, como, por exemplo, liberação para importação de equipamentos.

¹⁴⁵ BANDEIRA, Muniz. Op.cit.. p. 366.

O CRUZEIRO, que já havia participado do debate anterior no qual saiu-se derrotado, também volta ao ataque com uma seqüência de reportagens sobre o tema. São reportagens que se concentram no ano de 1955, durante o governo pró-capital estrangeiro de Café Filho. Elas representam a *derradeira* tentativa de mobilizar a opinião pública e os políticos para reverter, ao menos em parte, a legislação que criou a Petrobrás e definiu o monopólio estatal do petróleo. Eram matérias que enfatizavam, através de texto e imagem, a precariedade da tecnologia utilizada para exploração, denunciando a incapacidade técnica da Petrobrás e a necessidade de buscar apoio tecnológico e financeiro externos.

No início de 1955, a revista publicava uma entrevista com o General Juarez da Távora, chefe do gabinete militar da presidência da República e conhecido crítico ao monopólio da Petrobrás. A entrevista versava sobre o lançamento de seu livro “Petróleo para o Brasil”, no qual defendia suas teses. Sua proposta, divulgada na revista, era de uma revisão no projeto da Petrobrás, já que sua criação havia sido uma decisão soberana através do Legislativo. Porém, ela não impedia que se fizessem algumas mudanças, sobretudo, em relação ao monopólio estatal. O general apela até mesmo para o “falecido” e tornado herói nacional, Vargas (responsável pela criação da Petrobrás), dizendo que em sua proposta original não constava o monopólio, numa tentativa de desvincular o monopólio do petróleo do mito Vargas.¹⁴⁶ A reportagem é pequena, sendo quase uma introdução aos temas que se desenrolarão “em capítulos” ao longo do ano. Portanto, nada mais natural que um dos principais líderes opositores da campanha “o petróleo é nosso” fizesse o chamamento inicial. Sua proposta apresenta-se clara na frase final do texto: “O senhor pode escrever que o governo está dando todas as facilidades para a Petrobrás, se mais não faz é porque petróleo não se explora com cruzeiro e sim com dólares [...]”.¹⁴⁷

A necessidade de “dólares” para a exploração do petróleo nacional foi uma das principais bandeiras defendidas pelos Diários Associados, encabeçada por Chateaubriand, que assinou vários artigos sobre a temática em toda a *Rede Associada*, além de ser esse, também, um dos temas preferidos de seus discursos, enquanto Senador da República, entre 1952-54 e 1955-56.¹⁴⁸ Segundo esta linha de interpretação, o Brasil não dispunha de capital necessário para a aquisição dos equipamentos para a exploração da matéria bruta, nem a tecnologia necessária.

¹⁴⁶ É sabido que, de fato, o projeto original de Vargas não previa o monopólio, mas sim um sistema associado (capital estrangeiro e nacional). A questão aqui, é a ênfase dada a esta informação na reportagem, uma vez que a referência está destacada em uma legenda na parte superior da página. Portanto a estrutura da reportagem pretendia chamar atenção para esta mensagem.

¹⁴⁷ *O Cruzeiro*, 19 fev. 1955.

¹⁴⁸ MORAES, Fernando. Op. cit. p. 518.

Fernando Moraes relata o fato de que Chateaubriand, na campanha para Senador, em 1954, fazia seus comícios sobre latas de querosene da Esso, chamando atenção para o apoio da Standard Oil, na época, consagrada por parte da opinião pública como inimigo nacional.¹⁴⁹ Deve-se lembrar, também, que a Esso investia pesadamente em publicidade nos países latino-americanos, e os veículos de imprensa de Chateaubriand eram um de seus instrumentos, o que trazia vantagens econômicas significativas e indispensáveis para os Associados.

Partindo dessas considerações, é significativa a fotorreportagem intitulada “Amazônia, petróleo e dólares”.¹⁵⁰ São dez páginas de fotografias e textos sobre um poço descoberto recentemente em Nova Olinda. Conforme descrito no *lead*, a matéria propõe-se a “contar em linguagem simples e ao alcance da compreensão de todos, a verdade sobre o petróleo de Nova Olinda e sobre o petróleo no Brasil [...]”.¹⁵¹ O autor introduz o texto dizendo que, durante a realização da reportagem, a pergunta que mais ouviu foi se existe mesmo petróleo no Brasil. Para ele, esta pergunta simbolizava o atraso em que ainda vivíamos em relação a essa questão. Continua afirmando a evidência de que há petróleo no Brasil, porém o problema seria a necessidade de “furar para localizar e extrair o petróleo”, o que é demasiado caro para o país. O problema, prossegue, estava sendo posto em bases erradas, devido à “demagogia, os mesquinhos interesses eleitorais de politikeiros, à falta de visão e coragem de grande parte de nossos homens públicos, um certo complexo de inferioridade”.¹⁵²

A fotografia principal, que ocupa uma página e meia, mostra, em primeiro plano, um cenário selvagem no qual, ao fundo, vê-se uma torre de petróleo, evidenciando os contrastes entre a tecnologia, representada pela torre – distante -, e a realidade amazônica – próxima -. Sobreposta a essa imagem, um técnico segura um barril com amostra de petróleo, indicando que era o único que havia sobrado para análise. A legenda reforça a idéia dos contrastes:

Isto é Nova Olinda: Não é uma cidade nem mesmo uma vila. Num barranco, entre o rio Madeira e a Selva, está a torre. Casas flutuantes ancoradas à margem abrigam os técnicos. Os operários ergueram toscos barracos em terra firme.¹⁵³

A reportagem segue com uma série de fotografias que contrapõem constantemente a selva, que representa o atraso e a torre, imagem do progresso. Legendas e pequenos títulos

¹⁴⁹ Ibidem.p.563.

¹⁵⁰ *O Cruzeiro*, 09 abr. 1955.

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² Idem.

¹⁵³ Idem.

ênfatizam as dificuldades técnicas do processo de exploração e o desconhecimento da população e de alguns políticos que estariam muito otimistas diante da existência do poço, “é preciso ser realista”.¹⁵⁴ Postura, portanto, coerente com a de Chateaubriand que criticava o ufanismo desenvolvimentista.

A *realidade* é descrita no texto e mostrada nas imagens. Ao lado das fotografias *selvagens* da Amazônia, são descritas todas as dificuldades da imensa região amazônica, onde muitos locais, como Nova Olinda, seriam acessíveis somente por barco ou avião. A *realidade* descrita era que, devido à falta de recursos e conhecimentos ninguém sabia ainda sobre as verdadeiras possibilidades do poço. A reportagem expõe detalhadamente todo o procedimento necessário para a análise, questionando sobre a possibilidade real da Petrobrás de realizar tal tarefa. Alguns trechos são elucidativos do teor das críticas:

Naturalmente, serão necessários muitos furos para determinar a localização e o tamanho exato daquele lago de petróleo que jaz nas profundezas da terra. Ora, com uma sonda apenas, levando seis meses cada perfuração, em dois anos teríamos mais quatro poços. Com duas teríamos o duplo e assim por diante. [...] Donde se conclui que, quanto mais sondas se empregar, maior número de poços será aberto, menor tempo se perderá e maior produção se terá.

[...] Sabem os leitores quantas sondas a Petrobrás tem em todo o Brasil? Quinze, sendo que algumas fora de uso, e a maior parte pequenas, para pouca profundidade. E sabem quanto custa cada sonda? A de Nova Olinda custou um milhão de dólares[...].

[...] Se já tivermos as sondas, terão elas que ser desmontadas onde estiverem e levadas para lá. O transporte para Nova Olinda terá de ser feito em balsas. Toneladas e toneladas de material serão precisos. Além de sondas, tubulações, tanques, barris, combustíveis, etc. Um trabalho gigantesco, no qual terão que ser dispendidos milhões.¹⁵⁵

Sob uma fotografia da selva amazônica, que focaliza grandes árvores, aparecendo ao fundo a torre de petróleo, a legenda reforça: “ No meio da selva, dominando as copas das árvores , a torre desponta. Para as nossas necessidades, precisaríamos de uma floresta delas. Quando a teremos? Será breve?”¹⁵⁶

O desconhecimento sobre o assunto no Brasil é ressaltado ainda pela ingenuidade das pessoas que estariam ocorrendo a Nova Olinda para ver petróleo jorrando. Os técnicos – estrangeiros – teriam que “pacientemente” lhes explicar que quando isso acontece, tem que ser rapidamente contido para não desperdiçar o óleo.

¹⁵⁴ Idem.

¹⁵⁵ Ibidem.

¹⁵⁶ Ibidem.

A última página, dupla, apresenta, de um lado, uma série de fotografias dos trabalhadores brasileiros que atuam no setor: são imagens de pessoas simples que a reportagem define como heróis que trabalham sem as mínimas condições, faltando-lhes o preparo, a qualificação necessária e um salário digno. Na página oposta, novamente a imagem da selva, em primeiro plano, estando a torre mais distante ainda. Um pequeno quadro sobre essa imagem mostra o Presidente Café Filho diante de um equipamento (aparentemente do processo de refino) conversando com um técnico. “Foi conferir in loco a real capacidade do poço [...]”,¹⁵⁷ obviamente ridicularizando o ato, pois conforme descrito, o processo de identificação era bastante complexo e demorado.

O texto da reportagem é extenso e traz muitos dados sobre as nossas necessidades em termos de petróleo, os valores e quantidades importadas e nossa real capacidade produtiva. O problema maior, informa a matéria, estaria na extração do produto bruto, pois em termos de refinaria já teríamos melhores condições de corresponder às necessidades. É importante lembrar que já tínhamos funcionando no país, à época, várias refinarias, estatais e privadas – que tiveram concessões antes do decreto do monopólio, como a Ipiranga -.

Ao concluir, a reportagem faz um ataque aos nacionalistas, chamados de demagogos. Afirma, inclusive, que o objetivo em insistir na exploração exclusivamente nacional era interesse dos comunistas, que não queriam que um país como o Brasil, que estava na área geográfica de influência política e interesses estratégicos dos Estados Unidos, tivesse uma grande produção de petróleo. Segue avaliando que:

Cada dia ficamos mais escravizados pelas dívidas, pela fraqueza de recursos estrangeiros. Um falso nacionalismo está nos conduzindo justamente ao ponto que os seus apregoadores dizem querer evitar.

¹⁵⁷ Ibidem.



Figura 06: Reportagem: “Amazônia, petróleo e dólares”. *O CRUZEIRO*, 09 abr. 1955.

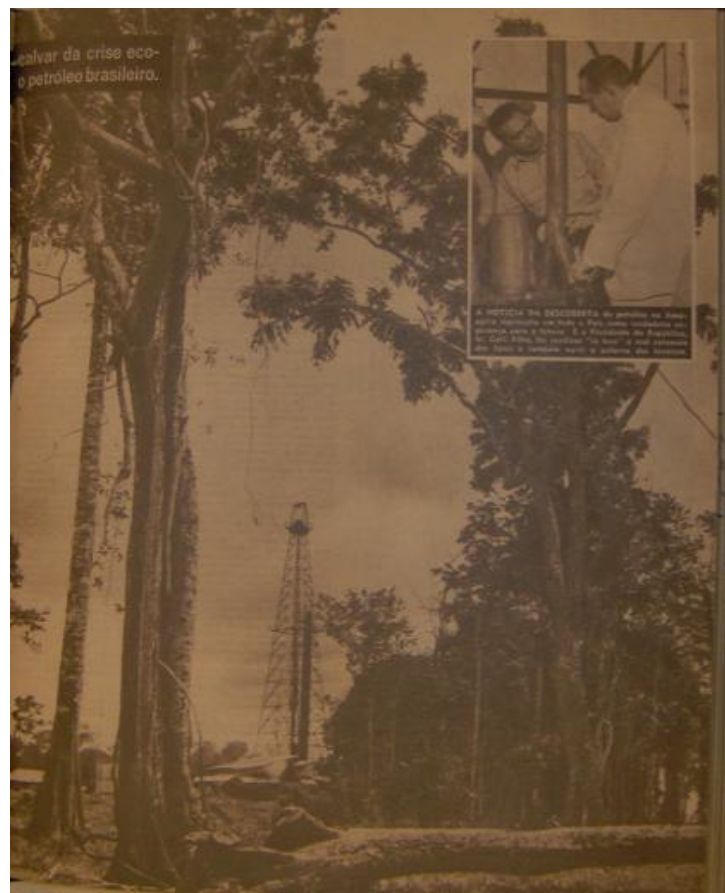


Figura 07: Reportagem: “Amazônia, petróleo e dólares”. *O CRUZEIRO*, 09 abr. 1955.

A intenção explícita, na reportagem, é evidenciar a incapacidade técnica do Brasil para explorar o seu potencial em recursos minerais (que deveria ficar ao encargo das potências estrangeiras), difundindo, através de textos e imagens, representações sobre o país, nas quais a idéia de desenvolvimento, ou de um modelo específico de desenvolvimento, era central. Lembramos que atraso *versus* desenvolvimento é um embate possível somente quando esse último já é aceito como uma realidade possível. Assim, na medida em que essas questões eram postas em discussão, evidenciavam o estágio de desenvolvimento pelo qual passava o país, que seria, de acordo com a maioria dos analistas econômicos da época – mesmo de diferentes correntes –, de transição.¹⁵⁸

Nos meses seguintes, seguem-se outras reportagens sobre o tema, integrando uma série intitulada: “Brasil: Civilização da Lenha”,¹⁵⁹ composta de cinco partes, veiculadas entre os meses de junho e agosto. A referência à lenha diz respeito ao fato de ser ela, ainda, a principal forma de energia do país diante da demora em explorar o petróleo.

São matérias de três páginas, em média, possuindo um padrão em relação à diagramação. Todas abrem com uma fotografia de página inteira que é seguida por textos, tabelas e gráficos explicativos sobre alguma temática relativa à questão do petróleo. O título da primeira delas é o que dá nome à série e as demais possuem títulos específicos, também dentro de um padrão: escrito sobre uma tarja negra (simbolizando o petróleo?), ao lado, uma fotografia pequena que se refere àquela temática. A padronização auxilia na identificação e fixação da reportagem pelo leitor que memoriza as reportagens, como um desencadeamento de idéias numa seqüência lógica e ordenada como parte de um todo coeso.

A primeira delas abre com uma fotografia de página inteira, mostrando uma área desmatada que representa a Amazônia. O tópico é o atraso do país que ainda tem a lenha como sua principal fonte de energia. Para fundamentar essa informação, são mostradas tabelas com dados estatísticos. A primeira é sobre o percentual das formas de energia utilizadas no país nos dez últimos anos, onde consta que, embora o consumo do petróleo tenha crescido significativamente, ainda predominava a lenha, o que nos colocava num estágio inferior da civilização. A segunda informa os valores e quantidades de petróleo e seus derivados, importados pelo Brasil no mesmo período, evidenciando o aumento significativo. Outra, compara os valores da importação de petróleo aos oriundos da exportação de produtos, em geral, separadamente do café; por fim, a última que indica o consumo de petróleo do país ano a ano.

¹⁵⁸ Ver a respeito FURTADO, Celso. Op.cit. 1961, CARDOSO, Miriam Limoeiro. Op.cit.; entre outros.

¹⁵⁹ *O Cruzeiro*, 18 jun. 1955, 25 jun. 1955, 02 jul. 1955, 30 jul. 1955 e 13 ago. 1955.

O texto se refere-se ao café como a única verdadeira fonte de riqueza do país, porém 50% dos valores advindos da exportação seriam gastos com a importação de petróleo e trigo. O petróleo, embora o tivéssemos, não dispúnhamos de condições para explorá-lo, portanto, seria infundado o otimismo dos nacionalistas em relação aos poços brasileiros. As duas imagens constantes na reportagem são significativas acerca deste pensamento. Considerando que a fotografia, à época, era entendida como testemunho da realidade; esta, em relação ao Brasil, traduzia-se em *lenha*, enquanto forma de energia, o que era explicitado na primeira foto; e *café*, como riqueza nacional, evidenciada na segunda imagem, retratando o embarque do produto no porto. A idéia de atraso é o apelo utilizado para chamar a atenção para o desenvolvimento, numa perspectiva evolucionista, situando o Brasil num estágio intermediário, que é definido como “nação em crescimento”, sendo que “explorar o petróleo, refiná-lo e colocá-lo nos mercados nacionais é exigência do progresso nacional. Mas que isso seja feito em prazo curto.”¹⁶⁰



Figura 08: Brasil Civilização da Lenha. *O CRUZEIRO* – 18/06/1955

A segunda reportagem da série intitula-se “O Petróleo na Vida do Homem”¹⁶¹ e tem por tema apresentar aos leitores leigos as diferentes formas de uso do petróleo a fim de

¹⁶⁰ *O Cruzeiro*, 18 jun. 1955.
¹⁶¹ *O Cruzeiro*, 25 jun. 1955.

afirmar sua importância. A fotografia – de página inteira – que ilustra a reportagem é de uma mulher passando “baton”. A legenda informa que “existe mais petróleo do que beleza e vaidade” na imagem, pois ele estaria presente no brilho dos cabelos, no “baton”, no vestido, nas ligas, etc.

O texto explica a utilização do petróleo ao longo da história, desde os povos do antigo Oriente até a utilização industrial do produto no Brasil e no mundo. Lista extensamente produtos que utilizam o petróleo. Em seguida, expõe rapidamente as ações governamentais e privadas brasileiras em relação à exploração dessa matéria prima, elogiando as ações do Governo Dutra que abriu a exploração a empresas privadas nacionais e estrangeiras. Lamenta o abandono da política iniciada por Dutra, descrevendo a então fase vivenciada:

Mas, já nessa época “o petróleo era nosso”. E porque era nosso deveria fazer no subsolo, enquanto todo o esforço de uma nação se canalizava na aquisição de mais combustíveis, mais lubrificantes e mais produtos derivados do petróleo, crescendo suas despesas com esses produtos na média de 20% anualmente. E venceu a diretiva de Moscou, que passou a dirigir a política petrolífera brasileira através de seus líderes neste país: a Petrobrás.¹⁶²

Novamente o apelo ao vínculo entre a nacionalização do petróleo e o comunismo. Importante assinalar que Chateaubriand frequentemente chamava os nacionalistas de comunistas em seus veículos de comunicação. Aliás, não só os nacionalistas, mas em seus artigos, quando queria desqualificar um desafeto, um grupo ou uma instituição, apelava para a acusação de comunista. Sabemos que o anticomunismo foi utilizado no Brasil em diversos momentos, ao longo da República, para justificar medidas extremas e autoritárias. Na época, era ainda (e, como sabemos, continuaria sendo por muito tempo) um argumento que surtia efeito perante a opinião pública.

¹⁶² Idem.



Figura 09: “O Petróleo na Vida do Homem”. *O CRUZEIRO*, 21 jul. 1956.

A terceira reportagem da série tem como título “A Exploração de Petróleo”¹⁶³ e, subtítulo: “O petróleo russo e o capital estrangeiro inglês e alemão” e afirma que nenhum país do mundo iniciou a exploração de petróleo com recursos próprios, nem mesmo a Rússia. A matéria é uma explicação detalhada das etapas do processo de exploração do petróleo. O objetivo era deixar claro, que seria um processo muito caro impossibilitando os investimentos por parte dos governos em prazos curtos. No caso do Brasil, destaca-se o aspecto ainda amador da atividade que, até 1939, atraía somente aventureiros. Refere-se também à inexperiência em relação ao poço de Nova Olinda e afirma: “Como se sabe, a Petrobrás não dispõe de material de perfuração, armazenagem e transporte suficientes para realizar a tarefa que lhe está afeta”.¹⁶⁴ Esta deficiência poderia ameaçar a nossa estabilidade como nação livre.

A “fotografia-testemunho” é a de um técnico analisando, com ajuda de instrumentos, um mapa de uma região indicada por um geólogo. A técnica, os especialistas, os equipamentos, a postura do personagem da fotografia são símbolos utilizados para informar ao leitor o que o texto descreve, ou seja, a exploração do petróleo é uma atividade que exige um determinado nível de qualificação. É fundamental observar que a imagem não possui nenhuma referência que remeta ao Brasil. O conjunto denota apenas um significado geral: Tecnologia.

¹⁶³ *O Cruzeiro*, 02 jul. 1955.

¹⁶⁴ *Idem*.



Figura 10: Brasil - Civilização da lenha III. *O CRUZEIRO*, 02 jul. 1955.

A quarta reportagem da série, “Ostentação e Miséria de um povo”¹⁶⁵, trata de explicar ao leitor as formas existentes de exploração do petróleo no mundo. De maneira didática, explica como funcionam os contratos com o capital privado, o estatal e o misto, para concluir, através de dados estatísticos, pelo fracasso das iniciativas estatais. O título refere-se à intenção da Petrobrás de explorar petróleo na Bolívia. A revista ridiculariza tal iniciativa, dizendo ser o país um “pobretão com mania de rico” “sem capacidade para extrair de nosso próprio território o petróleo que necessitamos [...]”, ainda fomos assumir compromissos de explorar petróleo além-fronteiras.”¹⁶⁶

A fotografia é de uma refinaria, sendo que também não há nenhuma referência ao Brasil. Sobre ela, a legenda: “Refinar petróleo bruto é uma ajuda, mas não soluciona o problema de países que tem petróleo. O Brasil precisa produzir, refinar e exportar petróleo. E o governo não pode realizar isto em tempo útil.”¹⁶⁷ Na outra página, uma pequena foto do, segundo a legenda, maior oleoduto do mundo no Irã, reforçando a ideia de que é necessário muito mais do que refinarias.

¹⁶⁵ *O Cruzeiro*, 30 jul. 1955.

¹⁶⁶ *Idem*.

¹⁶⁷ *Idem*.

“Auto-suficiência em petróleo”¹⁶⁸ é a última reportagem da série. A tônica dada a esta matéria é o combate à idéia nacionalista da auto-suficiência, taxada como demagógica. Já o subtítulo refere-se a esta questão e faz uma comparação com a Argentina: “Realidade e demagogia na história do petróleo Argentino – Recuo do Ditador – [...] Soberania Nacional Café e Petróleo.”¹⁶⁹ São apresentados, em números, os investimentos e o tempo necessários para que o Brasil se torne auto-suficiente em petróleo, o que levou o autor a concluir que a estratégia adotada pelo governo constitui-se num “plano de asfixia e estrangulamento econômico para o país”. Preocupa-se, também, em atacar a legitimidade da lei que criou a Petrobrás que teria por base a opinião pública. Neste aspecto, questiona quem era de fato a opinião pública e se seria possível o “grupo vencedor” representar a maioria em um país de oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados. A matéria tem um tom agressivo e diz que o que existe é um “punhado de agitadores”, “comunistas” que falam em nome de todos. O exemplo da Argentina é enfatizado como exemplo do insucesso do estatismo, pois, mesmo defensor de um nacionalismo radical, Perón acabou abrindo a exploração do petróleo ao capital estrangeiro e assumido sua incapacidade para fazê-lo.¹⁷⁰ A comparação é assim expressa:

[...] Mas, se contrata Perón com companhias norte-americanas a exploração do petróleo de seu país, é porque reconheceu que a sua teimosia nacionalista levaria sua pátria, como já começara, a profundos abismos. E, agora, o que vemos: A Argentina no caminho da prosperidade ao corrigir o erro. [...] E, nós? Marchando melancolicamente no mais acabrunhador dos espetáculos. E, por quê? Porque o nosso petróleo deve ficar embaixo da terra.¹⁷¹

Quanto ao aspecto visual, o recurso utilizado é semelhante àquele da terceira reportagem, ou seja, destaca-se a idéia de tecnologia. A fotografia mostra um técnico que manuseia um instrumento – gravímetro – pesquisando o solo. Novamente é utilizado todo um

¹⁶⁸ *O Cruzeiro*, 13 ago. 1955.

¹⁶⁹ *Idem*.

¹⁷⁰ Até 1949, a Argentina, sob o governo Peronista, apresentou notável crescimento, adotando uma postura antiliberal e de independência com relação aos Estados Unidos. Entretanto a política distributiva e o desestímulo às exportações, entre outros fatores, levou a uma crise que fez com que a política econômica sofresse modificações a partir de 1951. O governo passou a privilegiar mais a estabilidade do que o crescimento, a produção mais que o consumo. O setor agrícola – que efetivamente gerava divisas, passou a ganhar peso frente à indústria. Houve também uma maior abertura ao capital estrangeiro, inclusive para exportação de petróleo. Lembramos que estas questões inseriam-se na problemática das economias periféricas do pós-segunda guerra, quando a hegemonia política, militar e econômica dos Estados Unidos tornou-se mais efetiva. Sobre a economia da Argentina. Ver TORRE, Juan Carlos e DE RITZ, Liliana. *Argentina desde 1946*. In.: *História de la Argentina*, John Lynch y otros. Barcelona: Editora Crítica, 2002.

¹⁷¹ *Idem*.

conjunto de elementos simbólicos, como a roupa do personagem – traje típico de cientistas em pesquisa de campo -, o manuseio do equipamento de forma compenetrada, o solo, e o deserto ao fundo. Outras duas pequenas fotografias compõem a reportagem e vale a pena descrevê-las pelo seu potencial significativo: a primeira representa a campanha “o petróleo é nosso”, nela aparece, em primeiro plano, um homem de braços abertos, conclamando a população; na outra, num gesto semelhante, está Perón. Dois símbolos do nacionalismo, sendo que o segundo havia se rendido à exploração privada do petróleo, entendendo-o como “agente do progresso e não mais um elemento intocável da soberania de seu país”.¹⁷² O objetivo parece ser o de enfraquecer o principal argumento dos defensores do monopólio estatal, ou seja, a defesa da soberania nacional. Ora, se o mais nacionalista dos nacionalistas latino-americanos¹⁷³ havia se rendido, os seus congêneres brasileiros eram convidados a fazê-lo, pois isso em nada feriria a soberania nacional.

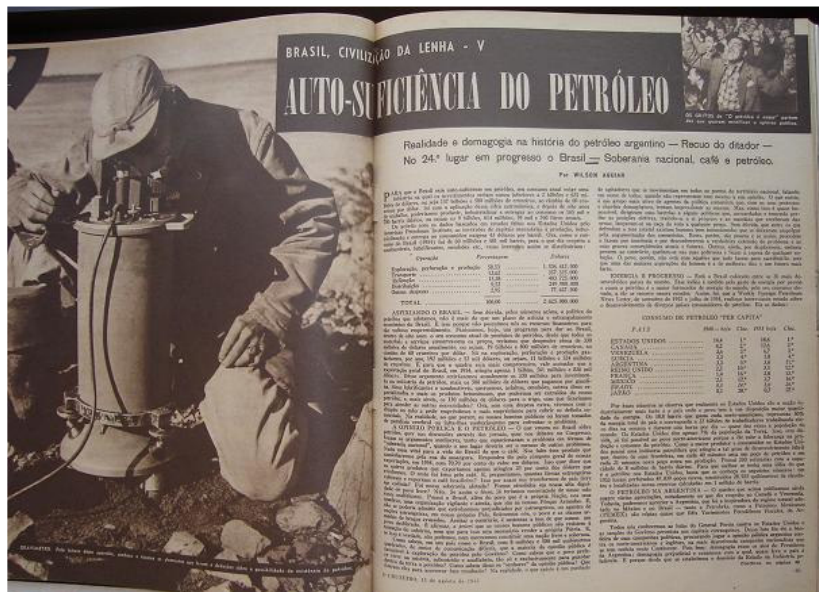


Figura 11: Brasil Civilização da Lenha V – O CRUZEIRO, 13 ago. 1955.

A série defendeu as idéias básicas difundidas nos órgãos dos Associados no que se refere à economia brasileira. Petróleo, dólares e café são elementos que estão sempre associados, vinculados à idéia de um projeto específico de desenvolvimento nacional no

¹⁷² Idem.

¹⁷³ A Revista *O Cruzeiro* durante todo o período peronista promoveu várias e extensas reportagens atacando o presidente argentino que chamava de comunista, ditador, entre outros adjetivos. Frequentemente investia também na temática de uma possível ameaça expansionista da Argentina em relação ao Brasil. A sua política nacionalista era o principal alvo dos ataques, sempre fazendo uma comparação com o Brasil, ameaçado pelos nacionalistas “locais”.

qual o café apresentava-se como o passaporte para o futuro e o petróleo era o futuro que, no entanto, só poderia ser acessado através de dólares. Economicamente, o processo civilizador idealizado nas páginas da revista passava necessariamente pelo capital estrangeiro e pelo domínio dos recursos naturais.

A fase seguinte, marcada pela eleição de um novo presidente, novas *metas* e a própria consolidação da Petrobrás, dará praticamente por encerrada a questão do petróleo. A questão do capital estrangeiro e do café, entretanto, continua permeando as discussões sobre o desenvolvimento econômico nacional na revista, como veremos a seguir. veremos a seguir.

2.4 CAFÉS FINOS

O Plano de Metas do Presidente Jucelino impunha a necessidade de ingresso de investimentos externos devido à insuficiente capacidade de importar, sendo esta deficiência decorrente da esperada queda nas receitas de exportação oriundas do café. Por isso, como vimos, estes dois temas, capital estrangeiro e café, têm fundamental importância nas discussões do período.¹⁷⁴

O período do governo JK foi marcado pela entrada maciça de capitais estrangeiros, sendo que, para pôr em prática o seu Plano de Metas, Jucelino adotou uma estratégia clara de incentivo aos investidores, tanto nacionais quanto internacionais. O objetivo era integrar Estado, capital estrangeiro e empresariado nacional.

Para concretização de seu Plano, o novo presidente teve a sua disposição toda a infra-estrutura e os organismos deixados pelo governo anterior, como nos informa Draibe:

¹⁷⁴Conforme MALAN, Pedro Sampaio. Op.cit. O mesmo autor diz que: “A redução quase contínua das exportações brasileiras de 1951 até 1958 e sua estagnação no triênio 1958-60 poderiam ter comprometido seriamente o esforço de acumulação de capital e de industrialização nos anos cinquenta devido à escassez de divisas, não fora o recurso ao capital estrangeiro de risco (investimento direto) e de empréstimo que marcou o período”. p. 82.

Na verdade, o mapeamento, o planejamento, e projeção para o futuro das necessidades de investimento público (em energia, petróleo, carvão, siderurgia, transportes, comunicações) já haviam sido, como vimos, estudadas e amadurecidas durante aquele período (de Vargas). A classificação das indústrias de base e o elenco de incentivos que a CDI (Conselho de Desenvolvimento Industrial) havia elaborado no início dos anos 50 constituíram material importante para os trabalhos do BNDE, do CDE (Conselho de Desenvolvimento Econômico), e dos grupos executivos na definição e implementação das metas.¹⁷⁵

Desta forma, podemos constatar que o Plano de Metas e sua execução foram a culminância de um processo que chegava ao seu apogeu nos anos 1956-61. Consolidou-se, nesse período, a idéia de um desenvolvimento industrial acelerado com a participação ativa do Estado, dirigindo e planejando as ações. “O projeto de industrialização planejada tornava-se plenamente difundido na literatura econômica brasileira. Mais ainda, pode-se dizer que ganhava predomínio sobre o neoliberalismo. Este, embora esboçasse reação, apresentava-se enfraquecido, numa situação defensiva”¹⁷⁶

Kubitschek foi, ao longo do seu governo, desligando-se cada vez mais da questão “nacionalismo” e enfatizando o tema que seria consenso ao longo de toda década: o *desenvolvimento*. Nesse sentido, apelo explícito ao capital estrangeiro significava

[...] deixar de lado a idéia de emancipação e autonomia nacional [...] o assunto do nacionalismo estava presente, porém de uma maneira diferente, pois o que se procurava era o desenvolvimento, que ocorresse de uma forma que pudesse ser mais viável, equilibrando os fins com os meios requeridos na época, sem criar muitos atritos que dificultassem este projeto.”¹⁷⁷

A idéia nacionalista, porém, não foi de todo abandonada. O que JK pretendia era um novo tipo de nacionalismo que tirasse proveito do capital estrangeiro. Ele soube aproveitar-se do discurso varguista para fins ideológicos e táticos, o que lhe permitiu negociar com diferentes setores da burguesia e das forças políticas do país. Para Skidmore, o governo JK seguiu o nacionalismo-desenvolvimentismo e não simplesmente desenvolvimentismo, pois, “[...] reforçando os propósitos e as ações do governo havia um apelo ao senso de nacionalismo. Era o “destino” do Brasil tomar “o caminho do desenvolvimento”.”¹⁷⁸

¹⁷⁵ DRAIBE, Sônia. **Rumos e Metamorfoses: Estado e Industrialização no Brasil: 1930-1960**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 246.

¹⁷⁶ BIELSCHOWSKI, Ricardo. Op. Cit. p. 401.

¹⁷⁷ HAFFNER, Jacqueline A. H. **A Cepal e a Industrialização Brasileira (1950-1961)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 41.

¹⁷⁸ SKIDMORE, Thomas. Op. cit. p. 207.

Este afastamento do nacionalismo *radical*, bem como a postura favorável ao capital estrangeiro, possibilitou o apoio da revista e do Grupo Associado, como um todo, ao governo JK¹⁷⁹, mesmo que muitos dos pressupostos básicos do desenvolvimentismo juelinista fossem combatidos pelo grupo, em especial o planejamento, a inflação e a primazia da industrialização no processo de desenvolvimento.

A este último aspecto, *O CRUZEIRO* viria a dedicar especial atenção. Contrapondo-se aos projetos industrializantes do período, a revista empenhou-se em defender a importância do setor agrícola de exportação que, ao lado do capital externo, seria a única maneira de atrair as divisas necessárias ao desenvolvimento do país. Já vimos anteriormente que, nesse período, os artigos de Chateaubriand passam a defender a idéia de que era o setor agrícola, não a indústria, que levaria o país ao pleno desenvolvimento capitalista, o que se refletirá nas fotorreportagens veiculadas.

Essa questão era um dos alvos preferenciais nos inúmeros artigos de Chateaubriand publicados na imprensa da época, ora em defesa do café, ora da borracha, do algodão ou até dos pinheiros. Também era tema de suas famosas campanhas nacionais, lançadas em seus veículos, tais como: Campanha de Nutrição do Solo Brasileiro – 1950; Campanha de Racionalização do Solo Mineiro – 1951; Campanha de Reabilitação do Café Nacional – 1953; Campanha de Irrigação do Solo Brasileiro – 1954; Campanha de Incentivo à Avicultura – 1955; Campanha da Lavoura Tropical Diferenciada, de Qualidade e Boa Produtividade – 1957; entre outras.

O alcance dessas campanhas deve ser entendido levando em consideração a importância de Chateaubriand e seus veículos no cenário brasileiro, que tinham, inclusive, poder para estabelecer uma pauta nacional.¹⁸⁰ Não só veiculava a informação, mas participava ativamente da realidade, criando ou execrando personagens e/ou fatos na medida que iluminava alguns e deixava outros na obscuridade, conforme seu critério. É nesta perspectiva que entendemos a criação e veiculação das “Campanhas Cívicas” promovidas pela rede, desde os anos 20, entre as quais a “Campanha dos Cafés Finos” de 1956.¹⁸¹ Elas decorriam do próprio entendimento sobre o papel dos Associados, ou seja, o de doutrinador.¹⁸²

Como visto anteriormente, Chateaubriand entendia que o café era a principal riqueza do país e defendia incentivos a sua produção, desde fiscais até tecnológicos, visando aumentar

¹⁷⁹ Os fatores especificamente políticos ligados a este apoio serão tratados no último capítulo da tese.

¹⁸⁰ WAINBERG, Jacques A. Op.cit. p. 55.

¹⁸¹ Chateaubriand já havia promovido em 1953, uma outra campanha similar: “Campanha para Reabilitação do Café Nacional”. A campanha de 1956 é lançada com a criação, pelos Associados, do Primeiro Salão de Cafés Finos. CARNEIRO, Glauco. Op. cit. p. 292.

¹⁸² WAINBERG, Jacques A. Op. cit. p. 55.

a produtividade e a qualidade para obtenção de vantagens sobre a concorrência. Esta idéia tem como base o pressuposto de que o país deveria se especializar na exportação de produtos tropicais para atrair divisas. Na defesa desse modelo de desenvolvimento, ele criou, em 1956, a Campanha dos Cafés Finos, utilizando todos os recursos de divulgação que estavam ao seu alcance, mobilizando toda a máquina associada, inclusive a recente e por isso mesmo precária, televisão. A revista *O CRUZEIRO*, como um dos principais veículos da rede, dispõe de muitos espaços para a campanha, divulgando as “convenções” do café em cidades de regiões cafeicultoras, com a presença de autoridades, líderes do movimento, personagens que as reportagens transformam em verdadeiros heróis nacionais, reproduzindo seus discursos na defesa da idéia, sempre em prol da viabilidade econômica da nação, não medindo, para isso, esforços. Nesse sentido, é significativo o vocabulário militar utilizado. A Campanha é tratada como uma verdadeira guerra a ser travada. Termos como *cruzada*, *batalha*, *legionários*, *exército* e *trincheira* são usados para provocar maior efeito sobre a opinião pública nacional, conforme inferimos do seguinte trecho: “O Espírito Santo entra na batalha dos cafés finos com um exército de quarenta mil cafeicultores decididos a lutar[...]”.¹⁸³ Os títulos das principais reportagens têm o mesmo apelo: “Ameaçado o Café”,¹⁸⁴ “Trincheira do Rio Doce”¹⁸⁵, “Melhorar ou Morrer”¹⁸⁶, SOS Cafés Finos.¹⁸⁷

As fotografias procuram representar a repercussão positiva da campanha nas cidades visitadas pela comitiva (sempre liderada por Chateaubriand) através de imagens da multidão presente nos comícios. A idéia de “multidão” é facilmente obtida com recursos técnicos fotográficos. Assim a reportagem “Trincheira do Rio Doce”¹⁸⁸ apresenta uma fotografia sobre a qual a legenda diz: “Grande massa assistiu aos debates [...]”.¹⁸⁹ O ângulo da foto, o jogo de luz e sombra e um efeito “esfumado” no horizonte não permite ver além da concentração humana que estava sendo focada, dando a impressão de infinitude. O mesmo recurso é utilizado na matéria “SOS Cafés Finos”.¹⁹⁰ Nessa predomina o efeito da iluminação, sendo que a indefinição do horizonte é dada pelo escurecimento gradual da imagem. Também aí a legenda auxilia na interpretação: “O povo de Ourinhos compareceu em massa [...]”.¹⁹¹

¹⁸³ *O Cruzeiro*, 15 dez. 1956.

¹⁸⁴ *O Cruzeiro*, 25 maio 1957.

¹⁸⁵ *O Cruzeiro*, 15 dez. 1956.

¹⁸⁶ *O Cruzeiro*, 09 jun. 1956.

¹⁸⁷ *O Cruzeiro*, 14 jul. 1956.

¹⁸⁸ *O Cruzeiro*, 15 dez. 1956.

¹⁸⁹ Idem.

¹⁹⁰ *O Cruzeiro*, 14 jul. 1956.

¹⁹¹ Idem.



Figura 12: SOS Cafés Finos. O CRUZEIRO, 14 jul. 1956.

As imagens buscam também evidenciar as diferenças entre os cafés finos e os tradicionalmente cultivados no Brasil. Contrastes entre o velho e o novo, o manual e o mecânico, o sujo e o limpo são a ênfase da reportagem que dá início à divulgação da campanha na revista. A estruturação da página dupla inicial chama atenção pelo seu efeito significativo. Privilegiando o material iconográfico, compõe-se de duas imagens principais que ocupam quase todo o espaço. De um lado, mãos seguram um punhado de café limpo (finos); do outro, a repetição do gesto, porém com cafés sujos. Abaixo, duas outras pequenas fotografias referem-se a métodos distintos de colheita. Além das imagens, apenas duas legendas, explicando a diferença entre a qualidade do produto constam como material descritivo. O título da matéria está no pé da página em destaque. A palavra “Melhorar” situa-se abaixo da imagem referente ao café fino, e a “Morrer” abaixo da outra, do café sujo. O recurso é utilizado na seqüência da mesma reportagem opondo o trabalho manual ao mecânico na produção do café. Assim fotos do processo manual de seleção e secagem dos grãos contrapõem-se a outras do mesmo procedimento com a utilização de maquinário. As legendas dessas fotos informam sobre as vantagens da mecanização.

Novamente a idéia-força que se depreende é a do *atraso versus desenvolvimento/progress*. Esta, segundo Jacques Wainberg é o motor principal das “campanhas cívicas” de Chateaubriand. O autor diz que o atraso do país pleno de

possibilidades” tornar-se-ia o motivo ideológico de sua pregação política, realizada durante sua vida, principalmente através de seus veículos”.¹⁹²

Ao virar a página, o leitor depara-se com uma fotografia de uma menina mostrando um prego. O texto e a legenda informam que o material era parte das impurezas encontradas no café brasileiro numa torrefação de café de Indianápolis-EUA. A imagem reforça a idéia da baixa qualidade do produto nacional e a necessidade de “melhorar.”



Figura 13: Melhorar ou Morrer. *O CRUZEIRO*. 09 jul. 1956.

O aspecto pedagógico, comum as outras temáticas tratadas pela revista, é um recurso utilizado para o convencimento do público. Explicações detalhadas sobre o procedimento técnico permeiam todas as reportagens em questão, entretanto, aparecem de forma mais clara na intitulada “Ameaçado o Café”,¹⁹³ quando é publicada uma entrevista com o Sr. Mário Pentead, presidente do Instituto Brasileiro do Café e diretor da Confederação Rural Brasileira, fornecendo o aval técnico à campanha. A revista publicou uma série de perguntas com as respostas dadas pelo técnico que tinham por objetivo explicar e avaliar a campanha. Sua receita principal foi destacada do texto e colocada no título da segunda página dupla: “1.

¹⁹² Idem. p. 44.

¹⁹³ *O Cruzeiro*, 25 maio 1957.

Métodos técnicos e racionais de colheita e secagem, 2. Adoção de métodos mecânicos de limpeza do café”.¹⁹⁴ As explicações são acompanhadas de imagens que mostram os diferentes tipos de café produzidos no mundo. Além das questões que já vinham sendo discutidas nas matérias anteriores, essa aponta para uma nova ameaça: o café solúvel, o que tornaria mais urgente a modernização de nossa produção. Por isso, indo ao encontro das idéias defendidas pelos Associados, ele indica a possibilidade de recorrer, para tal, ao capital estrangeiro.

A campanha lança mão ainda de um outro recuso promocional: o concurso de Rainha do Café. De acordo com a própria explicação dada em *O CRUZEIRO*, o concurso tinha como objetivo principal promover a divulgação da campanha, dando-lhe um caráter festivo, não se reduzindo apenas a reuniões de discussões econômicas. O concurso congregaria a “família cafeeicultora”¹⁹⁵ brasileira, literalmente, uma vez que a maior parte das candidatas eram filhas de fazendeiros. Preocupa-se em informar que este concurso não tem o caráter fútil da maioria dos concursos, mas possui um objetivo muito mais nobre, ou seja, o engajamento na “Campanha dos Cafés Finos”. A vencedora representaria o Brasil num certame a nível latino-americano, na Colômbia, com um duplo objetivo: “Fazer a propaganda do Brasil e incentivar a produção de cafés finos”.¹⁹⁶

A “Campanha dos Cafés Finos” criada e divulgada pela rede Associada era concebida numa perspectiva evolucionista da história do país. Assim, era necessário o domínio de mais uma etapa, a técnica, neste caso aplicada à melhoria do café. Portanto, a defesa dos Associados à produção agrícola do país em detrimento de uma indústria nacional não implica na negação da modernidade, ao contrário, explicita e defende um dos caminhos para lá chegar, aquele que considera o único viável para o desenvolvimento do país. Em última análise, o objetivo explícito era fazer com que o Brasil ingressasse no mundo ocidental civilizado e despontasse como uma nova potência mundial. Nesta trajetória, os ensinamentos e o apoio dos que já atingiram essa fase seriam fundamentais. Nesse sentido, é esclarecedor o slogan da Campanha dos Cafés Finos: “Precisamos produzir cafés finos para que o Brasil possa falar grosso”.¹⁹⁷

Embora o café fosse considerado pela revista o carro-chefe, o país deveria explorar outras riquezas naturais, especialmente aquelas típicas dos países tropicais. As reportagens, nessa linha, mostram produtos a serem explorados e a riqueza do país, geralmente acompanhadas de uma crítica sobre a carência de investimentos políticos, econômicos e

¹⁹⁴ Idem.

¹⁹⁵ *O Cruzeiro*, 19 jan. 1957.

¹⁹⁶ *O Cruzeiro*, 26 jan. 1957.

¹⁹⁷ *O Cruzeiro*, 15 dez. 1956.

tecnológicos nessa área. Assim, numa mesma edição da revista, deparamo-nos com duas matérias nesse sentido. Uma delas destaca uma plantação de tomates no Nordeste, onde se criaria um *parque agro-industrial*¹⁹⁸, outra, onde o Senador Assis Chateaubriand, a partir da plantação de fumo no interior do Maranhão, anunciava uma *revolução na economia da região*.¹⁹⁹

Na reportagem “Fumo, Talento e Revolução trinômios da grandeza de Codó”, o “bandeirante” é Assis Chateaubriand, que visita uma cidade do sertão maranhense – CODÓ -, e anuncia que a revolução que tornará o Maranhão “[...] uma das mais poderosas unidades econômicas do Brasil,”²⁰⁰ partirá daquela localidade. A matéria é composta por cinco fotografias e um pequeno texto. A foto maior é uma vista aérea da cidade, evidenciando a imensidão de terras que se perde no horizonte. O projeto anunciado é a divisão das terras (antiga sesmaria) em pequenos lotes e a formação de uma cooperativa, para melhor aproveitamento econômico, nesse caso, produção do fumo. O discurso destaca que a realização desta “revolução”, conta com os “*homens de bem*” de Codó. Ao ler a matéria, tem-se a impressão de que o processo de desenvolvimento – a *revolução* – está em marcha, não é um projeto, mas uma ação levada a efeito por um grupo específico, “*os homens de bem*”, aqueles que têm o *talento*.

Nas páginas de *O CRUZEIRO*, portanto, o Brasil era representado através da veiculação de imagens e textos que mostravam uma série de oposições: atraso/desenvolvimento; miséria/riqueza; tradição/vanguarda, refletindo e intensificando o imaginário nacional sobre o momento de desenvolvimento vivenciado pelo país na época. BAITZ²⁰¹, ao analisar as imagens fotográficas veiculadas nas revistas semanais brasileiras no mesmo período, diz que a imprensa “abrandava” a miséria, essa era somente considerada à medida que era aquilo que o progresso haveria de redimir, portanto fadada à extinção.

A conotação positiva ou negativa dada às reportagens de *O CRUZEIRO* orientava o leitor sobre o modelo do país a ser construído, de acordo com a postura ideológica da revista, ou melhor, de seu proprietário. Assim, o confronto constante entre os dois Brasis – o atrasado e o que estava em construção – apareciam como dois lados de um mesmo processo, o desenvolvimento e trazia, para um público mais amplo, aquelas discussões que estavam sendo realizadas nos núcleos intelectuais e políticos do país.

¹⁹⁸ *O Cruzeiro*, 16 abr. 1955.

¹⁹⁹ *Idem*.

²⁰⁰ *O Cruzeiro*, 14 maio 1955.

²⁰¹ BAITZ, Rafael. *Op.cit.* p. 71.

O que pretendemos mostrar é que, defendendo uma ou outra corrente, o que estava em discussão era o desenvolvimento do país e, se o imaginário da época definiu-o como *anos dourados*, não foi em função deste ou daquele grupo, mas porque diversos setores da sociedade estavam discutindo os rumos da nação e a revista *O CRUZEIRO* contribuiu para que a discussão chegasse ao grande público, não através dos textos acadêmicos de Celso Furtado, Roberto Campos ou Eugênio Gudim, mas pelas imagens dos *Brasis* que compunham todas as edições, difundindo e intensificando uma idéia-força central, a do atraso *versus* desenvolvimento.

3 DESENVOLVIMENTO E CULTURA

3.1 CULTURA NACIONAL

Neste capítulo as fotorreportagens da revista *O CRUZEIRO* serão analisadas como representações destinadas a afirmar, de um lado, uma cultura nacional mais afinada com a modernidade pela qual passava o país, pautada pelas novas formas e expansão dos meios de comunicação e sociabilidade, decorrentes, sobretudo, do intenso processo de urbanização vivenciado na época. De outro, modelos de comportamentos e condutas mais adequados àqueles entendidos como próprios do mundo civilizado.²⁰²

Vimos, no capítulo anterior, que a revista *O CRUZEIRO* foi um instrumento de divulgação de um dos modelos de desenvolvimento econômico proposto para a nação. Este, entretanto, não se limitava a defender medidas puramente econômicas, mas era muito mais abrangente, implicando numa transformação/adequação da cultura nacional a nova realidade brasileira.

Nesse sentido, Celso Furtado chama atenção para a dimensão não econômica do desenvolvimento. Esse só pode ser analisado a partir da interação do econômico com o não econômico, para ele,

[...] o desenvolvimento não é pura questão do aumento de oferta de bens ou de acumulação de capital, possui ele um sentido, é um conjunto de respostas a um projeto de autotransformação de uma coletividade humana. Mesmo quando se trata de um fenômeno induzido, isto é, quando o fator dinâmico primário vem do exterior, o sentido do desenvolvimento decorrerá do projeto de autotransformação que se crie na coletividade, ou nos grupos que nela exerçam uma atividade política.²⁰³

Para *O CRUZEIRO*, constituía-se num projeto “civilizatório”. Conforme foi afirmado pelos próprios autores que estudaram o perfil de Assis Chateaubriand, ele acreditava no

²⁰²As lutas simbólicas, ou de representação inserem-se numa fase do processo civilizador que transformou “os confrontos sociais abertos e brutais em lutas de representação cujo objetivo é o ordenamento do mundo social, logo a ordenação reconhecida a cada estado, a cada corpo a cada indivíduo” Norbert Elias citado por CHARTIER, Roger. Op.cit. p. 172.

²⁰³ FURTADO, Celso. Op.cit. 1975.

“poder civilizatório do capital internacional”²⁰⁴ ou ainda na “reeducação pelo capitalismo”.²⁰⁵ O objetivo era inserir o Brasil no mundo *civilizado*, integrando um momento importante do *processo civilizador*²⁰⁶ pelo qual acreditava-se estar passando o país. Para pôr em prática tal objetivo, empenhou-se em construir e difundir determinados padrões de comportamentos e de cultura mais adequados ao modelo de desenvolvimento que a revista e seu proprietário defendiam, participando, assim, da luta propriamente simbólica pela imposição de uma determinada visão do país.²⁰⁷

Acreditamos que *O CRUZEIRO*, através de reportagens recheadas de fotografias, ajudou a produzir um discurso sobre o nacional, no qual a diversidade física e cultural do país aparecia como traço característico da brasilidade, ou seja, as particularidades regionais transmutavam-se em nacionais, unificando as diferenças. A revista, assim, construiu e difundiu uma determinada imagem da nação²⁰⁸, contribuindo, desse modo, para a formação de uma identidade nacional.

Importante ressaltar que a problemática da identidade nacional foi freqüentemente debatida no país, ganhando conotações específicas, de acordo com os diferentes momentos históricos vivenciados. Para melhor compreensão dessa questão, traçaremos um breve resumo de tal processo.

No século XIX, o problema que se colocava era definir o fundamento do “Ser Nacional”, como base do novo Estado Brasileiro independente diante de um futuro ainda incerto e distante. Nas primeiras teorias “científicas”, cujos expoentes principais foram Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, raça e meio eram os definidores da realidade brasileira e do próprio comportamento dos indivíduos. Assim, indolência e preguiça eram características do brasileiro, decorrentes do meio e do predomínio, no país, das raças não brancas, uma visão, portanto, negativa do “Ser Nacional”.

Já nos anos 30 do século XX, a realidade do país era outra. O crescimento econômico, a urbanização e as mudanças políticas indicavam os rumos do desenvolvimento, fazendo-se necessário a formulação de teorias que dessem conta do novo contexto. Assim, a

²⁰⁴ TAVARES, José Nilo. Op.cit.

²⁰⁵ CARNEIRO, Glauco. Op.cit.

²⁰⁶ Definido, conforme Elias, como um conjunto mais amplo de transformações num processo contínuo e de longa duração resultando numa mudança “civilizadora” do comportamento. ELIAS, Norbert. O.p.cit.

²⁰⁷ Lutas simbólicas entendidas aqui conforme BOURDIEU, Pierre. Op.cit. p. 14: Luta pelo poder de “fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força(física ou econômica) [...]”

²⁰⁸ Entendendo nação não como uma entidade política, mas como um sistema de representação, ou seja, um conjunto de significados. Nação é comunidade imaginada através de símbolos e representações. HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

raça foi substituída pela cultura (culturalismo). Foi Gilberto Freyre o maior interprete dessa linha, que transformava a negatividade do mestiço em positividade a partir do chamado *mito das três raças*, completando a formação de uma identidade do brasileiro. A ideologia da mestiçagem tornou-se, então, censo comum para ser celebrada nos grandes eventos como carnaval e futebol. O que era mestiço tornou-se, afinal, nacional.

O nacional ganha primazia nos anos 1930-40 atrelado ao Estado centralizado. A intelectualidade brasileira é cooptada pelo Estado a fim de forjar a nacionalidade. Esta, pautada pelo romantismo, elegeu os aspectos folclóricos como base da nação. O folclore era considerado, então, como meio mais eficiente para afirmar a identidade nacional. O povo era entendido como testemunha e arquivo de tradição. As tradições seriam as formadas pela relação entre as três raças, destacando a contribuição de cada uma. A idéia era aproveitar, na formação do povo brasileiro, o que havia de positivo nas três.

Embora não plenamente desenvolvida, a nação brasileira já era uma realidade nos anos de 1950. O momento era não mais de transição, mas de afirmação. A conclusão dos *isebianos* de que nessa época já existia no Brasil uma sociedade civil, confirma esse fato. Órgão do Ministério da Educação e Cultura, o ISEB foi um dos núcleos mais importantes da elaboração da ideologia desenvolvimentista entre 1955-64. Os intelectuais ligados ao órgão remodelaram a idéia de cultura, ligando-a a de projeto social, na medida em que a cultura passava a ser elemento da transformação sócio-econômica. O entendimento de cultura para esses intelectuais era mais politizado, deveria servir à conscientização, afastando-se da idéia de diversão e lazer. Esses intelectuais viam-se como porta-vozes do povo, cuja missão seria a de conscientizá-lo numa visão populista de cultura.

Renato Ortiz²⁰⁹ aponta para o ideário *isebiano* como matriz do pensamento nacional, caracterizado pela oposição ao colonialismo, decorrendo daí, termos hoje bastante conhecidos, como cultura alienada, colonialismo cultural, etc. Para este grupo, “a nova sociedade aparece comprometida com a nação, o progresso e o desenvolvimento industrial” e sua missão seria “[...] integrar as camadas populares, criar uma arte de acordo com a nova realidade.”²¹⁰

Concomitantemente a essa visão populista, vigorava, ainda, a romântica, representada, sobretudo, pelos intelectuais da Academia Brasileira de Letras. Este grupo diante da “ameaça da modernidade” preocupou-se, então, em fazer do folclore uma *ciência* que criasse métodos de registro e análise das tradições populares. Para ele, a idéia de povo “só

²⁰⁹ ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

²¹⁰ VELLOSO, Mônica Pimenta. **A Dupla Face de Jano: Romantismo e Populismo**. In.: GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK**: 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 172.

adquire sentido no mundo do folclore” e a cultura popular é entendida como “documento que fala sobre a nação”²¹¹ de uma forma quase mítica. Este ideário distingue o popular-rural, visto como positivo, do popular urbano, negativo.”²¹² Para o grupo, o popular seria a essência da nacionalidade, porém era necessário lapidá-lo, tarefa que caberia aos intelectuais. Não compactuavam com a idéia politizada de cultura proposta pelo ISEB, para eles o povo não teria capacidade nem disponibilidade para apreciar a estética.²¹³

Ortiz define a corrente folclorista como conservadora, que valoriza a tradição como presença do passado, sendo que o progresso é entendido como dessacralização da sabedoria popular opondo-se às transformações sociais. Esse modelo, segundo o autor, passa a ser questionado, nos anos de 1950, pelos movimentos mais progressistas de cultura popular, que a definem em termos de transformação, havendo, então, um rompimento entre cultura popular e folclore.²¹⁴

Para Mônica Pimenta Velloso, apesar das diferenças, há, na época, um encontro entre as duas correntes- populismo e romantismo -. Ambas entendem a “idéia de povo como essência da nacionalidade.” “Na década de 50 o povo é o grande eleito: seja como portador da tradição, da transformação ou da contestação”.²¹⁵

Portanto, a cultura, no período, tinha como problemática central a categoria povo que passou a pautar a maioria dos discursos e projetos dos intelectuais dos anos 50. As transformações econômicas e sociais pelas quais passava o país traziam consigo a necessidade de inserção da cultura popular, entendida cada vez mais como sinônimo de brasilidade.

O dilema que se colocava, na época, para os intelectuais e as elites era de que forma inserir o povo na cultura nacional. Para a esquerda reformista, representada pelo ISEB, esta inserção dar-se-ia através de sua conscientização, educando-o para participar do progresso em consonância com o projeto desenvolvimentista; para os folcloristas, sua inclusão dar-se-ia através do resgate/registro das expressões entendidas como puramente populares, entendidas como tradição, encontradas, sobretudo, no mundo rural. Porém não podemos esquecer dos meios de comunicação que se massificavam nesta época. O rádio se consolidara como o grande veículo de comunicação popular, presente em praticamente todos os lares do país, permitindo o acesso das camadas populares aos novos produtos culturais. Para este setor – empresários da comunicação - interessava a inserção da cultura popular somente enquanto mercadoria.

²¹¹ Ibidem. p. 187.

²¹² Ibidem.p. 190.

²¹³ Ibidem.p. 191.

²¹⁴ ORTIZ, Renato. Op.cit. 1985, p. 71.

²¹⁵ VELLOSO, Mônica Pimenta. Op.cit. p. 191.

As comunicações massivas, embora utilizem amplamente os aspectos folclóricos como mitos, festas, superstições, etc., apropriam-se e divulgam o popular de forma diferente dos folcloristas, tal qual era entendido pelos membros da ABL e acabam agindo como concorrentes do folclore. O popular passa a ser, na mídia, o que vende, o que cai no gosto das multidões, não o que é criado pelo povo.

Porém essa massificação da cultura popular causava certa resistência entre as elites que entendiam aquelas expressões artísticas, que viam, como grotescas, como um atestado da situação de subdesenvolvimento e de atraso do país. Os melodramas das novelas de rádio, programas de auditório, as chanchadas da Atlântida ou da Praça Tiradentes eram exemplos deste “mau gosto” na ótica das elites.

É a partir dessas questões que parte da elite brasileira, em especial a paulista,²¹⁶ na década de 1950, empenhar-se-á em um outro projeto de cultura nacional, mais sofisticado, mais afinado com as culturas “superiores” dos países desenvolvidos, enfim, mais adequado ao estágio de desenvolvimento pelo qual passava o país. Neste período, a cultura paulistana identificava-se com o progresso e a possibilidade de um futuro civilizado e internacionalmente articulado nas diferentes áreas de expressões artísticas.²¹⁷

[...] A palavra de ordem, em São Paulo, era atualização cultural, busca de um compasso com o mundo desenvolvido. Em outras palavras, atualizar as formas, representações e tecnologias da produção artístico-cultural, cujo modelo era a “cultura” do mundo desenvolvido. [...] Nesse projeto, forjava-se uma outra identidade brasileira, mais preocupada em mostrar “modernidade” e sofisticação de forma e conteúdo[...].²¹⁸

A este projeto vinculou-se a revista *O CRUZEIRO*. O próprio Chateaubriand esteve pessoalmente envolvido através, sobretudo, da criação do Museu de Arte de São Paulo (MASP) já em 1947.²¹⁹ Ele era parte de uma geração de empresários paulistas que se

²¹⁶ Importante lembrar que São Paulo foi a cidade mais afetada pelas transformações vivenciadas pela sociedade brasileira em decorrência do surto industrial e do crescimento econômico da época.

²¹⁷ ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e Cultura**: O novo modernismo paulista em meados do século. In.: Tempo Social; Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 9(2):39-52, outubro de 1997.

²¹⁸ NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira**: Utopia e massificação (1950-1980). São Paulo: Contexto, 2006. p. 18.

²¹⁹ O MASP foi fundado em 1947, por Assis Chateaubriand com ajuda do crítico de arte, marchand e antiquário italiano Pietro Maria Bardi, diretor do museu, de sua fundação até 1990. Chateaubriand forma a mais importante coleção de arte européia na América Latina. As obras são adquiridas, sobretudo, entre 1947-1960. Bardi, ex-proprietário de galerias em Milão e Roma, incumbiu-se de procurar e selecionar as obras a serem compradas na Europa e Estados Unidos, enquanto Chateaubriand se incumbia de encontrar doadores e potenciais mecenas engajados em sua causa de dotar o Brasil de um Museu internacional. Seus métodos de persuasão incluíam trocas de favores e transações muitas vezes ilícitas. A coleção se notabiliza pelo conjunto de pinturas italianas do século XIII ao XIX e pela coleção de arte francesa, a mais extensa do museu, destacando-se os impressionistas e pós-impressionistas. De 1953 a 1957, é realizada uma turnê internacional com o acervo principal, que é amplamente visitado em países como França, Alemanha, Bélgica, Inglaterra, Itália e Estados Unidos.

dedicaram ao mecenato, apoiando artistas, doando obras, comprando peças artísticas. Chateaubriand foi figura de expressão ao lado de um membro da família de seu arquiinimigo, o conde Matarazzo. Ciccilo Matarazzo, com o mesmo propósito, criaria o Museu de Arte Moderna (MAM), em 1948, que levaria o Brasil ao mundo através das Bienais. Suas divergências pessoais e profissionais não impediam que defendessem, em termos culturais, o mesmo projeto. Arruda diz que este movimento foi empreendido pela nova burguesia paulista em busca de ascensão e legitimação. A autora localiza os agentes deste processo:

um pequeno grupo de burgueses em que se misturam a antiga elite da terra e a elite mais recente de origem italiana e que incorpora à velha intelectualidade oficial burguesa uma nova intelectualidade surgida quer do seu seio quer das classes médias.²²⁰

Eles inauguraram uma nova prática, projetando-se no mundo econômico através de empreendimentos culturais de cunho internacional. Tanto o MAM quanto o MASP eram portadores de uma proposta pedagógica em relação à sociedade, objetivando educá-la.

Conforme as palavras do próprio Chateaubriand, o MASP mostraria a existência, no Brasil, de homens “com inteligência, cultura e sensibilidade para elaborar uma coleção de peças de arte em condições de formar o gosto de um povo, disciplinar o das elites e representar, no estrangeiro, o nível intelectual da sua terra”,²²¹

Entretanto, não se pode esquecer que o mesmo criador do MASP, Assis Chateaubriand, era também o maior empresário dos meios de comunicação do Brasil na época, sendo proprietário de uma rede de jornais, revistas, estações de rádio e o pioneiro na abertura da televisão brasileira. Esse fato é importante para o nosso estudo, na medida em que essa dualidade vai transparecer nas fotorreportagens da revista, quando de um lado dedica-se à divulgação da cultura refinada européia; e, de outro, a difundir e promover a cultura popular, moldando-a, adequando-a aos padrões do mundo desenvolvido. Evidencia-se assim, na revista, a polêmica que, segundo Velloso, estaria na ordem do dia ao longo dos anos 1950, aquela “que opõe o erudito e o popular, o sublime e o vulgar”.²²²

No presente capítulo, objetivamos analisar as fotorreportagens, veiculadas entre os anos de 1955 e 1957, que nos informam sobre a construção e divulgação de modelos de

²²⁰ ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. Op.cit. p. 47.

²²¹ CARNEIRO, Glauco. Op. cit. p. 274.

²²² VELLOSO, Mônica Pimenta. Op.cit. p. 175.

comportamento e estilos de vida, bem como sobre o processo de padronização da cultura nacional, elementos entendidos como estratégias de um projeto civilizador empreendido pela revista *O CRUZEIRO*. Para tal, dividimos as reportagens em dois conjuntos temáticos: um enfatiza os personagens que mais assiduamente freqüentam as páginas da revista: as misses, os ídolos do esporte e os astros de Hollywood. Outro privilegia as reportagens de caráter cultural, que mostravam as diferentes manifestações culturais do país, tanto aquelas que integram a chamada cultura popular quanto as expressões das artes tradicionais.

3.2 CULTURA: O ERUDITO E O POPULAR NA FORMAÇÃO DA CULTURA NACIONAL

O processo de industrialização levou a melhoras no nível de alfabetização, aumento do poder aquisitivo, maiores necessidades de lazer e informação, principalmente, nos grandes centros, onde passaram a se concentrar cada vez mais as Instituições legítimas. Os periódicos cresciam junto com o mercado de consumo e os avanços tecnológicos; a cultura popularizava-se, estimulada pela fase democrática pela qual passava o país, evidenciando a insipiência de uma indústria cultural. Entretanto, para Ortiz, a fase era ainda de sua gestação no país, pois a cultura nacional não possuía, na época, um caráter integrador, seja por condições técnicas das comunicações, seja por culturais.

Podemos dizer que a revista *O CRUZEIRO* buscava cumprir esse papel integrador; de um lado, por ser a principal publicação a atingir todo o espaço nacional; de outro, por tentar trazer para suas páginas a diversidade do país, num esforço de construção de uma cultura nacional na medida em que nacionalizava e elitizava o popular. Para Ortiz, isso era um sintoma da fase pela qual passava o Brasil na época, ou seja, a insipiência de uma sociedade moderna, quando ocorria uma interpenetração da esfera de bens eruditos e populares, intermediada pelos meios de comunicação de massas. Essa característica evidencia-se na revista quando, ao mesmo tempo em que divulgava obras de arte, peças clássicas do teatro europeu, obras clássicas da literatura, registrava as imagens de Chateaubriand, vestido de cangaceiro em eventos públicos instituir a *Ordem o Jagunço*.²²³

²²³ Chateaubriand criou a Ordem do Jagunço, com a qual condecorava empresários e autoridades nacionais e internacionais, as quais deveriam usar os adereços típicos do vaqueiro nordestino. MORAES, Fernando. Op.cit. 1994.

Nesse sentido, a cultura nacional deve ser pensada para além da estrutura de classes. Seria mais adequado utilizarmos o conceito de circularidade cultural adotado por Ginzburg²²⁴, onde o popular define-se através de um processo de interpenetrações culturais, neste caso, intensificada e, às vezes, criada pelos meios de comunicação de massa.

Como vimos, o desenvolvimento econômico não esteve desvinculado do processo de construção de uma cultura nacional que, na revista, era pautada pela referência aos modelos externos, aos aspectos folclóricos da cultura brasileira e, também, por alguns dos movimentos de vanguarda que surgiam, especialmente, nas artes como no caso do Concretismo e, mais tarde, da Bossa Nova. Parafraseando Ortiz, a vontade de ser moderno correspondia à vontade de ser nacional, ambas partes de um mesmo processo que, em última análise, buscava a integração do país à civilização ocidental capitalista, sendo que:

[...] o desafio da revista foi justamente a busca de acertar o relógio histórico nacional de acordo com o tempo dos centros dinâmicos da economia e da cultura, ainda que sob a pena de acirrar a dependência [...].²²⁵

Diferente da cultura colonial oligárquica, ao novo panorama político-econômico do país deveriam corresponder outros padrões culturais, de preferência, conforme descrito anteriormente, com base na cultura popular²²⁶. Não significa que não pudéssemos nos apoiar em modelos externos que, na revista, eram aceitos de bom grado, mas que tivéssemos elementos essencialmente brasileiros com os quais fôssemos identificados e, principalmente, reconhecidos no exterior.

Para o entendimento deste processo evidenciado nas reportagens da revista, apoiamos nas idéias de Hall sobre cultura nacional. Para ele:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentido que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...].²²⁷

²²⁴ GINZBURG, Calo. **O Queijo e os Vermes**. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

²²⁵ GAVA, José Estevam. **Momento Bossa Nova**: Arte e modernidade sob os olhares da revista *O Cruzeiro*. In.: Estudos de Jornalismo e Mídia. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. Vol.II n. 1 – Julho 2005.p. 135.

²²⁶ Cientes da difícil delimitação do conceito de cultura popular e dos debates sobre a questão, estamos empregando o termo, aqui, como formas de expressão tradicionalmente reconhecidas como sendo do âmbito do popular e que, nesse sentido, diferenciam-se daquelas da “cultura letrada”.

²²⁷ HALL. Op.cit. p. 50.

Mais do que construir um determinado discurso sobre o nacional, a revista tratou, na época, de atualizá-lo, incrementando-o com modelos e conteúdos externos e disciplinando o popular nacional, num processo dialético contínuo entre o erudito e o popular.

Dessa forma, durante todo o período estudado, pudemos observar, pela quantidade e extensão das reportagens dedicadas ao tema, uma clara intenção de promover a difusão da cultura erudita no Brasil, símbolo da civilização ocidental, especialmente a europeia. O empenho de Chateaubriand na criação e manutenção do MASP, cuja campanha a revista promoveu e divulgou, dão-nos a medida desse objetivo. Mas, *O CRUZEIRO* também se empenhou em desenvolver uma cultura essencialmente nacional. Nesse sentido, as expressões artísticas clássicas deveriam ter por base temas brasileiros, expressando, assim, a essência da nação, idéia, como vimos, presente nos discursos das diferentes correntes intelectuais.

Para demonstrar o acima exposto, analisaremos, a seguir, um conjunto de reportagens referentes a um espetáculo de Ballet, organizado por ocasião de IV Centenário da cidade de São Paulo.

Numa série de quatro reportagens, *O CRUZEIRO* faz a apoteose do ballet realizado em São Paulo para comemoração dos 400 anos da cidade. Para tal realização, uma Comissão artística já havia sido constituída dois anos antes, decidindo pela contratação de um coreógrafo de renome internacional, Milloss.

A primeira reportagem da série foi anunciada na capa da revista: “Neste número: Tire o chapéu a São Paulo: Ballet do IV Centenário: Primeira de uma série de 4 deslumbrantes reportagens sobre o conjunto coreográfico paulista que colocou de repente, o Brasil neste setor no primeiro plano mundial”.²²⁸ A chamada destaca, ainda, que a reportagem é “*em cores*”,²²⁹ o que valoriza as imagens do espetáculo, cujas cores tem um papel fundamental, especialmente, nos temas nacionais onde o colorido é descrito como símbolo da tropicalidade do país.

A primeira página é composta por um pequeno texto e duas imagens. Elas mostram um grupo pequeno em poses de bailarinos, numa composição bastante simples. A legenda completa o sentido: “Grupo de Fantasia Brasileira”, que entre outras coisas pode sugerir boas fantasias para o carnaval...”.²³⁰ O texto informa sobre como haviam sido, até aquele momento, as apresentações dos “bailados brasileiros”: “Anos a fio foi apresentado o eterno repertório Tra-Tro (Traviatas e Trovadores) de um lado, e Giseles e Lago dos Cisnes de outro, devidamente choramingados por volumosos cantores, e convenientemente tropeçados por bailarinos medíocres.”²³¹

²²⁸ *O Cruzeiro*, 05 fev. 1955.

²²⁹ Nesta época, poucas páginas eram coloridas, pois a impressão em cores era, ainda, bastante trabalhosa e cara. As reportagens coloridas, geralmente eram anunciadas na capa com a expressão: “Em cores”.

²³⁰ *O Cruzeiro*, 05 fev. 1955.

²³¹ Idem.

Observa-se que a matéria situa essas apresentações no *passado* da história da cultura brasileira. Além disso, mesmo interpretando coreografias clássicas como Gisele e Lago dos Cisnes, os grupos não são referidos como companhias de Ballets, mas bailados.



Figura 14: Reportagem: Ballet do IV Centenário. O CRUZEIRO. 05 fev. 1955.



Figura 15: Reportagem: O Brasil faz um "Grand-Jeté" de 400 anos. O CRUZEIRO, 26 fev. 1955.

A essa página inicial, que remete ao passado dos espetáculos no Municipal, seguem-se as próximas em que as transformações são descritas num texto mais extenso: o trabalho do novo coreógrafo – estrangeiro -, o objetivo de utilizar temas nacionais, a contribuição de artistas nacionais. As fotografias enfatizam a harmonia do Ballet clássico, destacando os movimentos dos bailarinos. As peças, em evidência nas imagens, no título e nas legendas são estrangeiras, *Passacaglia* de *Bach* e *Petruchka* de *Stravinski*. Somente num pequeno trecho aparece um comentário sobre a última parte do espetáculo, que se inspirou no Brasil, intitulada *Fantasia Brasileira*. Ele precisava melhorar; “nossos costumes e nossas danças estão aí demasiado estilizados, com momentos um pouco falsos. Serve para nos dar uma idéia do que poderá fazer Milloss quando aprofundar seus conhecimentos de nossas coisas e nossas festas populares”.²³²

A segunda reportagem da série mostra, novamente, imagens coloridas do ballet, não se referindo, no entanto, nem no texto, nem nas fotografias à temática nacional. A ênfase é a obra do coreógrafo, reconhecida na Europa, que foi entrevistado por *O CRUZEIRO*. A terceira reportagem, por sua vez, retoma a temática do nacional, de maneira, agora, mais intensa. Texto e imagens põem em evidência essa questão. As imagens são muito coloridas, com o predomínio do verde, uma das cores símbolo do Brasil. A maioria delas retrata as coreografias elaboradas com temas brasileiros: *Uirapuru*, com música de *Villa Lobos* e *Guarda Chuva*, com música de *Francisco Mignone*. As fotografias superam, em grande parte, o espaço dedicado ao texto que reforça e completa o sentido nacional das imagens:

Sabemos que estamos anos-luz da perfeição, mas ao menos nossa personalidade já se encontra basilarmente formada. Temos nossa pintura, nossa arquitetura, nossa escultura, nossa literatura, nossa música e, agora – nosso ballet-. Nas diversas formas de arte, vamos começando a ter nossa vida própria, autônoma e personalíssima. Não estamos mais dispostos a imitar ninguém. Exceto os contatos normais e indispensáveis, mais nada.(...) Vade retro pois, uma arte postiça, pour épater, sem vínculos com nossas origens, nossa natureza, nossas tradições e nossa gente.²³³

A última reportagem, “O Brasil faz um “Grand-Jeté” de 400 anos”²³⁴, apresenta novo conjunto de fotos da quarta parte do espetáculo, variando entre temas nacionais e estrangeiros. Um casal de bailarinos de verde e amarelo é destaque na primeira página, que junto com um

²³² Idem.

²³³ *O Cruzeiro*, 19 fev. 1955.

²³⁴ *O Cruzeiro*. 26 fev. 1955.

personagem todo de branco, no ar, realizando um *grand-jeté*, enfatiza a mensagem-título. O título dá um significado especial à matéria. *O grand-jeté* é um exercício com um alto grau de dificuldade no Ballet e que tem um grande efeito visual. O fato de o Brasil conseguir realizá-lo seria um indício de que essa arte estava atingindo a maturidade no país e ao mesmo tempo, conforme o título, o próprio Brasil dá esse grande salto de 400 anos. E, ao que tudo indica, principalmente através de São Paulo e de seu crescimento. O espetáculo teve uma peça de temática nacional, *A Cangaceira*, cujas fotografias, na reportagem, destacam-se sobre as demais, porém, no texto, há novamente a crítica de que a obra ainda não chegara à perfeição desejada.

O conjunto das quatro grandes reportagens segue uma organização que evidencia uma determinada lógica, assumindo uma dimensão histórica: - passado pobre, presente em desenvolvimento e um futuro próspero - difundindo uma imagem de um país que está ingressando na civilização e, para tal, passa por um processo de aprendizagem com os “mestres” dos países desenvolvidos, sem, no entanto, descurar de suas particularidades regionais, ou seja, sua identidade baseada na cultura popular. Assim, a reportagem inicia-se com uma imagem negativa, medíocre do ballet nacional que, após a contratação de Milloss, é renovado, transformando-se e, ao mesmo tempo, formando um público que passa a apreciá-lo, em parte, pela habilidade e qualidade técnica do coreógrafo; em parte pela incorporação de temas nacionais. A adoção desses temas, no entanto ainda era lenta, incompleta, sendo inegável a superioridade das peças estrangeiras, conforme descreve a reportagem. Mas, estávamos no caminho e não poderíamos retroceder: “Se o Brasil dissolver o “Ballet do IV Centenário” será melhor logo que volte às Capitânicas Hereditárias”.²³⁵

A renovação da cultura nacional, empreendida por parte da burguesia brasileira, foi atuante em diversas formas de expressões artísticas. O teatro foi uma das manifestações mais atingidas por esse processo de reelaboração. A fim de difundir as novas propostas estéticas nesta área, bem como diferenciá-la das formas antigas, a revista tratou de divulgar intensamente essa arte. Somente no ano de 1956, foram veiculadas 17 reportagens sobre o tema.

No período, segunda metade dos anos cinquenta, *O CRUZEIRO* publicava periodicamente reportagens numa série intitulada “Esses populares tão desconhecidos”, que tinha, como objetivo, trazer para o conhecimento do público atores e atrizes, brasileiros ou estrangeiros que atuaram no Brasil no passado. Além de destacar os artistas, a série narrou,

²³⁵ Ibidem.

em cinco edições, a história do teatro brasileiro desde os tempos do Império, com destaque para o teatro de revista, forma hegemônica até os anos 30 e que ainda tinha grande respaldo popular. Os artistas, lembrados pelas reportagens, eram todos oriundos desse meio, mesmo que, posteriormente, tenham migrado para outras formas mais modernas.

O teatro de revista caracterizava-se como espetáculos humorísticos centrados em um ator principal, valorizando sua capacidade de comunicar-se diretamente com o público e de improvisar. O ator era o dono da companhia e principal atração. Procópio Ferreira e Dulcina de Moraes são exemplos mais clássicos desse modelo e, por isso, foram destacados na série em questão, além de outros como Cacilda Becker, Margarida Max, Cochita de Moraes, Leopoldo Froes, entre outros. São reportagens de duas a três páginas duplas que narram a história pessoal e profissional do artista, com muitas fotografias de suas encenações no teatro brasileiro.



Figura 16: Praça Tiradentes. O CRUZEIRO, 07 jul. 1956.



Figura 17: Praça Tiradentes II. *O CRUZEIRO*, 07 jul. 1956.



Figura 18: Praça Tiradentes III. *O CRUZEIRO*, 14 jul. 1956.



Figura 19: Teatro de Revista. *O CRUZEIRO*, 28 jul. 1956.

A mesma série divulgou, entre julho e agosto de 1956, um conjunto de cinco reportagens sobre o teatro de revista. As três primeiras integravam uma série sobre a Praça Tiradentes e possuem o mesmo título, “Praça Tiradentes”²³⁶. Esse era o local onde se concentrou a vida artística carioca, no início do século, e que nos anos cinquenta tornou-se um espaço freqüentado, sobretudo, pelas camadas populares, tornando-se reduto, por excelência, do teatro de revista, considerado, então, de baixo nível. As matérias são compostas por muitas fotografias das apresentações e, principalmente, das vedetes da época. A narrativa conta a história das montagens e dos atores que atuaram.

As outras duas intitulam-se “Teatro de Revista”²³⁷ e “As Grandes Revistas”.²³⁸ Novamente a história do teatro de revistas é narrada, entremeada por fotografias dos espetáculos. A ênfase é na evolução do gênero. Assim, a segunda reportagem enfatiza, como sugere o título, os “grandes espetáculos” realizados por Walter Pinto. Eram espetáculos luxuosos com a participação das “girls” internacionais, especialmente francesas. A evolução desembocaria nos grandes shows de Carlos Machado, nas boates de Copacabana. O autor assim termina sua série de reportagens sobre o teatro de revistas:

A revista mudou de roupa e de apresentação. Com Walter Pinto atingiu a montagem de “milhões” com a importações de “girls” e manequins de Paris, Londres, e Buenos Aires. Agora desloca-se também para as “boites”, onde grandes shows são realizados e onde Carlos Machado pontifica. Mas isso pertence a outra história, a da vida galante e noturna do Rio.²³⁹

Todo o conjunto apresenta uma ordem cronológica e enfoca o teatro de revista como parte de um passado dessa arte no Brasil. Não há uma crítica à modalidade. Ela é apresentada como o passado, a origem tanto espacial quanto cultural do teatro brasileiro, representaria a tradição popular do nosso teatro, que ora se modernizava, acompanhando a mesma linha evolutiva do país. Assim a reportagens propõe-se a lembrar “os mais famosos artistas dos palcos do Rio no início do século”²⁴⁰ e o “Movimento teatral do Brasil no início do século”.²⁴¹ A última reportagem da série sobre a Praça Tiradentes apresenta, ainda, uma cronologia de peças e atores entre 1901-1918.

²³⁶ Veiculadas nas edições de *O Cruzeiro* de 07 jul. 1956, 14 jul. 1956 e 21 jul. 1956.

²³⁷ *O Cruzeiro*, 28 jul. 1956.

²³⁸ *O Cruzeiro*, 18 ago. 1956.

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ *O Cruzeiro*, 14 jul. 1956.

²⁴¹ Idem.

Esta perspectiva torna-se mais clara, se levarmos em consideração que na edição anterior, a que dá início a série descrita acima, a revista publicou uma reportagem de 8 páginas duplas com fotografias coloridas sob o título: “A maioria do teatro brasileiro”²⁴², na qual é enfatizada a modernização dessa expressão artística no Brasil. Para entendermos o significado da matéria, é necessário conhecer o contexto da época no que diz respeito a estas questões.

O teatro de revistas, forma hegemônica do teatro brasileiro até então, estava sendo fortemente questionado pelos intelectuais desde o final dos anos 1940, que o entendiam como uma forma mais degradada, de segunda categoria, arte inferior. “Critica-se sua produção rápida, improvisação, pobreza de cenografia e indumentária. Enfim, é como se essa arte não preenchesse os requisitos básicos para ser reconhecida como tal”.²⁴³ Velloso lista os epítetos que desqualificam o teatro de revista como expressão cultural: “Intelectuais da Praça Tiradentes, sublitteratura, vocabulário de cozinheiras, licenciosidade, analfabetismo, vulgaridade, achincalhe, sujeira (dentro e fora do palco)...”²⁴⁴

Nesse clima de crítica ao padrão teatral brasileiro, grupos amadores formados por universitários, intelectuais e profissionais liberais propagam-se num movimento de renovação. É criada a primeira escola de atores do Brasil EAD – Escola de Arte Dramática, em São Paulo e concomitantemente o TBC – Teatro Brasileiro de Comédia.

Criado em 1948 pelo industrial italiano Franco Zampani associado a um grupo de empresários paulistas, o TBC é definido por Marcos Napolitano como “teatro burguês” e propunha uma renovação do teatro brasileiro. Muitos autores identificam o TBC como o grande modernizador do teatro no Brasil. Ele inovou, tendo uma equipe fixa com encenadores estrangeiros como Adolfo Céli, Zienbinski, Ruggero Jacobi. Contrata cenógrafos, iluminadores, cenotécnicos e um corpo de atores de renome no teatro brasileiro, como Cacilda Becker, Sérgio Cardoso, Nydia Lícia, Cleide Yáconis, Paulo Autran, Tônia Carrero, entre outros. Dele saíram grandes companhias teatrais como as de Nydia Lícia e Sérgio Cardoso; de Tônia Carrero, Adolfo Céli e Paulo Autran e de Cacilda Becker. O próprio Teatro de Arena com outra proposta, mais esquerdista e popular, teria sua origem no TBC. Para Marcos Napolitano, o TBC tinha como objetivo,

²⁴² *O Cruzeiro*, 02 jun. 1956.

²⁴³ VELLOSO, Mônica Pimenta. Op.Cit. p. 176.

²⁴⁴ Idem .p. 179.

[...] trazer para o Brasil o fino da dramaturgia mundial, tanto autores clássicos como modernos consagrados, entre eles Tenessi Willhams, Arthur Miller, J. P. Sartre, M. Gorki e Pirandello. Autores brasileiros também foram encenados com muito sucesso [...]. A proposta básica do projeto do TBC era instaurar o bom gosto teatral no público brasileiro, até então habituado com as comédias de costume, levadas ao palco por nomes como Procópio Ferreira e Dulcina de Moraes.”²⁴⁵

É a partir dessa visão que se insere a reportagem “A maioridade do teatro brasileiro”.²⁴⁶ Ela é composta por nove páginas duplas que alternam os conteúdos sobre as modernas companhias teatrais - sua trajetória diretores e atores - com os referentes às peças por elas encenadas, com muitas fotografias coloridas e rápidos comentários (na realidade uma ficha técnica da peça). As grandes companhias nacionais, surgidas nos anos 1950, são abordadas pela reportagem, assim como os mais importantes atores nacionais. Evidencia-se, também, a importância dos diretores estrangeiros no processo de renovação teatral brasileira.



Figura 20: A maioridade do teatro brasileiro. *O CRUZEIRO*. 02 jun. 1956.

²⁴⁵ NAPOLITANO, Marcos. Op.cit. p. 19.

²⁴⁶ *O Cruzeiro*, 02 jun. 1956.



Figura 21: A maioria do teatro brasileiro II. O CRUZEIRO, 02 jun. 1956.



Figura 22: A maioria do teatro brasileiro III. O CRUZEIRO, 02 jul. 1956

A reportagem inicia com uma imagem de página inteira de uma cena da peça “Maria Stuart”, do alemão Schiller, encenada pelo TBC. A fotografia é das personagens principais interpretadas por Cacilda Becker, no papel de Maria Stuart e sua irmã Cleyde Yáconis, como Rainha Elisabeth I. Na outra página, uma seqüência de pequenos comentários de atores e

diretores de teatro respondendo a questão colocada pela revista sobre a evolução do teatro brasileiro. Entre eles, Tônia Carrero, Paulo Autran, Cacilda Becker, Adolfo Céli e Zbigniew Ziembinski, os dois últimos diretores estrangeiros atuantes no Brasil.

Para Adolfo Céli, “a renovação do teatro brasileiro está tomando pé com firmeza, o que é motivo para nós que recomeçamos a fazer teatro no Brasil, há sete anos, quando não havia companhias artísticas jovens de peso e medida como agora.” Sobre os projetos de sua Companhia (Tônia Céli Autran – CTCA) diz que “não ficaremos nas traduções. Vamos encenar o repertório nacional.”²⁴⁷

O depoimento de Ziembinski diz que “é mais fácil fazer teatro agora do que quando chegamos no Brasil. [...] É visível o rápido amadurecimento na reação do público brasileiro, em face do teatro sério que se está criando.”²⁴⁸

Na seqüência da reportagem, a página dupla apresenta cenas da peça “Maria Stuart”, em cores, evidenciando a riqueza do figurino e a dramaticidade das interpretações. As imagens retratam as atuações de atores de renome no teatro brasileiro de então, como os já citados Cacilda Becker e Cleyde Yáconis, Walmor Chagas, Luis Linhares, Jorge Cheia, Leonardo Vilar e Fredi Kleeman, também destaca a ficha técnica da peça.

O enfoque seguinte, nas duas próximas páginas, é a produção da peça Anastácia, no Brasil dirigida pela francesa Henriette Marineau e encenada pela “Companhia Eva e Seus Artistas”. Cenas da peça em preto e branco acompanham um pequeno texto que explica a apresentação da peça na Europa e Estados Unidos. Questiona os críticos brasileiros que não teriam se dado ao trabalho de decifrar a bela “mulher Enigma”. Nas páginas seguintes, no mesmo modelo anterior, cenas da peça e atores principais, em cores. O pequeno texto comenta o elevado orçamento da peça – 800.000,00 cruzeiros.

A reportagem mantém este mesmo modelo tendo na seqüência: comentários sobre a Companhia de Maria Della Costa, com fotografias das apresentações(preto e branco); cenas e comentários da peça “A casa de Bernarda Alva” de Frederico Garcia Lorca, interpretada por essa Companhia com Maria Della Costa e Jurema Magalhães (em cores); a trajetória e encenações da Companhia CTCA (preto e branco); cenas e comentários da peça, da mesma companhia, “Otelo e Desdêmona”, de Shakespeare com Paulo Autran, Otelo e Tônia Carrero, Desdêmona, em cores.

Impressiona nessa reportagem a sua extensão e a cuidadosa elaboração visual, com grande quantidade de fotografias coloridas, o que além de encarecer a publicação tornava mais difícil e lenta a produção. Já escrevemos anteriormente sobre essa questão, mas é

²⁴⁷ *O Cruzeiro*, 02 jun. 1956.

²⁴⁸ *O Cruzeiro*, 02 jun. 1956.

importante lembrar que somente reportagens consideradas especiais eram coloridas. A atenção dada ao novo teatro brasileiro, representado pelas companhias criadas na década de 1950, reflete a preocupação do grupo que a revista representava, não só em divulgar, mas em educar o público para a apreciação dessa expressão artística. Ao mesmo tempo, informava sobre a melhora no nível cultural do Brasil, pois já tinha condições técnicas, humanas e econômicas para representar os grandes clássicos estrangeiros, é claro que necessitava ainda de uma “mãozinha” dos diretores e técnicos estrangeiros.

Essa mensagem era intensificada, se contraposta as sobre o teatro de revista, que era apresentado como o passado do teatro brasileiro associado a um estágio inferior, característica do colonialismo, fase histórica que, nos anos 1950, acreditava-se, tínhamos ultrapassado. O anúncio da decadência dessa modalidade teatral é reforçado em duas reportagens de 1957, que aproveitou o fato de uma tentativa de suicídio de uma vedete do teatro de revistas para publicar duas reportagens sobre o “submundo” desse tipo de espetáculos.

As reportagens “Drama fora do palco”²⁴⁹ e “Luzes e Ilusões”²⁵⁰ propõe-se a entrar nos bastidores do teatro de revista, pretendendo mostrar para o leitor um outro mundo por trás dos palcos, onde predominaria a exploração, a pobreza, de onde se originariam o infortúnio e a desgraça de muitos artistas.²⁵¹ Cita o caso de Girls que vivem em barracos e passam necessidades, sendo que muitas têm que se sujeitar às exigências dos empresários. A decadência da modalidade é anunciada: “Crise no Teatro Musicado Brasileiro”,²⁵² “Motivos da Decadência”,²⁵³ “Porque as Produções não Atraem o Público”²⁵⁴ são alguns dos subtítulos das reportagens. Um dos motivos citados para a decadência é assim descrito:

O teatro musicado é feito na base de umas fórmulas, como se sabe. Mas uma delas já envelheceu bastante, embora alguns empresários não se dêem conta disso. Trata-se do teatro tipo “Praça Tiradentes”. Ei-la: um cômico, dois bailarinos, um cantor, vinte mulheres (nem sempre bonitas), “sketchs” sobre política, piadas de velhos almanaques.²⁵⁵

Assim como os bailados, o teatro de revista era parte do passado, a nova cultura teatral, representada pelo TBC, era difundida na revista em grandes reportagens a cores, com

²⁴⁹ *O Cruzeiro*, 18 maio 1957.

²⁵⁰ *O Cruzeiro*, 29 jun. 1957.

²⁵¹ *O Cruzeiro*, 18 maio 1957.

²⁵² *O Cruzeiro*, 29 jun. 1957.

²⁵³ *Idem*.

²⁵⁴ *Idem*.

²⁵⁵ *Idem*.

extensa explicação das peças, na maior parte estrangeiras, diretores também estrangeiros. Mas o modelo de teatro de revista não foi totalmente rejeitado pelas elites. Nas boites de Copacabana, ele ganharia nova roupagem (literalmente, pelos seus figurinos luxuosos) e novo status. Os espetáculos de Carlos Machado são os exemplos mais acabados desses espetáculos.

Esses shows também vão ter um espaço privilegiado na revista, com a proposta principal de “vender o Brasil no exterior”, uma vez que essas casas são freqüentadas por muitos estrangeiros que também serão grandes patrocinadores e levarão os espetáculos para serem apresentados na Europa e nos Estados Unidos. O Modelo utilizado é o de musicais com figurino e cenários luxuosos, belas mulheres com pouca roupa e representações estereotipadas do Brasil, num processo de apropriação da cultura popular pelas elites que a adaptam ao seu padrão de consumo. Como exemplos de divulgação, na revista, podemos citar: “Rio de Janeiro a Janeiro”²⁵⁶ com cinco páginas duplas, repletas de imagens coloridas dos Shows e elogios a Carlos Machado, “o rei da noite carioca”; “Uma noite do Rio em New York”,²⁵⁷ com imagens do espetáculo feito nessa cidade com mulheres brasileiras em um traje, que era um misto de maiô com vestido de baiana, nos moldes de Carmem Miranda, que teria sido elogiado pelo público americano.

Portanto, além da divulgação das artes clássicas, *O CRUZEIRO* promovia, também, a cultura popular, contribuindo para a transformação dessa em cultura nacional, num movimento crescente de domesticação dessas expressões que passaram, cada vez mais, a serem dirigidas e organizadas pelos grupos dominantes que delas se apropriaram.²⁵⁸ Esse esforço dos grupos dominantes em controlar a cultura popular é reconhecido por historiadores da cultura, como Peter Burke e Roger Chartier.

O primeiro, ao estudar a Idade Moderna, afirma que as elites e o clero contribuíram para o desenraizamento da cultura popular tradicional e para mudar as atitudes e valores do resto da população, suprimindo, ou ao menos purificando, vários elementos da cultura popular tradicional.²⁵⁹ O segundo, embora seja bastante crítico quanto à idéia de dependência da cultura popular em relação a dominante, não nega que o seu entendimento está diretamente ligado à compreensão das lutas sociais nas quais elas estão inseridas. Para esse autor,

²⁵⁶ *O Cruzeiro*, 19 jan. 1957.

²⁵⁷ *O Cruzeiro*, 29 dez. 1956.

²⁵⁸ Não negamos a existência de diversas formas de resistência da cultura popular e sua capacidade criativa. No entanto, é inegável que, principalmente com a expansão dos meios de comunicação de massa, parte desta cultura foi gradativamente sendo apropriada, ficando cada vez mais sob a hegemonia burguesa capitalista, que lhe foi imprimindo outras características, algumas vezes, distintas daquela original.

²⁵⁹ BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

[...] tanto os bens simbólicos como as práticas culturais continuam sendo objeto de lutas sociais onde estão em jogo sua classificação, sua hierarquização, sua consagração (ou, ao contrário, sua desqualificação). Compreender "cultura popular" significa, então, situar neste espaço de enfrentamentos as relações que unem dois conjuntos de dispositivos: de um lado, os mecanismos da dominação simbólica, cujo objetivo é tornar aceitáveis, pelos próprios dominados, as representações e os modos de consumo que, precisamente, qualificam (ou antes desqualificam) sua cultura como inferior e ilegítima, e, de outro lado, as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de apropriação do que é imposto.²⁶⁰

Na revista *O CRUZEIRO*, esta questão evidencia-se, sobretudo, nas publicações sobre o carnaval. A “folia” ocupava a quase totalidade das grandes reportagens, nas edições dos meses de fevereiro e março, sendo que, na década de 1950, elas já eram tradicionais e aguardadas pelo público leitor. A festa, mostrada na revista, era aquela dos salões, sobretudo os da elite carioca e paulista. O evento popular, propriamente dito, o carnaval de rua, também recebeu um espaço, porém bem menor. O que chama atenção é a crítica negativa feita a essa modalidade, caracterizada como desordeira diante da organização e beleza dos salões.

No carnaval de 1955, por exemplo, somente numa edição do mês de março, todas as reportagens são sobre o tema, num total de nove. Dessas, somente duas referem-se ao carnaval de rua, enquanto as demais são de diferentes bailes dos salões cariocas e paulistas.²⁶¹ No ano seguinte, as matérias sobre o carnaval concentram-se no mês de fevereiro, somando oito; dessa vez, nenhuma sobre a folia de rua.

A leitura das muitas reportagens sobre o tema evidenciou a posição de *O CRUZEIRO* como defensora e promotora de um carnaval organizado, controlado pela elite e que se tornasse um produto nacional, com a finalidade de divulgar o Brasil no exterior e atrair turistas estrangeiros. Tal postura pode ser observada nas matérias analisadas, descritas a seguir.

O conjunto de reportagens sobre o carnaval da referida edição de março de 1955 abre-se com a matéria intitulada: “Escolas de Samba”.²⁶² São três conjuntos de páginas duplas onde grandes fotografias ocupam a maior parte do espaço. As imagens são escuras (talvez pela pouca iluminação da avenida). Após a abertura, onde há somente uma grande fotografia, bastante aproximada, de um grupo de passistas na avenida, abre-se o outro conjunto de páginas que tem um apelo visual impactante. Sobre um fundo escuro com imagens pouco

²⁶⁰ CHARTIER, Roger. “**Cultura Popular**”: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p.179-192.

²⁶¹ *O Cruzeiro*, 12 março 1955.

²⁶¹ *O Cruzeiro*, 12 março 1955.

²⁶² *O Cruzeiro*, 12 março 1955.

definidas (o desfile na Avenida), está um título seguido de pequeno texto, num fundo branco em contraste com o escuro dominante no restante da imagem. Além do aspecto visual, o título é apelativo: “À espera do Inferno Verde (Enquanto “Coice de Mula” n. 2 Massacra o Povo Humilde)”²⁶³. O Inferno Verde é a próxima escola a passar e o Coice de Mula é uma referência à polícia que tenta conter a multidão de forma violenta.

As cenas do tumulto sugerido não podem ser identificadas na fotografia escura, onde se vêem somente vultos desfocados. Mas para reforçar a imagem visual da violência, a revista acrescenta, sobre a fotografia, pequena ilustração simbolizando um policial (figura escura, de quepe, com cacete na mão) agredindo um indivíduo. Recurso utilizado, novamente, na última página da matéria, quando a reportagem nos informa sobre a atuação policial ao retirar duas crianças do desfile, por ordem do juizado de menores. Junto com o texto relatando o episódio, que é condenado na matéria, aparece a fotografia do menino na avenida – mestre sala – e o referido desenho.



Figura 23: Reportagem: Escolas de Samba. *O CRUZEIRO*, 12 mar. 1955.

Mas a idéia de violência das primeiras páginas é amenizada nas subseqüentes em que o título refere-se à campeã do desfile. Uma foto grande, aproximada, dos passistas campeões, ocupa uma das páginas e a outra é somente texto. No centro, novamente o recurso do desenho. Esse é uma representação estilizada do Maracanã, sobre o qual aparecem pandeiros, confetes,

²⁶³ Idem.

serpentinhas, símbolos carnavalescos. O motivo da ilustração pode ser encontrado logo no início do texto:

Mas a Grande Parada dos Sambistas, que celebrizou a Praça 11 (presentemente um estado de espírito) e dá valor ao tosco tablado da Avenida Presidente Vargas, está predestinada a transformar-se em Festival das Escolas de Samba. Não é difícil prefigurar essa gente dos morros e dos subúrbios – de muito boa bossa e muito bom comportamento – evoluindo sob o foco dos refletores acesos, no imenso palco que lhes pertence – o Maracanã – perante grande público confortavelmente sentado (e que pagou entrada), como também perante turistas de notoriedade internacional, “estrelas” e “astros” do cinema, personalidades famosas do “café-society”. É fácil imaginar cartazes pregados nas principais cidades da América e da Europa, convidando: “Visite o Brasil durante o carnaval. Dance nos famosos bailes do Teatro Municipal, Glória e Copa’s. Assista ao festival das Escolas de Samba no maior estádio do mundo. Música. Alegria. “Conforto”. É um capital para dar lucro.²⁶⁴

Apesar das críticas, há uma preocupação em destacar a importância e a beleza da festa popular. O povo é apresentado como vítima da violência policial e da incompetência dos poderes públicos para organizar a festa. O povo, um componente importante da festa, não seu organizador. Essa tarefa deve ficar ao encargo dos órgãos públicos e/ou privados que têm a função de discipliná-la, organizá-la, torná-la digna de um país civilizado. A cultura popular, de acordo com essa visão, necessita de um intermediário, seja ele a intelectualidade ou o poder público.

Interessante observar a ordem estabelecida pela revista na apresentação das reportagens desta edição. Após a matéria de abertura, que mostra uma imagem negativa do carnaval de rua, seguem-se páginas e páginas de reportagens, mostrando os bailes dos salões, enfatizando, sobretudo, a sua organização. Assim, na seqüência da reportagem sobre o carnaval de rua temos: Baile de Gala do Municipal: “O mais espetacular e movimentado baile do mundo”; No Glória: “A confusão mais bem organizada do ano”; Quitandinha: “... alegria e brincadeira alinhada”; só para citar os títulos e subtítulos.²⁶⁵

Ao final, sob o título “Ranchos”²⁶⁶, novas críticas: desorganização, decoração pobre, desânimo, pouco público, falta de iluminação e desleixo dos poderes públicos estão entre as acusações principais. Na página final, sobre uma fotografia que mostra algumas poucas pessoas fantasiadas na rua, o título: “Está morrendo, de ano para ano, o carnaval de rua”.²⁶⁷

²⁶⁴ *O Cruzeiro*, 12 março 1955.

²⁶⁵ *Idem*.

²⁶⁶ Os ranchos foram uma das primeiras formas populares do carnaval de rua no Rio de Janeiro.

²⁶⁷ *O Cruzeiro*, 12 março 1955.

Obviamente, o recorte feito pelo fotógrafo, de um pequeno grupo disperso na rua, e o ângulo da foto enfatizam a idéia de vazio.

Essa seqüência evidencia os contrastes, contribuindo para reforçar a negatividade do evento de rua frente à positividade daquele dos salões. Porém a intenção não é acabar com essa expressão popular mas, como já foi explicitado, organizá-la para torná-la digerível às camadas sociais mais elevadas como evidenciado na reportagem “Império do Samba”.²⁶⁸



Figura 24: Império do Samba. *O CRUZEIRO*, 19 fev. 1955.

Nesta matéria, o texto logo de início afirma que: “Escola de Samba é a mais legítima expressão de arte do carnaval”.²⁶⁹ O tema central é a apropriação do samba pelos “gran-finos” cariocas que, durante os ensaios das escolas, sobem o morro para participar da festa. Uma página dupla é dividida em dois blocos de imagens. De um lado, a legenda “Samba de Branco”, seguida de um conjunto de sete pequenas fotos de pessoas brancas “sambando” na quadra da Mangueira. No lado oposto, sob a legenda “Samba de Moreno”, sete fotografias de pessoas negras na mesma ação. Ao centro, a frase: “Os Gran-finos invadem o morro”, sob o qual estão duas fotografias, maiores do que as demais, com negros sambando junto com os brancos. Os pequenos textos informam que os “morenos” estariam ensinando os brancos.

²⁶⁸ *O Cruzeiro*, 19 fev. 1955.

²⁶⁹ Idem.

Essa imagem reflete um discurso muito claro acerca da inserção da cultura popular no âmbito de uma cultura nacional que se pretende hegemônica. Esta construção passa pela sua aceitação e reelaboração pelo grupo dominante, branco. Esse público, entretanto, entende que a essência da cultura nacional está nas expressões populares, por isso vai ao seu encontro, mas é uma iniciativa desse grupo. Não é o morro que desce e leva sua cultura para a elite, é a elite que sobe o morro e busca os aspectos da cultura que considera mais adequados a sua realidade, que a entende como a nacional.

Outras reportagens têm o mesmo propósito, como a “Eu sou o Samba”²⁷⁰, que declara que “Samba verdadeiro nasce no terreiro e quando grande vai viajar pelo mundo inteiro”, referindo-se a Carmem Miranda. Também cita a invasão dos gran-finos da zona sul nos morros e comemora a nossa “democracia mestiça”.

Ao promover e divulgar o carnaval carioca, em todo o território nacional, a revista contribuía para que ele se tornasse cada vez mais patrimônio nacional e, por isso, sua organização deveria ficar ao encargo das autoridades públicas. Nesse movimento, há uma descaracterização da festa original cuja essência era exatamente a desordem. A proposta para que a folia (cuja característica original é ser uma festa de rua) fosse realizada em um estádio de futebol, parece-nos o exemplo mais claro desse processo.

É preciso lembrar que a postura de Chateaubriand e, por tabela, de seus órgãos de imprensa, era de que a cultura nacional fosse também produto nacional e, portanto, destinado à exportação. Nas reportagens de *O CRUZEIRO*, o apelo identitário, no que se refere à cultura, segue sempre a referência ao turismo e à imagem do Brasil no exterior.

3.3 A MISSÃO CIVILIZADORA

O CRUZEIRO atribuía a si própria uma missão civilizadora. O discurso, entretanto, dirigia-se a uma incipiente burguesia nacional que era freqüentemente questionada nos inúmeros artigos de Chateaubriand, veiculados nos seus jornais, sobre sua incapacidade para levar adiante projetos políticos e econômicos no país.

Este discurso sobre a falta de lideranças nacionais, entretanto, era eco do que vinha sendo discutido nos meios intelectuais brasileiros, cujo núcleo encontrava-se no ISEB. Caio

²⁷⁰ *O Cruzeiro*, 11 fev. 1956.

Navarro de Toledo²⁷¹ define os intelectuais do ISEB como porta-vozes dos grupos dominantes, empenhados em construir uma ideologia de classe que favorecesse seus interesses. Conforme Ortiz, os isebianos estavam presos à realidade histórica brasileira e só podiam elaborar uma ideologia que fosse conforme a hegemonia da classe dirigente que queria modernizar o país. Para ele,

A função dos intelectuais seria diagnosticar os problemas da nação e apresentar um programa a ser desenvolvido. Não havia utopia, a realização do “ser nacional” era uma questão de tempo, cabia à burguesia progressista comandar este processo.²⁷²

O mesmo autor aponta para um tema freqüente nas discussões isebianas: a questão da presença de um “povo” brasileiro que começava a se constituir como tal a partir do processo de industrialização e urbanização já nos anos 30. Os isebianos, afirmando a existência de uma sociedade civil no Brasil, colocavam-se como seus representantes legítimos, oferecendo-lhes um poder político que não possuíam até então.

De um modo geral, os analistas do período indicam a inexistência de uma verdadeira classe de empresários nacionais com a necessária maturidade e sentido nacional, uma vez que a entrada, em massa, dos conglomerados norte-americanos, pós-segunda guerra mundial, fez com que esses setores ficassem a serviço das multinacionais. Para Celso Furtado,

[...] os homens mais capazes surgidos das indústrias locais puderam ser recrutados para integrar a nova classe gerencial a serviço dos conglomerados. A ação empresarial nacional ficou restrita a setores secundários ou decadentes, o setor pioneiro, isto é, a abertura de novas frentes a serem mais adiante ocupadas pelas grandes organizações estrangeiras e às vezes atividades subordinadas de subcontratação.²⁷³

Também Thomas Skidmore, ao analisar o segundo governo Vargas, ressalta que “... faltava ao Brasil uma classe empresarial dinâmica, que pudesse, pelo seu próprio peso, empolgar a liderança de um impulso dirigido à industrialização.”²⁷⁴

²⁷¹ TOLEDO, Caio Navarro. Op.cit. p. 12.

²⁷² ORTIZ, Renato. Op.cit. 1989. p. 65.

²⁷³ FURTADO, Celso. Op.cit. 1975, p. 56.

²⁷⁴ SKIDMORE, Thomas. Op.cit. p. 117.

Para Chateaubriand, a formação desses líderes, entretanto, não devia limitar-se à economia e política, mas a uma formação integral, sendo necessário desenvolver uma verdadeira cultura burguesa. Defensor de um liberalismo excludente, que via as elites como condutoras do processo de desenvolvimento econômico e democrático, foi protagonista de inúmeras campanhas que, além dos interesses comerciais e publicitários, tinham um cunho moralista e pedagógico, como a criação do *Masp* e o projeto da *Escola Para a Formação das Elites*.

O CRUZEIRO foi um dos principais veículos utilizados por Chateaubriand para a realização destes “projetos pedagógicos”. A revista divulgava freqüentemente as campanhas para aquisição das obras de arte do MASP, bem como o relato das obras recebidas. Eram, em geral, publicadas em fotografias coloridas de boa qualidade, acompanhadas de comentários explicativos. Numa destas ocasiões, Chateaubriand fez um discurso dirigido à burguesia num apelo para arrecadação de fundos para o Museu, no qual expunha suas idéias:

[...] Acentuamos os riscos que corre sua estirpe numa era que é o século dos assalariados e dos monopólios estatais. E eles sabem que, na verdade, o que fazem conosco são seguros de vida.
 Estamos fornecendo salva-vidas a nossa burguesia. A campanha da aviação, a Campanha da Criança, o Museu de Arte e outros programas que temos na encubadeira, meus senhores e minhas senhoras, são os itinerários salvadores de vossas fortunas [...] ²⁷⁵

Em janeiro de 1957, o museu adquiriu dez novas obras de mestres europeus. A exposição foi divulgada em duas edições da revista de 8 e 12 páginas, respectivamente. Estas reportagens se propunham a ser um “curso” sobre as obras. Às fotografias das obras seguiam-se recortes de detalhes que acompanhavam a explicação técnica, conforme figuras 24 e 25.

²⁷⁵ MORAES, Fernando. Op.cit .p. 483.



Figura 25: Dez telas de Grandes Mestres I. *O CRUZEIRO*, 23 fev. 1957.



Figura 26: Dez Telas de Grandes Mestres II. *O CRUZEIRO*, 23 fev. 1957.

O papel de *O CRUZEIRO* nesta “missão” foi, em várias oportunidades, mencionado pelo próprio Chateaubriand, especialmente sua contribuição para a formação de uma elite nacional. Nesse sentido, embora seja sabido que o periódico, enquanto meio de comunicação de massa, atingia um público bastante variado, o leitor principal ao qual se dirigia era aquele composto pelas elites econômica e política e à emergente classe média brasileira, seu

interlocutor, para quem a revista se apresentava, com quem discutia, brigava, elogiava, muitas vezes, assumindo a forma de um diálogo entre iguais.

Quem somos nós (neste caso a revista e seu público alvo)? O que nos identifica enquanto grupo? Qual a nossa função nesta nova sociedade brasileira? São questões que a revista buscou responder, marcando posições no espaço e na sociedade nacional. Os critérios de distinção do grupo eram cuidadosamente enfatizados pela revista, que não só reforçava os já existentes – uma educação refinada, o apreço a obras de arte, viagens à Europa, etc - como inventava outros – um corpo bem cuidado e higiênico, a moda, o sucesso econômico -, mais adequados ao seu tempo. A distinção também era traçada espacialmente, na medida em que divulgava, com frequência, lugares específicos de encontros desse grupo.

Sobre o processo de construção e atualização das formas de distinção, é esclarecedor o que nos diz Bourdieu,

[...] A dialética da divulgação e da distinção dá conta, inteiramente, tanto do funcionamento do sistema quanto das mudanças incessantes que os caracterizam. De fato, um estilo deve mudar necessariamente quando já foi totalmente divulgado, uma vez que se pretende ser um signo distintivo, não pode universalizar-se sem que perca a significação, o valor [...] que deriva de sua posição num sistema e de sua oposição aos outros elementos do sistema [...].²⁷⁶

Nesse sentido, a revista preocupou-se em difundir comportamentos, estilos de vida, conduta moral e social mais adequados a uma nação em vias de “civilizar-se”. Uma das estratégias utilizadas foi a constante construção e afirmação de determinados modelos de conduta destacados através dos personagens que circulavam em suas páginas.²⁷⁷

Exemplos dessa prática podemos identificar nas reportagens sobre os concursos de misses, os mitos do cinema e ídolos do esporte, cujos destaques eram seus atributos físicos e

²⁷⁶ BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 19.

²⁷⁷ Para Norbert Elias as mudanças que culminaram com a formação do Estado Absolutista “se fez acompanhar de correspondentes mudanças nas maneiras, na estrutura, da personalidade do homem, cujo resultado provisório é nossa forma de conduta e de sentimentos “civilizados”. O controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo desde os seus primeiros anos, como uma espécie de automatismo [...] A teia de ações tornou-se tão complexa e extensa, o esforço necessário para comportar-se “corretamente” dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido. Esse mecanismo visava prevenir transgressões do comportamento socialmente aceitável mediante uma muralha de medos profundamente arraigados [...]. Para o autor estas mudanças, fosse consciente ou inconsciente era determinada pela direção do processo de diferenciação social, pela progressiva divisão de funções e pelo crescimento de cadeias de interdependência nas quais, direta ou indiretamente, cada impulso, cada ação do indivíduo tornavam-se integrados”. ELIAS, Norbert. Op.cit. p. 193 e seguintes.

morais. Estas matérias são as que agrupamos na categoria (V), que conforme tabela 2, na introdução deste trabalho, abrange a grande maioria das reportagens classificadas, por motivos já explicitados. Lembramos, entretanto, que a seleção dos eleitos feita pela revista não era neutra, mas dependia das relações que se estabelecem entre os campos sociais.²⁷⁸ A posição privilegiada da revista no campo jornalístico, dependia de suas relações com outros campos, sejam políticos, culturais, econômicos ou outros tantos que instituem a realidade social num processo de luta constante.

Atualmente os concursos de misses, além de pouco prestigiados, servem apenas como trampolim para a carreira de modelo das candidatas e nada tem a ver com uma “cultura nacional”. Entretanto, nos anos 50 – 60, tais concursos eram levados a sério e as candidatas, além da forma física deveriam ser modelos de conduta da mulher brasileira. Elas representariam não só o tipo físico, mas também os valores do país, a cultura, o próprio grau de civilização.

Embora haja referências a concurso de miss Brasil desde o início do século, eles foram esporádicos, sendo que o primeiro certame oficial ocorreu somente em 1954, quando Marta Rocha sagrou-se vitoriosa e protagonista do caso das famosas duas polegadas a mais que a teriam deixado de fora do título do Miss Universo, no qual obteve o segundo lugar. Não casualmente, foi a revista *O CRUZEIRO* a criadora e divulgadora de tal notícia que passou a integrar o imaginário nacional no que diz respeito as formas físicas da mulher brasileira. Porém, a consagração do evento, que se tornou um dos maiores do país, só perdendo para a Copa do Mundo,²⁷⁹ somente ocorreu a partir de 1955, quando os Diários Associados assumiram a sua produção e divulgação. Entre os meses de maio e agosto, todas as edições dedicavam matérias ao concurso. As eliminatórias estaduais, entrevistas com as escolhidas dos Estados, entrevistas com ex-misses e todos os preparativos para o concurso de Miss Brasil e depois o ponto mais alto, o de Miss Universo em Long Beach. O concurso era acompanhado pelo país inteiro, através da revista e, onde chegava a TV, pela TV Tupy. Importante ressaltar que a revista, na época, tinha um alcance muito maior do que a televisão.

Em reportagem intitulada “A Batalha da Beleza”, Orlando Mota, assistente da direção geral dos Diários Associados, é entrevistado na condição de coordenador geral do concurso e define os objetivos deste:

²⁷⁸ ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro. **Revista Brasileira de História** vol. 21. n. 41, 2001. p. 37.

²⁷⁹ Cfme. Site oficial do concurso miss Brasil, disponível em: <www.missbrasiloficial.com.br>.

[...] O que acima de tudo nos preocupa é assegurar a dignidade do concurso, através de um alto padrão de moralidade. [...] para uma jovem candidatar-se a Miss Brasil, não basta possuir apenas beleza, graça, elegância e idade entre 18 e 28 anos, como determina o regulamento. É preciso algo mais. Faz-se questão de uma conduta moral ilibada. O concurso inspirado por dignos princípios pretende a eleição de uma jovem que esteja capacitada a representar realmente a moça brasileira, não somente nos seus dotes físicos, mas também na educação, na inteligência e na formação moral. Nada é mais necessário, além, naturalmente da condição de brasileira nata.²⁸⁰

Aparentemente neutros, a divulgação desses eventos são fontes importantes para entendermos a perspectiva da revista sobre sociedade brasileira da época. Eles nos informam não só sobre o modelo ideal de mulher brasileira que se pretende formar, mas sobre o país – quando enfatizam os ideais, origem, planos da candidata -, e mesmo sobre as relações com a América Latina e Estados Unidos - na medida em que as reportagens que cobrem o Miss Universo comparavam constantemente as candidatas de outros países (evidenciando a referida cultura de origem) com a brasileira. Nas séries de fotografias nos três concursos cobertos pelo período aqui estudado, por exemplo, a candidata brasileira sempre aparece como destaque entre as da América Latina e em situação de semi-igualdade à norte-americana.

O concurso de Miss Universo era o ponto de chegada, patamar máximo que uma candidata poderia galgar. Diferentemente dos dias atuais, era a carreira de modelo que muitas vezes levava ao título de miss, que era o objetivo maior e que, na maioria das vezes, era garantia de um bom casamento.

Em 1955, a Miss Brasil, que representou o país no Miss Universo, foi Emília Barreto Corrêa de Lima, cearense que, como veremos adiante, foi por muito tempo a “preferida da revista”, pois que possuía todas as características da “boa moça brasileira”. As reportagens sobre o concurso se referem à injustiça pelo fato da brasileira não estar entre as cinco finalistas, porém o consolo, conforme descrito na reportagem intitulada “Festa de Beleza”,²⁸¹ era que a americana também fora “sacrificada”. Não é aleatório o fato de que a fotografia de abertura da reportagem mostre a brasileira abraçada à norte-americana – solidariedade? -. Ainda na página seguinte, uma série de pequenas fotografias da brasileira se maquiando para o concurso e, abaixo, outra série da norte-americana na mesma atividade. As legendas informam que a norte-americana pediu para a maquiadora brasileira fazer a sua maquiagem também.

²⁸⁰ *O Cruzeiro*, 12 maio 1956.

²⁸¹ *O Cruzeiro*, 13 ago. 1955.

A avaliação geral do evento feita pela reportagem afirma que a vitória da representante sueca foi merecida, porém houve injustiça na escolha das demais finalistas. Entre elas, duas orientais que, embora sejam “bonitas dentro do seu tipo”, não mereciam ganhar; essa escolha é atribuída a questões políticas. Outra crítica refere-se à vulgaridade da miss El Salvador, segunda colocada e classificada pela reportagem como uma versão centro-americana de Marilyn Monroe. As injustiçadas, a brasileira e a americana, eram moças pacatas, simples, típicas de seus respectivos países e por isso não ganharam. Miss Inglaterra foi também considerada injustiçada, pois era muito bonita, mas a justificativa deve-se a sua postura, saliente demais.

Cabe destacar que, somente nessa edição da revista (13/08/55), foram feitas 4 reportagens sobre as misses. Uma é uma espécie de pôster com fotografia de página inteira da Miss Brasil, Emília, de maiô; outra, da mesma forma, mas com as cinco finalistas do Miss Brasil; a seguinte é a comentada acima, sobre o Miss Universo; e a última, sobre a volta de Emília para o Brasil, o que dá uma idéia da popularidade de tais concursos.

No concurso de 1956, venceu a americana. Novamente a brasileira, a gaúcha Maria José Cardoso, não ficou entre as cinco finalistas, assim como nenhuma representante latino-americana, o que gerou protestos. A matéria destaca que todas, com exceção da vencedora, eram modelos profissionais, o que denota uma espécie de censura, por parte da revista, em relação ao vínculo dessa atividade ao posto de miss. Novamente a brasileira é fotografada ao lado da americana com a legenda “[...] as duas graças das Américas, miss Brasil e miss Estados Unidos [...]”.²⁸² Note-se que a brasileira aparece nesse momento como solidária às latino-americanas preteridas pelos jurados, mas não se incompatibiliza com a americana, pelo contrário, suas qualidades são exaltadas como referências a seguir. Desta vez, entretanto, a revista busca explicar as causas da derrota e aponta alguns elementos como o não domínio da língua inglesa pela brasileira, sua timidez, e pouca preocupação com a publicidade, por isso, quase não foi fotografada. Além disso, comenta que o traje escolhido, vestido de prenda, teria sido infeliz não representando o país como o de baiana, por exemplo. Vemos aí um apelo à padronização em termos do que é representativo da cultura nacional e parece que o gaúcho não cumpre essa função.

²⁸² *O Cruzeiro*, 04 ago. 1956.



Figura 27: A Nova Miss Universo. *O CRUZEIRO*, 04 ago. 1956

Em 1957, a injustiça é “compensada” e tivemos mais latino-americanas entre as finalistas. A vencedora foi uma peruana e a brasileira, a paraense Teresinha Morango, ficou com o segundo lugar. Embora cercando-se de cuidados e elogiando a beleza da peruana, ao contrário dos concursos anteriores, a revista põe em questão o título da peruana, que era acusada de não ter a idade regulamentar permitida no concurso. Coincidência ou não, é significativa a aceitação incontestada das vencedoras anteriores, uma européia e uma americana, e o questionamento sobre a vitória de uma latina não brasileira. Afinal, é sabido que, na América Latina, o Brasil atribuíam-se um papel de destaque e superioridade em relação aos demais países, o que permitia tais comentários.

O vínculo com as americanas, entretanto, continuava sendo reforçado, funcionando uma quase legitimação do título. A brasileira era assessorada pela miss – americana – anterior. A grande companheira da brasileira, conforme as reportagens, foi Carol Moris, Miss Universo 1956.

As reportagens de divulgação do concurso iam construindo estereótipos, enfatizando as diferenças nacionais, num processo que reforçava uma identidade brasileira específica. A citação abaixo é esclarecedora sobre esse aspecto:

A grande novidade foi a inclusão da mulata faceira que a Martinica mandou, pela primeira, vez a Long Beach. Muito engraçadinha pareceu a todo mundo a Miss Japão. Seria impossível não achar as americanas um encanto, separadas ou juntas, sempre vivazes, simples e cordiais. Mas a beleza exótica de Miss Ceilão e o ar misteriosos de Miss Marrocos chamaram a atenção de muita gente. Jamais será esquecida a espontaneidade das latinas [...].²⁸³

Através dos concursos de Miss Universo, a revista construía uma certa representação do Brasil e as suas relações com o “resto do mundo”, evidenciando a posição ocupada pelo país no cenário mundial, bem como assinalando os aspectos que deveriam ser aperfeiçoados para que o país atingisse um grau mais elevado de civilização. É nesse sentido que a realeza das representantes sueca e americana eram incontestáveis, sendo suas vitórias atribuídas não só a beleza física, mas a uma série de outros fatores culturais, conforme podemos extrair do trecho abaixo sobre a americana Carol Moris, Miss Universo 1956:

O que lhe garantiu semelhante triunfo foram o seu belo rosto, suas formas perfeitas [...], sua inteligência e sua naturalidade. Tudo isso além de suas habilitações: campeã de natação do Estado de Iowa (trabalhando no verão como salva-vidas, aliás já salvou 20), violinista, pianista, com algumas noções de canto e de arte dramática.²⁸⁴

Também em relação à sueca, vencedora de 1955, a reportagem evidencia em um subtítulo, “a nova miss é poliglota e campeã de ginástica” e, em seguida, no texto, destaca outros atributos como o fato de freqüentar universidade onde estudava línguas, decoração e desenho. Sabe-se que estes eram itens importantes na educação feminina burguesa europeia do século XIX e que, no Brasil, expandiu-se em meados do século XX.²⁸⁵

²⁸³ *O Cruzeiro*, 27 jul. 1957.

²⁸⁴ *O Cruzeiro*, 04 ago. 1956.

²⁸⁵ Em estudo anterior sobre uma escola para moças no Rio Grande do Sul no início do século XX, demonstrei que o padrão de educação para as moças das “melhores famílias” compõe as disciplinas de artes manuais, entre as quais desenho, línguas, conhecimentos gerais e ginástica. MEYRER, Marlise. **Evangelisches Stift: Uma Escola para Moças das Melhores Famílias**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

Já a vitória da peruana é atribuída à beleza física e, em parte, a sua pouca idade e à fortuna de seu pai. “Com 18 anos de idade, olhos claros e pernas longas (...) Além disso, trata-se da filha de um próspero fabricante de artefatos de papel, descendente de alemães e acaba de ser diplomada por uma escola de freiras”.²⁸⁶ Mais adiante, o texto refere-se às denúncias de que a “milionária peruana”²⁸⁷ não teria 18 anos completos conforme exigência do concurso. O qualificativo “milionária”, utilizado, evidencia, por si só, um discurso que desqualifica a vitória da peruana por outros méritos que não a fortuna de seu pai.

A mesma matéria destaca ainda que “os brasileiros em Long Beach são unânimes em achar que a brasileira tinha na representante alemã uma forte concorrente, mas jamais na peruana”. A Alemanha era uma adversária natural já que, nesse concurso, a americana havia sido desclassificada por ser casada.

A brasileira, por sua vez, estava numa situação intermediária. As reportagens reivindicam o seu lugar entre as finalistas, posição considerada justa levando em consideração a primazia das representantes européias e dos EUA. Na América Latina, entretanto, o Brasil estaria na posição de liderança.

É nesse sentido que a revista, na matéria sobre o concurso de 1956, faz a pergunta: Por que a brasileira não ganhou? E responde dizendo que lhe faltou o conhecimento da língua inglesa, investir em publicidade e representar melhor a identidade nacional. No ano seguinte, a conquista do segundo lugar evidencia a superação dessas deficiências, sendo que a candidata, mesmo não dominando o inglês, conseguia se comunicar, “soube atrair atenção sem exagero”²⁸⁸ e representou a “identidade brasileira” pelo traje de baiana, reconhecido especialmente pelos americanos, através de Carmem Miranda. Chartier auxilia-nos no entendimento deste procedimento, quando diz que “os signos visam fazer reconhecer uma identidade social...”²⁸⁹ e, são tanto mais eficazes quanto mais conhecidos e reconhecidos como legítimos. Percebe-se que esses aspectos são os mesmos que a revista se empenhava em enfatizar para o Brasil como um todo, ou seja, a necessidade de construir e divulgar uma imagem do Brasil no mundo, com base no folclore (neste caso a baiana) e educar a classe média para que obtenha um nível cultural mais elevado, através de conhecimentos, que podemos chamar de “cultura geral”.

Mesmo antes ou após o concurso, as candidatas, misses atuais ou ex-misses continuavam dando seus exemplos de vida nas páginas da revista, como na matéria da edição

²⁸⁶ *O Cruzeiro*, 03 ago. 1957.

²⁸⁷ *O Cruzeiro*, 03 ago. 1957.

²⁸⁸ *O Cruzeiro*, 03 ago. 1957.

²⁸⁹ CHARTIER, Roger. 2002. Op. cit. p. 169.

de 06 de abril de 1957, mês anterior ao início oficial das eliminatórias do concurso, em reportagem intitulada: “Como vivem as três últimas misses do Brasil”.²⁹⁰



Figura 28: Como vivem as três mais recentes Misses Brasil. O CRUZEIRO, 06 abr. 1957.



Figura 29: Emília e sua história de amor. O CRUZEIRO, 06 abr. 1957.

²⁹⁰ O Cruzeiro, 06 abr. 1957.



Figura 30: Mamãe Emília no país dos sonhos. *O CRUZEIRO*, 05 out. 1957.

A primeira delas é sobre Martha Rocha, miss 1954. São duas páginas duplas de reportagens com o predomínio das imagens sobre o texto. O destaque é para a sua condição de mãe e esposa. São oito fotografias, sendo uma de página inteira, numa típica fotografia de álbum de família: mamãe Martha, papai Álvaro e o bebê, de mesmo nome do pai. Em todas, ela está com o filho de cinco meses no colo e algumas também com o marido. As legendas e o pequeno texto falam da sua ocupação como mãe; o anúncio de sua nova gravidez; a profissão do marido – homem de negócios do setor de câmbio -, que é descrito como milionário e corredor de automóveis; a mansão em que vive, que merece um subtítulo em destaque: “Mansão de Belgramo”, em referência ao bairro aristocrático de Buenos Aires e a saudade da Bahia, problema que o marido prometia solucionar: compraria um iate para ir para Salvador.

A outra ex-miss, alvo da mesma reportagem, é a miss Brasil 1955, Emília Barreto Correa de Lima. O primeiro título diz: “Casada e à espera da cegonha, em setembro” e o segundo: “A miss Brasil 1955 é uma feliz dona de casa em Parnaíba, Piauí”. As fotografias mostram a ex-miss em situações domésticas, em geral, servindo o marido. A maior, de página inteira, retrata o casal em frente a sua casa “encantadora bem decorada e bem montada”, sob a legenda: “Um casal feliz. Ela “miss” Brasil 1955. Ele diretor da estrada de ferro.” Na outra fotografia em destaque, a imagem é de Emília servindo o marido Major com a legenda: “Perfeita dona de casa, Emília Lima cuida das refeições de seu marido”. O pequeno texto

destaca, ainda, que Parnaíba é a cidade mais importante do Estado, sendo um meio “propício para formação de uma boa base econômica”.²⁹¹

A reportagem encerra com a, então miss, a gaúcha Maria José Cardoso, Miss Brasil 1956. O título: “Solteira e com dois fortes pretendentes”. O texto da matéria desenvolve este tema, dizendo que a miss, que tem como objetivo “um casamento feliz completado por um lar cheio de filhos”, vive um dilema para a escolha do marido entre os dois pretendentes que a revista evidencia em um subtítulo: “Entre o jovem diplomata brasileiro, servindo em Washington, e o milionário nordestino, balança o coração da “miss” Brasil 1956”.²⁹² Na falta de um marido para servir e filhos para cuidar, a miss, ora solteira, é fotografada em tarefas próprias a uma moça de “boa família”, dedicando-se às belas artes (pintura) ou jardinagem artesanal, dons sabidamente valorizados no universo feminino das camadas médias e altas da sociedade, especialmente, no que diz respeito ao capital necessário para obtenção de um bom casamento.

Mas a eleita, preferida pelas reportagens de *O CRUZEIRO*, era a miss Brasil de 1955, Emília. Só em 1955, ela foi alvo de seis matérias sem citar as referentes ao miss Universo. A história de sua vida foi contada na revista em capítulos. Cearense de classe média, oriunda de uma família tradicional e filha de médico, incorporava o protótipo da boa moça, tendo uma vida modesta - segundo as reportagens - e trabalhando como professora de jardim de infância em Fortaleza.

No ano seguinte à conquista do título, a revista noticiava seu casamento com um Major do exército, sob título: “Emília e sua história de amor”²⁹³, onde o romance é narrado desde o primeiro encontro, o pedido de casamento, o casamento, a lua-de-mel na Europa e os planos para o futuro: muitos filhos. As fotografias que compõem esta reportagem estão distribuídas em duas páginas duplas, de modo que a trajetória da vida da ex-miss Brasil esteja toda ali, concentrada naquelas imagens, sendo que as mais destacadas, simbolizando, portanto, os momentos mais importantes, são as do seu casamento. Uma “tira” na parte superior da página é composta por uma seqüência de fotos: os 15 anos, a professora bonita, miss Ceará 1955, saudando os cearenses e discursando em Long Beach são as legendas das imagens. Logo abaixo, numa fotografia maior, o seu casamento. Na seqüência, fotos de página inteira de sua vida no lar ao lado do marido, felizes.

²⁹¹ *O Cruzeiro*, 06 abr. 1957.

²⁹² *Idem*.

²⁹³ *O Cruzeiro*, 06 out. 1956.

Em 1957, sua vida chega, conforme as palavras do redator, ao “*clímax*” com o nascimento de seu filho registrado e divulgado pela revista. A reportagem traz, na primeira página, uma fotografia grande de Emília, ainda na maternidade, com seu filho nos braços. A legenda: “CLIMAX DA FELICIDADE: mamãe Emília espreita seu filho nos braços pela primeira vez”.²⁹⁴ Na seqüência, um pequeno texto com o subtítulo: “Professora, Miss Brasil-1955, Esposa e, agora Mãe, são os títulos da jovem e bela cearense”.²⁹⁵ Na próxima página dupla, a foto central registra a imagem da ex-miss com o marido e o bebê. As outras fotos, menores, mostram o título de miss Brasil, o casamento, a sua atuação (antes do casamento) como professora.

Para além do objetivo evidente de promover o concurso e atrair candidatas para o evento, essas reportagens contribuíam para a construção de um modelo da mulher brasileira, idealizando padrões de comportamento, estéticos e estilos de vida nos quais as leitoras poderiam se espelhar num processo que pode ser entendido como um “civilizar-se”.²⁹⁶ Os Diários Associados, ao promover tais concursos e divulgá-los, levaram para toda a sociedade o padrão feminino de elite.

A referência freqüente à posição de vice Miss Universo de Marta Rocha é uma metáfora da imagem que a revista busca construir do país. Em várias reportagens, é explorada a idéia de que a beleza típica da mulher brasileira deve ser também um produto de exportação que, como o país, não é ainda perfeito como os europeus, mas tem suas qualidades. Essa posição é defendida por Jacinto de Thormes, colunista social da revista cujas matérias figuram no índice como *Reportagens*. Numa delas, ele afirma:

[...] Marta Rocha passou a ser Patrimônio Nacional. [...] Se houvesse turismo organizado, os cartazes de propaganda não anunciariam só as ladeiras da Bahia, o crescimento de São Paulo, as praias do Rio e as típicas cenas do campo gaúcho. Falaria também: “Venham ver por toda parte, nas ruas, nos bailes, dobrando a esquina, andando em curva, sorrindo, sambando, a mulher mais bonita do mundo.”²⁹⁷

²⁹⁴ *O Cruzeiro*, 05 out. 1957.

²⁹⁵ *Idem*.

²⁹⁶ “Civilizar-se”, entendido aqui, conforme a concepção de Norbert Elias, como um processo de “reorganização dos relacionamentos humanos que se fez acompanhar de correspondentes mudanças nas maneiras, na estrutura da personalidade do homem, cujo resultado provisório é nossa forma de conduta e de sentimentos civilizados”.

ELIAS, Norbert. *Op.cit.* 1993. 2 v. p. 195.

²⁹⁷ *O Cruzeiro*, 07 maio 1955.

Essa postura de Thormes é amplamente assumida pela revista que, tradicionalmente, desde o início da publicação, em 1928, apresenta uma mulher na capa e, em todas as edições constam uma ou mais reportagens enfatizando alguma beldade feminina. Os concursos de misses mostram os diferentes tipos regionais e a mistura racial, que caracterizam a mulher brasileira, como a Miss Pará de 1955 e, terceira colocada no concurso de miss Brasil, Gilda, que é descrita como "mescla de índia mourisca com escalas ancestrais em Portugal, Maranhão e Xingu",²⁹⁸ características enfatizadas pelas fotografias da reportagem que tem em destaque uma "tira" que ocupa duas páginas, salientando os olhos característicos de Gilda com a legenda: "olhos de índia mourisca".

Em reportagem, sob o título "Caras da Coroa",²⁹⁹ a revista expõe uma enorme quantidade de fotografias de rostos femininos que, conforme informa o texto, foram fotografados, aleatoriamente, na praia do Arpoador, no Rio de Janeiro. O apelo visual é para a quantidade. O texto, bastante reduzido, é esclarecedor:

Tanto na Europa como nos Estados Unidos, de cada mil mulheres dez são, de fato, perfeitas. No Brasil, porém, temos **conjuntos** (grifo do autor) de mulheres bonitas. Em quantidade ninguém nos ganha. E isso não é verde-amarelismo: é a verdade. Para a mulher brasileira qualquer cidadão do mundo tira o chapéu. Muito embora nossa raça não seja perfeita, não seja bonita, temos em número, as mulheres mais bonitas do mundo.³⁰⁰

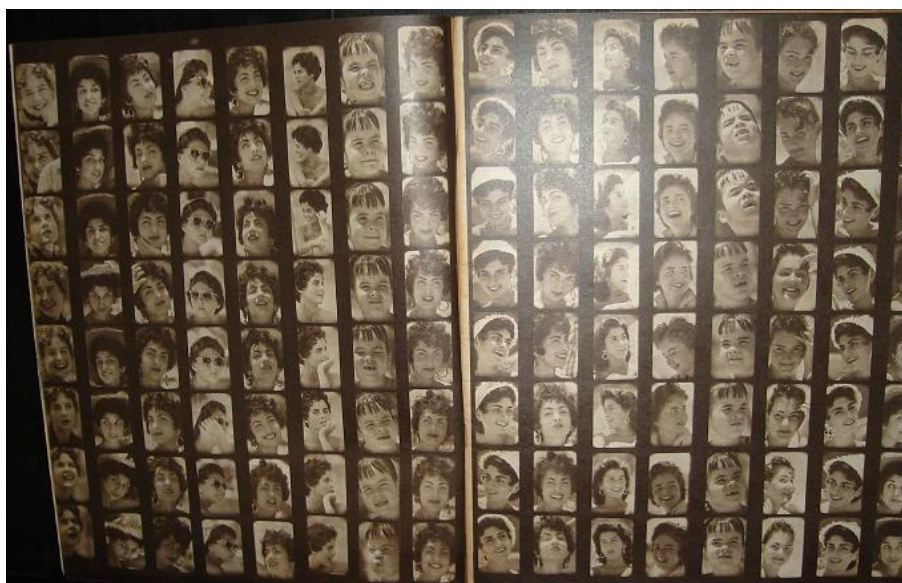


Figura 31: Caras da Coroa. *O CRUZEIRO*, 30 jul. 1955.

²⁹⁸ *O Cruzeiro*, 30 jul. 1955.

²⁹⁹ Idem.

³⁰⁰ *O Cruzeiro*, 30 jul. 1955.

Cabe observar que o conceito de cultura que estamos utilizando diz respeito a expressões artísticas diversas, esportes, formas de comportamentos, festas, na medida em que esses elementos vinculam-se à nação. Assim, os concursos de misses são, aqui, entendidos como uma expressão da cultura nacional, na medida em que a revista enaltece o estereótipo da mulher brasileira, enquanto produto nacional por excelência, declarando-o de forma explícita.

Além das misses, os astros de Hollywood forneciam uma riqueza de material “pedagógico” para o projeto civilizador de *O CRUZEIRO*. As reportagens sobre Hollywood eram parte importante de todos os números e, como vimos, faziam parte de um acordo entre a revista e a Metro Goldwyn Mayer. Já foi bastante discutido o fato de que a indústria cinematográfica foi um dos principais instrumentos de penetração do chamado “*american way*” na América Latina, e especialmente no Brasil.³⁰¹ Nesse sentido, a revista *O CRUZEIRO*, como um dos principais veículos divulgadores dessa indústria, contribuiu imensamente para esse processo. Porém, o que nos interessa, aqui, é perceber como a revista se utilizou deste material de divulgação da indústria cinematográfica norte-americana para construção de modelos de conduta que nem sempre estavam associados ao *american-way* e, por vezes, eram até contrários.

Muito mais do que difundir o *american way*, a divulgação destas matérias se inseriam no projeto civilizador da revista, na medida em que, ao publicar as histórias da vida dos astros de Hollywood, procedia, com base no liberalismo conservador típico da elite brasileira, um julgamento moral definindo os padrões de comportamentos e estabelecendo os limites entre o certo e o errado. Assim o glamour do mundo artístico apresentava-se freqüentemente na contramão da felicidade que se situava, geralmente, no aconchego do lar, na maternidade, numa vida “simples”, bem aos moldes da moral burguesa hegemônica na “civilização ocidental”.

Entre as reportagens sobre Hollywood, poucas eram sobre os filmes. A maioria era sobre a vida dos artistas. Assim, seguindo nossa linha de análise, a revista também em relação a estas matérias fazia a sua seleção de eleitos, construindo estereótipos aos quais eram atribuídos valores positivos ou negativos. Accioli Neto diz que *O CRUZEIRO* recebia gratuitamente fotos dos artistas de Hollywood sobre as quais os redatores construía, livremente, os textos, procedendo, assim, uma adequação aos interesses dos leitores brasileiros bem como aos da própria revista e seus diretores.

³⁰¹ Sobre este tema ver: MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1984. e TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da segunda guerra**. São Paulo: Cia. das letras, 2000.

Desta forma, Marilyn Monroe torna-se o protótipo negativo da vida de Hollywood. A vulgaridade, o apelo físico e o baixo nível intelectual são atributos conferidos à atriz que, por isso, não obtém “papéis sérios” no cinema. Sua própria história de vida, sem família “enfeitada aos doze anos de idade (pelos pais adotivos) órfã simbólica da indústria de Hollywood [...]”³⁰² já a coloca distante do modelo de “boa moça,” como podemos extrair da reportagem: “Os 30 anos de Marilyn Monroe”.³⁰³ Logo no início do texto, que é estrategicamente colocado no centro entre uma foto de Marilyn com trajés e roupas comuns e outra com pose e roupas sensuais, é inserida a pergunta: “O que há de verdadeiro na criatura loura oxigenada com seu sorriso de boca aberta e olhos semi-cerrados? É uma atriz de valor? É uma impostora a cores?”³⁰⁴ O tema central da matéria é a intenção da atriz de mudar a sua imagem e, para isso, estaria no momento “interessada em livros e escritores”³⁰⁵. Ao lado de uma foto com apelo sensual, segue a legenda: “farta de ser julgada a loura tantã Marilyn Monroe quer provar agora que tem intelecto”.³⁰⁶

A reportagem segue falando da fundação de sua produtora - Marilyn Monroe Productions - e na sua pretensão de ser empresária do cinema. Tal iniciativa era noticiada num tom de incredulidade, concluindo pela dificuldade em ela deixar de ser *Marilyn*. Ao lançar o primeiro filme de sua produtora, conforme a reportagem, na categoria de películas sérias, ela teria deixado cair a alça da blusa, “característico de um espetáculo monroesco”³⁰⁷. A reportagem ironiza tais iniciativas tanto no texto verbal, quando observa que agora a atriz deve ser respeitada pois é presidenta de uma usina de filmes, quanto nas imagens, quando, sob uma foto de página inteira de Marilyn sob os lençóis, consta a legenda: “A *leading-lady* de Sir Laurence Oliver.”³⁰⁸ Ao final do texto, em negrito: “[...] aguardemos suas produções”, também sugere um certo descrédito.

³⁰² Trecho extraído da legenda de uma das fotografias de Marilyn. *O Cruzeiro*, 09 jun. 1956.

³⁰³ *O Cruzeiro*, 09 jun. 1956.

³⁰⁴ *Idem*

³⁰⁵ *Idem*.

³⁰⁶ *Ibidem*.

³⁰⁷ *Ibidem*.

³⁰⁸ Laurence Oliver, cineasta reconhecido fora contratado por Marilyn para atuar como diretor e ator no primeiro filme de sua companhia. *O Cruzeiro*, 09 jun. 1956.



Figura 32: Os 30 anos de Marilyn Monroe. *O CRUZEIRO*, 09 jul. 1956.

Observamos que não é a origem humilde que é condenada, pois a revista, coerente com o ideário liberal, empenha-se em divulgar trajetórias de ascensão social – o pobre que por seu esforço, tornou-se rico, etc. Assim, Liz Taylor, por exemplo, é de família de classe média inglesa que migrou para os Estados Unidos durante a Guerra. A própria tradição cultural inglesa, a educação religiosa de Elisabeth a torna mais capacitada para construir uma trajetória de sucesso, diferente de Marilyn, destituída deste tipo de capital. Ela se enquadrava melhor ao papel de heroína até mesmo do que Gracie Kelly que, embora possua uma conduta elogiada nas reportagens, aparece como uma representante da aristocracia (mesmo antes do casamento com o príncipe), destituída, portanto, do ideal de mérito, tão caro à moral burguesa.

Marilyn Monroe e Elisabeth Taylor são as atrizes que aparecem num maior número de reportagens, no período em questão, porém ao contrário da primeira, a segunda representa os valores positivos, a moralidade que prevalece mesmo num meio tão “comercial” como Hollywood. Elisabeth Taylor, conforme reportagem “As Orações de Elisabeth Taylor”,³⁰⁹

[...] cresceu dentro de um estúdio onde trabalha desde quando deveria estar ainda brincando com bonecas [...] mas não é como tantas jovens, insatisfeita e uma borboleta de prazeres. Teve um divórcio em sua vida; não porque quisesse ou temesse a vida no lar. Liz Taylor continua sendo a irmãzinha sossegada, e esposa em perene lua-de-mel, a mãezinha que vive todos os instantes para seu filhinho.³¹⁰

³⁰⁹ *O Cruzeiro*, 16 abr. 1955.

³¹⁰ *Idem*.

A matéria é longa, são três páginas duplas descrevendo a vida da atriz, os problemas que ela teria superado ao longo de sua vida, o que conseguiu graças a sua fé em Deus. A felicidade fora finalmente alcançada com o seu casamento com um inglês, Michael Wilding, que lhe deu um filho. A reportagem faz uma montagem de imagens fotográficas de forma que é possível acompanhar uma trajetória cronológica da vida da atriz a partir da disposição fotográfica.

As páginas iniciais contêm duas fotos da atriz em estilo glamoroso e outra menor, numa cena comum, acompanhada de seu primeiro ex-marido, que lhe teria sido infiel. As duas páginas seguintes apresentam uma série de fotografias menores de Elisabeth desde a sua infância, adolescência, formatura, casamento e vida adulta sob o título: “Deus nunca me desamparou nas horas de aflição”. Por fim, as duas últimas contêm cenas com o marido do momento e uma de página inteira e colorida (o que a destaca das demais) da atriz cujo traje e expressão lembram imediatamente uma santa católica.



Figura 33: As Orações de Elisabeth Taylor. *O CRUZEIRO*, 16 abr. 1955.

Durante todo o período estudado, a caracterização das duas atrizes citadas é continuamente reforçada nas reportagens veiculadas. Vemos assim que as imagens que a revista elabora de uma e de outra são contrastantes, como podemos observar contrapondo as

figuras 31 e 32. Elas visam, acreditamos, à construção de modelos norteadores da conduta pela qual os leitores(as) deveriam se orientar a fim de estarem atualizados com os valores que a revista creditava ao mundo civilizado.

Como as reportagens sobre Hollywood são parte significativa do material, poderíamos citar muitos exemplos nesse sentido. De uma forma geral, elas enfatizam a vida amorosa dos astros, como hoje ainda fazem as revistas especializadas. A felicidade sempre aparece condicionada a um bom casamento, sendo que, no caso das mulheres, as que optam por colocar a vida profissional em primeiro plano, são automaticamente condenadas à infelicidade, reproduzindo, dessa forma, a distinção entre os sexos e reforçando o papel atribuído às mulheres pela sociedade burguesa. Este é o caso de Greta Garbo, por exemplo, cujo profissionalismo e comportamento discretos diante do público eram reconhecidos pela revista, porém, como nunca se casou, era infeliz. Em reportagem sobre o cinquentenário da atriz, o texto conclui: “Assim é Greta Garbo, a rainha do cinema, rica, ainda bela, mas infeliz, porque seus amores nunca a conduziram ao lar simples e modesto onde existe o repouso, a paz e a confiança recíproca”.³¹¹ Da mesma forma, Susan Hayward teria declarado: “A vida de uma “estrela” depende do tipo de vida que leva no lar”.³¹²

Também representantes masculinos do mundo de Hollywood ajudam a reforçar a valorização do lar como ideal de felicidade. É neste aspecto que se detém a reportagem sobre Kirk Douglas, que já no título destaca: “[...] Kirk é um homem do lar”.³¹³ As fotografias retratam o ator em diferentes cenas domésticas, ao lado de então esposa. O divórcio da esposa anterior, também atriz, teria ocorrido em decorrência de sua vida profissional. O ator teria declarado que “[...] se Diana não fosse profissional e ficasse em casa cuidando dos trabalhos domésticos, esquecendo sua carreira, admito que seríamos felizes, mas Diana tem talento e deve continuar.” Em compensação, no novo casamento, ele encontrou, segundo a reportagem, “[...] a companheira fiel, a dona de casa e o estímulo necessário para o seu trabalho no cinema”.³¹⁴

Outro mito do cinema, Clark Gable, é descrito como o “tirano-romântico” que “deseja a vida simples de rancheiro e a compreensão de uma esposa”.³¹⁵ Às imagens dos filmes onde ele aparece ao lado de beldades como Joan Crowfort, Susan Hayward, Greta Garbo entre outras, seguem, na página seguinte, outras com suas ex-esposas e a do momento. A

³¹¹ *O Cruzeiro*, 08 out. 1955.

³¹² *O Cruzeiro*, 15 jun. 1957.

³¹³ *O Cruzeiro*, 07 jan. 1956.

³¹⁴ *Ibidem*.

³¹⁵ *O Cruzeiro*, 15 out. 1955.

mensagem é a mesma: a dificuldade em conciliar a vida de astro do cinema com a felicidade alcançada somente através do casamento e a simplicidade do lar.

O profissionalismo dos atores é valorizado na medida em que atuam em filmes descritos como “sérios”, em papéis dramáticos e, especialmente, representando clássicos da literatura, o que requer certo domínio intelectual. O estrelismo que vigorava em Hollywood e os excessos dele decorrentes como a super-exposição publicitária, exploração de atributos físicos, escândalos, etc., embora divulgado na revista, era condenado por suas futilidades e por seu materialismo, que desprezava os valores tidos como essencialmente humanos, sobretudo, a família. Na realidade, em seu conjunto, as reportagens fazem uma crítica ao mundo Hollywoodiano, lugar de sucesso, dinheiro e infelicidade doméstica. Sua avaliação é a seguinte:

De um modo geral a características que mais se vê em um astro ou estrela é o egocentrismo exagerado. Percebemos isso em todos os que vimos. Eles evitam falar demais mas só abrem a boca para falar de si mesmo. Os escândalos em que se vêem envolvidos, por vezes, não passam de sensacionalismo de certa imprensa. O que eles tem são seus dramas pessoais. Sua vida é difícil, complicada e turbulenta. Ganham milhões e raramente podem gastá-los como lhes apraz [...].³¹⁶

Esta é a avaliação que a revista fez da vida de Carmem Miranda, por exemplo. As várias reportagens, após a sua morte, refazem a trajetória da artista brasileira que foi para os Estados Unidos em busca da fama e dinheiro. Descreve todas as aquisições materiais de Carmem, além de seu sucesso. Porém aquele era um mundo exclusivamente material ao qual ela tinha que se sujeitar devido aos contratos comerciais. Ainda segundo a revista, este modo de vida havia esgotado física e mentalmente a artista brasileira que precisava, em alguns momentos, voltar ao Brasil para buscar a paz na tranquilidade da família.

A negação ao estilo hollywoodiano de vida aparece de forma explícita quando a confrontamos com a trajetória das misses do Brasil, veiculadas nas reportagens. Não só o *happy end* era sempre um casamento e filhos num lar aconchegante, quanto a negação a uma vida pública é elogiada, como no caso da “eleita” Emília que havia “honrosamente” recusado convites para trabalhos publicitários.

Portanto, parece simplista demais falarmos apenas na difusão de um *american way*. Este, no trajeto entre a chegada das imagens e informações na redação e a sua veiculação

³¹⁶ *O Cruzeiro*, 01 set. 1956.

passava por uma reelaboração pautada por uma avaliação cuidadosa que tratava de adequar o discurso – imagem e textos – à realidade para a qual era produzido, bem como, aos interesses dos seus produtores. É importante lembrar que a força deste discurso está ligada, conforme nos ensina Bourdieu, na sua capacidade de fazer crer e no reconhecimento. Os destinatários têm que se reconhecer no discurso cuja eficácia depende, em parte, da força do grupo que o reconhece e de que ele exprime os interesses.³¹⁷

Os astros de Hollywood, cada vez mais, competiam com os do esporte. Estes, também estavam sujeitos ao julgamento dos repórteres, especialmente os jogadores de futebol. Entretanto esse julgamento não se limitava ao seu desempenho nos jogos, mas a toda a sua conduta. Os jogadores e o próprio futebol brasileiro encontravam-se, ainda, conforme a avaliação da revista, num nível abaixo daquele do mundo dito civilizado, ou seja, o europeu. As críticas nesse sentido concentravam-se na falta de inteligência, competência técnica, espírito desportivo e de lideranças. O que tínhamos era apenas força física e a ginga, aspectos tidos como naturais do povo brasileiro que deveriam, entretanto, ser domesticados.

Estudos sobre a história do futebol, no Brasil, apontam para o fato de que é a partir dos anos 30 que este esporte ganha popularidade e passa a ser considerado um componente da identidade nacional. Nessa fase, o futebol nacional teria superado uma etapa elitista e se popularizado, assumindo características próprias do brasileiro, entendido como o ser nacional mestiço. As características inatas do brasileiro, como a ginga e a intuição, sobrepunham-se aos esquemas táticos europeus, dando origem ao que passou a ser conhecido como futebol-arte. Entretanto é no final dos anos cinquenta que esse modelo começa a ser contestado, colocando-o em oposição ao europeu, mais racional e eficiente. Entendemos que *O CRUZEIRO* participava desse debate, percebendo o desenvolvimento do futebol, numa perspectiva evolutiva da civilização brasileira. É ainda Norbert Elias quem nos orienta neste entendimento, para ele:

A moderação das emoções espontâneas, o controle dos sentimentos, a ampliação do espaço mental além do momento presente, levando em conta o passado e o futuro, o hábito de ligar os fatos em cadeias de causa e efeito – todos estes são distintos aspectos da mesma transformação de conduta, que necessariamente ocorre com a monopolização da violência física e a extensão das cadeias da ação e interdependência social. Ocorre uma mudança “civilizadora” do comportamento.³¹⁸

³¹⁷ BOURDIEU, Pierre. O.p.cit. 1989. p. 183 e seguintes.

³¹⁸ ELIAS, Norbert. Op. Cit. 1993. v. 2, p. 198.

O controle das emoções, neste sentido, é entendido como uma etapa do processo civilizador. Assim as críticas não estavam dissociadas daquela imagem do país que a revista se empenhava em difundir, ou seja, um país ainda não plenamente desenvolvido e que tinha ainda muito que aprender, sobretudo, com países desenvolvidos, como fica explícito na reportagem “Fala Mr. Ellis”.³¹⁹

O tema é uma entrevista com um juiz inglês que apitara a partida entre Brasil e Hungria na Copa do Mundo de 1954. Segundo a reportagem, o time brasileiro reagiu mal à derrota e partira para luta corporal com os jogadores adversários e fazia ameaças ao juiz. Este teria sofrido muitas acusações por parte da imprensa brasileira na defesa do selecionado brasileiro. *O CRUZEIRO*, na contramão, publica a versão do juiz inglês sobre o episódio. A fotografia de página inteira que acompanha a reportagem já desfaz, de saída, a imagem de vilão do juiz inglês (conforme a reportagem difundida pela imprensa brasileira): no jardim de sua residência, o juiz joga bola com o filho no que é observado pela esposa. Imagem singela da felicidade do lar. A entrevista resulta em um longo texto que avalia o futebol brasileiro e o compara-o ao inglês. O texto discorre sobre os eventos da partida e, sobretudo, sobre o mau comportamento dos brasileiros diante da derrota. Embora a habilidade dos brasileiros seja apreciada, eles teriam muito a aprender com os ingleses. Em destaque, é reproduzida a frase atribuída a Mr. Ellis: “Nós ensinamo-lhes futebol. Próxima tarefa: Ensinar-lhes a desportividade.”³²⁰

A mesma idéia de que o que falta ao futebol brasileiro é a racionalidade, própria das nações civilizadas, era reiterada em diversas ocasiões. Assim, ao comentar os bons resultados obtidos pelo técnico brasileiro contratado pelo Benfica português, a justificativa descrita em partes destacadas do texto, era a superioridade intelectual dos jogadores portugueses. O subtítulo da reportagem diz: “Oto Glória compara o futebol brasileiro ao português – conclusão: diferença de nível intelectual dos jogadores – Vantagem para Portugal [...]”.³²¹ E na página seguinte, a legenda referente à fotografia de um treino: “O jogador português gosta de treinar e se preparar. É, antes de tudo, consciente e responsável.”³²²

Era esta a justificativa que a revista usava, ao eleger em muitas de suas reportagens, nos anos estudados, o jogador Zizinho como o melhor jogador do país. Ele era o único

³¹⁹ *O Cruzeiro*, 05 fev. 1955.

³²⁰ *Idem*.

³²¹ *O Cruzeiro*, 16 jul. 1955.

³²² *Ibidem*.

jogador brasileiro comparado a um atleta europeu em nível de igualdade. A justificativa: Ele é o “[...] mestre dos jogadores cerebrais, o homem que sozinho vale por um time, [...]”³²³

Mas essa diferença de “níveis de cultura” também ocorre internamente, através de uma hierarquia tanto entre os diferentes esportes (esportes de elite x esporte popular), quanto entre os atletas. Exemplar, neste sentido, é a reportagem “Do Didu ao Didi” que aponta as diferenças entre dois atletas brasileiros reconhecidos internacionalmente, Didu, jogador de pólo e Didi, jogador de futebol. Ao centro de uma página dupla, entre a imagem dos dois atletas, um de cada lado, o texto destaca as diferenças entre os dois: Didu representa a boa educação; Didi, a falta desta. Mas o texto é otimista: “Esses defeitos ou lacunas, que todos nós temos em conjunto, dentro de uma ou duas gerações não vingarão”.³²⁴



Figura 34: Do Didu ao Didi. *O CRUZEIRO*, 18 ago. 1956.

No mesmo sentido, podemos citar as reportagens sobre as lutas de Jiu-Jitso, lideradas pela família Gracie. Os feitos esportivos dos Gracie eram seguidamente destacados na revista *O CRUZEIRO*. Nessas reportagens era sempre enfatizada a qualidade técnica de tal luta, em parte, desenvolvida pelo próprio Hélio Gracie. Segundo a revista, eles criaram um verdadeiro “patrimônio nacional” ao desenvolver uma metodologia própria para tal luta. Ainda destaca

³²³ *O Cruzeiro*, 12 fev. 1955.

³²⁴ *O Cruzeiro*, 18 ago. 1956.

que o domínio dos Gracie, a nível mundial, era muito superior à qualidade do futebol brasileiro que, entretanto, recebia maior prestígio por parte do governo.

Novamente, aqui aparece o confronto entre a força bruta inata dos brasileiros e a técnica desenvolvida a partir de um processo de aprendizado. A expressão simbólica deste confronto pode ser desprendida da publicação da luta entre Hélio Gracie e um dos seus alunos, Waldemar, um negro mais jovem e bem mais forte que o anfitrião da família Gracie bem como dos acontecimentos decorrentes do resultado dessa luta: a vitória do aluno Waldemar.

Já na primeira reportagem sobre a luta, a vitória de Waldemar é atribuída a dois motivos: à utilização de golpes desonestos e à técnica Gracie, apreendida com o próprio. A reportagem conclui, então, que a vitória é da técnica Gracie. Em reportagens posteriores, abriu-se uma discussão sobre os recursos ilícitos utilizados por Waldemar, que teria lutado como num “vale-tudo”, incompatível com o nível técnico de Gracie. Na seqüência, a revista faz um apelo público para que Hélio não aceite uma nova luta proposta por Waldemar pelos mesmos motivos, ou seja, o desafiante não estava a sua altura. Por fim, o desfecho do episódio ocorreu com uma nova luta, entretanto, o lutador era um membro mais jovem dos Gracie, Carlson, que venceu a luta. A revista deu destaque ao evento e, ao longo de toda a reportagem, confronta a força bruta de Waldemar à técnica de Carlson. Nasser, o repórter de maior prestígio da revista, escreve uma matéria a respeito onde questiona:

Quem é você Waldemar? Qual o seu passado de lutador? Não sabemos, não sabem ninguém. Você é, dentro do esporte, um produto de geração espontânea. Carregava toalhas na Academia Gracie modesta e honradamente e como era forte e corajoso foi transformado em saco de pancadas. Muito bem. Aprendeu alguns golpes, tornou-se um *aparring*.” E mais adiante: “Quem são os Gracie? Uns rapazes um tanto vaidosos de seu passado esportivo, mas, juntos, uma Instituição [...]”.³²⁵

As fotografias que ilustram esta reportagem reforçam as diferenças descritas acima. De um lado, ocupando uma página inteira, a fotografia de Hélio Gracie “ensinando alguns golpes” ao repórter. Os dois uniformizados de kimono branco, sorridentes, contrastam com a foto de Waldemar na página oposta. É uma foto pequena, onde ele aparece sem camisa junto a policiais, aparentemente escoltando-o (ou protegendo). A foto não tem legendas explicativas, o que interessa é apenas o efeito de tal imagem.

³²⁵ *O Cruzeiro*, 24 dez. 1955.



Figura 35: Não Lute, Hélio. *O CRUZEIRO*, 24 dez. 1955.

Concursos de missas, astros do cinema e ídolos do esporte servem como matéria prima para a ação pedagógica de *O CRUZEIRO* que tem por base a veiculação de uma imagem dicotômica da sociedade brasileira, onde estariam em confronto o bem e o mal; o certo e o errado; enfim, o atraso e a modernidade.

A necessidade de identificar, dividir e hierarquizar os brasileiros decorria, em parte, do crescente processo de urbanização que reuniu, nos grandes centros, populações oriundas de diversos grupos sociais e de diferentes partes do Brasil, além do crescimento do setor de serviços que levou à expansão da classe média no país e o acirramento das diferenças sociais.

Em meados dos anos 50, o Brasil era um país cada vez mais urbano. Se, em 1950, 36% dos brasileiros viviam nas cidades, em 60, eles eram 45%³²⁶. Os centros urbanos atraíam um considerável contingente populacional, inchando e crescendo de forma desordenada, revelando os problemas de infra-estrutura como energia, transportes e moradia. Ao mesmo tempo em que cresciam as favelas, vemos o surgimento de novos bairros de classe média e dos “novos ricos”, intensificando as diferenças sociais que iam adquirindo, também, contornos geográficos. As principais cidades eram ainda Rio de Janeiro e São Paulo, sendo a primeira, até 1960, capital da República, cidade administrativa e turística; a segunda já se constituía no principal pólo industrial do país, como ainda o é nos dias atuais.³²⁷

O crescimento urbano e a concentração da população contribuíram para a organização dos diferentes setores sociais. Cresciam os movimentos dos trabalhadores e estouravam

³²⁶ RODRIGUES, Marly. Op.cit. p. 31.

³²⁷ Idem. p. 32.

greves e protestos nos principais centros industriais, respaldados pela esquerda brasileira, em especial o PCB e setores do PTB. Parte da Igreja Católica aderiu à linha mais progressista, entrando na luta pelas causas sociais, sendo criada em 1952, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) que passou a concentrar sua ação na área rural do país. A burguesia apoiava os respectivos grupos de interesse que, de forma geral, podem ser reunidos em nacionalistas e liberais. A intelectualidade brasileira aliou-se a uma das frações dominantes da sociedade, atuando como legitimadora destas.

Todos esses atores sociais, ligados aos diferentes campos - político, religioso, econômico, social e cultural -, circulavam nas páginas da revista *O CRUZEIRO*, marcando e, por vezes, disputando posições e definindo limites. A burguesia, embora fosse o grupo majoritariamente representado na revista, às vezes, dividia o espaço com setores das camadas mais populares, desde que se respeitasse o lugar de cada um, ou seja, as reportagens retratavam os papéis e os espaços que cabiam a cada grupo, conforme sua visão. A ala conservadora da Igreja Católica passou a dispor de um espaço significativo (talvez na mesma proporção que crescia a ala esquerdista). Podemos arriscar e dizer que, da mesma forma como hoje a telenovela galvaniza o país, na medida em que passou a ser um local onde todos os brasileiros se vêem, independente de classe, cor ou gênero, *O CRUZEIRO* era, também um local de encontro, mas, ao mesmo tempo, de divisão, tal como a novela.

A partir do exposto, entendemos que a revista tinha como um de seus objetivos atuar como instrumento pedagógico destinado, especialmente, às classes média e alta da sociedade brasileira. Os ensinamentos eram entendidos como parte de um projeto civilizador; operando, de um lado, na educação informal destes grupos que deveriam assimilar valores morais e éticos do mundo desenvolvido, através de padrões de comportamentos ideais construídos pelo periódico; de outro, acentuar características essencialmente nacionais, através da construção de uma cultura nacional popular que, entretanto, deveria ser conduzida e articulada por esse mesmo grupo.

4 REELABORANDO OS ESPAÇOS NACIONAIS

4.1 OS ESPAÇOS NACIONAIS

A construção da identidade nacional é um dos elementos básicos de acesso à civilização conforme este conceito é entendido e utilizado pela revista *O CRUZEIRO*. Este processo passava também pela organização, hierarquização e integração do espaço físico do país. O objetivo deste capítulo é analisar as imagens do espaço nacional, reproduzidas na revista, e perceber em que medida elas relacionam-se a uma visão de mundo específica, ou seja, àquela correspondente ao projeto de nação que a revista e o grupo associado defendiam. Para tal fundamentamo-nos na concepção de que as formas espaciais são construídas a partir de um conjunto de representações culturais historicamente elaboradas como produto do próprio processo de transformação social. Assim, “[...] por trás de toda concepção espacial, arranjo e utilização da terra, mapeamentos e descrições de paisagem, valorização ou não de lugares, estão os valores culturais, o universo da cultura, da política e das ideologias”.³²⁸

Com o intuito de impor uma determinada visão sobre espaço nacional, *O CRUZEIRO* retratou-o freqüentemente em suas páginas, seja através de discussões acerca das questões estruturais das cidades brasileiras, da exploração racional do interior ou divulgando as paisagens nacionais elaboradas com objetivo de construir uma imagem do Brasil como país exótico. Nesse processo, promovia uma classificação das regiões brasileiras, ressaltando características identitárias regionais, utilizando-se ora de denominações para referir-se a um espaço, tais como: “Terra de Ninguém”, “Paraíso Perdido”, “Brasil Desconhecido”, “(território) Virgem”, “Brasil Exportação”, “Cidade Maravilhosa”, “Zona Norte”, “Zona Sul”; ora de fotografias, cujo simbolismo remetia ao mesmo universo de sentido. Essas características são também fruto de construções simbólicas, elaboradas a partir dos interesses e pressupostos dos autores, que implicam em atos de percepção e apreciação, de representações objetivas ou mesmo ações que visam, em última análise, “determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores”.³²⁹

Para Bourdieu, a luta pelo poder de classificação é a própria luta pela definição da identidade regional ou étnica e deve ser entendida enquanto “luta das representações, no

³²⁸ ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões*: Entre a história e a memória. Bauru: São Paulo EDUSC, 2000. p. 28.

³²⁹ Idem. p. 112.

sentido de imagens mentais e também de manifestações sociais destinadas a manipular as imagens mentais [...]”.³³⁰ Ao divulgar as representações do Brasil dividido em regiões idealizadas, as fotorreportagens buscavam construir um consenso, a partir da imposição de “princípios de visão e divisão comuns, portanto, uma visão única de sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade”,³³¹ a unidade da nação.

Esse propósito não é novo. Foi com esta intenção que durante o Estado Novo procedeu-se a divisão oficial do Brasil em regiões, objetivando uma maior integração econômica do país, necessária à expansão capitalista. Desde os anos trinta, a integração nacional foi vista como função do Estado. No governo Vargas, houve uma transformação na organização e gestão do território brasileiro, sendo que a unidade do território nacional passou a ser encarada como competência do Estado.³³² Inicialmente, essa integração era mais econômica, sendo que cada região contribuiria com sua produção característica, dentro da idéia de “vocação regional”.³³³ A unidade era entendida como a união das diversidades regionais. Durante todo o período – 30 a 45 –, foram intensos os debates sobre os critérios que deveriam orientar tais divisões. Segundo a autora, o que prevaleceu foi a divisão em regiões naturais que “se caracterizavam pela topografia que apresentavam, por suas condi es climáticas, pelas condi es de vida e de trabalho que possuíam e pelos recursos que ofereciam.” Para In  de Castro, citada por Magali F. Bueno, “[...] o reconhecimento apenas das paisagens na percep o das diferenças do território brasileiro implica também em reforçar o mito da unidade territorial como suporte da unidade política e da coesão social do nacionalismo, já que reconhecer outras diferenças poderia abalar esta crença.”³³⁴

Para além das questões referentes ao discurso sobre a divisão oficial das regiões, Gilmar Arruda aponta para o fato de que, a partir da virada do século, a imagem do Brasil, enquanto natureza, deu lugar a um “imaginário social bipolarizado em cidades e sertões”.³³⁵ Essa divisão opera-se, sobretudo, nível simbólico, atribuindo características positivas a uma das partes:

³³⁰ Idem. p. 113.

³³¹ Idem. p. 117.

³³² BUENO, Magali Franco. **O Imaginário brasileiro sobre a Amazônia**: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de geografia e da m dia impressa. Disserta o de mestrado do PPG em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo: USP, 2002. p. 69.

³³³ Idem.

³³⁴ Ibidem. p. 72.

³³⁵ ARRUDA, Gilmar. Op.cit. p. 13.

A cidade é moderna, progressista, representante de valores novos na qual a atividade política se desenvolve segundo os padrões da moderna democracia, usa-se a razão para convencer, há livre expressão e liberdade de opção. É o lugar de vivência e atuação de cidadãos livres e conscientes. O sertão é arcaico, o lugar da ação do clientelismo político, dos coronéis, do populismo, da violência e onde não há possibilidade de ação política de cidadãos livres e conscientes.³³⁶

Estas representações sobre a paisagem brasileira decorrem do acelerado processo de urbanização vivenciado, principalmente, por São Paulo na primeira metade do século XX. Para Arruda, o processo de transformação da paisagem resultante do processo de urbanização levou a uma percepção da paisagem pautada cada vez mais pela vida urbanizada, entendida como “civilizada”, enquanto que o sertão “passou a ser considerado “atrasado”, “violento”, etc.”³³⁷ Segundo o mesmo autor, a divisão entre cidades e sertões foi reforçada pela difusão desses discursos através dos meios de comunicação em expansão neste período.

O projeto de nação defendido e difundido em *O CRUZEIRO* pressupunha, também, um território nacional e integrado, como parte da tarefa de um “civilizar” que pode ser entendida como “homogeneizar” ou “soldar” territórios aos novos ideários, inscrevendo-se no chamado ingresso do Brasil no campo da modernidade”.³³⁸ Com esse objetivo, por diversas ocasiões, a revista atribuía-se a tarefa de (re) descobridor o Brasil, propondo-se a revelar, através das fotorreportagens, um país até então desconhecido pelos brasileiros. Contribuía para essa postura o próprio caráter da fotorreportagem em que a fotografia era entendida como *testemunho*, prova da realidade³³⁹ e o fotógrafo-repórter era o desbravador; o novo bandeirante cuja tarefa, nesse caso, era desbravar o território brasileiro tendo como fim último, a integração nacional.

Nadja Peregrino, em seu estudo sobre as fotorreportagens da revista em questão, analisa este caráter heróico do repórter fotográfico de *O CRUZEIRO*. A autora nos informa que:

Em todas, com maior ou menor ênfase, se insere o autor dentro da dinâmica da notícia com uma ação que implica uma participação viva dos repórteres dentro de um determinado episódio. Na medida em que a trama se desenvolve, o nosso herói não pode deixar de enfrentar as mais terríveis provas, onde tem que demonstrar toda a sua inabalável fortaleza diante dos obstáculos. No duro exercício de apanhar a notícia, os repórteres partiam para descobrir o ignorado.³⁴⁰

³³⁶ Idem.

³³⁷ ARRUDA, Gilmar. Op.cit. p.14-15.

³³⁸ Ibidem. p. 99.

³³⁹ “[...] a foto de imprensa, em maior grau que o texto escrito, aparece com uma tremenda força de objetividade. Pela qualidade da imagem conseguida através de seu aparato técnico, a foto aparece como um testemunho fidedigno e transparente do acontecimento”. PEREGRINO, Nadja. Op. cit. p. 52.

³⁴⁰ Ibidem. p. 75.

A fotografia como forma de retratar a paisagem, por sua vez, implica numa mudança na percepção da natureza. Fruto do próprio processo de desenvolvimento industrial, constitui-se numa técnica, cujo produto, a imagem fotográfica, não pode ser entendido fora do mundo que produziu tal tecnologia e que, em última análise, confere sentido à representação. Vânia Carneiro de Carvalho, citada por Arruda, analisou a representação da natureza na pintura e na fotografia e, no que se refere ao segundo formato, observou “um compromisso de elaboração de uma moderna imagem do país, contemporânea à sociedade capitalista. A natureza assume diferentes funções, ligadas aos novos quadros da sociedade: a produção capitalista e a urbanização.”³⁴¹ A autora observou, também, que: “... a fotografia aparece como o meio mais adotado para registrar/representar e empreender uma mudança nas noções de natureza. As novas noções seriam as pensadas a partir do novo cenário brasileiro, especialmente o processo de urbanização e industrialização”,³⁴² que as fotografias tornavam cada vez mais visível, anunciando a “civilização”.

Este papel, o de mensageiro da civilização, a revista *O CRUZEIRO* atribuía-se a si própria e, mais que isso, considerava-se o próprio agente promotor do processo. É nesse sentido, como parte de um “processo civilizador”, que a revista apresentava aos seus leitores as paisagens brasileiras, na tentativa de impor a sua leitura do mundo social. Para entendermos o seu posicionamento bem como conhecer as estratégias utilizadas para difundi-lo, analisamos as formas de organização do espaço nacional veiculadas nas fotorreportagens que são classificadas na temática “espaço nacional”, nas categorias (EX), (URB), (LZ) e (S).

4.2 O SERTÃO

A integração nacional, em um país de dimensões continentais, sempre esteve no centro das discussões sobre a identidade. Esse é também um conceito-chave no pensamento de Assis Chateaubriand, explícito nos seus inúmeros artigos e discursos enquanto Senador da República. É esse pensamento que vai definir, em parte, a própria trajetória dos Associados, pioneiros na formação de redes de comunicação no país.

Essa questão foi apresentada na revista de diferentes formas. As mais comuns foram as expedições ao interior, especialmente à Amazônia, mostrando a *imensidão* do país a

³⁴¹ ARRUDA, Gilmar. Op.cit. p .81.

³⁴² Ibidem. p. 82.

desbravar. Muito antes da construção de Brasília, *O CRUZEIRO* já trazia para o leitor as imagens dos vazios nacionais e as propostas de mudança da capital para o interior. Ao mesmo tempo, fazia, com frequência, referências ao mito do bandeirante paulista: corajoso, desbravador, que possibilitou o progresso paulista, símbolo das possibilidades de desenvolvimento da nação.

Essa temática, entretanto, não era exclusividade da revista *O CRUZEIRO*. Mary Junqueira, em estudo sobre a revista *Seleções*, informa-nos que essa publicação fazia constante uso da mitologia que, segundo a autora, povoava o imaginário nacional da época, sendo que o ambiente cultural dos anos 40, 50 e 60, veiculado principalmente nos meios de comunicação, debatia teses semelhantes às que a revista *Seleções* apresentava.³⁴³

A mesma autora diz, ainda, que a solução apontada por *Seleções* para resolver tal problema era seguir o exemplo norte-americano:

[...] a única iniciativa a tomar a fim de sanear os males da região era seguir o exemplo norte-americano, especialmente o posto em ação no século XIX, quando os norte-americanos tomaram os territórios do Oeste (...) confinaram os índios, exterminaram espécies selvagens e transformaram o continente num espaço cultivado e industrializado pelo norte-americano branco.³⁴⁴

A *Marcha para o Oeste* foi a denominação adotada por um projeto proposto por Vargas no final dos anos 30. O programa propunha uma colonização dirigida que visava ocupar os espaços vazios do interior do Brasil e povoar as regiões brasileiras com pouca densidade populacional. A campanha propunha a construção da Nação por todos os brasileiros. Regiões como Amazônia, Goiás e Mato Grosso seriam, com a *Marcha para Oeste*, integradas ao desenvolvimento econômico do país, à medida que alcançassem as conquistas de regiões mais avançadas economicamente. Seth Garfield³⁴⁵ diz que:

³⁴³ JUNQUEIRA, Mary. Representações políticas do território latino-americano na revista *Seleções*. **Revista Brasileira de História**. Ano 1, vol. 21, n. 042, dez. 2001.

³⁴⁴ Ibidem. p. 339.

³⁴⁵ GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-nação na era Vargas. **Revista Brasileira de História**. v. 20, n. 39, São Paulo, 2000. p. 30.

Sob os cuidados do governo federal, afirmavam funcionários do Estado Novo, o potencial do sertão não mais seria desperdiçado. A extração dos preciosos recursos naturais e humanos do sertão asseguraria a prosperidade da nação. Como observou Vargas, o Brasil não precisava olhar para além de seu próprio quintal esquecido, "vales férteis e vastos" e "entranhas da terra, [...] de onde os instrumentos de nossa defesa e do nosso progresso industrial seriam forjados". Ao proporcionar escolas e serviços de saúde para índios e sertanejos, e redes de comunicação e transporte, o governo consolidaria a nação como um todo orgânico.³⁴⁶

Desde o início, a rede Associada vai aderir a este programa, não só divulgando, como participando das expedições ao interior do Brasil, sobretudo, nos territórios indígenas. O marco desse processo é a cobertura da Expedição Roncador/Xingu,³⁴⁷ ainda nos anos 40, ficando célebres as reportagens da revista *O CRUZEIRO* sobre os índios Xavantes, que teriam sido descobertos pelos repórteres da revista, que enfrentaram as flechas dos índios hostis para a realização da reportagem. As fotografias mostravam as marcas, no avião, que seriam decorrentes da flechas indígenas, numa representação que denota a luta civilização *versus* barbárie, identificando os indígenas como inimigos da civilização.³⁴⁸

Este ideário da interiorização do Brasil continuava em pauta nos discursos dos anos cinquenta, como podemos acompanhar através das extensas reportagens produzidas em *O CRUZEIRO*, fruto de verdadeiras excursões realizadas pelos repórteres ao interior do Brasil.³⁴⁹

Em reportagem sobre o sertão brasileiro, é Jânio Quadros, então governador de São Paulo, quem faz o papel de bandeirante. O título é: "Jânio mergulha no sertão"³⁵⁰ e descreve a viagem do personagem pelo interior do Brasil, de acordo com o autor, "para tomar contato direto com os problemas nacionais". A iniciativa é acompanhada por autoridades do governo do Estado, representantes do SPI³⁵¹ e pela equipe de "*O CRUZEIRO*" que documenta toda a excursão, através de registros fotográficos, narrativas sobre as localidades visitadas e

³⁴⁶ Idem. p. 30.

³⁴⁷ Esta Expedição era considerada a "ponta de lança" da colonização do Brasil Central, e Amazônia de onde partiriam as bases para a colonização de vastas áreas do Araguaia e do Xingu e atingisse Manaus.

³⁴⁸ Esta reportagem celebrou a dupla Davis Nasser e Jean Manzon como grandes representantes e pioneiros do fotojornalismo brasileiro. No entanto, ficou comprovado, posteriormente, que o episódio das flechas narrado não seria tecnicamente possível (velocidade e altura do avião e condições técnicas do equipamento fotográfico da época), denunciando o poder de manipulação das mensagens visuais. A este respeito ver: CARVALHO, Maklouf. *Cobras Criadas*. São Paulo: SENAC, 2001.

³⁴⁹ Os repórteres provavelmente, ainda estavam imbuídos do espírito que permeou as primeiras décadas do século quando impunha-se a necessidade de reconhecimento e mapeamento do território brasileiro, em grande parte ainda considerado sertão. ARRUDA, Gilmar. Op. cit., destaca este processo como um movimento atualizador das representações sobre o espaço nacional, pautado pela crescente urbanização. Embora neste período a fase de conquista e reconhecimento do território já estivesse praticamente superada, as novas formas de ocupação e exploração ainda não estavam totalmente consolidadas. O "processo civilizador" do sertão, portanto, ainda estava em marcha.

³⁵⁰ *O Cruzeiro*, 23 abr. 1955.

³⁵¹ Serviço de Proteção ao Índio, criado pela Constituição de 1946.

entrevistas com Jânio, supostamente feitas ao longo da viagem. Podemos ler este procedimento como parte da “luta de classificações” descrita por Bourdieu de “[...] fazer e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social [...]”.³⁵²

Gilmar Arruda corrobora para esse entendimento, quando diz que mapear, fotografar, descrever o “sertão”, torná-lo conhecido foram estratégias utilizadas a fim de atualizar a representação do lugar, prepará-lo “[...] para o desenvolvimento e reocupação por novas formas de produção. Tratava-se de atualizar a informação que existia sobre um determinado espaço considerado como “desconhecido”, “pouco explorado”, ou como “extremo sertão”.³⁵³

O termo “revolução” é utilizado para indicar as mudanças que estavam em marcha. O agente dessa revolução é Jânio Quadros e sua equipe de trabalho, “[...] gente moça, decidida e entusiasta [...]”³⁵⁴ que, já a bordo do avião, promoveram um “seminário aéreo de estudos dos problemas nacionais”.³⁵⁵ As transformações, portanto, dar-se-iam sob os auspícios da técnica. As fotografias reforçam o ideário bandeirante: ocupando toda a primeira página, uma foto de Jânio entrando mata adentro, abrindo caminho no matagal, é acompanhada da seguinte legenda: “Dotado de uma resistência férrea, o governador do Estado de São Paulo não se contentou em contemplar o Brasil Central do avião. Mergulhou nas selvas, correu riscos, trilhou piques, teve contato direto com o sertão.”³⁵⁶ Na página seguinte, uma série de pequenas fotos de sua equipe de trabalho e de “excursão”, seguida da frase em letras maiúsculas: “Através de seis mil quilômetros percorridos nas selvas brasileiras, o governador paulista toma contato direto com problemas nacionais”³⁵⁷

O discurso é repleto de símbolos, explorando as imagens, que são o componente principal da mensagem, como na cena em que Jânio Quadros, em fotografia de página inteira, aparece caçando, apontando a arma para a caça (câmera) com a legenda: “No rastro do Cateto: conhecendo todas as manhas do animal perseguido, Jânio não lhe dá tréguas. Sabe o que quer, o que fazer. Será muito difícil enganá-lo.”; E em outra: “[...] atirando excepcionalmente com todas as armas, nada lhe escapa.”³⁵⁸

³⁵² BOURDIEU, Pierre. 1998. Op.cit. p. 113.

³⁵³ Embora o autor nesta passagem esteja se referindo a um outro recorte temporal – início do século XX -, entendemos que as estratégias descritas na reportagem analisada possuem o mesmo sentido, ou seja, atualizar a representação do sertão brasileiro de acordo com uma visão decorrente da expansão do capitalismo no Brasil. ARRUDA, Gilmar. Op. cit. p. 21.

³⁵⁴ *O Cruzeiro*, 23 abr. 1955.

³⁵⁵ *Ibidem*.

³⁵⁶ *Idem*.

³⁵⁷ *Idem*.

³⁵⁸ *Ibidem*.

A “caça” tanto remete ao imaginário de um local “selvagem”, quanto constitui-se numa metáfora referente às medidas saneadoras que o Governador estava realizando em São Paulo, promovendo uma verdadeira “caça” aos funcionários fantasmas e aos corruptos. Da mesma forma, a expressão “No rastro do Cateto” lembra, de um lado, a perseguição a um animal; e, de outro, a possibilidade-intenção de Jânio candidatar-se à Presidência da República.



Figura 36: “Jânio Mergulha no Sertão”. *O CRUZEIRO*, 23 abr. 1955.

Quando a expedição chega ao Xingu, a reportagem narra uma entrevista com Jânio, na qual ele defende a criação do Parque Indígena do Xingu.³⁵⁹ No entanto, a preocupação não é com a preservação da cultura indígena, mas com a do território para servir de “laboratório de estudos”.³⁶⁰ Jânio teria dito que: “A colonização no interior do Brasil deve ser incentivada, quando feita com bases honestas e racionais. Dentro de dez anos, no máximo assistiremos a um rusch espetacular em direção ao oeste...”³⁶¹ Os indígenas são apresentados como parte integrante da natureza e, tal como ela, deveriam ser domesticados de acordo com a lógica capitalista e o ideário do progresso nacional. Índios e natureza evidenciam o lado “incivilizado” do país e, por isso, passíveis de serem conquistados para a civilização.

³⁵⁹ O parque Nacional do Xingu será criado em 1961 por decreto do então presidente Jânio Quadros. O SPI foi extinto em meados dos anos sessenta, já no governo militar, quando foi substituído pela FUNAI.

³⁶⁰ *O Cruzeiro*, 23 abr. 1955.

³⁶¹ *Idem*.

Nestas páginas, as fotografias mostram três momentos do governador: discutindo as “questões nacionais” com os repórteres, comendo churrasco “típico”, e, na foto de mais destaque, contemplando as “Sete Quedas”, cuja legenda diz o seguinte: “[...] e elas estão aí, virgens esperando pelo homem”.³⁶² Tal representação das cataratas revela a visão de mundo veiculada pela revista, ou seja, a paisagem era percebida sob a ótica do progresso enquanto potencial de riqueza e possibilidades para o futuro do país. “O olhar é dirigido pela técnica, pela ciência para enquadrar o território brasileiro numa perspectiva de utilização de seus elementos para o progresso.”.³⁶³



Figura 37: “Jânio Mergulha no Sertão”. *O CRUZEIRO*, 23 abr. 1955.

A reportagem enaltece o papel do SPI³⁶⁴ como um dos poucos órgãos que vinha fazendo a conquista do interior definida como “bandeirismo”. Além do SPI, a FAB³⁶⁵ é citada como aliada nesse empreendimento. A própria palavra utilizada para definir a atuação do SPI

³⁶² Ibidem.

³⁶³ ARRUDA, Gilmar. Op. cit. p. 97.

³⁶⁴ Serviço de Proteção ao Índio criado pela Constituição de 1946. O órgão desde 1954 vinha sofrendo acusações de uso político e venda dos lotes indígenas aos brancos. O SPI estava subordinado ao Ministério da Agricultura e há indicações de que o Ministro da Agricultura João Cleofas devia favores a Chateaubriand (apoio dos Diários Associados ao Ministro).

³⁶⁵ As íntimas relações de Assis Chateaubriand com a Força Aérea Brasileira, transparecem em todos os seus discursos. Ele considera-se padrinho desta Instituição, na medida em que criou e difundiu a campanha “De asas para o Brasil” que buscava apoio entre os empresários nacionais para a compra de aviões. A FAB é considerada por “Chatô”, como o principal meio de integração nacional.

– conquista – é por si só esclarecedora da função que lhe era atribuída. A expressão remete novamente à luta entre civilização e barbárie, sendo que órgãos, como o SPI, eram considerados representantes legítimos da civilização,³⁶⁶ interpretando-se como batalhas heróicas no combate aos selvagens. A “proteção” ao índio, objetivo explícito do órgão, na realidade, visava inseri-lo no mundo civilizado, a fim de torná-lo produtivo da mesma forma que a natureza passava a ser vista sob o enfoque de suas possibilidades produtivas. Ao representar a região sob o prisma de suas potencialidades humanas e materiais, a reportagem cumpria a função de “adequação” ou “atualização” da paisagem ao desenvolvimento capitalista que se processava no país.

Ao concluir a entrevista, é feita uma síntese dos problemas do país levantados por Jânio: mudança da Capital Federal, petróleo, energia elétrica, café, necessidade de capital privado e estrangeiro na extração de petróleo;³⁶⁷ questões centrais nos discursos veiculados em todas as esferas de debate sobre o desenvolvimento do país da época. Nesse sentido, a reportagem sobre a “aventura bandeirante” de Jânio pelo sertão não fugia deste propósito, ou seja, discutir o desenvolvimento nacional e neste caso, uma visão específica sobre o mesmo.

Porém, os resultados da “Marcha para o Oeste”, iniciada nos anos trinta, já evidenciava uma série de problemas, em especial, os conflitos de terras decorrentes da falta de um planejamento adequado com relação às áreas de colonização, onde uma nova forma de ocupação – capitalista – implantava-se rapidamente. *O CRUZEIRO* tratou de registrar estes embates, assinalando a necessidade do governo central assumir a direção do processo, entendido como uma etapa na direção do progresso. Os próprios conflitos, conforme a percepção da revista, evidenciavam o estágio de civilização em que o país se encontrava, ou seja, o caráter “em construção” da nação brasileira. O conflito de terras adquiria um sentido de luta pela civilização ou guerra contra o atraso, conforme fica evidente no texto introdutório da reportagem: “Tributo de Sangue”,³⁶⁸ que reproduzimos, aqui, na íntegra pelo caráter elucidativo para o entendimento do que acabamos de expor:

³⁶⁶ Legitimidade entendida, aqui, conforme Bourdieu, para quem esta depende do seu reconhecimento enquanto tal.

³⁶⁷ *O Cruzeiro*, 23 abr. 1955.

³⁶⁸ *O Cruzeiro* 14 abr. 1956.

Esta não é uma reportagem de ataque ou de defesa. Os repórteres que a assinam pretendem apenas registrar um fato com o máximo de objetividade e honestidade. Oferecer ao leitor um “*flash*” dos momentos angustiantes que o sertão goiano está vivendo, na luta eterna dos homens pela posse da terra. Desenrolam-se nos cerrados de Goiás, já empapados de sangue, os episódios por vezes heróicos, por vezes bárbaros, mas sempre devoradores de vidas, que marcaram a era da colonização de todos os continentes – o “*far-west*” norte-americano, a luta contra os suseranos feudais em solo europeu, a resistência africana aos conquistadores brancos, o desespero Incaico ou Botocudo ante as hordas invasoras espanholas ou lusitanas. Não é somente possível, é quase certo que os sangrentos choques que estão se sucedendo entre Uruaçu e Parangatu na região do Formoso e do Ribeirão das Trombas, no noroeste goiano, sejam rebentos tardios de uma época histórica já superada. É certo ainda que todas as vidas que já tombaram naquelas terras poderiam ter sido poupadas, se o Poder Público, mais previdente, mais cauteloso, tivesse agido em tempo com rapidez e espírito de justiça sumária. De qualquer forma, porém, a situação cristalizada em desavenças que poderão chegar a resultados mais trágicos ainda, aí está. Goiás está pagando pesado tributo à sua extraordinária expansão nestes últimos anos, com a valorização vertiginosa de seus campos e florestas. Dezenas de homens já foram imolados ao Progresso, que é um deus materialista, mas em cujo altar se ajoelham todos os povos, impelidos por um determinismo histórico que a ninguém é dado fugir. Dentro deste espírito e enquadrada nestas normas, foi escrita e fotografada a presente reportagem.³⁶⁹

Fica claro, a partir do exposto a concepção dos autores com relação à etapa histórica que o país passava e o seu inevitável destino rumo ao progresso. Expunha o caráter inconcluso da nação brasileira ao mesmo tempo em que assinalava que o processo civilizatório estava em marcha. Norbert Elias³⁷⁰ situa os conflitos de terras como uma etapa do processo civilizador. Para o autor, esses decorrem de um período em que o monopólio da força física ainda estava em mãos privadas, baseado na força social de famílias ou grupos. O conflito seria a luta por este monopólio num processo de centralização do poder pelo Estado, o que levaria à pacificação, que em última análise, é o estágio civilizado livre de violência física.³⁷¹ De acordo com essa concepção, o registro do caso de Goiás revelava, portanto, um Brasil ainda não “pacificado”, ou seja, duas formas de monopólio da violência estavam ainda em disputa e o apelo era pela intervenção do poder público que deveria assumir o controle e pacificar- civilizar a região.

A mesma reportagem denuncia a postura do periódico diante da questão. A revista representa um segmento da sociedade brasileira, a alta burguesia, que entendia a ocupação efetiva do território como expansão da fronteira agrícola. Em várias ocasiões, Chateaubriand defendeu a idéia de que o progresso do país dependia da sua capacidade de tornar as terras mais produtivas.

³⁶⁹ *O Cruzeiro*, 14 abr. 1956.

³⁷⁰ ELIAS, Norbert. Op.cit. 1993. v. 2.

³⁷¹ *Ibidem*. p. 197-198.

Embora, como vimos, a reportagem propunha-se a trazer ao leitor informações objetivas sobre o conflito, o seu posicionamento é evidente tanto pelas imagens quanto pelo texto. A matéria de oito páginas inicia com duas imagens que ocupam a totalidade do espaço de uma página dupla que tem, como expressão verbal, apenas o título, o subtítulo e uma pequena legenda que somente reforça a mensagem explícita nas imagens. No lado esquerdo, vê-se a fotografia de uma família de “colonos” retirantes. Pai, mãe, crianças e até um cavalo magro compõem a cena que tem um apelo dramático. À direita, uma fotografia grande que se sobrepõe à descrita anteriormente, retrata um representante da polícia, com sorriso largo no rosto, aparência robusta e com armas ostensivamente à mostra. A composição utiliza-se dos contrastes para reforçar a mensagem: o sorriso aberto do policial contra a tristeza da família; a robustez do policial frente à “magreza” e pobreza da família; as armas versus a fragilidade das crianças. Para enfatizar, a legenda:

A caça e o caçador: Enquanto o cabo Cordeiro, emérito sangrador, prepara-se para a luta, centenas de famílias de humildes posseiros abandonam os seus sítios, fugindo ao terror policial, levando uns “trens”, o cavalo magro e os filhos. O Formoso é hoje em dia uma “terra de ninguém” é mesmo um campo de batalha.³⁷²

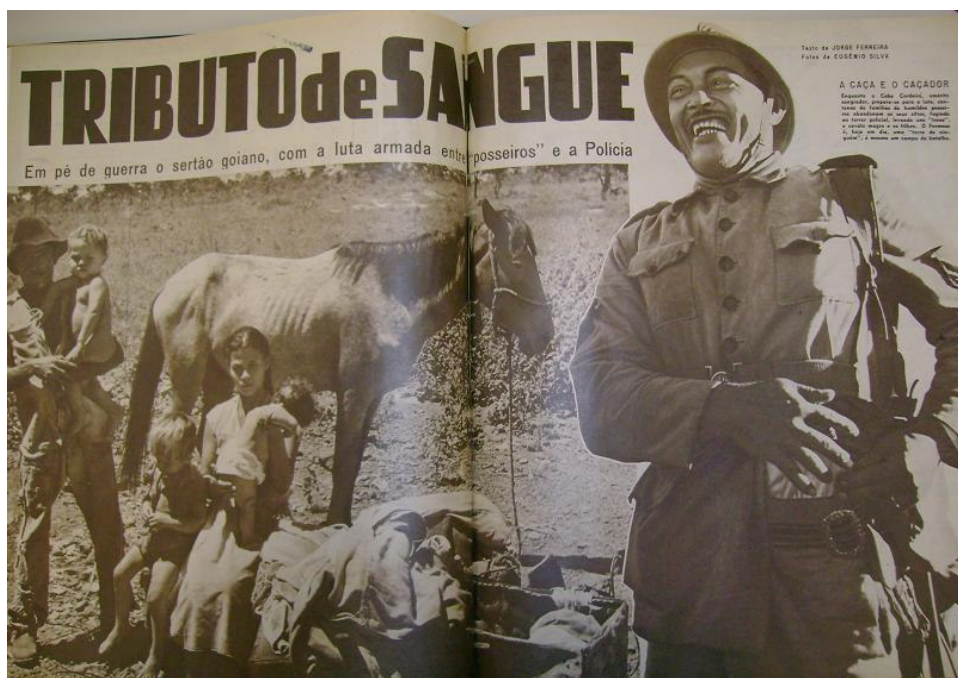


Figura 38: Tributo de Sangue. *O CRUZEIRO*, 14 abr. 1956.

³⁷² Idem.

A reportagem segue utilizando o mesmo recurso nas páginas seguintes, quando opõe as imagens dos “revoltosos” de pés no chão e desarmados a dos policiais armados e uniformizados ou a fotografia de um “rebelde”, já de idade avançada, com aspecto inofensivo ao lado de um soldado armado. As imagens são acompanhadas por textos relativamente extensos que também são favoráveis aos posseiros, que são descritos como vítimas da situação, entendida como uma “... versão regional goiana de um problema nacional: a negociata com terras”.³⁷³ A defesa dos colonos não é fruto de nenhum idealismo por parte dos autores, mas evidência uma determinada visão sobre as populações sertanejas. Eles eram vistos como verdadeiros heróis sem cultura combatendo a natureza numa luta inglória, na qual não tinham nenhuma chance, porque destituídos de conhecimento e tecnologia.³⁷⁴ A solução deveria vir do poder público a quem caberia organizar estes espaços nos moldes capitalistas de exploração.

Portanto, a vitimização desses personagens não implica numa defesa pela revista das suas causas - é neste sentido que a reportagem se auto-proclamava objetiva -. A ênfase é na questão do conflito em si, sendo que o sofrimento dos sertanejos serve, no caso, apenas para sensibilizar a opinião pública para as conseqüências do atraso em que viviam. O atraso era o inimigo a ser combatido e, nesse aspecto, tanto rebeldes quanto a polícia local representavam esta realidade.



Figura 39: Tributo de Sangue. O CRUZEIRO, 14 abr. 1956.

³⁷³ Idem.

³⁷⁴ ARRUDA, Gilmar. Op.cit. p. 94.

A matéria, no espírito de aventura característico deste modelo informativo, propôs-se a entrar no território dos “revoltosos” para entrevistar o seu líder, José Porfírio. Esta ação é anunciada, descrevendo os perigos que a equipe estaria enfrentando para buscar as informações “idôneas” para os leitores, isto é, a versão dos rebeldes sobre o conflito, que é detalhadamente narrada. O endosso da versão “rebelde” pode ser deduzido das imagens: o retrato do líder revoltoso mostra um colono simples e pacato que não oferece perigo algum aos visitantes (repórteres). A imagem final, que ocupa uma página inteira, é exatamente a deste líder, José Porfírio, retratado como um cidadão comum em sua rede, porém não em posição de descanso, mas alerta, apreensivo. Aguardando a mudança? A chegada da civilização?

A divulgação do episódio reforçava também outra questão que a revista, através de uma série de reportagens de David Nasser, vinha atacando: a construção de Brasília.³⁷⁵ *O CRUZEIRO* vinha fazendo críticas a esta iniciativa do governo JK e, ao expor o estágio ainda embrionário da civilização naquela região, colocava em cheque aquele projeto. A modernidade do projeto de Brasília contrapunha-se ao atraso da região destinada a sua instalação. Não há nenhuma referência a esta questão em todo o texto da matéria, mas um subtítulo em destaque diz: “Está correndo sangue no futuro Distrito Federal”.³⁷⁶ O recado estava dado: o embate atraso *versus* civilização era ainda uma realidade naquela região.

O mesmo tema, o conflito de terras decorrente da “Marcha Para o Oeste,” volta à tona em outra reportagem, desta vez em Pato Branco, no Paraná.³⁷⁷ Novamente a crítica ao Governo Central que deveria conduzir a questão da distribuição das terras. Os vilões, aqui, são as Companhias Colonizadoras que estariam expulsando os colonos de suas terras, muitas vezes, munidas de registros de propriedade falsos, obtidos com o próprio juiz do local, representante das antigas oligarquias regionais. Os rebeldes exigiam a intervenção federal e apoio do exército. Novamente a teoria de Elias sobre a luta pelo monopólio da força física é esclarecedora. No entender deste autor, o controle da violência, por parte do Estado centralizado com o apoio do exército, é pré-condição para atingir o estado de “pacificação” pois,

³⁷⁵ Embora a questão da integração do território nacional seja uma bandeira defendida pelos Associados, é sabida a posição contrária de Chateaubriand em relação à mudança da capital (embora, às vésperas da inauguração, ele passe a defender a idéia). Seu projeto de integração do território está muito mais relacionado à expansão da fronteira agrícola e não à construção de cidades.

³⁷⁶ *O Cruzeiro*, 14 abr. 1956.

³⁷⁷ *O Cruzeiro*, 02 nov. 1957.

Graças à formação de monopólios de força, a ameaça que um homem representa para outro fica sujeita a controle mais rigoroso e tornou-se mais calculável. A vida diária torna-se mais livre de reviravoltas súbitas da sorte. A violência física é confinada aos quartéis, de onde irrompe apenas em casos extremos, em tempos de guerra ou sublevação, penetrando na vida do indivíduo. Como monopólio de certos grupos de especialistas, ela é habitualmente excluída da vida dos demais. Esses especialistas, que constituem toda a organização monopolista da força, agora montam guarda à margem da vida social, na medida em que controlam a conduta do indivíduo.³⁷⁸

Entretanto, nesse caso, a reportagem traz uma visão mais amena do conflito. Tanto as imagens quanto o conteúdo verbal revelam um processo político conduzido por um grupo de “homens esclarecidos” – médicos e advogados - que estavam encaminhando a questão para um entendimento. Ao contrário do caso anterior, em que tanto líderes rebeldes quanto policiais denotam um estágio” de selvageria,³⁷⁹ neste a presença de um grupo técnico disposto a “pacificar” a região, anunciava a chegada da civilização. A revista agora assumia claramente a defesa do grupo rebelde, progressista, frente a outro que representava o passado, os vícios do coronelismo oligárquico, enfim, o atraso.

A fotografia principal, que inicia a reportagem e ocupa uma página e meia, retrata o grupo de rebeldes – que haviam tomado a cidade sob a liderança de um médico –, pessoas simples, mas bem diferentes daqueles de Goiás. São todos homens, vestidos adequadamente, de chapéu, calçando botas e de armas em punho. Traziam, portanto, os símbolos da civilização. Ao centro, vemos a bandeira do Brasil carregada por um dos revoltosos. Embora a legenda não explicita, a imagem dá a idéia de uma marcha. A composição toda remete ao imaginário “Marcha para o Oeste”: novos bandeirantes ocupando o território nacional e expandindo as fronteiras do país. Porém, esta imagem, rebelde, é contrabalançada por outras duas da página ao lado que informam sobre quem está conduzindo aquele movimento. Não são colonos, mas homens “de bem”, engravatados, que formam, conforme a legenda nos informa, “[...] a junta governativa de Pato Branco (composta por três bacharéis e dois médicos)”.³⁸⁰ Esta é a receita dada pela revista para o sucesso do empreendimento, ou seja, a sua direção por uma elite intelectual, homens civilizados que conduzam o processo civilizador do país.

³⁷⁸ ELIAS, Norbert. Op.cit. 1993. 2 v. p. 200.

³⁷⁹ Embora as reportagens demonstrem uma defesa dos grupos oprimidos pelos poderosos, no caso grileiros e Cias. Colonizadoras, esta postura possui um caráter demagógico. É sabido que Assis Chateaubriand e seus veículos de imprensa são defensores de um liberalismo conservador que, embora, as vezes, levantem a bandeira de defesa das massas (dependendo da conjuntura), não concebem entregar nenhum tipo de poder a este grupo, que devem ser dirigidos pelos esclarecidos.

³⁸⁰ *O Cruzeiro*, 02 nov. 1957.



Figura 40: Segundo Tempo do Levante no Paraná. *O CRUZEIRO*, 02 nov. 1957.

As reportagens descritas põem em evidência o território a desbravar, ao mesmo tempo em que apontam para a necessidade de organizar este processo, dirigi-lo, conforme o projeto que a revista defendia para o país, ou seja, integrar incorporando à nação os vazios nacionais, tornando-os produtivos, ou seja, a ocupação capitalista do território. Estes espaços também deveriam ser ocupados pelo excesso de migrantes, sobretudo nordestinos, que engrossavam as grandes cidades, levando-as um caos urbano, denunciado freqüentemente pelas reportagens, como veremos mais adiante. O apoio da rede Associada a “Marcha para o Oeste”, iniciada nos anos trinta, teve na revista *O CRUZEIRO* um canal adequado à veiculação deste ideário, em especial, pelo modelo informativo da fotorreportagem que tem na fotografia, neste caso as imagens do país, o sentido principal da mensagem. Além disso, o alcance e o público-alvo da revista é aquele que o projeto visa mobilizar para a causa em questão.

A síntese deste ideário civilizador em relação à integração do território nacional pode ser auferida por uma extensa reportagem que presta homenagem ao Marechal Rondon, por ocasião de sua candidatura ao prêmio Nobel da paz em 1957. Nela podemos encontrar a personificação deste projeto “civilizador”.

A matéria ocupa dez páginas e é o tema da capa da revista, ilustrada pela fotografia de um índio³⁸¹. Os termos civilização, conquista e bandeirante permeiam toda a narrativa. A

³⁸¹ Importante destacar que ao longo de toda história da revista, foram raras as capas que não traziam uma imagem feminina, e esta é uma delas.

organização das fotografias alterna imagens antigas das expedições de Rondon, desde o início do século, com fotos atuais do homenageado, então com 92 anos de idade. A seqüência de imagens, legendas e textos vai traçando a história da vida do personagem, atrelada a do país. O próprio título: “A Epopéia de Rondon”³⁸² reforça a idéia de uma trajetória heróica na qual o personagem movido pelo patriotismo encara uma vida difícil, cheia de privações em prol da defesa e construção da nação brasileira. A reportagem liga-o a nacionalidade brasileira quase de forma “biológica”, como podemos extrair do trecho inicial: “descendente de bandeirantes de São Paulo e de espanhóis dos Pirineus, com sangue de índios Bororós e Terrenas [...] nasceu quando se acendiam os primeiros fogos da guerra contra o Paraguai”.³⁸³ Embora não seja nosso objetivo aqui analisar os discursos fundadores da nação, é sabido que, além da valorização romântica da origem indígena e do bandeirismo como um redescobrimento do Brasil, o significado histórico da Guerra do Paraguai foi um elemento importante na construção da nova nação brasileira.

Três imagens se destacam na reportagem por ocuparem, cada uma, duas páginas inteiras e pelo fato de serem coloridas. Diferenciam-se das demais, ainda, por serem ilustrações e não fotografias, mas que adquirem uma conotação específica dentro do conjunto de muitas fotografias. Estas imagens simbolizam três “etapas” reconhecidas da nação: a primeira é uma ilustração da Proclamação da República, da qual Rondon teria participado ao lado de Deodoro e Floriano Peixoto; a segunda é de um episódio narrado por Rondon, no qual o grupo liderado por ele teria sofrido um ataque dos índios, sendo que a atitude pacífica de Rondon (em oposição ao ataque selvagem) teria como resultado a pacificação, leia-se, civilização dos indígenas. A figura mostra, em primeiro plano, os índios em posição de ataque com arco e flecha em punho e, ao longe, a caravana de Rondon; a terceira é a culminância, o resultado da atuação bandeirante de Rondon: a conquista do território. Sob o título: “A conquista do Coração da América meridional: em meio século de atividades no sertão, Rondon colocou meio milhão de quilômetros quadrados no mapa”,³⁸⁴ abre-se um mapa gigante em duas páginas, onde estão assinaladas as rotas e os pontos conquistados pelas “bandeiras” de Rondon. O tamanho e a disposição do mapa remetem à idéia da extensão territorial do país.

³⁸² *O Cruzeiro*, 15 jun. 1957.

³⁸³ *Ibidem*.

³⁸⁴ *Ibidem*.



Figura 41: A Epopéia de Rondon. *O CRUZEIRO*, 15 jun. 1957.

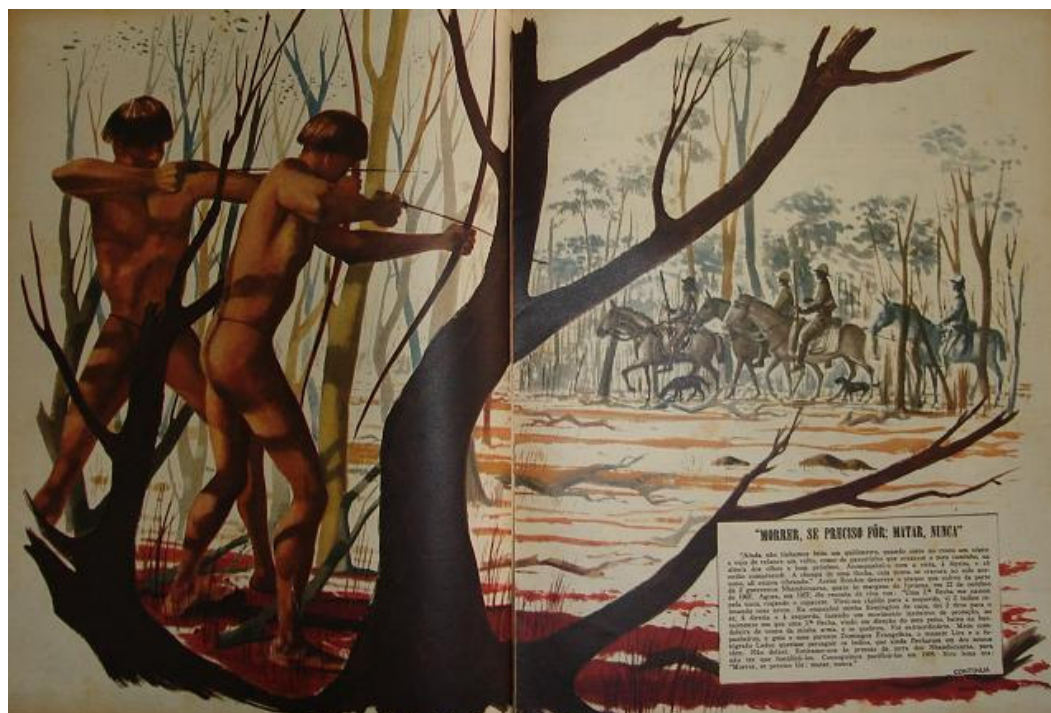


Figura 42: Epopéia de Rondon II. *O CRUZEIRO*, 15 jun. 1957.



Figura 43: A Epopéia de Rondon III. *O CRUZEIRO*, 15 jun. 1957.

Se tomarmos estas três imagens separadamente, abstraídas do contexto temático da reportagem, elas poderiam ilustrar qualquer narrativa sobre a história do país, sem fazer qualquer relação com Rondon, com exceção das rotas e legendas sobre o mapa. Mas nesse contexto, elas servem como o elo de ligação entre Rondon - “o civilizador do sertão”³⁸⁵ ou o “civilizador das terras tropicais”³⁸⁶ - com a nação, ou, mais especificamente, com a trajetória do país no seu processo civilizador.

A primeira imagem remete ao imaginário da proclamação da República no Brasil, que liga o episódio ao ingresso do país na modernidade, significando o rompimento com a monarquia decadente, símbolo do atraso brasileiro. A República trazia consigo os ares da liberdade, da juventude, do progresso, bem aos moldes da concepção positivista, ideário que permeou as ações de Rondon – a reportagem chega a se referir a ele como o “bandeirante científico”,³⁸⁷ portanto, a República era entendida como um passo no caminho para a civilização.

³⁸⁵ Ibidem.

³⁸⁶ Ibidem.

³⁸⁷ Ibidem.

A imagem dos indígenas, por sua vez, assume um duplo significado na medida em que, ao mesmo tempo em que ele representava a identidade nacional através de um passado idealizado pelo romantismo como um elemento cordial e pacífico, era também passível de ser civilizado e integrado a sociedade, sendo esta uma das principais missões de Rondon: a pacificação dos índios como expressão da luta contra o atraso, uma vez que a presença do indígena era um indicativo do nível de civilização de uma região.

A terceira ilustração, a do mapa, evidencia a marcha da civilização na conquista do território, enfatizando sua extensão e riqueza. Mais do que isso, mostrava aos brasileiros, leitores da revista, os limites da civilização, representados pelos traços em vermelho no mapa e os nomes das localidades “conquistadas”. Limites confirmados pelas fotografias que mostram o grupo de Rondon fixando a bandeira nacional em vários pontos do território. É Rondon quem declara : “Eu levava a bandeira do Brasil para hastear nos postos avançados: era o símbolo da Civilização”.³⁸⁸ . O mapa é a representação técnica do espaço brasileiro devidamente dividido e classificado em “sertão *versus* civilização”.³⁸⁹ É importante lembrar que a Comissão Rondon era composta por técnicos, sobretudo, engenheiros militares, imbuídos de um imaginário pautado pela crença na técnica como elemento de progresso e civilização e na integração nacional, sendo necessário, portanto, o reconhecimento e mapeamento dos territórios para integrá-los à civilização.

As ilustrações acima descritas, especialmente as duas primeiras, dão uma conotação mítica à trajetória do herói, mas que, no entanto, não perde o contato com a realidade presente, na medida em que as fotografias atuais do Marechal, cujos traços fortes foram acentuados pela iluminação escolhida pelo fotógrafo, aparecem continuamente entre os textos e as fotografias das antigas expedições. Como vimos anteriormente, na época da reportagem, o processo posto em marcha por Rondon, de civilizar o interior do país, não estava ainda plenamente consolidado. Após a etapa de reconhecimento e demarcação do território desenvolvida pela Comissão, era necessária a sua ocupação e exploração racional nos moldes capitalistas, o que incluía a domesticação dos habitantes locais. Nesse sentido, a reportagem, ao descrever o processo de conquista do espaço nacional de forma linear e inconclusa, reforçava a idéia de um movimento civilizador em andamento no Brasil. Não é aleatória a frase de Rondon colocada em letras garrafais no final da reportagem: “*O que eu fiz qualquer um pode fazer, é só querer*”.³⁹⁰

³⁸⁸ Idem.

³⁸⁹ ARRUDA, Gilmar. Op.cit. p. 127.

³⁹⁰ Idem.

Ao divulgar essas imagens que construíam o espaço nacional sob a ótica do progresso, delimitando, classificando, esquadrinhando o território na busca de suas possibilidades de exploração e ocupação; convertendo seus habitantes em objetos de conquista, a revista difundia e reforçava o mesmo imaginário daqueles exploradores do início do século, transformando-os em heróis através das homenagens, por exemplo. Segundo Laura Antunes Maciel:

[...] para aquele grupo de militares comandados por Rondon, a idéia de civilização se constrói como contraponto e por oposição ao sertão, sendo o primeiro uma característica ou qualidade de quem habita as cidades, de quem domina a técnica e integra uma cultura nacional e o sertão é, então, o lugar do atraso técnico, de maneiras e comportamentos antigos, da barbárie e violência, é o lugar da natureza ainda virgem e indomável, da negação da cultura e da civilização, além da idéia de distância do “centro”, da costa, do litoral, de lugar longínquo que perdurou do sentido português de ocupação colonial.³⁹¹



Figura 44: A Epopéia de Rondon IV. *O CRUZEIRO*, 15 jun. 1957.

Parte integrante da paisagem, a presença do indígena era o indicador por excelência do grau de civilização de uma região. Por esta razão a imagem do índio é recorrente na revista. Ele representa um empecilho ao modelo de desenvolvimento apregoado e, por isso, é compreensível o empenho em civilizá-lo. *O CRUZEIRO* representa o índio ora como exótico,

³⁹¹ MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio**: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon. 1997. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. p. 129.

ora como recurso natural a ser explorado pela nova ordem capitalista, mas para tal ele deveria ser dominado, conquistado para a civilização e a revista assume, em parte, essa tarefa.

Entre as ações empreendidas pela revista neste sentido, podemos citar a promoção e divulgação do casamento entre o sertanista Ayres Câmara Cunha e a índia Diacuí. Helouise Costa analisou a divulgação deste episódio na revista entre os anos de 1952-53 e diz que:

a revista ajudou Ayres a obter autorização para o seu casamento civil e religioso com a índia e teve participação ativa no processo de aculturação a que ela foi submetida. A série (de reportagens) abrange desde o suposto noivado de Diacuí com o homem branco, passando por sua estadia no Rio de Janeiro para o casamento e seu retorno ao Xingu até o desfecho trágico de sua história.³⁹²

A autora explica ainda que o próprio Chateaubriand teria pago a viagem da noiva ao Rio de Janeiro e foi, inclusive, o padrinho do casamento, tudo registrado e divulgado em *O CRUZEIRO*. Embora o episódio descrito situe-se fora do nosso recorte temporal, é significativo para entendermos a importância que esta temática adquiriu na revista ao longo de sua existência. No período ora estudado, destacamos outra reportagem cuja construção possui o mesmo significado, ou seja, a necessidade de civilizar o Brasil indígena – selvagem. A matéria à que nos referimos intitula-se “Caçando Tuberculose na Selva” e novamente evidencia a participação ativa da revista não só divulgando, mas participando efetivamente do fato narrado.

A reportagem tem como objetivo registrar as atividades de uma “missão sanitária” na selva amazônica a fim de combater a tuberculose, descrita como “peste branca”, marcando, com essa expressão, as diferenças entre nós (brancos-civilizados) e o outro (índio selvagem). Da mesma forma, a expressão utilizada no título - “caçando”- tem uma conotação que “classifica” o público alvo da ação, pois certamente o combate à tuberculose nas cidades não era tratado como uma “caça”, palavra que remete ao mundo selvagem.

O trajeto da “expedição médica” é descrito detalhadamente, passando por várias regiões ocupadas por grupos indígenas. Salienta os conhecimentos científicos dos profissionais e as vantagens dos novos equipamentos, como os de Raio X. Também descreve a eficiência da equipe “civilizadora”, incluindo o apoio do SPI e da FAB. As imagens têm como principal efeito a contraposição entre os índios e o equipamento técnico utilizado pelos médicos. Os aparelhos de Raio X ganham mais destaque nas fotografias em que os

³⁹²COSTA, Helouise. **Diacuí:** a fortreportagem como projeto etnocida. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/17/diacui/diacuipdf>>. Acesso em: 22 maio 2006.

personagens e as legendas orientam a leitura das imagens, informando as vantagens da chegada da ciência médica (civilizada) à selva.

Outro destaque é a aceitação pacífica por parte dos “silvícolas” que recebiam de bom grado os benefícios da civilização. Em um dos trechos, a reportagem explica que, há apenas três anos atrás, a mesma revista tinha feito o primeiro contato com o grupo, então totalmente selvagem, e agora, pouco tempo depois, os nativos já estavam, inclusive, auxiliando na construção da pista de pouso para o avião da FAB que trazia a referida missão, ou seja, *O CRUZEIRO*, além de mostrar as vantagens e possibilidades da civilização ao Brasil indígena, destacava a sua participação enquanto agente no processo em curso.

Outro grupo de imagens chama atenção na mesma reportagem. São fotografias frontais do rosto dos índios diante do aparelho de Raio X e de frente para a câmara, evidenciando o olhar técnico-científico sobre o indígena. O objetivo é caracterizá-los a partir de seus traços físicos. A legenda informa a tribo de cada um para que o leitor possa classificá-los. Reforça-se a idéia do índio, enquanto outro, distinto do civilizado, daí decorrendo a necessidade de estereotipá-lo.

Ao final da reportagem, o texto deixa clara a visão da revista sobre o território e as populações do Brasil, quando explica:

As populações beneficiadas por esta iniciativa representam vários **estágios de civilização**. Foram radiografados lavradores, garimpeiros, funcionários, estudantes e militares destacados naquelas paragens e indígenas dos mais remotos contatos aos mais recentemente pacificados.³⁹³

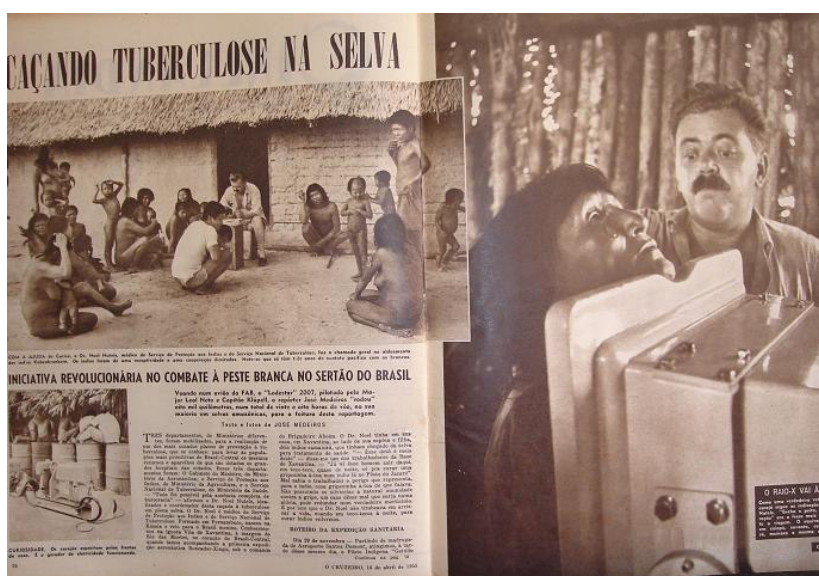


Figura 45: “Caçando Tuberculose na Selva”. *O CRUZEIRO*, 16 abr. 1955.

³⁹³ *O Cruzeiro*, 16 abr. 1955.



Figura 46: “Caçando Tuberculose na Selva”. *O CRUZEIRO*, 16 abr. 1955.

Podemos afirmar, portanto, que as fotorreportagens na revista *O CRUZEIRO* divulgaram imagens e discursos sobre o processo de (re)conquista e integração do território nacional, que ainda estava em marcha na década de 50, mesmo que já numa segunda etapa, a da consolidação das “conquistas” e organização dos espaços conquistados. Nesta prática, a revista veiculou a sua visão do movimento, que entendia como estágio do processo civilizatório pelo qual passava a nação e orientava sobre como e por quem ele deveria ser dirigido - conforme o “projeto” defendido pelo grupo Associados e seu proprietário -. Era proposto um desenvolvimento com base no aumento da produtividade do setor agrário e melhor aproveitamento dos recursos naturais do país e, principalmente, o uso da tecnologia.

4.3 BRASIL EXÓTICO: A RETOMADA DA VISÃO EDÊNICA

O CRUZEIRO preocupou-se, também, em revelar um país exótico, através da constante exposição e exaltação das belezas naturais brasileiras. Observa-se certo apelo romântico dado às reportagens, evidenciado tanto através dos textos, quanto pela escolha das fotografias. Essas eram tecnicamente bem trabalhadas para chegar ao efeito desejado. Também eram, em grande parte, coloridas, realçando a natureza tropical, própria do país.

Este apelo à paisagem como traço identitário do país não é novo e já foi intensamente discutido por vários autores que se preocuparam com a construção da identidade brasileira e a sua relação com a natureza. A visão edênica esteve presente nos relatos dos descobridores europeus e posteriormente nos viajantes “científicos”, sendo que esta imagem do Brasil como natureza cristalizou-se definitivamente com o ufanismo de Afonso Celso³⁹⁴ no início do século. Posteriormente, vários autores, especialmente na literatura, retomam e reforçam esse imaginário. Uma análise mais aprofundada da questão foi feita pela primeira vez por Sérgio Buarque de Holanda.³⁹⁵ Outro trabalho importante é o de Flora Sussekind³⁹⁶ que discute esta questão a partir das obras literárias brasileiras. A permanência desta imagem do país como natureza é avaliada por José Murilo de Carvalho³⁹⁷ em estudo feito partir de uma pesquisa com diferentes segmentos da sociedade brasileira atual. Gilmar Arruda³⁹⁸ por sua vez, diz que a natureza é o *ethos* brasileiro mais difundido e o de maior penetração.

Entendemos que a revista reforçou esse imaginário especialmente pela possibilidade de produzir e difundir imagens e, não somente, discursos verbais. A preocupação com a identidade do país sobretudo, a afirmação desta no mundo, ou seja, integrar o país não apenas internamente, mas ao mundo civilizado, era um dos objetivos a serem alcançados.

Unindo a idéia de integração nacional ao imaginário edênico, Foz do Iguaçu figura como um símbolo por excelência nas reportagens. Região de fronteira, sendo por isso cedo integrada ao território nacional através de ocupação militar e transformada em Território Federal durante o Estado Novo, ela, porém, permanecia inexplorada, *virgem*, conforme a fala de Jânio Quadros citada anteriormente. Era necessário, portanto, domesticá-la e inseri-la no âmbito da civilização, o que se daria por duas vias: sua exploração turística e energética. Por outro, a exuberância de sua paisagem servia de fundamento aos discursos edênicos sobre o país. Nesse sentido, as imagens das Cataratas veiculadas na revista apresentavam-se simultaneamente como possibilidade de riqueza e representantes das belezas naturais do país. Simbolizavam tanto o processo civilizador da conquista do sertão, quanto reforçavam o imaginário edênico, constituinte reconhecido da identidade nacional. Talvez por este duplo significado, as imagens das Cataratas se repetiram na revista ao longo do período estudado. A natureza permanecia como traço definidor da nacionalidade, entretanto, o olhar passou a ser dirigido por outros

³⁹⁴ AFONSO, Celso. **Porque me ufano do meu país**. 8 ed., Rio de Janeiro: Garnier, [s/d.].

³⁹⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

³⁹⁶ SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil Não É Longe Daqui**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

³⁹⁷ CARVALHO, José Murilo. O Motivo edênico no Imaginário social brasileiro. **Revista Brasileira Ciências Sociais**, v. 13, n. 38 São Paulo, out. 1998.

³⁹⁸ ARRUDA, Gilmar. Op.cit.

interesses, especialmente, econômicos. Gilmar Arruda diz que em meados do século XX, passamos de uma visão do país como natureza para outra de “naturalmente rico”.³⁹⁹

Uma destas reportagens, a maior delas, feita em dez páginas com fotografias produzidas em cores e bem elaboradas, seguidas de legendas e textos explicativos sobre a região e as potencialidades da cachoeira – turísticas e hidrelétricas - retrata bem este simbolismo. Traça, também, um paralelo com a Argentina, que, conforme nos informa a matéria, vinha explorando melhor a sua “parte” do paraíso. O apelo nacional fica evidente tanto através do colorido das imagens que remetem ao imaginário edênico, quanto pelo conteúdo do texto. O *lead*, logo abaixo do título, é o único trecho verbal, numa página dupla, coberta por duas fotografias das cataratas, orientando o leitor sobre o sentido da leitura que se desenrolará nas páginas seguintes, ele diz: “[...] lancemos um olhar para nossas riquezas naturais, sem estéril ufanismo, mas com clarividência, para resolver os problemas básicos da nacionalidade”.⁴⁰⁰ Claro está, portanto, o duplo sentido que Iguazu adquiria no discurso veiculado na revista.

O conteúdo verbal da reportagem enfatiza as possibilidades econômicas da região. Bastante didático, o texto tem como título: “Iguazu, filho relegado do turismo brasileiro”⁴⁰¹, ao qual seguem os seguintes subtítulos: “História e Geografia”; “Turismo e Paisagens e “Milhões de Quilowatts”⁴⁰². A fotografia principal, no centro, ocupando as duas páginas, é o que podemos chamar de um cenário paradisíaco, pois contém os elementos que tradicionalmente compõe o imaginário sobre o paraíso, ou seja, - natureza exuberante, exotismo, clima ameno, profusão de água doce e riqueza mineira – a riqueza aqui pode ser identificada com as possibilidades energéticas da cachoeira.

A representação desejada é obtida pelo cuidado na composição da imagem, destacando os elementos simbólicos descritos acima. A luz, vinda do alto, ilumina o centro da fotografia, onde aparece a imagem do rio bastante azul, que transborda formando as cachoeiras. O azul do rio é intercalado pelo verde da vegetação e o marrom da terra. A luz também incide sobre as cataratas, muito brancas, que envolvem toda a paisagem, exibindo sua exuberância e, ao mesmo tempo, seu potencial energético. A imagem é “emoldurada” pela vegetação em tonalidades mais escuras e indefinidas, parte da mata ainda desconhecida e/ou inexplorada.

³⁹⁹ ARRUDA, Gilmar. Op.cit. p. 19.

⁴⁰⁰ *O Cruzeiro*, 27 abr. 1957.

⁴⁰¹ Idem.

⁴⁰² Idem.

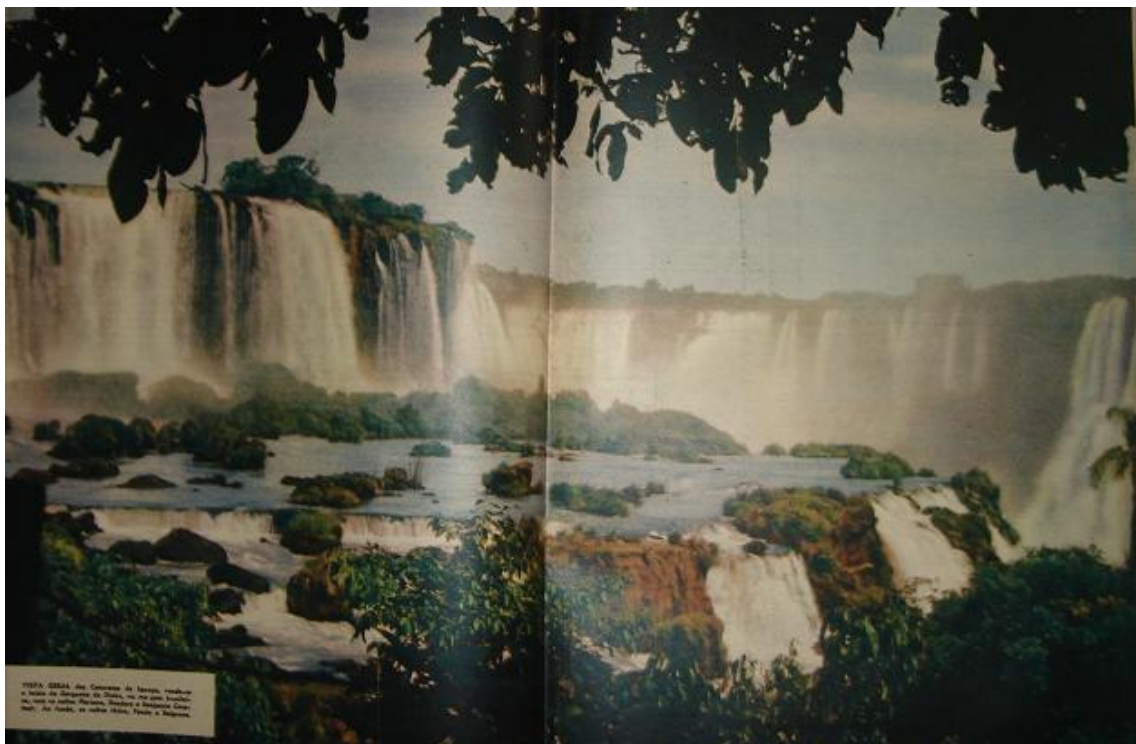


Figura 47: Iguazu- Água Grande. *O CRUZEIRO*. 27/04/1957.

Ao final, entre as fotografias, podemos encontrar um pequeno texto sob o subtítulo: “Por que me ufano [...]”,⁴⁰³ onde é feita uma apologia às cataratas do Iguazu, comparando-as, em beleza e potência com Niágara, nos EUA, e as quedas do Reno, que não chegariam aos pés de Iguazu. Enfatiza que,

[...] é necessário, entretanto, que o Governo Federal (já que uma política turística puramente estadual, só pode ser reduzida e de pouca valia) procure encarar de frente o problema de atração do visitante estrangeiro ao Brasil, fonte inesgotável de divisas, e fator indispensável de progresso, que no século atual ninguém pode desconhecer. [...] E em verdade, para que se possa dizer, o por que me ufano do “Iguazu”, **é necessário obviamente que a obra incomparável da natureza seja completada pela inteligência criadora do homem.** Ou não teremos capacidade para tanto?⁴⁰⁴

A paisagem, portanto, deve ser humanizada, domesticada, revelando o homem civilizado como agente transformador, em conformidade com o ideal de progresso defendido no qual a ação do homem sobre a natureza, mediado pela técnica, era fundamental para o desenvolvimento nacional.

⁴⁰³ Idem.

⁴⁰⁴ Ibidem. Grifo nosso.

Em outra reportagem sobre a região, a ênfase recai exclusivamente no seu potencial turístico, apelando explicitamente ao imaginário edênico, conforme já nos antecipa o título: “O Paraíso Perdido no Rio Paraná”⁴⁰⁵

De acordo com o modelo padrão da maioria das fotorreportagens, a primeira página é toda ela ocupada por uma grande fotografia e, neste caso, ela retrata um pescador, sentado, observando o pôr do sol. O efeito das cores, o olhar perdido do pescador, identificado pelas redes de pesca, dá à composição fotográfica um caráter de romantismo e nostalgia. Ao lado, a legenda completa: “UM PÔR DE SOL nas margens do Rio Paraná assombraria até os espertos em technicolor de Hollywood”. Na página oposta, seguido do título da matéria, o subtítulo: “Poesia, romance e sensações: descobrindo um Brasil desconhecido”.⁴⁰⁶

A reportagem revela o Brasil desconhecido aos leitores da revista ao mesmo tempo em que “vende” a paisagem como um produto turístico. A fotografia da segunda página é clara neste sentido. A imagem de um pescador, talvez amador, carregando um grande peixe, possui um forte apelo turístico, reforçado pela legenda que diz: “Paraíso para pescadores: (há exemplares com mais de três metros).”⁴⁰⁷ Em contraste com o pescador – nativo - da outra imagem, onde ele é parte integrante da própria paisagem; na segunda foto, o pescador com um único peixe muito grande - em contraposição à rede da imagem anterior -, aparece em destaque.

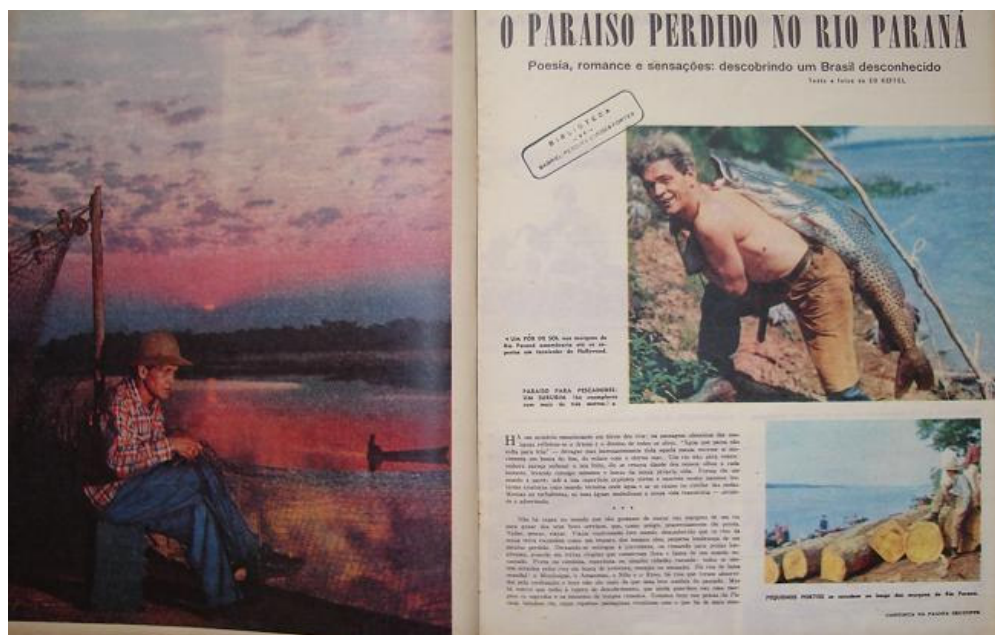


Figura 48: O Paraíso Perdido no Rio Paraná. *O CRUZEIRO*, 26 mar. 1955.

⁴⁰⁵ *O Cruzeiro*, 26 março 1955.

⁴⁰⁶ Idem.

⁴⁰⁷ Idem.

A reportagem prossegue por mais oito páginas, num total de dez. O enredo é a excursão de “caçadores”, evidentemente turistas, orientados pelos nativos. As possibilidades turísticas do local são extensamente exploradas. A fotografia que ocupa toda a metade superior de uma página dupla retrata o barco no qual a excursão sai para a pesca, evidentemente, esportiva, conforme deduzido da legenda: “Em busca de aventuras, esta pequena excursão de caçadores percorreu mais de 200 quilômetros, encontrando caça em abundância. É como se realizassem uma volta ao passado”.⁴⁰⁸ A seguir, uma série de paisagens, entre as quais destacam-se as Sete Quedas, “em cores”, aparecem sendo contempladas por dois turistas, devidamente caracterizados com máquinas fotográficas a tiracolo e chapéu estilo safári. Novamente as cataratas do Iguaçu figuram como símbolo máximo do território a desbravar, parte desconhecida e inexplorada do paraíso tropical e, neste caso, sobretudo, possibilidade de exploração turística.

Mas o extenso litoral brasileiro também é fonte inesgotável de paisagens paradisíacas que a revista preocupou-se em mostrar a seus leitores compondo quadros, verdadeiros retratos do país, tendo por base as belezas naturais.

O mesmo estilo das matérias descritas anteriormente é adotado na reportagem “Jangadeiro”⁴⁰⁹, em que o repórter de *O CRUZEIRO* é o explorador que se dispõe a passar um dia e uma noite acompanhando os jangadeiros em Fortaleza, Ceará. Embora o tema da matéria, tanto no título quanto no texto seja o jangadeiro e não a paisagem natural, o que se destaca visualmente é a paisagem. Novamente as fotos apresentam os jangadeiros, enquanto componentes da paisagem colorida. A tonalidade, agora, é o azul, caracterizando o litoral.

A reportagem é composta por nove páginas, intercalando fotografias coloridas e preto e branco. Da mesma forma que na anterior, as fotos apresentam retoques visíveis, a fim de torná-las esteticamente mais harmoniosas. Cenas onde se sobressai a paisagem, em geral coloridas, alternam-se com outras em que o destaque é o trabalho do jangadeiro, a maioria em preto e branco. Há um equilíbrio visual entre o trabalho do jangadeiro e a paisagem paradisíaca, o que suaviza a imagem do trabalho duro dessas pessoas, descrito, no texto, nos títulos e nas legendas. Ao final da reportagem, o texto traduz bem essa idéia, quando revela que o jangadeiro, apesar do trabalho pesado, não iria para outro lugar.

⁴⁰⁸ Idem.

⁴⁰⁹ *O Cruzeiro*, 14 abr. 1956.

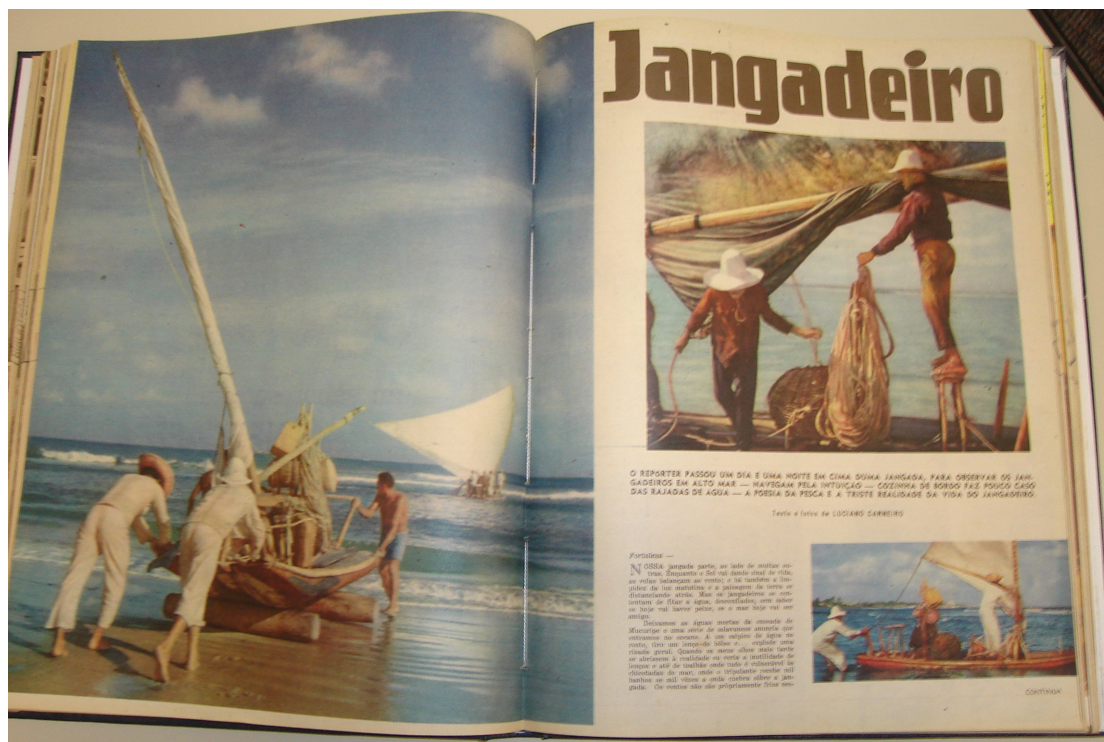


Figura 49: Jangadeiro. *O CRUZEIRO*. 14 abr. 1956.

Essas matérias são amostras de outras com a mesma temática. Além das reportagens, na coluna: “flagrantes”, grande parte das imagens publicadas eram de cenas desse tipo de paisagem. Havia, portanto, uma intenção da revista em revelar aos brasileiros, leitores de *O CRUZEIRO*, um país a ser explorado também turisticamente, tanto pelos nacionais quanto pelos estrangeiros, descrevendo a natureza brasileira como um patrimônio nacional, traço identitário da nação que se civilizava à medida em que esse seu capital cultural (neste caso as belas paisagens) poderia ser lançado no mercado mundial de bens culturais dos países desenvolvidos. Nesse sentido, era o mesmo olhar “civilizador” que recortava e moldava a paisagem nas páginas da revista, adaptando-a aos incipientes interesses dos novos cidadãos-consumidores, leitores de *O CRUZEIRO*.

4.4 RIO DE JANEIRO: CAOS URBANO OU PARAÍSO TROPICAL?

Embora a revista se empenhe em divulgar diferentes imagens do país, num processo de construção que transmuta as diferenças regionais em exotismo, a imagem símbolo do Brasil, por excelência, como nos dias atuais, era a do Rio de Janeiro com destaque para suas

praias e os recortes desenhados do seu relevo. Lúcia Lippi de Oliveira informa-nos que o Rio de Janeiro é a cidade mais “iconografada” do Brasil⁴¹⁰, e, mesmo antes da fotografia, os pintores viajantes já retratavam as paisagens tropicais da cidade em suas aquarelas, sendo que no século XX as imagens passaram a ser fotográficas. Esta produção foi realizada principalmente por Augusto Malta, fotógrafo contratado pela prefeitura e que foi incumbido de registrar as reformas empreendidas na cidade durante a gestão Pereira Passos.

Levando em consideração que a *O CRUZEIRO* é a primeira grande revista ilustrada do país a atingir todo o território nacional, sendo pioneira na técnica da fotorreportagem, poderíamos dizer, inclusive, que ela contribuiu, se não para a construção, para a divulgação deste “postal” do Rio de Janeiro e por tabela do Brasil. O Rio de Janeiro é, de longe, a paisagem mais divulgada na revista. É o cenário para os mais diferentes personagens: misses, artistas internacionais, políticos estrangeiros e nacionais e até mesmo chefes da Igreja Católica. A cidade é, segundo a própria avaliação da revista, “a mais bela moldura do mundo”.⁴¹¹

Mesmo tendo reconhecimento como patrimônio nacional, a revista reforça e divulga imagens já consagradas pelo público, como a Bahia da Guanabara e a praia de Copacabana, ao mesmo tempo em que reelabora e constrói novos lugares que vão adquirindo outras funções, especialmente, para a recente elite urbana que se moderniza e anseia por outras formas e espaços de lazer. Atividades como a *Motonáutica*,⁴¹² é inclusive matéria que ilustra uma das capas da revista e tem como cenário a Lagoa Rodrigo de Freitas. Mesmo que o tema seja o esporte em questão, há um cuidado especial na produção das fotografias em destacar a paisagem, em cores. *O CRUZEIRO* informa aos leitores, também, que a *Gávea and Country Club* é uma opção diferente da praia, que é mais popular; e da serra, que é um local democrático, atraindo também a classe média.⁴¹³ A Gávea seria aristocrática, feita “só para acolher os bem postos na vida. Daí a idéia de ordem, fineza, nobreza, mesmo que vem de lá dos esportes, como se fossem em terras inglesas, embora sem direito a fog. Porque, o que há, mesmo, é o verão tropical, brasileiroíssimo”.⁴¹⁴

⁴¹⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Memórias do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi de (org). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

⁴¹¹ Referência ao fato de a cidade sediar o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. **Praça da Fé**. *O Cruzeiro*, 06 ago. 1955.

⁴¹² *O Cruzeiro*, 21 jan. 1956

⁴¹³ *O Cruzeiro*, 22 jan. 1955.

⁴¹⁴ Idem.



Figura 50: Gávea Verde. *O CRUZEIRO*, 22 jan. 1955.

Com este mesmo propósito, de construção e divulgação de novos espaços de lazer “civilizados,” em janeiro de 1955, a revista publicava duas matérias sobre a praia do Arpoador. Na primeira delas, intitulada: “O primeiro domingo de verão no Arpoador”,⁴¹⁵ a reportagem, após destacar as belezas naturais do verão carioca, chama atenção para os problemas de infra-estrutura decorrentes do rápido crescimento da referida praia, a incidência de roubos de carros e a necessidade de um maior policiamento. Na semana seguinte, a revista volta com outra reportagem sobre o mesmo local, desta vez intitulada “Maré Baixa.”⁴¹⁶ A praia é descrita como lugar de lazer das pessoas “de bem” do Rio de Janeiro, “... onde estão as mais belas mulheres e para onde correm todos os rios, inclusive os do dinheiro”.⁴¹⁷ Anuncia, também, a sua potencialidade turística para atrair, inclusive, estrangeiros. É a cara do “Brasil de exportação”, segundo as próprias palavras do redator: O Arpoador é “... uma das raras coisas que o Brasil poderia exportar consciente do absoluto sucesso internacional”.⁴¹⁸ A possibilidade de riqueza material decorrente da exploração racional da natureza é evidenciada

⁴¹⁵ *O Cruzeiro*, 08 jan. 1955.

⁴¹⁶ *Idem*, 15 jan. 1955.

⁴¹⁷ *Idem*.

⁴¹⁸ *Idem*.

na legenda de uma foto que retrata as freqüentadoras da praia, provavelmente “socialites”. Ela diz: “Esta foto prova que todos os rios correm para o mar, inclusive os do dinheiro”⁴¹⁹

A revista constrói a imagem da praia do Arpoador como próprio símbolo do verão carioca e, por tabela, da tropicalidade do país, imagem que se quer exportar. Nas duas reportagens, entre as fotografias de página inteira, duas delas são praticamente idênticas, repetindo o mesmo ângulo: é uma vista da praia em direção ao horizonte que aparece como um semicírculo, insinuando a sua posição em relação ao mundo. Mais uma vez, a legenda orienta a leitura neste sentido, dizendo: “Até a terra exibe suas curvas na praia do Arpoador”.⁴²⁰



Figura 51: Maré Baixa. *O CRUZEIRO*, 15 jan. 1955.

“*O CRUZEIRO*” atribui a si próprio a função de classificador e divulgador das belezas naturais do país como produto a ser exportado. Os repórteres percorrem o Brasil destacando (no sentido literal da palavra) a natureza e reivindicando sua exploração enquanto produto

⁴¹⁹ Idem.

⁴²⁰ Idem.

turístico. O papel de construtor da imagem é descrito pela própria revista: “Foi esta revista quem super-povoou o Arpoador”⁴²¹. Assim. Acreditamos que essas imagens-símbolo do país foram, em parte, construídas e difundidas pela revista.

Porém, para além das imagens ensolaradas e descontraídas do Rio de Janeiro, a cidade representava, também, a capital do país. Sede do Distrito Federal, era um grande centro, acumulando atividades econômicas e administrativas, o que levava a uma intensa concentração populacional, gerando problemas de infra-estrutura, como habitação, saneamento, trânsito, marginalidade, entre outros. *O CRUZEIRO* não ficou alheio a tais questões e tratou de reproduzir também essa imagem da Cidade Maravilhosa.

O Rio de Janeiro já havia passado por uma fase de modernização urbana, no início do século, conhecida como a reforma Pereira Passos, que pretendeu “implantar a modernidade, o progresso e a civilização”⁴²² na Capital da República, tendo como referência a cidade de Paris. Posteriormente, outros planos tiveram o mesmo propósito de remodelar o espaço urbano do Rio de Janeiro como o Plano Agache (1927-1930) e o Plano da Cidade (1937-1945) aos quais se seguiram outros após a década de 1960.

Vera Resende⁴²³ analisa uma seqüência de planos que buscam o ordenamento urbano da cidade, mas que fracassaram na sua implementação. A autora, num olhar panorâmico sobre a história do desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro, refere-se à falta de planejamento na apropriação da área urbana. Entretanto essa ausência correspondeu a uma abundância de leis sobre a regulamentação da ocupação do solo urbano que segundo a autora,

limitaram-se a referendar os caminhos espontâneos do crescimento da cidade e as tendências já existentes [...],⁴²⁴ sendo que a alteração das relações sociais e melhoria das condições de acesso aos bens sociais pelos grupos de diferentes níveis de renda não se encontravam entre os motivos e objetivos dessas normas.⁴²⁵

Nos anos 50 os contornos da cidade já estavam definidos, passando por um processo de adensamento dos espaços já ocupados e a legislação somente referendava as tendências, já expressas no espaço construído, restando pouco para o planejamento como projeto de

⁴²¹ *O Cruzeiro*, 15 jan. 1955.

⁴²² OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Op. Cit. p. 159.

⁴²³ RESENDE, Vera F. **Planos e regulação urbanística**: a dimensão narrativa das intervenções na cidade do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 256-281.

⁴²⁴ *Ibidem*. p. 276.

⁴²⁵ *Idem*.

mudança. Para acomodar a tendência de crescimento já constatada, bastava alterar a legislação. É elucidativo a este respeito o trecho abaixo:

Dentro dessa perspectiva, em 1948 é editada a Lei nº 285/48, que permite a divisão da propriedade em parcelas autônomas em edificações de dois ou mais pavimentos em um mesmo lote. Antes disso, conforme o Decreto Legislativo nº 5481/28, a divisão da propriedade em parcelas só podia se dar em edificações com cinco ou mais pavimentos, ou seja, nas áreas centrais e mais nobres. Com a nova lei torna-se possível a existência de duas casas em um mesmo lote, criando-se a possibilidade de duplicação da população residente nos subúrbios da cidade.⁴²⁶

Essas questões, referentes aos problemas urbanos foram objeto de várias reportagens de *O CRUZEIRO* no período estudado, elas incluem-se nas que categorizamos como (URB). Entre estas, os principais títulos são: “Os Zebus de Pedra”, referente à especulação imobiliária no Rio de Janeiro;⁴²⁷ “Rio, o Recordista da Morte”, sobre acidentes de trânsito;⁴²⁸ “A Batalha do Trem Elétrico”⁴²⁹, crítica à insuficiência dos transportes coletivos; “Cidade Garagem”, trata dos problemas da falta de estacionamentos na cidade;⁴³⁰ “Copacabana sem Retoque”,⁴³¹ sobre o escoamento do esgoto da cidade, “Metropolitano Carioca”, sobre o projeto de um metrô para o Rio;⁴³² “Água”, refere-se à falta de água tratada. Todas essas reportagens ocupam, em torno de cinco páginas ou mais cada uma, com muitas fotografias. Selecionamos apenas algumas como exemplos, pois, em geral elas, podem ser resumidas como críticas à infra-estrutura da cidade que não teria se adequado ao crescimento. É também comum a todas a cobrança das soluções ao poder público, bem como acusações de ingerência neste setor.

A primeira reportagem selecionada é a comemorativa ao aniversário da cidade, “O Rio faz 388 anos”.⁴³³ Ela destaca-se entre as demais pela qualidade de suas imagens, na maioria fotografias aéreas de diferentes panoramas da cidade. Caracteriza-se também pela quase ausência de material verbal, limitando-se estes às legendas. Embora a beleza seja evidenciada, as legendas vão orientando o leitor sobre as *ameaças* que pairam sobre este cenário paradisíaco. Já de início, sobre uma fotografia aérea de Copacabana que ocupa duas páginas, podemos ler: “Ainda é uma cidade maravilhosa [...] quando vista de cima, como

⁴²⁶ Idem. p. 266.

⁴²⁷ *O Cruzeiro*, 14 maio 1955.

⁴²⁸ *O Cruzeiro*, 14 nov. 1955.

⁴²⁹ *O Cruzeiro*, 31 março 56.

⁴³⁰ *O Cruzeiro*, 22 set. 1955.

⁴³¹ *O Cruzeiro*, 05 maio 1956.

⁴³² *O Cruzeiro*, 08 set. 1955.

⁴³³ *O Cruzeiro*, 22 jan. 1955.

nesta reportagem”.⁴³⁴ Na página seguinte, ao centro, duas imagens do Rio de Janeiro, uma de 1929 e outra de 1955 e a legenda diz: “Em 1929 o Rio contava com um arranha-céu... hoje possui centenas deles. Será vantagem?”⁴³⁵

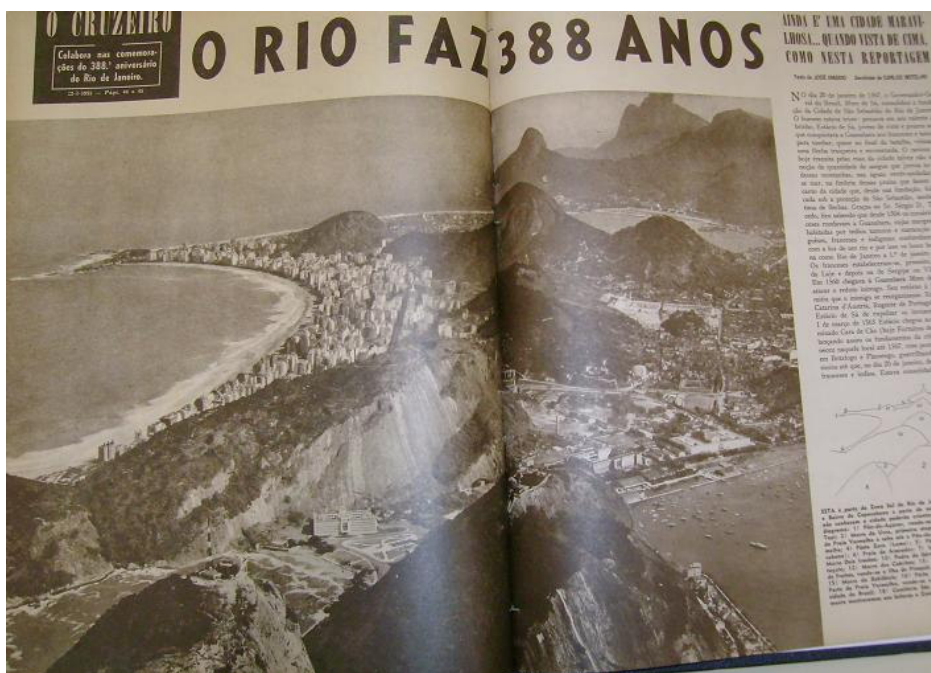


Figura 52: O Rio faz 388 anos. O CRUZEIRO, 22 jan. 1955.

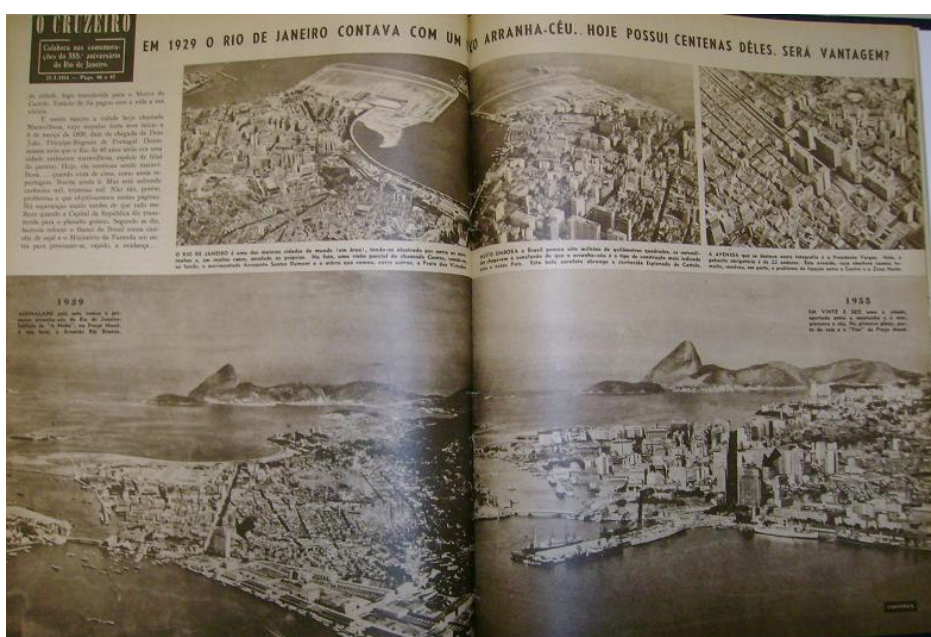


Figura 53: O Rio faz 388 anos. O CRUZEIRO, 22 jan. 1955.

⁴³⁴ Idem.

⁴³⁵ Idem.

Na seqüência, mais quatro fotografias retratam os bairros da zona sul: Ipanema e Leblon; Copacabana; Jardim Botânico e Gávea; Botafogo e Flamengo. Finalizando a reportagem, numa página dupla, uma gigantesca foto do centro da cidade com a legenda: “Grandes edifícios, milhares de automóveis, muito sol, e muito calor: Eis o centro do Rio.”⁴³⁶

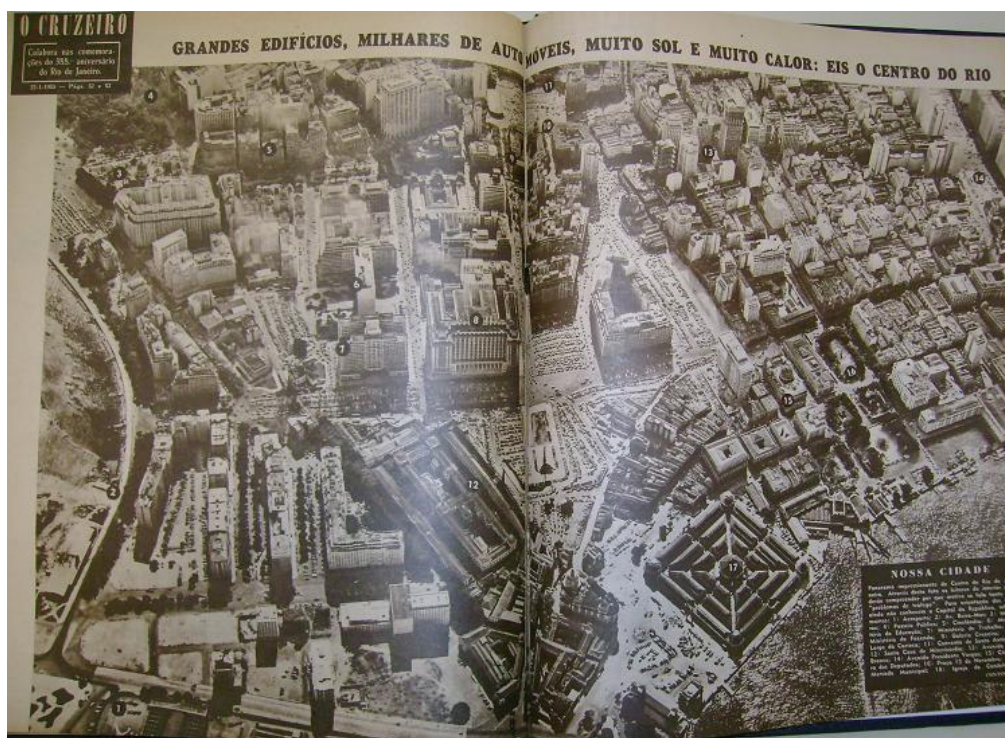


Figura 54: O Rio faz 388 anos II. *O CRUZEIRO*. 22/01/1988.

Esta reportagem chama atenção pela beleza das paisagens retratadas. As fotografias, num total de treze, estão todas dispostas linearmente e rigidamente organizadas. A crítica é sutil e somente entendida pela leitura das legendas. Não podemos esquecer que é uma reportagem comemorativa e, nessas ocasiões, sugere-se o elogio e não a crítica ao aniversariante. Mas mesmo assim, ela “dá a deixa” para o que vem na seqüência de reportagens sobre o Rio de Janeiro.

Radicalmente diferente, tanto no conteúdo quanto na forma, da anterior, “Os Zebus de Pedra: o dramático presente do país do futuro”⁴³⁷ é uma reportagem de seis páginas que chama a atenção pela composição e disposição das imagens. Todas as fotografias são montagens com sobreposição de imagens e utilizando recursos como marcadores e recortes

⁴³⁶ Idem.

⁴³⁷ *O Cruzeiro*, 14 maio 1955.

irregulares. O tema, conforme já referido, é uma crítica à especulação imobiliária e ao crescimento vertical e desordenado da cidade, que estaria descaracterizando o Rio de Janeiro, especialmente a Zona Sul, até então, reduto das classes mais favorecidas sendo que agora, estaria sendo dominada pelos pequenos apartamentos de um cômodo que o autor chama de “cabeças de porco”.

A primeira fotografia ocupa duas páginas e joga com os contrastes de luz e com a sobreposição de imagens. Sob um fundo escuro, são literalmente empilhadas, de forma desordenada, várias fotos de edifícios da cidade de diferentes alturas e de diferentes épocas; observa-se os prédios mais antigos, embaixo, sendo empurrados por outros mais modernos e mais altos.

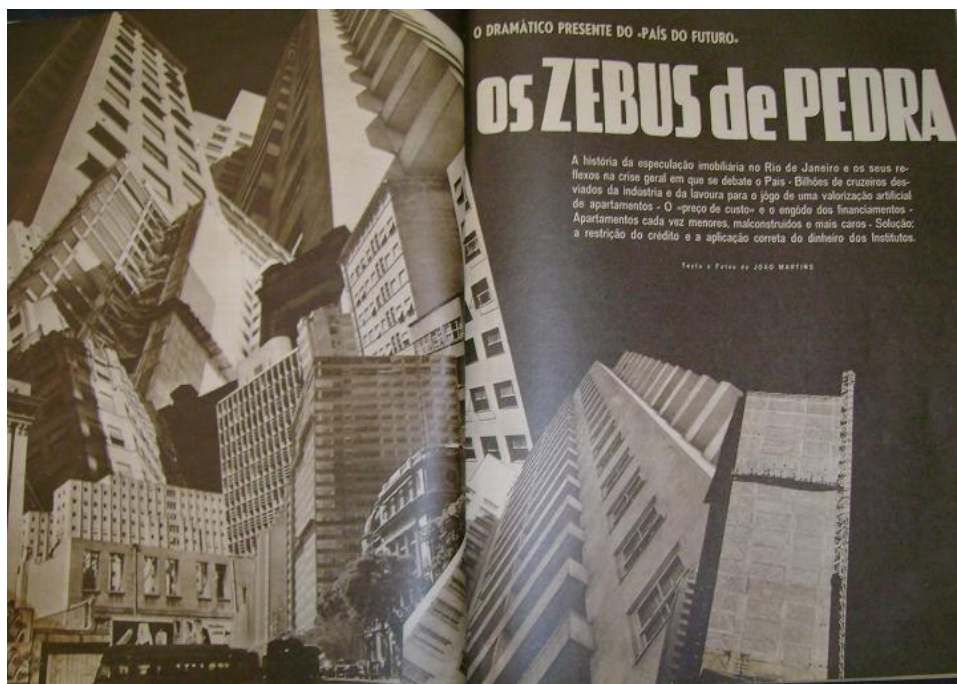


Figura 55: Os Zebus de Pedra. O CRUZEIRO, 14 maio /1955.

Nas duas páginas seguintes vê-se, na esquerda, apenas um texto explicativo do processo histórico que teria conduzido à situação atual e, à direita, toda a página é coberta por uma composição de anúncios imobiliários, todos na zona sul. Uma “faixa” transversal aparece em destaque sobre estes recortes anunciando: “O Rio cresce para o sul”.⁴³⁸ Abaixo, ocupando as duas páginas, uma “tira” de imagens de prédios, todos com o mesmo padrão.

⁴³⁸ Ibidem.

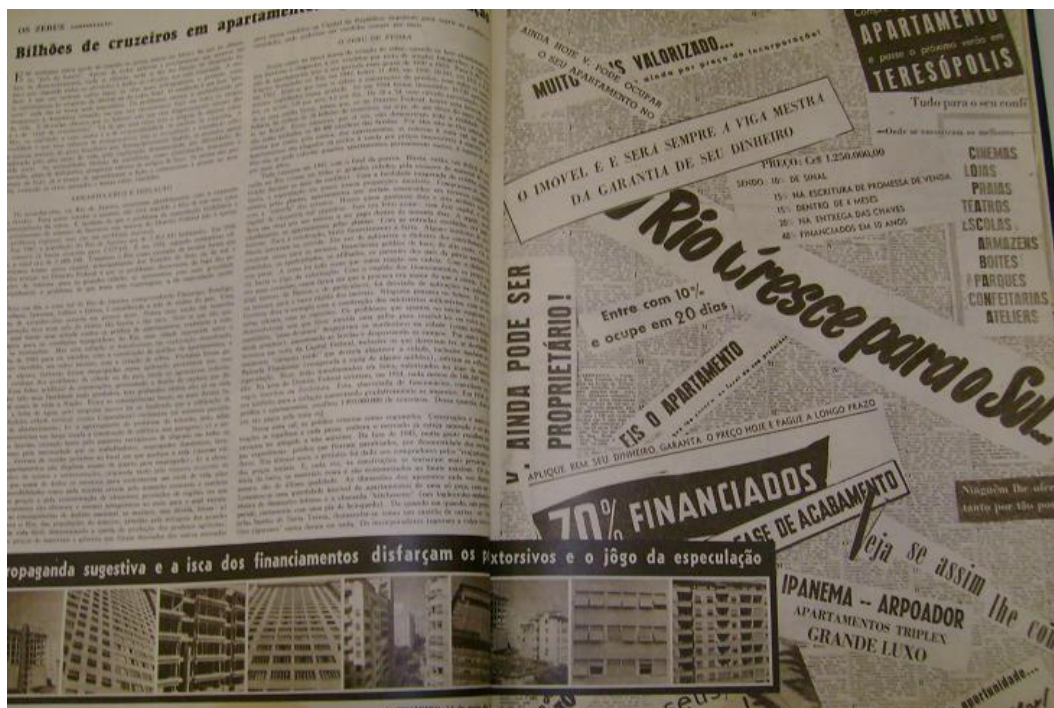


Figura 56: Zebus de Pedra. *O CRUZEIRO*, 14 maio 1955.

As duas últimas páginas trazem outra composição elaborada das imagens, garantindo o efeito negativo dado a este aspecto do crescimento da cidade. Ao centro, um pequeno texto que tem como título: “Cabeças de porco a preços de luxo”⁴³⁹ comenta sobre a profusão dos pequenos apartamentos em Copacabana e os elevados preços pagos por eles. Logo abaixo, um círculo sobre um possível anúncio de um destes imóveis chama a atenção do leitor. Este bloco central “espremido” por duas imagens, uma de cada lado, de prédios mal cuidados, onde sobressaem as roupas estendidas nas janelas e sacadas, simbolizando sua ocupação por pessoas de baixa renda que “enfeiam” a paisagem que estaria destinada à exportação.” Numa destas fotografias podemos ler a legenda: “Copacabana pelo avesso”.⁴⁴⁰ Mostrava-se o outro lado de Copacabana, aquele que deveria ser extirpado como no período da Reforma Pereira Passos.

⁴³⁹ Ibidem.

⁴⁴⁰ Ibidem.

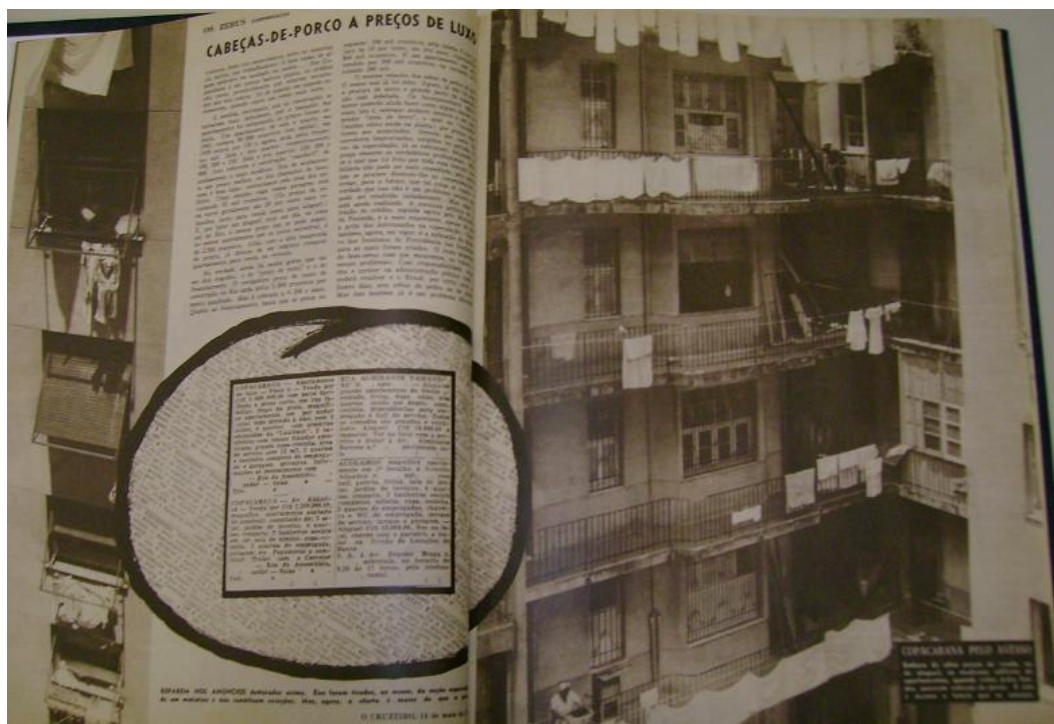


Figura 57: Zebus de Pedra II. *O CRUZEIRO*, 14 maio 1955.

Uma leitura mais atenta desta reportagem revela uma preocupação além da puramente estética. Na realidade o avanço de pequenos apartamentos na zona, até então nobre da cidade, colocava em perigo a hegemonia do grupo burguês na zona sul carioca e, em especial, em Copacabana. Os financiamentos enfaticamente denunciados na reportagem tornam este mundo (da zona sul) acessível a uma parcela mais ampla da população. Não é à toa, portanto, que a revista se preocupe em divulgar novos espaços de sociabilidade e de lazer das camadas burguesas como já explicitado. O projeto civilizador difundido na revista *O CRUZEIRO* não pressupunha a incorporação no sentido democrático das camadas populares, mas sim a direção dessas. Nesse sentido, dividir o mesmo espaço com esses grupos não fazia parte do seu projeto.

A crítica à especulação imobiliária, entretanto, não pode ser entendida dissociada do modelo de desenvolvimento econômico defendido pela revista e pelo grupo que a apoiava. Elee pressupunha o combate à inflação e defendia investimentos, sobretudo, no setor primário como já visto. É significativo que no *lead* que inicia a reportagem conste a frase: “[...] bilhões de cruzeiros desviados da indústria e da lavoura para o jogo de uma valorização artificial [...]”⁴⁴¹.

⁴⁴¹ Ibidem.

Constatamos que Copacabana, um dos principais símbolos do glamour carioca, era o alvo principal das críticas feitas pela revista à cidade do Rio de Janeiro. Os efeitos do aumento da população ameaçavam moradores e visitantes. A reportagem, “Copacabana sem retoques”,⁴⁴² mostra o bairro, agora “visto de baixo”, evidenciando as suas “cicatrices”.⁴⁴³ A queixa era em relação à infra-estrutura, no caso, o sistema de esgotos, que estaria desembocando na praia “mais famosa da América do Sul.” O endereço das críticas era o Poder Público que, embora estivesse realizando obras para solucionar o problema, não deveria ter deixado chegar naquele ponto.

Novamente as imagens expressam o sentido principal da mensagem. A reforma que estava em andamento aparece no meio do texto, sem nenhum destaque, sendo que as fotografias e legendas somente chamam atenção para o problema em questão. As fotografias são diferentes da maioria das que retratam as praias cariocas, como aquela do Arpoador, por exemplo. São impressas num tom cinzento, desvalorizando a paisagem, poderíamos arriscar dizendo que a cor lembra, inclusive, o esgoto. A imagem inicial é uma fotografia da praia cortada por um córrego (esgoto?), que lembra simbolicamente uma cicatriz, a marca negativa na paisagem. Na página central (dupla) a ilustração maior mostra uma mãe banhando um bebê no mar, onde desemboca o “córrego”. Ao lado, duas fotos menores mostram as saídas de esgoto. O título que aparece sobre estas imagens diz o seguinte: “Atenção srs. Pais: é na saída dos esgotos que vossos filhinhos, às vezes são banhados”.⁴⁴⁴

⁴⁴² *O Cruzeiro*, 05 maio 1956.

⁴⁴³ Termo usado na legenda que se refere a fotografia inicial. *O Cruzeiro*, 05 maio 1956.

⁴⁴⁴ *Ibidem*.



Figura 58: Copacabana sem retoques. *O CRUZEIRO*. 05/05/1956.

As imagens de Copacabana, portanto, são emblemáticas no que se refere às questões discutidas pela revista em relação ao espaço “civilizado” do país, servindo como material para reportagens que remetem tanto a imagem de paraíso tropical, quanto para a falta de planejamento diante do acelerado processo de urbanização na época. Lembramos que a exigência de um maior controle pelo poder público, ou por aqueles legitimados pelo poder central, neste caso da população e dos espaços da cidade, são entendidos por Elias como parte do processo civilizador.⁴⁴⁵

Outra fotorreportagem aborda o problema dos transportes no Rio de Janeiro e refere-se ao futuro Metropolitano, destacando a idéia de modernidade e progresso. A fotografia maior é da planta do Metrô, tendo, num canto da página, outra foto de uma estação subterrânea em Nova York. A seguir, a revista, através de ilustrações, explica o método utilizado na escavação dos túneis e, na imagem maior, um mapa mostrando o trajeto. A idéia que domina a cena é a de “projeto”, de futuro, sendo esse pautado pela técnica dos países desenvolvidos. Nas páginas finais, uma seqüência de fotografias, unidas em um mesmo bloco, mostra as

⁴⁴⁵ ELIAS, Norbert. Op. cit. 1993. v. 1. O autor, num estudo de longa duração, exemplifica esta etapa do processo civilizador com a passagem do feudalismo para o absolutismo e diz que a mudança está associada à ordem hierárquica, tendo a sua frente o governo absoluto, cuja expansão é seguida de um maior controle exercido por aqueles legitimados pela autoridade central o que resultaria na “pacificação”, entendida como civilização.

estações de Filadélfia, Moscou, Chicago e Nova York. No título, o apelo: “Quase todas as grandes cidades do mundo tem seu metrô, o Rio anda de Bonde”.⁴⁴⁶ Novamente o confronto atraso versus civilização era a pauta, exigindo a atuação dos responsáveis para a plena superação da “fase dos bondes”.



Figura 59: “O Metropolitano Carioca” *O CRUZEIRO*, 08 set. 1956.



Figura 60: “O Metropolitano Carioca” *O CRUZEIRO*, 08 set. 1956.

⁴⁴⁶ *O Cruzeiro*, 08 set. 1955.

A idéia da necessidade do metrô no Rio de Janeiro vai sendo reforçada nas reportagens posteriores que descrevem o caos em termos de transportes, como na matéria sobre os *trens elétricos*, repleta de imagens dos trens superlotados e das pessoas disputando os mínimos espaços, bem como a correria na entrada do trem. Uma grande quantidade de imagens, ocupando todo espaço das páginas, ajuda a passar a impressão de “aperto” descrita. O texto conta a história pessoal de um trabalhador, descrevendo o tempo que ele perde diariamente para se locomover relacionando a questão do transporte à produtividade, imperativo para o pleno desenvolvimento capitalista do país.

De maneira geral, podemos dizer que as críticas feitas nessas reportagens direcionavam-se ao poder público que deveria tomar medidas para promover um crescimento mais ordenado, dentro dos moldes do mundo civilizado. O crescimento, em si, nunca é questionado, ao contrário, era incentivado. Eram sugeridas soluções, entre as quais, a interdição dos “caminhões paus de arara” que “despejam nordestinos na cidade”⁴⁴⁷ para resolver o problema do êxodo rural. Desta forma, um desenvolvimento urbano ordenado e dirigido também pressupunha a plena integração e desenvolvimento do interior, ideal que a revista se empenhou, não só em difundir, como em promover ações práticas para a sua realização como vimos anteriormente.

Pretendemos nesse capítulo demonstrar como a revista *O CRUZEIRO* difundiu imagens do espaço brasileiro pautadas pelo ideal civilizador do qual a revista era representante. As mensagens nas fotorreportagens, vistas como um todo, adquirem uma coerência de sentido, uma lógica própria que evidenciam a visão que a revista tinha sobre a nação. Essa, entendia que o país estava em sua etapa final do processo civilizador, portanto, era ainda necessário fazer ajustes: educar as elites, responsáveis pela condução do processo, doutrinar o povo, reforçar a identidade nacional para a afirmação do país entre os povos já civilizados e promover a integração do território nacional em conformidade com a lógica capitalista de ocupação e exploração. Quanto a esse último aspecto, o espaço brasileiro passava por um processo de reorganização que a revista tratou de divulgar e, ao mesmo tempo, orientar, na medida em que, através dos textos, legendas, imagens e diagramação atribuía conotação positiva ou negativa às representações veiculadas.

Assim, com relação ao interior do país, buscava-se a consolidação dos limites territoriais. A incorporação relacionava-se não só ao território, mas à população – tornar o povo brasileiro -. Essas regiões deveriam também incorporar-se ao desenvolvimento

⁴⁴⁷ *O Cruzeiro*, 14 maio 1955.

econômico da nação. As áreas urbanas, tendo o Rio de Janeiro como espaço privilegiado das reportagens, passavam por uma crise de crescimento, problemas conjunturais que deveriam ser superados para o pleno ingresso a civilização. As mudanças deveriam passar pela cultura, neste caso aquela adotada pela burguesia do mundo ocidental. Nesse sentido defende-se a hierarquização dos espaços, explícito no caso do Rio de Janeiro (Zona Sul, Zona Norte, Morros). Também os espaços de sociabilidade e lazer passavam por esse processo, criando e divulgando novos locais de encontro, na medida em que os populares avançavam sobre os tradicionais redutos burgueses. Finalmente, em relação às paisagens naturais do país, elas também deveriam ser domesticadas para sua exploração turística no sentido capitalista. Para tal, a revista empenhava-se em divulgá-las ostensivamente, transmutando as diferenças regionais do país em exotismo, num processo de reinvenção do mito edênico brasileiro que passara de um sentido religioso vinculado à ideologia medieval, trazida pelos descobridores, para um outro científico, próprio dos viajantes que aqui estiveram no século XIX, e, em meados do século XX, consolida-se uma conotação puramente capitalista, portanto, típica do mundo dito civilizado, expressa, sobretudo, no apelo turístico.

5 A POLÍTICA NACIONAL: A VASSOURA, A SIMPATIA E A ESPADA

5.1 O NOVO POLÍTICO

Pretendemos, neste capítulo, através da análise das reportagens que, de alguma forma enfocam a política e/ou políticos nacionais, agrupadas no conjunto de reportagens que categorizamos como (PP) e (MP), identificar as representações do campo político produzidas e reproduzidas na revista. Cabe lembrar que o periódico possuía uma secção intitulada *política*, onde esses temas eram tratados de forma específica. Entretanto, nossa análise centra-se nas *reportagens* sobre as referidas questões. Esta especificidade da forma faz com que as mensagens se diferenciem daquelas da secção específica, mais literária e noticiosa. A política tratada nas fotorreportagens permite, assim, uma maneira diferenciada de apropriação, uma vez que seus destinatários compõem, um grupo maior e mais variado. Entendemos, como Roger Chartier, que “as transformações das formas através das quais um texto é proposto autoriza recepções inéditas, portanto, cria novos públicos e novos usos.”⁴⁴⁸ Trata-se de privilegiar a dimensão simbólica do campo político.

O período que vai de 1945 a 1964 é definido pela historiografia como a fase democrática da história da República brasileira. O ano de 1945 é considerado um marco tanto em nível internacional – Fim da Guerra - quanto nacional - Fim do Estado Novo -, de um começo ou recomeço. Já foi descrita, na introdução, a saudação da revista *O CRUZEIRO* a este novo tempo e o questionamento sobre o futuro da nação que se colocava então. Entretanto, o retorno de Vargas, em 1951, foi visto por muitos como um retrocesso e, após o trágico 24 de agosto, o discurso sobre um “novo começo” é retomado. Assim, na abertura do ano 1955, a revista *O CRUZEIRO* ao fazer um balanço dos últimos 10 anos, parece anunciar um novo recomeço, finalmente livre da ditadura e do ditador. Tratava-se, agora, de combater o que a revista chamou de “o espectro de Vargas” ou a “República dos Coronéis”.

⁴⁴⁸ CHARTIER, Roger. Op.cit. p. 76.

Nesse sentido, a defesa da democracia⁴⁴⁹ tornava-se a versão do discurso político do embate atraso *versus* desenvolvimento. Esta percepção de um novo tempo – pós suicídio – é compartilhada por muitos intelectuais que vivenciaram aquela época, conforme observação de Ângela de Castro Gomes:

Para os intelectuais dos anos 1950, para os homens em geral dessa geração, ou mesmo para aqueles que pertencem a gerações anteriores ou posteriores, a idéia de um “tempo” com mais oportunidades e esperanças é bem visível e não deve ser menosprezada. A operação que delinea esse “tempo” o destaca daqueles que vêm “antes” (o do suicídio de um presidente) e “depois” (o da renúncia de um presidente, seguida de crises e de um golpe político), elegendo a figura de Jucelino como seu símbolo.⁴⁵⁰

O novo tempo, para o Brasil, era o do desenvolvimento, da superação do atraso, sobretudo econômico. Porém esse, como vimos, não estava dissociado de desenvolvimento cultural e, também, político. Esse último aspecto levou a associação entre “Brasil moderno” e Brasil democrático⁴⁵¹.

Desenvolvimento e democracia estão diretamente vinculados nos discursos de Jucelino Kubitschek no período. O ideal democrático, o grande valor político, norteador da época, só poderia ser obtido pelo combate a pobreza. Esta questão está na base dos discursos sobre o subdesenvolvimento da América Latina. O que estava em jogo era a defesa do Ocidente capitalista e o desenvolvimento aparece como o meio mais eficaz de garantir a ordem capitalista e a democracia. Para o desenvolvimentismo jucelinista, “a luta pela democracia identifica-se com a luta contra a estagnação e subdesenvolvimento.”⁴⁵²

A democracia defendida pelos Associados, entretanto, tinha tonalidades específicas, permeada pelos interesses e convicções do grupo e de seu proprietário, Assis Chateaubriand,

⁴⁴⁹ Democracia aqui entendida no seu sentido liberal conforme descrito por Bobbio. Ela é definida pelas liberdades individuais em sua relação com o Estado que é o garantidor de alguns direitos fundamentais: liberdade de pensamento, de religião, de imprensa, de opinião, etc. “A participação é também definida como manifestação daquela liberdade particular que indo além do direito de exprimir a própria opinião, de reunir-se ou de associar-se para influir na política do país, compreende ainda o direito de eleger representantes para o parlamento e de ser eleito”. BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Tradução: VARRIALLE, Carmem C. [et.al]. 5 ed. Brasília: Editora da UNB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 319 e seguintes. Em síntese a democracia exprime-se num Estado Liberal fornecedor de garantias, e nesse sentido ela é entendida, menos como ideologia do que “como um conjunto de regras de procedimento para constituição de governo e para formação das decisões políticas (ou seja das decisões que abrangem toda a comunidade)”. (Ibidem.)

⁴⁵⁰ GOMES, Ângela de Castro. (org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 13.

⁴⁵¹ Idem. p. 12.

⁴⁵² CARDOSO, Miriam Limoeiro. Op.cit. p. 111.

ele mesmo um personagem político no período. Em linhas gerais, a revista tinha uma abordagem bastante conservadora da democracia, que excluía certas camadas da população de uma participação política efetiva e enfatizava a importância dos militares na manutenção da ordem, condenando os movimentos espontâneos – grevistas – organizados por estas parcelas da população, entre as quais os operários. Possuía uma visão elitista da política que deveria ser praticada por uma elite na defesa dos seus interesses, dando pouquíssima atenção às reivindicações das camadas populares. Exemplo do exposto é a reportagem veiculada em novembro de 1957, intitulada “Quanto custa uma Greve”.⁴⁵³



Figura 61: “Quanto Custa uma Greve”. *O CRUZEIRO*, 02 nov. 1957.

A reportagem, típica do fotojornalismo, explora as imagens a fim de compor o discurso pretendido, ou seja, os efeitos negativos da greve. À primeira fotografia, de um tanque de guerra, seguem-se outras, dos grevistas sempre em posição de ataque às instalações das fábricas. As legendas e títulos informam sobre os estragos e prejuízos causados, mas enfatizam, também, o papel do exército como garantidor da ordem: “Os tanques saíram às ruas: uma garantia contra a desordem”⁴⁵⁴ é a legenda abaixo da fotografia do tanque. Respondendo a pergunta título “quanto custa uma greve?”, o subtítulo apresenta a resposta: “Sangue, depredação e meio milhão de trabalhadores parados”. A imagem de um trabalhador

⁴⁵³ *O Cruzeiro*, 02 nov. 1957.

⁴⁵⁴ Idem.

ensangüentado – pela roupa (camisa e gravata), alguém do setor administrativo – fecha a matéria, reforçando a imagem negativa dos grevistas como agressores. O texto verbal da reportagem informa que o governador Jânio Quadros manteve uma postura de prudência e respeito à lei, mas frente às atitudes “baderneiras” dos grevistas apelou para a polícia e o exército, atitude elogiada na revista. Importante frisar que, em nenhum momento, a reportagem refere-se aos motivos da greve e/ou reivindicações dos grevistas. A imagem era somente a da desordem e prejuízo que ela causava.

O CRUZEIRO anunciava o final dos velhos tempos através da reportagem intitulada: “Caiu a República dos Compadres”,⁴⁵⁵ que versa sobre a tentativa golpista frustrada e o contra-golpe de 11 de novembro.⁴⁵⁶ Nela, Café Filho aparece como o derradeiro político da era Vargas e dos vícios coronelistas como “[...] o compadrismo, barateamento dos cargos, a instituição nacional do pistolão, a indústria dos cartórios, [...]”.⁴⁵⁷ De um modo geral, a mensagem dessa matéria era a de que a democracia havia vencido, embora sob a proteção do exército, em conformidade com a antiga concepção salvacionista da corporação presente na sociedade brasileira.

O texto de David Nasser, ao atacar o ex-presidente Café Filho, é esclarecedor acerca do modelo democrático defendido:

Que o senhor João Café Filho, não tem o dom da Presidência, isso até o mais humilde potiguar o sabe. Ninguém ignorava que o seu vôo era curto, que as suas asas, não eram asas de águia, mas asas de um honesto peru de quintal. Sabíamos que o seu sonho mais alto – de prefeito da roça a vereador do sertão – fora ultrapassado com a deputação federal, mercê, talvez de sua fibra ou de sua espantosa capacidade de trabalho. Trabalho miúdo, o seu, migalhas de lei, sem a grandeza de um parlamentar verdadeiramente nacional.⁴⁵⁸

⁴⁵⁵ *O Cruzeiro*, 03 dez. 1955.

⁴⁵⁶ Frente à vitória de Jucelino Kubitschek e João Goulart, a ala conservadora do exército deu início a um movimento golpista que evitasse a posse dos candidatos. Em meio à crise, o presidente Café Filho se afasta por motivos de saúde, assumindo Carlos Luz. Este faz o jogo dos militares golpistas e acaba forçando a demissão do ministro da Guerra, General Lott, que já havia declarado publicamente que defenderia, de todas as formas, a posse do presidente eleito pelo voto. No seu lugar, nomeia o general Fiúza de Castro, membro da corrente antinacionalista golpista, abrindo-se as condições para o **golpe preventivo de 11 de novembro**. Pressionado por diversos generais, Lott, mesmo exonerado, comanda a ocupação da capital do país por tropas do Exército, derrotando a tentativa golpista. Com isso garante a posse dos candidatos eleitos após 60 dias de Estado de sítio e a substituição de Carlos Luz pelo presidente da Câmara dos Deputados, Nereu Ramos.

⁴⁵⁷ Idem.

⁴⁵⁸ Idem.

Café Filho, portanto, não representava um político profissional, uma *águia*. Característica, aliás, que o repórter trata de reconhecer no antigo adversário, Vargas. Este embora tenha cometido erros graves por sua conduta ditatorial, era um líder nato e, nesse ponto, muito superior a Café Filho. O político, segundo sua concepção, deveria ser um profissional, não um cidadão comum. Este elitismo político é descrito por Décio Saes como um traço característico da ideologia da alta classe média. Para o autor, a luta deste grupo “[...] é a luta por impedir a transformação de “direito à política” em prerrogativa comum e universal, e por conservar a política como um símbolo de prestígio social.”⁴⁵⁹

A partir desse entendimento, a desqualificação de Café Filho como político pareceu a arma mais adequada para atacá-lo e a reportagem não poupa esforços nesse sentido, quando aponta, inclusive, para o baixo nível intelectual do ex-presidente, que teria dificuldades em defender seus pontos de vista diante de seus ministros, “infinitamente mais inteligentes”, dos quais seria apenas, nas palavras do autor, “uma marionete”, e sentencia: “no comboio presidencial, ele viajava, realmente no último carro.”⁴⁶⁰ Esta idéia de uma participação política exclusiva das elites intelectuais vinha ao encontro, também, de uma das principais *bandeiras* defendidas por Assis Chateaubriand em seus discursos, que, como já apontado, promoveu uma intensa “campanha pela educação da elites nacionais”. Em seus inúmeros artigos, veiculados na rede *Associada*, fazia com freqüência duras críticas à incapacidade da elite nacional em conduzir o país nesta nova fase de desenvolvimento.

Identificamos, na reportagem, também, o apelo ao moralismo quando o autor afirma que “[...] no Brasil democracia é algo que a gente gosta quando está por baixo e que a gente detesta quando está por cima. O doce, amável e hábil deputado se transmutara, mordido pela mosca do poder, num austero, doutoral e frio Presidente da República.”⁴⁶¹ Esta idéia de que o poder corrompe é referida por Maria Victória Benevides como sendo uma das características do moralismo udenista. Para a autora a “não vocação para o poder” integra harmoniosamente a imagem do partido, cara aos bacharéis, a “pureza de princípios”.⁴⁶² Sabemos que essas posições, entretanto, não eram exclusivas da UDN (nem entre os udenistas ela era unânime),

⁴⁵⁹ SAES, Décio. Classe Média e Política no Brasil: 1930-1964. In.: CASTRO GOMES, Ângela Maria de. [et.al]. **O Brasil Republicano**: Sociedade e Política (1930-1964). 6. ed.. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1996. (História Geral da Civilização Brasileira; t.3, v. 3). p. 465.

⁴⁶⁰ *O Cruzeiro* 03 dez. 1955.

⁴⁶¹ Idem.

⁴⁶² BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **A UDN e o Udenismo**: As ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 272.

mas integravam um conjunto de ideais defendidos pelas elites liberais-conservadoras⁴⁶³ como um todo.⁴⁶⁴

Ao finalizar a matéria, Nasser conclui pelo “estágio” ainda atrasado da democracia brasileira:

[...] tudo isso acontece porque somos ainda uma democracia tipo Guatemala, democracia que não é um hábito, que não se fortalece na derrota eventual de um partido ou grupo de partidos, democracia que agoniza, morre e ressuscita duas, três vezes em cada geração, democracia das repúblicas centro-americanas, que necessita, para sobrevivência, do apoio das armas.⁴⁶⁵

É nessa perspectiva que a revista *O CRUZEIRO* apóia o contra-golpe de Lott e a posterior instalação do Estado de Sítio. O objetivo, em última análise, era garantir a ordem democrática burguesa, evitando, assim, qualquer possibilidade de radicalização ou participação das massas no processo da sucessão presidencial. A disputa entre golpistas e legalistas, nessa questão, não passava de uma briga interna das elites, agrupadas de um lado na UDN e de outro, no PSD. Os militares, por sua vez, dividiam-se entre os dois grupos, porém o objetivo propalado era o mesmo: defender a ordem democrática.

Nas fotorreportagens, essas idéias foram difundidas, sobretudo, através da eleição de alguns personagens políticos que passaram a simbolizar este modelo democrático mais afinado com a idéia de desenvolvimento portanto, mais próximo ao mundo *civilizado*. Entre os que, com maior freqüência apareciam na revista, estão Jânio Quadros e Jucelino Kubistchek, personagens centrais na política nacional da época.⁴⁶⁶ Ambos passaram a

⁴⁶³ PSD e UDN foram na sua prática política partidos conservadores, no entanto a UDN, por exemplo, tem na sua origem um discurso liberal e reúne liberais históricos em suas hostes. Sobre esta questão ver: BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **O Governo Kubitschek**: Desenvolvimento econômico e estabilidade política. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1979, 3ed.

⁴⁶⁴ Recorremos, aqui, com freqüência à caracterização utilizada por Maria Victória Benevides com relação aos *udenistas* por encontrarmos estas definições respaldadas nas reportagens da revista. Entretanto, é importante observar que estas definições são por nós entendidas como referentes, não exclusivamente a um partido político, mas a um grupo mais amplo composto pelas elites e a alta classe média urbana, público-alvo de *O Cruzeiro*. É bom lembrar, também, que Assis Chateaubriand era senador pelo PSD, que disputava este mesmo grupo com a UDN. A própria autora citada destaca a proximidade entre os dois partidos. O que identificamos na análise das reportagens da revista é uma proximidade muito grande das idéias defendidas pela UDN.

⁴⁶⁵ *O Cruzeiro*, 03 dez. 1955.

⁴⁶⁶ Jânio Quadros, em 1955, assume o governo de São Paulo após uma estrondosa campanha cujo tema foi a moralização do serviço público e o combate à corrupção. Jucelino chegava à presidência da República através das eleições de outubro de 1955. Portanto, um era chefe do executivo do estado economicamente mais importante do país e o outro, o maior líder na Nação. Ambos adquirem enorme popularidade no período.

representar valores essenciais da burguesia brasileira como um todo.⁴⁶⁷ O primeiro torna-se símbolo da moralização; o segundo, através de seu plano de metas, encarnava o valor do trabalho e do dinamismo necessário ao progresso. Outro personagem que mereceu destaque foi o General Henrique Teixeira Lott, que a revista tratou de heroicizar após o 11 de novembro, trazendo-o ao discurso, vez por outra ao longo do período, como um aviso aos possíveis desvios da democracia, colocando-o como um guardião/vigilante do regime.

Percebemos, na leitura dessas reportagens que, muitas vezes, a presença desses políticos na revista tinha como principal objetivo a obtenção de algum retorno financeiro ou outra forma de privilégio ao grupo *Associado*. Tal constatação não invalida nossa análise, pois percebemos que o discurso das fotorreportagens pretende produzir aquela imagem de democracia descrita acima e é este o foco da presente análise.⁴⁶⁸ O desfile de políticos tanto amigos quanto inimigos produziam o mesmo discurso. A idéia-força atraso *versus* desenvolvimento servia tanto para atacar adversários quanto para defender amigos. Eles apresentam-se de forma dicotômica: o bom e o mau; o vilão e o mocinho.

Esta idéia fica bastante clara na reportagem intitulada: *Deputados no Banco dos Réus*,⁴⁶⁹ onde, em cinco páginas de textos e fotografias, *O CRUZEIRO* propõe-se a julgar os deputados. A reportagem explica que o julgamento foi realizado por 35 repórteres, credenciados na Câmara dos Deputados, sorteados pelo redator da matéria. Seguindo o ideal da fotorreportagem, as fotografias e as legendas orientam o sentido da mensagem. O texto, que é bastante extenso para uma fotorreportagem, detém-se principalmente a explicar o funcionamento dos trabalhos na Câmara.

Logo abaixo do título, que ocupa uma página dupla, seguem em letras garrafais os tópicos abordados na matéria:

Julgados pelos jornalistas – Os que mais trabalham não podem votar – A popularidade dos demagogos – Ainda existem os inoperantes – O drama dos presidentes das comissões técnicas e a desaparelhagem da Câmara – A polícia do Distrito Federal gasta mais que o Congresso.⁴⁷⁰

⁴⁶⁷ Sabemos que a burguesia brasileira encontrava-se dividida em suas posições políticas e econômicas no período. Entretanto, o grupo burguês como um todo, partilhava dos mesmos valores, princípios éticos e morais, típicos da burguesia capitalista ocidental.

⁴⁶⁸ É provável que muitas destas reportagens sejam pagas, entretanto nosso objetivo não é buscar uma “verdade” sobre estes fatos, se é que isso seja possível, mas ler as representações construídas e difundidas pela revista.

⁴⁶⁹ *O Cruzeiro*, 03 nov. 1956.

⁴⁷⁰ *Idem*.

Em seguida, a reportagem classifica os deputados em: “os que trabalham”, “os demagogos” e “os inoperantes”. Esses tópicos aparecem em subtítulos, seguidos de séries de fotografias pequenas dos políticos que se encaixam nas referidas classificações. Esse formato dispensa qualquer outra explicação. A fotografia legendada, com o nome e a classificação, fixa a imagem do “acusado”. Uma fotografia destaca-se das demais. Ela ocupa uma página inteira, representando o político ideal. Trata-se de uma foto do jovem Ulisses Guimarães, com a legenda: “Ulisses Guimarães, presidente da Câmara. Um dos mais jovens a ocupar tão elevado cargo. Trabalha 10h por dia. Tem agido bem”.⁴⁷¹



Figura 62: Deputados no Banco dos Réus. *O CRUZEIRO*, 03 nov. 1956.

A idéia do político ativo, do ideal do trabalho, está em sintonia com o projeto de desenvolvimento acelerado do país. Deveriam deixar de lado a retórica, tão peculiar ao político tradicional e partir para ação. É sobre esse enfoque que a revista veicula um discurso no qual o processo de desenvolvimento capitalista nacional dependia de ações políticas e de políticos comprometidos com esses ideais para conduzi-lo. Já vimos, noutro capítulo, que os pensadores do período, nacionalistas ou não, todos admitiam a necessidade de uma dose maior ou menor de intervenção do Estado, especialmente, nas questões de infra-estrutura.

⁴⁷¹ Idem.

Nesse sentido, através de reportagens variadas, *O CRUZEIRO* ajudou a produzir discursos que, de um modo geral, demonstravam a necessidade de mudanças de ordem política que colocassem o país em sintonia com o mundo ocidental moderno, em oposição aos regimes totalitários, cujos principais contrapontos eram a Argentina Peronista e a União Soviética.

5.2 O REGIME DA VASSOURA

Jânio Quadros, que assumiu o governo de São Paulo no início de 1955, aparece com frequência na revista da qual tem o apoio político. O governador representa o *salvador*, empenhado em combater antigos políticos corruptos e impor uma política saneadora, racional e moderna ao Estado, em última análise, colocar “ordem no caos”.⁴⁷²

O apelo teatral⁴⁷³ utilizado pelo político em suas campanhas favorecia a exploração deste personagem nas reportagens, pois se enquadrava no próprio modelo das fotorreportagens em que os fatos desenvolviam-se como num drama e, muitas vezes, com forte apelo sensacionalista. O tema central explorado era o mesmo das campanhas janistas, ou seja, o combate à corrupção na defesa da moralidade pública expresso nos símbolos da “vassoura” e “tostão contra o milhão”. Várias reportagens têm como objetivo denúncias neste sentido. Podemos referir como exemplo, entre outros, a série de reportagens combatendo a importação de carros americanos por parte dos parlamentares com isenção de impostos, a “emenda cadillac” de 1956. De abril de 1956 a agosto de 1957, foram cinco matérias criticando tal procedimento,⁴⁷⁴ em especial, denunciando membros da “moralista” UDN que teriam votado a favor da emenda.⁴⁷⁵

⁴⁷² GOMES, Ângela de Castro. 2002. Op.cit. p. 33.

⁴⁷³ Benevides chama atenção para este aspecto teatral de Jânio Quadros. A respeito de suas campanhas diz que: “Os palanques transformavam-se em verdadeiros palcos de tragicomédias: Jânio tomava injeções em público, simulava desmaios e comia sanduíches de mortadela levados nos bolsos. E era carregado nos ombros do povo! Numa esdrúxula mistura de radicalismo e Kitsch popularesco [...] fazia violentos ou pitorescos discursos, num português precioso de sílabas escandidas, e apoiado num visual que se tornaria típico: roupas surradas e em desalinho, cabelos compridos e barba por fazer, ombros brilhantes de caspa [...] um visionário. Muitos o tomaram como um messias, poucos denunciaram o charlatão.” BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **O Governo de Jânio Quadros**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.16.

⁴⁷⁴ Legal, mas sujo (*O Cruzeiro*, 14 abr. 1956), A Marinha não faz contrabando (*O Cruzeiro*, 02 março 1957), A desordem vem de cima (*O Cruzeiro*, 04 maio 1957), Conspiração dos Cadillacs (18 maio 1957), Fronteiras e Portos do Brasil, entrada franca do contrabando de automóveis (*O Cruzeiro*, 31 ago. 1957).

⁴⁷⁵ BENENIDES, Maria Victória de Mesquita. 1981. Op.cit. p. 269.

Este ideal, o moralismo, era uma das bandeiras levantadas pelos setores burgueses no período. Décio Saes⁴⁷⁶ situa o ápice do desenvolvimento destas idéias entre 1951-54, identificado especialmente nos discursos antigetulistas, sobretudo da UDN. Benevides afirma que o moralismo integrava a própria auto-imagem udenista, sendo que este, concretamente consistia em fazer “da denúncia à corrupção administrativa (“a caça aos escândalos”) a razão de ser da luta oposicionista [...]”.⁴⁷⁷

Outro aspecto associado a Jânio Quadros é o seu caráter populista. Neste caso, é oportuno enfatizar a aparente contradição entre o discurso da revista com relação ao populismo e o apoio dado a um líder populista. Em *O CRUZEIRO* eram freqüentes os ataques aos populismos tanto brasileiros quanto latino-americanos, sendo seus principais alvos Getúlio Vargas e Perón. Entretanto, entendemos esta questão à luz da argumentação utilizada por Benevides ao explicar o apoio da UDN – anti-populista – a Jânio Quadros. Para a referida autora, o fato é revelador sobre o tipo de populismo a ser combatido por esse grupo, ou seja, aquele relativo às massas, sobretudo ao operariado e que, na revista, justifica-se no intenso combate ao trabalhismo tanto getulista quanto peronista.⁴⁷⁸

Jânio Quadros talvez seja o personagem mais identificado com *O CRUZEIRO*. A ambigüidade do discurso janista que, ao mesmo tempo em que se coloca como moderno e defensor da democracia, caracteriza seu governo por um autoritarismo personalista, desprezando as Instituições, o que também era marca dos Diários Associados, conhecido por práticas clientelistas e por utilizar o poder de sua máquina jornalística para chantagear seus adversários, promover seus amigos e obter vantagens políticas e econômicas. A caracterização das campanhas de Jânio Quadros, feita por Benevides, parece também se encaixar no perfil da revista, quando ela afirma: “As campanhas de Jânio Quadros são um capítulo à parte na história eleitoral brasileira. Em nenhum outro momento, em nível de eleição majoritária, as contradições entre desenvolvimento e atraso, autoritarismo e liberalismo, progressismo e reacionarismo, público e privado, foram tão bem manipuladas”⁴⁷⁹

Nosso objetivo, aqui, não é mostrar o apoio da revista a Jânio, o que nos parece evidente, mas como o personagem Jânio serviu, em parte, para a construção e divulgação de

⁴⁷⁶SAES, Décio. Op.cit.

⁴⁷⁷ Ibidem. p. 267.

⁴⁷⁸ Maria Victoria de Mesquita Benevides explica que: “O populismo expresso nos governos de Vargas (1950-1954) e de Goulart (1961-1964) estava efetivamente vinculado aos movimentos sociais e aos partidos políticos, numa inequívoca tentativa de política de massas. O estilo autoritário, moralista e extremamente personificado de Jânio Quadros evocava um “populismo de direita”- militarista, antiparlamentar e associado ao grande capital -, o qual, dirigido “a todas as classes”, no conjunto da nação”, terminava por diluir o próprio significado de povo e de massa”. BENEVIDES, 1982. Op.cit. p. 9.

⁴⁷⁹ Ibidem. p. 16.

uma imagem política da nação que apontava para a necessidade de renovação, de modernização a fim de acompanhar o mesmo ritmo de desenvolvimento que estava ocorrendo em nível econômico e, ao mesmo tempo, acertar o passo com os países desenvolvidos. O modelo pregado pressupunha que a política deveria ser exercida por uma elite, moralmente e intelectualmente qualificada para tal. O sistema defendido era de uma democracia autoritária, bem ao estilo do clássico liberalismo brasileiro no qual as liberdades confundiam-se, na maioria das vezes, com privilégios de grupos. Por fim, a ordem deveria prevalecer, acima de tudo, não aceitando nenhuma forma de revoltas ou agitações populares. Para tal, defendia a idéia de uma constante vigilância militar.

A fim de demonstrar o acima exposto, selecionamos as três maiores reportagens sobre este personagem veiculadas no período: “Vinte e oito dias no regime da vassoura”⁴⁸⁰, “O criador de casos”⁴⁸¹ e “Tire o chapéu a São Paulo”⁴⁸².

“Vinte e oito dias no regime da vassoura”⁴⁸³ é chamada da capa e já havia sido anunciada na edição anterior, o que denotava um caráter “sensacional”, como explícito no título: “Revelações sensacionais do primeiro mês do governo Jânio Quadros”.⁴⁸⁴ O objetivo declarado da reportagem seria o de explicar, “de forma imparcial”, aos leitores o que seria a tal *limpeza* promovida por Jânio, em São Paulo, conforme texto do *lead*, logo abaixo do título, que ocupa toda a página dupla:

[...] Esta revista leva a todo Brasil informações justas e precisas sobre as atividades do governador paulista. Forneceremos ao povo brasileiro os elementos necessários para que ele próprio faça juízo sobre a empolgante fase histórica que São Paulo iniciou a pouco mais de 30 dias.⁴⁸⁵

Essa reportagem não possui as características comuns às fotorreportagens em que as fotografias conduzem a narrativa, ocupando, na maioria das vezes, um espaço superior. Nessa, o texto sobrepõe-se às fotos, da mesma maneira que na seção da revista intitulada *Política*. Porém, a diagramação, dividindo o texto em pequenos tópicos, e a utilização de caixas de textos torna a leitura mais leve e rápida, não sendo necessário ler o conteúdo integral da

⁴⁸⁰ *O Cruzeiro*, 26 março 1955.

⁴⁸¹ *O Cruzeiro*, 17 nov. 1956.

⁴⁸² *O Cruzeiro*, 24 ago. 1957 e 07 dez. 1957.

⁴⁸³ *O Cruzeiro*, 26 março 1955.

⁴⁸⁴ *Idem*.

⁴⁸⁵ *Idem*.

reportagem para sua compreensão. Também a conjugação dos títulos e legendas com algumas expressões “de efeito” adquirem a mesma força de uma imagem, sendo que o sentido do discurso é aprendido a partir do conjunto.

As fotografias são pequenas e, em sua maioria, de políticos, *estilo retratos*, seguidos de legendas indicando nome e/ou função. Os títulos, as legendas das fotos e os subtítulos fornecem uma clara idéia do conjunto do texto. O título principal “Vinte e Oito Dias no Regime da Vassoura” ocupa uma página dupla e é acompanhado de uma pequena foto de um gari, com um ar de *moleque*, tendo uma vassoura apontada para a câmera. Logo abaixo, sob o subtítulo: “Mamatas”, seguem pequenos textos cujos títulos se referem a órgãos do Estado onde a limpeza está sendo realizada por causa de alguma forma de corrupção, o que a palavra *mamatas* sintetiza já no início. Na página seguinte, enfileiradas, fotos dos homens que estão promovendo a *limpeza* em setores específicos, seguidas de textos explicativos. A composição aqui, retratos enfileirados, disposição simétrica das fotos conferem um ar de seriedade ao conjunto da matéria.

A última página da reportagem contém duas fotos, maiores que as demais, ocupando agora um espaço superior ao texto, portanto, são elas que orientam o sentido da leitura. A primeira é de dois burros, que o pequeno texto sob o título, *Burros*, logo abaixo, explica fazerem parte de um lote de quarenta e nove, que foram encontrados no Departamento de Água e Esgotos e ali estavam sem função. A composição sugere uma comparação entre os animais e os funcionários, também inativos, que o novo governo estava demitindo. No conjunto visual da página, esta foto contrapõe-se a outra, a única em que aparece Jânio Quadros, sorrindo, ar de satisfação, conversando com um dos irmãos Vilas-Boas, conhecidos sertanistas brasileiros. A associação de Jânio, promovendo as demissões, e os burros, simbolizando a antiga burocracia que estava sendo demitida, parece-nos bastante evidente.

Essa última foto é a maior de todas e fecha a matéria. Uma pequena legenda explica que o governador está conversando com Vilas-Boas a fim de empreender uma excursão ao Xingu. A reportagem que inicia mostrando as medidas adotadas para sanear o Estado, conclui com um projeto de futuro – após arrumar a casa, poderia partir para a expansão. A Nação aparece como objetivo final, o que já havia sido explicitado no *lead* do início da reportagem:

[...] o jovem chefe do executivo paulista rompeu o tabu de uma geração, representa a mocidade brasileira alijada da carreira política e dos postos de comando desde 1930, na recuperação plena de seus direitos cívicos e de sua missão de dirigir os destinos da nação.⁴⁸⁶

⁴⁸⁶ Ibidem.

Vimos como, na já citada matéria: “Jânio Mergulha no Sertão” (23 abr. 1955), ele realizou a viagem ao Xingu, sendo que, após combater os ‘burros’ (domésticos), ele se volta para a selva onde vai domesticar os “animais selvagens”, conformando-se à imagem perfeita do bandeirante empreendedor do século XX.



Figura 63: Vinte e Oito Dias no Regime da Vassoura. *O CRUZEIRO*, 26 março 1955.

Outra reportagem intitula-se “O criador de casos”.⁴⁸⁷ Da mesma forma que a anterior, esta não possui muitas fotografias, predominando o texto verbal. Porém ele é ilustrado com pequenos desenhos de traços simples que servem de orientação às temáticas tratadas no texto – ver figura 63 -. A reportagem assemelha-se a um relatório administrativo ilustrado. A composição toda é muito simples, utilizando poucos recursos. A divisão em muitos subtítulos e o apoio das ilustrações torna o texto de fácil “digestão”, de acordo com o modelo “reportagem” proposto pela revista.

⁴⁸⁷ *O Cruzeiro*, 17 nov. 1956.



Figura 64: “O Criador de Casos”. *O CRUZEIRO* 17 nov. 1956.

Numa análise mais detalhada da reportagem, verificamos que, na primeira página, à esquerda, está a fotografia de Jânio Quadros, com aspecto sério e olhando diretamente para a câmara, poderíamos até dizer, em tom desafiador. Na seqüência, diante da imagem de Jânio, é exposto todo o rol de medidas que ele vem empreendendo em São Paulo, didaticamente divididas em itens expressos nos subtítulos “A reforma administrativa”, “Orçamento”, “Funcionários Públicos”, “Vassouradas também nos Secretários”, etc. Esta é uma das duas únicas fotografias que compõe a reportagem. A outra está na página seguinte, fechando a matéria⁴⁸⁸ e ilustra um

⁴⁸⁸ Embora a reportagem continue em mais meia página, visualmente esta imagem finaliza a matéria. A continuação na página seguinte já não tem mais a atenção total do leitor, uma vez que a página é dividida com anúncios.

prédio alto no centro de São Paulo, o Banco do Estado de SP, que conforme nos informa o texto, era o grande financiador das obras públicas do governo Jânio. As duas imagens, embora em páginas diferentes, constroem a representação de “Jânio e sua obra”.

Destacaremos, a seguir, os itens que consideramos mais significativos descritos nos subtítulos do “relatório” do governo Jânio apresentado na reportagem em questão.

O item Reforma Administrativa é ilustrado por uma vassoura estilizada em forma de um canhão atirando em uma figura, talvez um funcionário público (figura 64). O texto faz uma relação com a reforma administrativa em estudo pela União e a reforma feita pelo governo de SP, sendo que esta última teria se concentrado mais no motor de partida (canhão) ao invés de se preocupar com a lubrificação de toda a máquina administrativa, o que levaria muito mais tempo. É clara a idéia de que as mudanças não poderiam depender de longos debates, deveriam ser feitas de imediato, sem muitas intermediações.

Logo a seguir, o outro item, Orçamento, enfatiza a diferença entre a União e São Paulo. Informa que, enquanto aumenta o Déficit da União, o de São Paulo diminui, o que é atribuído à política saneadora janista. A ilustração é bastante clara nesse sentido: a figura estilizada do Corcovado, com expressão triste, olha-se no espelho, segurado por São Paulo (representado por altos prédios). A imagem refletida é de uma expressão de felicidade (figura 64). A sugestão é que a União deveria se espelhar nas medidas orçamentárias de São Paulo e que levaram a um superávit no orçamento.

O texto enfatiza que as mudanças e o sucesso foram obtidos pelas obras de um único homem – Jânio Quadros -. Esta observação coloca-se em confronto com as práticas administrativas do governo federal que organizou uma série de comissões de trabalho, compostas por grupos de empresários e economistas, a fim de estudar e planejar as medidas a serem adotadas para o plano de desenvolvimento nacional.⁴⁸⁹ A escolha de um secretário da fazenda eficiente é descrita como mais vantajosa do que o trabalho técnico de um grupo de economistas. Contrapõe nesse sentido, o técnico ao gladiador, evidenciando a ambigüidade da

⁴⁸⁹ Desde o início, o governo JK contou com uma equipe técnica importante para assessorar o Ministério da Fazenda, órgão central de seu governo. “Criou-se então, já no primeiro dia do governo, o Conselho do Desenvolvimento, organismo encarregado de coordenar a implementação do Plano de Metas [...]”. LEOPOLDI, Maria Antonieta. **Crescendo em meio à incerteza: a política econômica do governo JK (1956-1960)**. In.: GOMES, Ângela de Castro (org.). op.cit. p. 113. O conselho foi criado em fevereiro de 1956 e era formado pelos ministros, chefes das casas Civil e Militar, o presidente do Banco do Brasil e o presidente do BNDE. A estrutura do Conselho de Desenvolvimento era composta por “grupos de trabalho formados por técnicos especializados em determinados assuntos. Inicialmente foram formados 18 grupos de trabalho. [...] Característico dos grupos de trabalho era o fato de que sua atividade se restringia ao estudo de questões, e não à implementação de políticas. Estas eram objeto dos grupos executivos que também faziam parte do Conselho do desenvolvimento e atuavam conjugados ao BNDE.” Idem. A mesma autora diz que os grupos executivos eram uma tentativa de agilizar as reformas, agindo à margem da máquina administrativa.

democracia defendida pela revista na qual o gladiador era ainda necessário, conforme podemos observar no texto:

Graças a uma extraordinária vocação de gladiador, conseguiu o senhor Jânio Quadros executar, via Carvalho Pinto, aquele admirável programa cujas metas foram transcritas linhas acima. O chefe do executivo paulista, contrariando as normas de trabalho ora vigentes em todo o território nacional, transformou-se em um exímio criador de casos.⁴⁹⁰

O tópico *Funcionários Públicos* é ilustrado por duas mesas de trabalho, sendo que uma delas está vazia e um funcionário dorme sobre ela. Na outra, um funcionário trabalha diante uma pilha de papéis numa alusão a funcionários operantes e inoperantes (figura 64). O texto diz que os dois maiores problemas do funcionalismo eram a impunidade e o desestímulo que estariam sendo combatidos por Jânio Quadros através de um sistema eficaz de punições e recompensas. O autoritarismo do governador que punia publicamente os funcionários relapsos e premiava os competentes, é elogiado pela matéria que dá ao leitor alguns exemplos de casos específicos. A matéria cita, ainda, que o governo do Estado organizou um sistema de fiscalização através de um serviço de reclamações com denúncias por escrito e anônimas. Todas as repartições públicas deveriam ter esse serviço. Novamente medidas autoritárias são tratadas como exemplo de eficiência e condição para o desenvolvimento.

Em *Vassouradas também nos secretários* é enfatizado o fato de Jânio “criar casos” ao demitir alguns secretários. A ilustração mostra uma vassoura estilizada em forma humana (provavelmente Jânio Quadros), varrendo a figura de um secretário (caracterizado pelo uso de uma gravata). O texto diz que no ambiente brasileiro onde “reina secularmente a desordem”⁴⁹¹ estas medidas “criadoras de casos” eram necessárias. Os “casos” criados decorriam da necessidade de tomar medidas com rapidez, o que nunca era um processo tranqüilo. Portanto, a avaliação da revista era a de que “criar casos” era mais apropriado e eficiente na conjuntura do Brasil da época, onde debates teóricos prolongados não resolveriam os problemas com os quais a sociedade brasileira se debatia.

Na seqüência, a defesa do autoritarismo é retomada. Sob o título *O Apoio Parlamentar*, é elogiada a “batalha do veto”⁴⁹² travada entre Jânio e o parlamento. E, após listar vários projetos (de um modo geral, beneficiando o funcionalismo ou pedidos de verbas),

⁴⁹⁰ *O Cruzeiro*, 17 nov. 1956.

⁴⁹¹ *Ibidem*.

⁴⁹² *Idem*.

é acrescentada a frase: “Entre o apoio parlamentar e a opinião pública, escolheu decididamente o governador esta última”.⁴⁹³ Um apelo explícito ao populismo que a revista e o próprio Chateaubriand se empenham em combater, como já descrito anteriormente. Porém, aqui, a “opinião pública” não era constituída pelas massas trabalhadoras, mas pelas classes médias e altas, público leitor da revista. A imagem completa o discurso acima, mostrando uma figura estilizada de Jânio Quadros em sua mesa (pelo estilo da cadeira, a mesa do gabinete do governo do Estado), com expressão de indignação com uma folha na mão, provavelmente, contendo os projetos que ele vetaria (figura 64). Um aspecto interessante é que a folha em sua mão tinha o formato de uma vassoura, ou seja, *vassouradas* também nos projetos do parlamentares.

O resultado de todas as medidas empreendidas pelo governo janista aparece no tópico *Recuperação Supersônica*, ilustrado pela figura de um avião a jato que tinha em sua parte superior uma vassoura estilizada, simulando a fumaça (figura 64). A idéia era que a velocidade do avião era dada por este equipamento: a vassoura. O texto inicia com as perguntas: “Por que tanto barulho, tanta desgraça, tanto desemprego? Será que uma boa administração se caracteriza unicamente pela distribuição farta de sonoras bordoadas?”⁴⁹⁴ Para responder a questão, a revista compara Jânio Quadros com – apenas – Churchill, que teria ganho a guerra prometendo lágrimas, suor e sangue, aludindo ao fato de que não temos recursos, e estes só são conseguidos “trabalhando, suando e sofrendo”.⁴⁹⁵ Após esta introdução, aponta os resultados, em números, das finanças do Estado.

Seguem ainda outros tópicos mais específicos sobre setores como telefonia, energia elétrica e água. Todos com o mesmo padrão, as ilustrações estilizadas, quase sempre utilizando a simbologia da vassoura, compõem, com o título, um discurso bastante claro que o texto verbal só vai completar com dados e estatísticas. A última imagem que ilustra o título *Conclusões* é a figura de uma vassoura que representa Jânio Quadros, falando de um plano superior (na imagem) para uma platéia que o aplaude (figura 64).

A idéia de combate ao atraso já se explicita no início da reportagem num subtítulo que diz: “A vassoura de condão liberta São Paulo de seus vícios quatrocentões”. A utilização da expressão *vassoura de condão* dá o significado de mágica, que remete ao inusitado, repentino, às ações janistas, que estariam, dessa forma, em conformidade com as necessidades do

⁴⁹³ Idem.

⁴⁹⁴ Ibidem.

⁴⁹⁵ Idem.

crescimento acelerado, então vivenciado. O novo é anunciado a partir da comparação com os países do primeiro mundo, conforme podemos auferir do texto introdutório:

Felizmente, já não é mais indispensável que atravessemos o Oceano Atlântico em busca de bons exemplos para o **administrador indígena**. O modelo inglês de condução dos negócios públicos acaba de ser implantado em São Paulo, estado que, por uma estranha ironia da sorte, é o mais profundamente atingido por essa tão propalada e avassaladora crise de crescimento.⁴⁹⁶

A mensagem extraída de tal texto é a de que o desenvolvimento atingido por São Paulo, superior às demais regiões, também havia chegado à política, permitindo, inclusive, sua comparação com os países desenvolvidos do mundo ocidental. Na luta civilizadora entre o modelo indígena e o inglês, São Paulo, através de Jânio Quadros, havia conseguido impor a vitória do segundo sobre o primeiro. Era a vitória do mundo civilizado sobre o mundo selvagem. Jânio era, ainda, o símbolo do bandeirante, emissário da civilização.

Esta idéia de combatente, a reportagem refere-se a Jânio como “gladiador”, informa sobre a necessidade de ações práticas independentes da máquina estatal e, em especial, a do governo central, dominada por técnicos. Nesse sentido, a revista defende o Jânio “criador de casos”, diante dos políticos que, apesar de criticarem a administração pública, não tomam nenhuma medida para mudar a situação, aguardando soluções legislativas mais moderadas. O poder pessoal é enfatizado, elogiando o seu controle direto sobre os funcionários, defendendo os famosos despachos via “bilhetinhos”. A reportagem expõe, em destaque num grande subtítulo, que Jânio não precisava aguardar pela reforma administrativa para promover as mudanças no Estado e afirma que:

Para quem não quer “criar casos”, a reforma administrativa é uma solução, mas para quem deseja por em ordem uma nação levada do diabo como a nossa, não haverá tempo sequer para redigir o prólogo da aludida reforma.⁴⁹⁷

Era, portanto, na avaliação da revista, necessário banir o passado, representado em parte, por uma burocracia lenta e ineficiente, por um Estado inchado por práticas clientelistas “de 400 anos”⁴⁹⁸ e implantar um novo modelo que garantisse, sobretudo, a eficiência nos

⁴⁹⁶ *O Cruzeiro*, 17 nov. 1956. Grifo nosso.

⁴⁹⁷ Idem.

⁴⁹⁸ Idem.

moldes do mundo capitalista que se impunha como hegemônico no Brasil da época. A urgência de tais medidas, diante do acelerado movimento do progresso, permitia, inclusive, a defesa de uma democracia, um tanto distinta, que defendia muitas vezes medidas autoritárias, alegando que eram a sua garantia.

No ano seguinte, os feitos de Jânio em São Paulo continuaram a ser exaltados na revista. Duas reportagens têm como título introdutório “Tire o chapéu a São Paulo”.⁴⁹⁹ As duas reportagens são muito parecidas tendo, inclusive, o mesmo tamanho – cinco folhas duplas, mais meia página -.É possível tratar-se de matéria paga, entretanto, não é nosso objetivo responder a estas questões, mas somente analisar a imagem construída do político e sua prática política.

Diferentemente da anterior, estas são reportagens sobretudo fotográficas, sendo as fotografias orientadoras da leitura. Elas têm o objetivo principal de constituírem-se em “provas” concretas do desenvolvimento promovido por Jânio Quadros em São Paulo. Retratam, por isso, obras, muitas obras realizadas.

A primeira delas tem como enfoque a pavimentação de estradas de rodagem. E é permeada de fotografias – vinte e três ao todo - de estradas recém pavimentadas ou em obras. Tratores e trabalhadores compõem os cenários, dando a idéia de trabalho. Fotos aéreas de várias estradas no Estado indicam o mapa das obras realizadas. Na página central, uma fotografia maior ocupa as duas páginas: é a ponte sobre o Parapanema, ligando o norte do Paraná a São Paulo, elevada, nessa reportagem, à categoria de obra-prima, símbolo das realizações do Governo.

A tônica aqui é o tempo. Um tempo que se acelera, um novo tempo que impõe outras formas de medi-lo, como a velocidade possibilitada pelas novas estradas, cuja construção é acelerada pelo progresso técnico e a eficiência da administração pública. A morosidade do passado definitivamente ficava para trás. Nesse sentido, o pequeno texto e as legendas são ricos em expressões como “Jânio Quadros, está quebrando todos os recordes administrativos do país”; São Paulo faz em 4 o que a República fez em 68 anos”; “Nenhuma barreira detém a marcha do progresso paulista”; “pavimentação em tempo recorde; Trinta meses depois de empossado [...] fez milagres e assim por diante.

Este novo tempo é também de uma nova política, cujo modelo mais acabado é dado pelo governo paulista de Jânio Quadros como podemos deduzir do texto abaixo:

⁴⁹⁹ *O Cruzeiro*, 24 ago. 1957 e 07 dez. 1957.

Porque Jânio é uma geração no poder. Geração nova. Jânio é a mocidade que se realiza como equipe dirigente. Pensando, agindo e reagindo como pensa, age e reage a juventude. Equacionando em novos termos os velhos problemas nacionais. Abandonando a comodidade do conservadorismo clássico. Por isso também Jânio é incompreendido, atacado, fustigado, caluniado até por aqueles que fogem, de boa ou má fé, do entendimento do fenômeno. Fenômeno de que o atual governo paulista significa revolução sem sangue, é a imposição de novos métodos, é a adoção de novos caminhos, é um grito de afirmação de todos os moços do Brasil. Grito que será impossível abafar.⁵⁰⁰

A nova política tanto constrói quanto é construída por um novo cenário, unindo, assim, espaço e tempo num mesmo ideal, numa mesma imagem da nação:

Quem voa sobre São Paulo observa a olho nu que o território paulista foi transformado numa verdadeira usina: trabalha-se dia e noite nas suas estradas, e o ronco dos tratores, a fumaça das unidades preparadoras do asfalto, o andar imponente de pesadas máquinas, o avanço dos rolos compressores proporcionam um sono tranqüilo ao contribuinte bandeirante que sabe onde e como está sendo empregado seu dinheiro.⁵⁰¹



Figura 65: Tire o Chapéu a São Paulo. *O CRUZEIRO*, 24 ago. 1957.

⁵⁰⁰ *O Cruzeiro*, 24 ago. 1957.

⁵⁰¹ Idem.

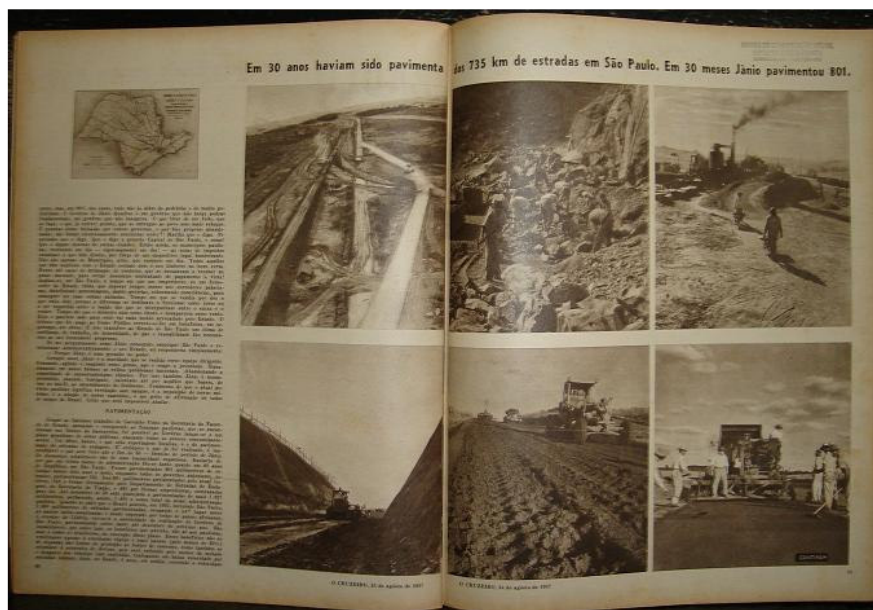


Figura 66: Tire o Chapéu a São Paulo. *O CRUZEIRO*, 24 ago. 1957.



Figura 67: Tire o Chapéu a São Paulo. *O CRUZEIRO*, 24 ago. 1957.

A outra reportagem da série “Tire o Chapéu a São Paulo” é completada por mais um título “Fora a lata d água”, referente ao tema tratado, o serviço de água e esgotos de São Paulo. Repete-se a mesma estratégia: muitas fotografias das obras em diferentes partes do Estado e dados comparativos em relação às realizações dos governos anteriores com o intuito de evidenciar a aceleração das realizações do governo Jânio.

Da mesma forma que a anterior, a primeira fotografia é a de Jânio Quadros da qual parecem emanar todas as realizações, descritas como uma “revolução branca”. Além das fotografias das obras, uma, na primeira página, mostra a comemoração em torno de um cano do qual jorra água, possivelmente, uma inauguração de um sistema de água encanada. Em torno da água, brincam crianças e velhos, o que é reforçado na legenda. A imagem representa as duas gerações saudando a chegada do “progresso” trazido por Jânio Quadros. Novamente o contraponto entre o velho e o novo constroem a imagem da nação.



Figura 68: “Fora a lata d água”. *O CRUZEIRO*, 07 dez. 1957.

5.3 JK - O PRESIDENTE SIMPÁTICO

Se Jânio aparecia como exemplo de político, através de suas ações em São Paulo, Juscelino era a expressão nacional que simbolizava a nova geração. De um lado, ele incorporava a imagem de um presidente moderno; de outro, um trabalhador incansável, comprometido com o desenvolvimento econômico acelerado do país. Se em Jânio a idéia-força era a moralização pública, em JK era o ideal do trabalho que se contrapunha à morosidade da burocracia tradicional do país.

É importante lembrar os fatores diretamente ligados ao apoio de Chateaubriand e da revista a Jucelino, uma vez que, ao estudarmos as representações, temos que ter em mente que ela não está dissociada de seu contexto. É desta forma que se articulam as representações do mundo social com o próprio mundo social, ou seja, através da relação entre o contexto (econômico, social e político) e o texto (discurso sobre aquele contexto).

Sabe-se que as posturas assumidas por Chateaubriand variavam conforme os dividendos que dela poderia auferir. É com este propósito, que os *Diários Associados* e seu carro-chefe, a revista *O CRUZEIRO*, empenharam-se na campanha à presidência da República de Jucelino Kubitschek, cujo apelo nacionalista, ao menos na retórica, e a relação com o varguismo contrapunham-se aos ideais defendidos por Assis Chateaubriand e sua rede.

Antes mesmo do início da campanha presidencial, Jucelino já havia se comprometido com Chateaubriand que ofereceu o apoio da *Rede Associada* em troca de um cargo de Senador⁵⁰². O apoio, porém, não era gratuito, traduzia-se em anúncios pagos pelo candidato, sendo que, caso fosse eleito, resultaria em excelente fonte de renda. Era um grande negócio. Segundo Fernando Moraes, Jucelino teria iniciado seu governo com uma dívida de 1,3 milhões de dólares com os Associados⁵⁰³.

O apoio de uma ala poderosa da imprensa, como era os *Associados*, foi fundamental, especialmente, na conjuntura em que Jucelino Kubitschek assumiu o governo. A posse ocorreu após um conturbado processo eleitoral e uma tentativa de golpe⁵⁰⁴, sob o olhar receoso dos Estados Unidos que, através de suas empresas aqui instaladas, apoiavam claramente o candidato da UDN, Juarez Távora, pois esperavam que desse continuidade à política pró-americana de Café Filho. Kubitschek, por sua vez, estava ligado a alguns ideais nacionalistas, além de ter como vice o ex-ministro do Trabalho do governo Vargas, João Goulart, que alguns ligavam aos comunistas.

Entretanto, o período do governo JK foi marcado pela entrada maciça de capitais estrangeiros, sendo que, para pôr em prática o seu Plano de Metas, Jucelino adotou uma estratégia clara de incentivo aos investidores, tanto nacionais quanto internacionais. O objetivo era integrar Estado, capital estrangeiro e empresariado nacional.

⁵⁰² Chateaubriand havia sido eleito Senador pela Paraíba, em 1952, através de um conchavo que incluía o afastamento do Senador eleito e seu suplente, para que o TRE convocasse novas eleições e então ele pudesse participar do pleito, saindo-se vitorioso. Porém, findo seu mandato, não conseguiu reeleger-se o que o levou a repetir a manobra, agora no Maranhão, Estado escolhido a dedo pelo domínio absoluto do PSD, sigla adotada por Chateaubriand. Para tal empreitada precisou da colaboração das lideranças do partido, obtida através das ameaças de jogar a máquina *Associada* contra o futuro candidato JK.

⁵⁰³ MORAES, Fernando. Op.cit.

⁵⁰⁴ A UDN e alguns militares da ESG (Escola Superior de Guerra) não aceitaram a vitória de Jucelino e Jango e tentaram um golpe de Estado impedido pelo General Lott.

O Plano de Metas foi a consolidação da idéia de um desenvolvimento industrial acelerado, com a participação ativa do Estado, dirigindo e planejando as ações nesse sentido. O projeto de industrialização planejada difundia-se na literatura econômica brasileira da época e passava a predominar sobre o neoliberalismo, que mesmo esboçando alguma resistência, estava visivelmente enfraquecido.⁵⁰⁵

Esta última posição, neoliberal, como vimos, era a defendida pelos *Associados*, o que não impediu, entretanto, a divulgação de imagens positivas de JK e a sua promoção pela revista. Cabe ressaltar que a divulgação dessas imagens favoráveis a JK ocorreu paralelamente, com algumas críticas indiretas ao governo, especialmente, às questões relativas à inflação e à política cambial, pontos inegociáveis para Jucelino. Os ataques mais diretos vieram somente no final de 1957, em um misto de artigos e reportagens de David Nasser. A crítica central era a construção de Brasília, seu elevado custo, abandono do Rio de Janeiro e o sistema de corrupção crescente que envolvia a construção da nova capital.⁵⁰⁶

Um ponto aproximava as idéias defendidas por *O CRUZEIRO* das de JK: o gradual afastamento de Kubitschek do “nacionalismo”, enfatizando a questão que seria consenso ao longo de toda década: o desenvolvimento. Os discursos tanto de *O CRUZEIRO*, quanto de Jucelino, convergiam para um mesmo objetivo: “o desenvolvimento do país como o único meio de realizar transformações sociais e econômicas”,⁵⁰⁷ lembrando que capitalismo proposto pelo Plano de Metas é associado e não independente como propunha o governo anterior. O apelo explícito ao capital estrangeiro significava

[...] deixar de lado a idéia de emancipação e autonomia nacional [...] o assunto do nacionalismo estava presente porém de uma maneira diferente, pois o que se procurava era o desenvolvimento, que ocorresse de uma forma que pudesse ser mais viável, equilibrando os fins com os meios requeridos na época, sem criar muitos atritos que dificultassem este projeto.⁵⁰⁸

⁵⁰⁵BIELSCHOWSKI, Ricardo. Op.cit. p. 401.

⁵⁰⁶ Estas matérias faziam parte de duas séries, “A República em Pândegos”, composta de 10 artigos e “Simpatia não Governa”, composta de 5 e veiculadas no segundo semestre de 1957. Elas aparecem no índice ora como reportagem, ora como artigos assinados, o que torna difícil a classificação. Mas pelas características, se enquadram mais em artigos. Eram uma resposta a Jucelino que se negou a pagar o valor cobrado pelos *Associados* para a divulgação de Brasília. Neste momento, entretanto, diferente do início do seu governo, *O Cruzeiro* já não era a única grande revista nacional e perdia a hegemonia para a revista de A. Bloch, *Manchete*. Esta acabou por incorporar não só a defesa de Brasília, mas o próprio otimismo que ela simbolizava. A perda definitiva da hegemonia nacional de *O Cruzeiro* é atribuída, em parte, a este fato.

⁵⁰⁷ Idem. p. 55.

⁵⁰⁸ HAFFNER, Jacqueline A. H. **A Cepal e a Industrialização Brasileira (1950-1961)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 41.

A idéia nacionalista, contudo, não foi de todo abandonada. O que JK pretendia era um novo tipo de nacionalismo que tirasse proveito do capital estrangeiro. Ele soube aproveitar-se do discurso varguista para fins ideológicos e táticos, o que lhe permitiu negociar com diferentes setores da burguesia e das forças políticas do país. Para Skidmore, o governo JK seguiu o nacionalismo-desenvolvimentismo e não simplesmente desenvolvimentismo, pois, “[...] reforçando os propósitos e as ações do governo havia um apelo ao senso de nacionalismo. Era o “destino” do Brasil tomar “o caminho do desenvolvimento”.⁵⁰⁹

Na mesma linha, *O CRUZEIRO*, embora defendesse claramente a iniciativa privada e o atrelamento ao capital estrangeiro, atacando os nacionalistas, que eram descritos como xenófobos e comunistas, não podia prescindir de certo apelo nacionalista, pois necessitava estar em sintonia com a opinião pública. A questão da Petrobrás havia galvanizado o país em torno do nacional, caracterizado por Chateaubriand como discurso populista e demagógico. Entretanto, a revista era essencialmente nacional, mesmo evidenciando modelos estrangeiros, o tema *nação* permeava grande parte das reportagens.

Pautado por essas questões, pontos de convergência e de divergência, interesses e jogos de poder, *O CRUZEIRO* difundiu uma determinada imagem do político Juscelino Kubitschek. Nas fotorreportagens, JK aparecia, geralmente, em situações informais, mostrando seu cotidiano doméstico, onde eram enfatizados valores éticos e morais em relação à família e ao trabalho, identificados aos da classe média emergente. Talvez possamos encontrar, em tais matérias, o início do processo de construção da imagem de JK que ficou consolidada na memória nacional, ou seja, o presidente simpático, mais tarde conhecido por: “Presidente Bossa Nova”⁵¹⁰.

Privilegiamos, aqui, três reportagens publicadas em *O CRUZEIRO* em que Juscelino Kubitschek foi o alvo de matérias que se empenharam em traçar um perfil tanto pessoal quanto profissional do Presidente. Uma delas narra a sua trajetória desde menino, pobre, em Minas Gerais, até a presidência; outra é um relato de seu cotidiano já no Catete e, por fim, uma avaliação de seu primeiro ano de governo. Em grande parte, elas enfatizam a vida privada do presidente que se popularizou exatamente por expor esse lado informal, pessoal, o que o tornou conhecido como o Presidente simpático, cordial e de hábitos simples. A revista

⁵⁰⁹ SKIDMORE, Thomas. Brasil: op.cit. p. 207.

⁵¹⁰ No final da década de 50, Na conjuntura do fim da década de 1950, a expressão "bossa nova" tornou-se sinônimo de qualquer atitude ou manifestação identificada com o novo e o moderno. Movimento que também foi uma expressão da classe média carioca. Assim, Juscelino Kubitschek, o homem que queria modernizar o Brasil, foi chamado de "presidente bossa nova".

reforçava essa imagem que visava, em última análise, tornar o presidente familiar, mais próximo dos brasileiros.

A primeira reportagem intitula-se: “É o Presidente do Brasil”⁵¹¹ e foi publicada por ocasião da posse de Jucelino Kubitschek na Presidência da República. A ênfase é o passado de menino pobre do presidente. Nessa reportagem são as fotografias que orientam toda a interpretação do leitor, ocupando um espaço muito maior do que o do texto.

O que chama a atenção, em primeiro plano, é uma foto de página inteira de Jucelino, na janela de uma casa antiga e simples, com a legenda: “uma janela e muitos planos [...]”.⁵¹² O olhar do presidente vai ao encontro de outras três fotografias menores que estão na outra página, mas integram a mesma imagem. Nessas, ele aparece no interior da antiga residência, seu antigo quarto, cozinha, janela; conforme as legendas vão identificando. Ainda, fazendo parte do mesmo quadro visual, há outra imagem de Jucelino à porta da casa. O conjunto completa-se com o texto sob o título: “História do Menino Pobre que se Tornou Presidente”.⁵¹³ O conteúdo verbal é totalmente dispensável ao entendimento, somente acrescentando alguns detalhes que as imagens e as legendas não contemplaram.

Esta viagem ao passado continua nas duas páginas seguintes, onde fotos, agora antigas, mostram cenas do passado do presidente, menino no seminário, onde foi “cordial e bom companheiro”; seu trabalho como telegrafista, quando “trabalhou para poder estudar” e mais uma série de fotos organizadas em ordem cronológica, no pé da página mostram diferentes fases da vida do presidente contando sua história pessoal. No bloco seguinte, o destaque é a fotografia, em página inteira, de sua família atual com o título: “Homem de Trabalho e Pai Dedicado”.⁵¹⁴ Seguem imagens da campanha presidencial, evidenciando a intensidade trabalho. Na foto maior, ocupando todo espaço da página, a legenda: “O governador das duas mil horas de vôo”.⁵¹⁵

Para fechar a reportagem, Jucelino aparece novamente em Diamantina; como num ciclo, ele retorna agora vitorioso. Diferente das cenas iniciais que remetiam ao passado em que ele aparecia sozinho, revistando os locais de sua infância, nessas imagens finais, aparece junto a alguns conterrâneos – eleitores – evidenciando, então, a idéia de reconhecimento – “Diamantina não esquece o Nono”.⁵¹⁶

⁵¹¹ *O Cruzeiro*, 04 fev. 1956.

⁵¹² *Idem.*

⁵¹³ *Idem.*

⁵¹⁴ *Idem.*

⁵¹⁵ *Idem.*

⁵¹⁶ *Idem.*



Figura 69: É o Presidente do Brasil. *O CRUZEIRO*, 04 fev. 1956.



Figura 70: É o Presidente do Brasil II. *O CRUZEIRO*, 04 fev. 1956.

Há na reportagem a construção de um discurso que visa relacionar a trajetória de vida do presidente à dos eleitores e aos próprios rumos do país, na medida em que enfatiza a possibilidade de progredir pelo esforço individual e pelo trabalho. Miriam Limoeiro Cardoso, a partir da leitura dos discursos de Juscelino, diz que eles transmitiam a crença de que éramos “um país pobre, é verdade, mas democrático; que aqui os princípios da democracia vigoram

realmente e as oportunidades são iguais para todos [...]”⁵¹⁷ e cita um trecho de seu discurso aos trabalhadores em 1957:

Pertenço à vossa família, porque nela nasci; não tive pai alcaide, nem parentes poderosos. Aprendi, desde cedo, que é trabalhando que nos aproximamos da virtude, conquistamos os direitos mais sagrados, entre os quais sobrepõe o de sermos credores do respeito de nossos semelhantes; que trabalhando é que se honra a Deus e se dignifica a vida.⁵¹⁸

Nesse sentido, também o Brasil, um país ainda pobre, somente conquistaria a sua independência, ou seja, a sua soberania, na medida em que combatesse a pobreza, o atraso, através do trabalho e esforço. É ainda Cardoso quem cita um discurso de Jucelino no qual a identificação do desenvolvimento de sua vida pessoal ao da sociedade aparece claramente: “Notei que andara sempre sobre a linha viva do problema humano e social, sempre na faixa em que o homem, o trabalho, a profissão, a região eram, como eu tinha sido, órfãos a carecerem de oportunidade”.⁵¹⁹

A outra reportagem refere-se não mais ao passado, mas ao presente do novo Presidente da República. A equipe de *O CRUZEIRO* passou uma semana com Jucelino, a fim de registrar seu cotidiano, tanto doméstico quanto profissional. A revista, nesse caso, novamente interage com o fato, sendo que os repórteres tornam-se ao mesmo tempo narradores e agentes do evento narrado, na medida em que entram no cotidiano do presidente, que, por sua vez, “constrói” uma realidade adequada à sua presença.

O procedimento é idêntico ao anteriormente descrito, muitas fotografias legendadas vão contando o dia-a-dia do presidente. A reportagem que se intitula “JK o Pé-de-Boi”⁵²⁰, inicia com uma foto sua no banheiro, de roupão, barbeando-se – nada mais íntimo- seguida de outra, vestindo as meias. Às cenas de intimidade (refeições, banho, etc) seguem às das atividades profissionais. A disposição de muitas fotos pequenas do presidente, em vários momentos de trabalho, dá uma idéia de dinamismo, o que é reforçado pelas legendas e textos. “O presidente corta o cabelo no avião”, é uma das chamadas e tema de uma foto, evidenciando a idéia de trabalho.

⁵¹⁷ CARDOSO, Miriam Limoeiro. Op.cit. p. 94.

⁵¹⁸ Idem.

⁵¹⁹ Idem.

⁵²⁰ *O Cruzeiro*, 04 ago. 1956. Obs.: A expressão *Pé-de-Boi* pode denotar entre outras coisas a simplicidade.



Figura 71: JK o Pé-de-Boi. *O CRUZEIRO*, 04 ago. 1956.

O apelo populista é evidente através, por exemplo, do destaque dado à fotografia de sua cozinheira, Etelvina, que lhe prepara uma “marmitta”. Um presidente simples e trabalhador, disposto a “arregaçar as mangas” e trabalhar pelo país, é a imagem construída pela reportagem e apresenta-se sintetizada no *lead*: “[o presidente] parece, às vezes, um bombeiro, no alto de um edifício, procurando apagar um incêndio com um balde – Habitua-se à marmitta de Etelvina e só tem tempo para cortar o cabelo no avião.”⁵²¹

Podemos facilmente relacionar a trajetória da vida de Juscelino Kubitschek, descrita na reportagem acima, com aquela imagem que Chateaubriand e os Diários tinham da nação: “[...] menino pobre rumo à emancipação”.⁵²²

Ao final, após a anunciada despedida dos repórteres, a fotografia da casa do presidente, tirada a certa distância, serve como ponto de equilíbrio com a intimidade mostrada no início. Afinal, estamos falando do Presidente da República e certos limites devem ser mantidos.

⁵²¹ Idem.

⁵²² *O Cruzeiro*, 19 março 1955.



Figura 72: JK o Pé-de-Boi II. O CRUZEIRO, 04 ago. 1956. Primeira e última página.

Ao longo do ano de 1956, outras reportagens, algumas específicas sobre JK, outras indiretas passam a mesma imagem positiva do governo e do Presidente. Tratam também de defendê-lo diante das ameaças, especialmente, por parte dos militares ao regime estabelecido⁵²³. Em abril, por exemplo, uma reportagem bastante extensa, “o Espectro Vargas” chamava atenção para a necessidade de superar o embate entre getulismo versus anti-getulismo que dificultava as ações do governo por parte da oposição pois o considerava herdeiro de Vargas.

Após um ano de governo, a revista tratava de publicar uma reportagem que fazia uma espécie de balanço do governo. Embora as dificuldades também sejam apontadas, lembrando novamente a necessidade de combater o “espectro Vargas”, a imagem do governo e governante é positiva e possui um tom progressista.

A fotografia em destaque, na abertura da reportagem, mostra a presidente simpático e receptivo à imprensa. Aparece sentado e a sua volta aglomeram-se muitos repórteres munidos de rádios transmissores. JK aparece calmo, risonho, atendendo aos jornalistas. A legenda orienta o leitor nesse sentido: “Dos presidentes da República, JK foi que teve mais

⁵²³ O primeiro ano do governo JK foi marcado por crises civis e militares. A tentativa mais concreta de golpe foi a Revolta de Jacarecanga, liderada por revoltosos da aeronáutica.

contato com a imprensa [...]”.⁵²⁴ O pequeno texto que compõe esta primeira página dupla faz uma breve avaliação do período, dizendo que até aquele momento a meta de crescimento proposta pelo presidente não tinha ainda dado evidências de que seria alcançada. Porém esse fato devia-se, sobretudo, à oposição muito presa ainda ao passado e à dicotomia varguismo/anti-varguismo. A conclusão é positiva, afirmando que o presidente havia conseguido, ao menos, “imunizar o país contra o germe da desordem, despertando nas massas o espírito do culto à defesa do regime democrático.”⁵²⁵

As lutas pela democracia são apresentadas ao virar a página. A folha dupla inicia com o título: “As crises militares e políticas foram a característica do primeiro ano do governo JK”,⁵²⁶ sob o qual abre-se uma série de fotografias – pequenos quadros – representativos dos diferentes momentos de conflito enfrentados pelo governo no período – As cenas retratadas são as seguintes: greve dos estudantes; rebeldia do General Juarez Távora; espada presenteada à Lott pela sua resistência ao golpe; os “casos” criados por Adhemar de Barros; os ataques de Lacerda, Jacarecanga, Almirante Amorim do Vale que teria hostilizado o governo JK pela imprensa e mais três fotos dos tumultos na Câmara, criados pela oposição. O combate às forças oposicionistas desenvolvem-se, assim, como numa história em quadrinhos. Os quadros representam etapas que o presidente teve que superar para chegar, por fim, à “pacificação”. É oportuno lembrar, como nos indica Benevides, que a capacidade de “administrar” essas crises foi uma das marcas do governo JK, que negociava com a oposição. No caso da Revolta de Jacarecanga, por exemplo, tratou de anistiar os revoltosos.⁵²⁷

Na próxima página, segue-se outra etapa da história presidencial, desta vez o enfoque é a dinamicidade do presidente. Abaixo do título: “Jucelino Kubitschek em um ano multiplicou-se por cem”, duas séries de fotografias, no mesmo estilo “quadrinhos” mostram, sobretudo, a intensa agenda do presidente no sentido de estabelecer e/ou reforçar a comunicação tanto interna como com o exterior. A primeira “tira” é composta por quatro fotografias e referem-se ao encontro de JK com líderes estrangeiros – Eisenhower, Forster Dulles e o Papa -. A outra série são encontros e viagens no Brasil, entre as quais uma visita à Amazônia, outra à Foz do Iguaçu, um acampamento na futura Brasília, encontro com a oposição, com a classe médica, o batizado de um índio, entre outras. Ao lado dessas aparece, em destaque, uma fotografia maior que reforça a idéia da eficiência do governo em parte por sua capacidade comunicativa. A imagem é de Jucelino, em sua mesa, utilizando um telefone

⁵²⁴ *O Cruzeiro*, 02 fev. 1957.

⁵²⁵ *Idem*.

⁵²⁶ *Idem*.

⁵²⁷ BENEVIDES, op.cit., 2002.

especial da Presidência, através do qual, conforme a legenda, ele “se comunica com todos os chefes de serviços”.⁵²⁸

As “forças do mal” que Jânio combatia com a vassoura, JK o fazia através da diplomacia. Esta é uma característica atribuída ao seu governo, ou seja, a sua capacidade de comunicação com os mais diversos setores, inclusive com a oposição. Benevides enfatiza essa faceta conciliadora do governo JK, o que garantiu neste período, conforme a autora, um “equilíbrio instável” caracterizado por uma “política que, nas palavras de Celso Lafer, procurou a conciliação entre o velho e o novo, entre as elites e as massas”. Também representou “uma aliança política conservadora que reunia os interesses da burguesia comercial, da oligarquia rural e da classe média tradicional”.⁵²⁹

Por fim a próxima página dupla traz duas imagens grandes: um mapa do Brasil com o traçado dos locais visitados por JK e a sua fotografia acenando da escada do avião. Como o título indica – “Apesar de combatidas pela oposição, as viagens continuam sendo o meio pelo qual JK entra em contato direto com os problemas do Brasil” – há uma espécie de resposta à oposição. A legenda da imagem do mapa conclui que, embora a oposição critique, as populações visitadas gostam. O mapa cortado com as rotas das viagens do presidente, ao lado de sua fotografia “em viagem”, constrói a imagem da nação em expansão, sendo que ela ocorria pelas mãos do novo presidente, viajante, comunicativo e simpático. O mapa é a representação do poder/atuação de Juscelino sobre o território nacional. A construção valoriza algumas áreas, ao mesmo tempo em que marcava os limites da civilização.⁵³⁰ O mapa não evidencia somente a integração do território nacional, mas também deste com a América Latina. Em uma imagem menor, mas dentro do mesmo quadro visual, é mostrado um mapa da América Latina com as rotas das viagens presidenciais no continente, representando, assim, a política pan-americana

⁵²⁸ *O Cruzeiro* 02 fev. 1957.

⁵²⁹ Conforme Maria Victória Benevides: Essa composição de forças significava o apoio da industrialização modernizadora, aliada a manutenção da “paz e tranquilidade” no campo; a criação de empregos e a mobilização do voto urbano e o controle sobre as reivindicações sindicais, principalmente através do vice, João Goulart, que dominava o Ministério do Trabalho. Para a classe empresarial, o Programa de Metas tinha evidentes atrativos. O presidente enfatizava incentivos, e não ordens ou proibições. Isso significava estímulo a inversão privada, legislação favorável à obtenção de financiamentos externos, créditos a longo prazo, baixa taxa de juros e reserva de mercado interno para as produções substitutivas de importações [...]”. BENEVIDES, Maria Victória. *O Governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento*. In: GOMES, Ângela de Castro.(org.) **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 26.

⁵³⁰ Lembramos que entendemos o espaço como uma representação cultural e os mapas enquanto artefatos culturais, prenes de subjetividade e, especialmente, das marcas do poder.

iniciada pelo governo e que culminará com a criação da Operação Pan-americana (OPA) em 1958.⁵³¹



Figura 73: JK de Fevereiro a Janeiro . *O CRUZEIRO*, 02 fev. 1957.



Figura 74: JK de Fevereiro a Janeiro II. *O CRUZEIRO*, 02 fev. 1957.

⁵³¹ A conjuntura dos anos 1950 foi marcada pelas divergências entre a política norte-americana em relação à América Latina, cuja ênfase era a segurança hemisférica e a dos países latino-americanos, entre os quais o Brasil, que esperavam incentivos econômicos por parte da primeira potência da América. Ocorreram várias reuniões interamericanas neste sentido – 1954, 1956, 1957. Uma das reivindicações era a da organização de um mercado integrado latino-americano, sempre bloqueado pelos Estados Unidos. JK empenhou-se pessoalmente em discutir essas questões com o presidente norte-americano Eisenhower, não obtendo, entretanto sucesso. O lançamento da OPA foi uma tentativa político-diplomática para quebrar esta resistência. “A Operação Pan-Americana, lançada por Kubitschek em maio de 1958, tinha um tríplice objetivo: captar recursos em vasta escala para projetos de desenvolvimento econômico, colocar o Brasil numa posição de liderança entre os países latino-americanos e assegurar as boas relações com a superpotência americana, que deveria ser, em última análise, a fonte de recursos para este projeto.” MOURA, Gerson. Avanços e Recuos: A política Exterior de JK. In: GOMES, Ângela de Castro.(org.) *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 51.



Figura 75: JK de Fevereiro a Janeiro III. *O CRUZEIRO*, 02 fev. 1957.

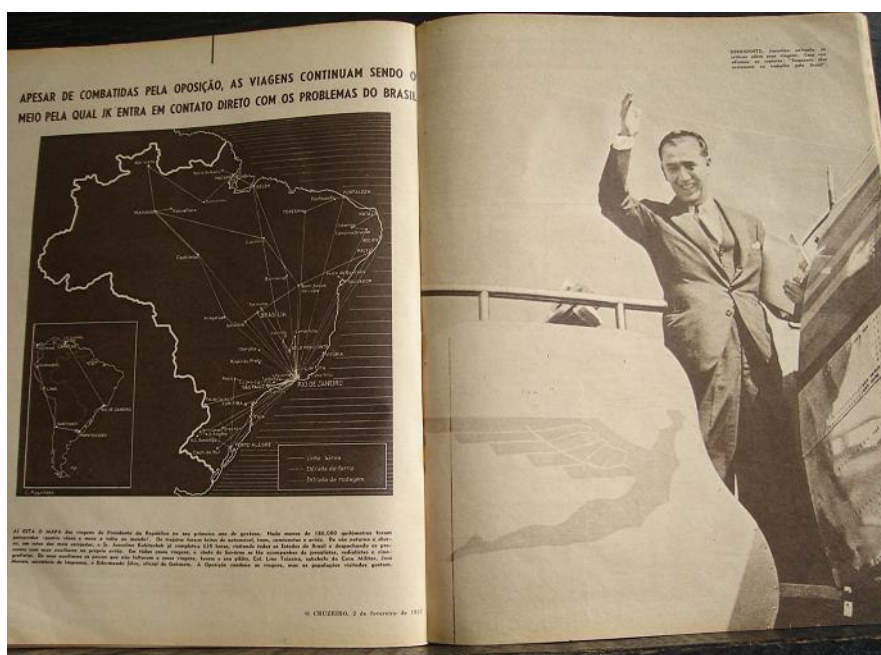


Figura 76: JK de Fevereiro a Janeiro IV. *O CRUZEIRO*, 02 fev. 1957.

A revista *O CRUZEIRO* contribuiu, assim, para a construção de uma determinada imagem de JK, não desvinculada de suas ações e de sua própria concepção de político, de democracia e de “progresso”. Como nos diz Ângela de Castro Gomes, “ele construiu várias

imagens simpáticas à população. Foi o presidente “bossa-nova”, o presidente “peixe vivo”, o presidente que gostava de voar e de sonhar [...]”⁵³²

As reportagens não aprofundam nenhuma discussão sobre os projetos econômicos ou políticos do país. Essas são discutidas na seção *Política*. Aqui, as informações estão em conformidade com os objetivos das fotorreportagens, ou seja, informações gerais, rapidamente digeríveis, a um público amplo, parte do qual comprava a revista para consumi-la nas horas de lazer. A vida do presidente, assim, integra todo um conjunto de reportagens sobre os personagens da coluna social, moda, o mundo de Hollywood, crimes, conhecimentos gerais sobre o mundo e o país. A mensagem que se sobressai nas reportagens sobre Juscelino é a imagem de um presidente que encarna um novo modelo de político, jovem, moderno, mais próxima da sociedade civil, recente no país. A personalidade de Juscelino é enfatizada por Benevides como um fenômeno singular do período. Para ela, “o talento de JK consistia na provocação de um “estado de espírito” de esperança e otimismo.”⁵³³ Expressava um novo tipo de populismo, mais moderno, que dimensionava “pragmaticamente a ampliação da participação política através do voto [...]”⁵³⁴

Essas características o identificam com políticos dos países desenvolvidos, como o presidente dos Estados Unidos, *Eisenhower*. Por ocasião da reeleição de Eisenhower para a presidência, *O CRUZEIRO* publica a reportagem “A História se Repete.”⁵³⁵ A matéria trata de explicar os motivos da vitória do candidato republicano, concluindo que foi muito mais uma vitória da personalidade do que partidária. Faz inclusive uma análise que distingue a política partidária, restrita ao congresso da personalista, referente ao cargo de presidente. Eisenhower é descrito como um político que:

[...] destila uma simpatia transbordante coroada com um sorriso que é uma atração para as multidões. Eisenhower é o tipo que fala a psique profunda das massas, sem as quais, hoje em dia, não é possível ganhar eleições, nem governar.⁵³⁶

O texto refere-se, ainda, a esta qualidade como própria dos políticos da época. “Não há dúvida, porém, de que neste século de “culto a personalidade”, estamos em face de um mito

⁵³² GOMES, Ângela de Castro. Qual a cor dos anos dourados? In.: GOMES, Ângela de Castro (org.) **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 16.

⁵³³ BENEVIDES, 2002. Op. cit. p. 27.

⁵³⁴ Ibidem. p. 29.

⁵³⁵ *O Cruzeiro*, 01 dez. 1956.

⁵³⁶ Idem.

político: o mito Eisenhower. [...] Na Guerra venceu os inimigos com uma espada de aço. Na paz, conquista as massas com um sorriso de bondade.”⁵³⁷ Impossível não associar com a imagem “simpática” de Jucelino Kubitschek, porém possuindo a espada na retaguarda; no caso de JK, a espada da garantia é a do General Lott.

Em outra reportagem, sobre a Conferência do Panamá,⁵³⁸ os dois presidentes são apresentados como os mais receptivos. *Ike* e JK são citados como “os mais simpáticos”. O simples fato de se referir ao presidente norte-americano pelo apelido já é revelador do caráter intimista com o qual a revista busca qualificá-lo.

Os personagens principais destas reportagens são “Ike” e Jucelino Kubitschek. Os dois presidentes aparecem juntos em muitas fotos e tanto o texto quanto as legendas das fotografias descrevem a cumplicidade de ambos. Assim, eles são descritos como os mais simpáticos, mais acessíveis, mais saudados pela multidão. A reportagem inicia com uma fotografia de página inteira do presidente norte-americano, informando que ele era a grande “estrela do show.” Na próxima página dupla, uma série de fotografias da passagem dos presidentes pelas ruas do Panamá e outras retratando o presidente brasileiro em contato com o público. Entre as legendas das fotos podemos ler: “A multidão deu vivas aos mais simpáticos. Ike e Jucelino foram, sem dúvida, os mais aplaudidos. Eisenhower tem ar paternal e não carrega arrogância” e noutra: “Em grande estilo, JK exibe o seu “charme”, saudando a multidão panamenha”. Todo o texto verbal desta página dupla é uma descrição do carisma de Jucelino e Eisenhower.



Figura 77: A Conferência do Panamá. *O CRUZEIRO*, 11 ago. 1956.

⁵³⁷ Idem.

⁵³⁸ *O Cruzeiro*, 17 ago. 1956.



Figura 78: A Conferência do Panamá II. O CRUZEIRO, 11 ago. 1956.



Figura 79: A Conferência do Panamá III. O CRUZEIRO, 11 ago. 1956.

A página seguinte contém uma entrevista (com perguntas e respostas) com JK sobre as negociações no Panamá. O título informa: “Ike e JK se entenderam no Panamá”. Para completar o texto, a página ao lado é toda preenchida com a fotografia do cumprimento entre os presidentes do Brasil e Estados Unidos, sendo que a legenda da fotografia diz o seguinte:

“[...] Eisenhower tratou, com muita deferência, o Presidente do Brasil. Tiveram uma longa conferência em particular.” A ênfase nesse “entendimento” entre os dois presidentes, relaciona-se às negociações que JK vinha tentando manter com o presidente norte-americano desde o início de seu governo, no sentido de conseguir financiamentos para seus projetos, mais especificamente para o Plano de Metas.

Mesmo antes de assumir o cargo de presidente, mas já eleito, Jucelino havia embarcado em uma viagem internacional – Europa e Estados Unidos – divulgando o seu plano de desenvolvimento e buscando apoio dos respectivos governos. Na ocasião, Eisenhower não se mostrou interessado nos planos do presidente brasileiro, sendo sua prioridade, com relação ao Brasil, a segurança hemisférica no combate ao comunismo. JK buscou insistentemente, na primeira fase de seu governo, o apoio do governo norte-americano, no entanto teve sempre suas expectativas frustradas.⁵³⁹ A ênfase da matéria na cooperação entre os dois governantes, portanto, insere-se nesta expectativa de apoio norte-americano.

A reportagem apresenta os outros presidentes como coadjuvantes. Nem mesmo o presidente do Panamá, o anfitrião, merece destaque. Nas páginas seguintes, nas quais é abordado o lado mais festivo do encontro, aparecem alguns presidentes das Repúblicas latino-americanas.

Este novo modelo de político, pautado pela moralidade pública, pelo trabalho, pela proximidade com público é tema de outras reportagens não biográficas, mas de caráter mais geral, evidenciando que essas questões encontravam respaldo na opinião pública; dito de outra forma, havia o censo comum de que o país passava por uma renovação política, deixando para trás as antigas práticas coronelistas. Uma burocracia inerte e inoperante deveria ser substituída por profissionais atuantes, condizentes com um país que “*acelerava o passo*” e pretendia crescer 50 anos em cinco.

5.4 A ESPADA DO GENERAL LOTT

João Roberto Martins Filho diz que “as Forças Armadas constituíam parte integrante e

⁵³⁹ SILVA, Heloisa Conceição machado da. **Da Substituição de Importações à Substituição de Exportações**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

indissociável do poder político desde 1930 e, principalmente, depois de 1937”.⁵⁴⁰ Esta participação dos militares na política é vista como um processo crescente de fortalecimento da classe no período. Os momentos de crise político-institucional, vivenciados pelo país, iam pouco a pouco colocando os militares no círculo político, à medida que eram, com cada vez maior frequência, chamados a intervir.

A presença dos militares e, mais especificamente do General Lott foi fundamental para a estabilidade do governo JK, conforme afirma Benevides. A autora destaca a importância do General, que foi um dos dois ministros a permanecer no cargo durante todo o mandato do presidente, sendo que já era o Ministro da Guerra do governo anterior, de Café Filho. O apoio incondicional de Kubitschek às Forças Armadas e, em especial ao seu Ministro da Guerra, decorria da necessidade de garantir seu projeto prioritário, o desenvolvimento econômico, só possível através da manutenção da ordem.

Cardoso, por sua vez, atribui a participação das Forças Armadas no governo JK ao componente “ordem”, presente na ideologia desenvolvimentista juelinista. Para a autora, a perspectiva política do desenvolvimento era “mudar, dentro da ordem, para garantir a ordem”.⁵⁴¹

O General Henrique Teixeira Lott foi alçado a herói nacional em 1955. A popularidade do General deveu-se ao fato de ele ter liderado o famoso contra-golpe preventivo de 11 de novembro, levantando a bandeira da legalidade democrática. “Começava o culto à personalidade de Lott. “Soldado da lei”, segundo o jornal *Última Hora*, foi uma das representações que definiam o general.”⁵⁴²

A despeito da profunda divisão entre os militares, o que levou ao episódio do “contra-golpe”, a postura do General Lott, a favor da manutenção da ordem democrática, teve amplo apoio popular. Diversos setores da sociedade civil e da imprensa manifestaram-se neste sentido: a União Nacional dos Estudantes, empresários, Federações da Indústria, intelectuais, entre outros, repudiavam o movimento golpista. Grupos organizados mobilizaram-se pró-legalidade, fundando a “Liga da Defesa da Legalidade”.⁵⁴³ Entretanto, setores ultra-direitistas

⁵⁴⁰ MARTINS FILHO, João Roberto. Forças Armadas e política, 1945 – 1964: a ante-sala do golpe. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (org.). **O tempo da experiência democrática: a democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.** (O Brasil Republicano; v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 121.

⁵⁴¹ CARDOSO, Miriam Limoeiro. Op.cit. p. 183.

⁵⁴² FERREIRA, Jorge. Crises da República. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (org.). **O tempo da experiência democrática: a democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.** (O Brasil Republicano; v.3).Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 325.

⁵⁴³ Ibidem. p. 318.

do exército e membros da UDN apoiavam os golpistas, sendo seu principal porta-voz a Tribuna da Imprensa, de Carlos Lacerda.

Após o episódio do 11 de novembro, Lott tornou-se herói também das esquerdas, especialmente do PTB. Foi nesse sentido que foi fundada, no início de 1956, a Frente de Novembro, organização que congregava militares tanto oficiais quanto sargentos -, sindicalistas, petebistas e comunistas, unidos em torno dos ideais do nacionalismo e da democracia. O general Lott surgiu como figura central do movimento”.⁵⁴⁴ O PTB tentava, assim, ganhar a oficialidade para a causa trabalhista.

Não destoando da opinião pública, *O CRUZEIRO* colaborava na construção do herói, mesmo considerando a aproximação da esquerda, comumente em campo político oposto àquele defendido pela revista e por Chateaubriand. Entretanto, a ênfase da revista é no personagem Lott, cultuado enquanto defensor da democracia, regime entendido como próprio das nações desenvolvidas e do mundo civilizado. Contribui, para isso, o fato de Lott destacar-se no cenário político exatamente pelo seu personalismo, colocando a disciplina e o respeito acima de posições partidárias. Ele próprio havia se manifestado contrário à candidatura de Jango, porém, ganha a eleição, viu-se obrigado a defender sua posse. E, apesar do apoio (no episódio do 11 de novembro) inclusive dos comunistas, ele era um ferrenho anti-comunista.

É nesse sentido que o próprio Chateaubriand solicita a um de seus repórteres que elabore uma matéria sobre o General, por ocasião do aniversário do “Contra-golpe”, em 1956. A reportagem intitula-se “Lott responde a Falcão”.⁵⁴⁵

Por não ser uma fotorreportagem característica – só possui uma fotografia do General em sua mesa de trabalho - a ênfase das temáticas está num grande subtítulo em negrito e no sistema perguntas e respostas, curtas e diretas. As posições do general são enfatizadas no subtítulo: “De modo algum posso admitir as idéias do comunismo” – Também não admite o Ministro da Guerra: ateísmo, luta entre as classes, domínio da coletividade por uma minoria tirânica, cerceamento absoluto da liberdade de opinião e “outros não menores absurdos”.⁵⁴⁶ O foco, portanto, é o posicionamento anticomunista do General, desvinculando-o deste grupo e aproximando-o da postura da revista nesse sentido.

A reportagem inicia descrevendo o caráter quase apolítico do General que devotava sua vida à caserna. Afirma que ele só protagonizou os eventos políticos em questão, porque

⁵⁴⁴ Ibidem. p. 326.

⁵⁴⁵ Reportagem de Armando Falcão, deputado do PSD. *O Cruzeiro*, 17 nov. 1956.

⁵⁴⁶ *O Cruzeiro*, 17 nov. 1956.

foi levado a tal pela conjuntura, e o fez pelo dever militar de manter a ordem institucional, sendo descrito como o “Homem que salvou o Regime”.

Após a apologia ao herói, seguem-se perguntas e respostas sobre diversos temas da época, inclusive, sobre sua postura em relação ao capital estrangeiro, o que ele responde ser por uma opção mista. Ao final sua resposta à pergunta: “Acha que o Brasil vai bem?”⁵⁴⁷ adequa-se à imagem da nação que, como vimos, a revista procurou construir e difundir:

Creio que não poderia ir melhor. Na realidade, sob a chefia de um brasileiro dinâmico e patriota, o Presidente Jucelino Kubitschek, a nação prospera em ritmo acelerado. Sobem os índices de progresso. As dificuldades reinantes são conseqüência, em grande parte, de um crescimento que se processa com rapidez. Há, é claro, problemas complexos a resolver, que afetam, sobretudo, a vida das classes menos favorecidas. Mas as soluções serão encontradas, desde que o patriotismo e a boa vontade se coloquem acima das subalternas cogitações do personalismo e do ódio. A ordem, o trabalho e o bom-senso construirão nossa grandeza. É questão de tempo.”⁵⁴⁸

Esta representação dos militares, como “não políticos”, tendo uma atuação apenas de árbitros que intervêm em momentos de crise, como um “poder moderador”, era a imagem padrão historicamente construída na sociedade brasileira pelos próprios militares. No entanto, as Forças Armadas foram mudando sua postura e assumindo cada vez mais posições políticas. Após o agosto de 1954, houve uma transformação na natureza do papel das Forças Armadas, que deixaram de ser instrumento do Estado, para compor o próprio Estado, e o General Lott foi o que melhor explicitou a mudança na sua natureza.⁵⁴⁹

Esta interferência de Lott é afirmada por Benevides que diz que, durante o governo Kubitschek, houve “intensa intromissão do Ministro da Guerra em questões extramilitares – oficiais e oficiosas [...]”.⁵⁵⁰ Para a autora, a *não intromissão* alegada era, na verdade, a *não intromissão* conflitante, uma vez que o ministro, em troca de apoio às questões propriamente militares, dava sustentação incondicional às medidas, sobretudo econômicas do governo, o que fica explícito na reportagem acima descrita.

Em outra reportagem, o objetivo de construir a imagem heróica de Lott como defensor da democracia é explicitado literalmente. Em “O Brasil vacinado contra o golpe”,⁵⁵¹ é

⁵⁴⁷ *O Cruzeiro*, 17 nov. 1956.

⁵⁴⁸ *Idem*.

⁵⁴⁹ BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. *Op.cit.* p. 153.

⁵⁵⁰ *Ibidem*. p. 179.

⁵⁵¹ *O Cruzeiro*, 12 maio 1956.

reproduzida uma entrevista com Lott, sendo que o repórter inicia o texto dizendo ser a intenção da entrevista “registrar declarações do Ministro da Guerra sobre a situação brasileira e obter dados para transmitir aos leitores uma imagem de vida do homem que desde novembro se tornou o pólo das atenções e de atração do interesse popular”, tornando-se “o mais importante homem público brasileiro do momento”.⁵⁵²

A reportagem contém duas fotografias de página inteira que registram a mesma cena da reportagem anterior (feita posteriormente). O general sentado em sua mesa de trabalho em meio a muitos papéis. A imagem escura e o ar sério de Lott dão a conotação de seriedade e rigidez atribuída ao personagem. Diferente do sorridente Juscelino, Lott construía uma imagem austera, condizente com o seu papel de guardião da ordem democrática.



Figura 80: O Brasil vacinado contra o golpe. *O CRUZEIRO*, 12 maio 1956.

É esta a tônica desta reportagem, ou seja, a construção da figura do General Lott como um escudo, protetor da democracia diante das crises que permearam o primeiro ano de governo de JK. Questionado sobre as agitações, responde dizendo serem elas “uma fase da evolução”. Trata de negar qualquer envolvimento de Lott com grupos golpistas e, especialmente, com os trabalhistas e comunistas. Perguntas são feitas diretamente neste sentido, as quais o General trata de responder com a negativa justificada.

⁵⁵² Idem.

O General Lott, eleito como um dos heróis nacionais do momento, simbolizava, entre outras coisas, o estágio pelo qual a revista entendia estar passando o país. Nesse, a democracia deveria ainda ser garantida pela espada. Não é à toa que ela é escolhida como o símbolo concreto, quando membros da “Frente de Novembro” entregam uma “espada de ouro” como homenagem pelos serviços prestados à democracia brasileira. Este episódio foi abordado em uma reportagem de *O CRUZEIRO*, entretanto, não há menção sobre os promotores do evento, ou seja, grupos da esquerda nacionalista, atacados freqüentemente na revista.⁵⁵³ Embora a referência ao custo da espada, na reportagem, possa ser entendida como uma crítica sutil, não há qualquer contestação ao merecimento do General Lott. O que fica registrado é a imagem-símbolo da “espada de novembro” e a imagem de Lott representa, na revista, a presença e a importância que as Forças Armadas adquiriram no governo Kubitschek, enquanto garantia da democracia e do desenvolvimento econômico. Assim, podemos dizer que a representação política do Brasil construída e difundida pela revista estava associada à presença/interferência dos militares.

5.5 OS ANTI-HERÓIS

Não só a heroicização de personagens como Jânio, Juscelino e o General Lott reforçavam a imagem do político do Brasil em desenvolvimento, mas também anti-heróis, que possuíam as características a serem estirpadas da política nacional, circulavam nas páginas da revista e serviam de contraponto ao modelo desejado.

Em “Piquenique no Maranhão”,⁵⁵⁴ David Nasser, em cinco páginas, ataca os políticos maranhenses (que não apoiaram a candidatura de Chateaubriand ao Senado). A falta de qualificação, a ociosidade e o descaso com a população estão entre as críticas citadas. A primeira página – dupla –, composta por duas grandes fotografias, contém a mensagem principal. A imagem principal mostra o governador banhando-se em uma piscina em companhia de amigos; na segunda, ele aparece dormindo em uma rede. A legenda auxilia na

⁵⁵³ Esta homenagem prestada ao General Lott foi bastante contestada por setores militares anti-11 de novembro, desencadeando uma crise no governo. O resultado foi o fechamento da “frente de novembro” e do “Clube da lanterna”, associação golpista. O episódio expôs a divisão das Forças Armadas e o fechamento de um centro de esquerda e um de direita manteve o relativo equilíbrio e a autoridade do general Lott. BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **O Governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política**. 3 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

⁵⁵⁴ *O Cruzeiro*, 02 abr. 1955.

interpretação: “Neiva Moreira só quer sombra e água fresca: Depois de sentado em sua cadeira de Deputado Federal, o Neivinha se esqueceu do Maranhão. E comandou as oposições coligadas pelo telégrafo, nos intervalos de seus banhos. Enquanto ele dormia na rede, em Copacabana, lá no longínquo Maranhão, seus companheiros gritavam numa guerra verbal sem limite.”⁵⁵⁵ As próximas páginas são mais textuais, contendo detalhes da briga política que se desenrolava no Maranhão, por ocasião da candidatura de Chateaubriand, composta por uma série de acusações destinadas ao leitor que tem um interesse mais específico pela questão.

Desconsiderando as questões pessoais, que envolviam o proprietário de *O CRUZEIRO* e que levaram às citadas acusações, a questão aqui é a utilização dos mesmos adjetivos negativos que qualificavam o modelo de político que se pretendia combater. O uso frequente desses qualitativos contribuía para o reforço daqueles que já faziam parte do censo comum e mesmo da criação de outros.

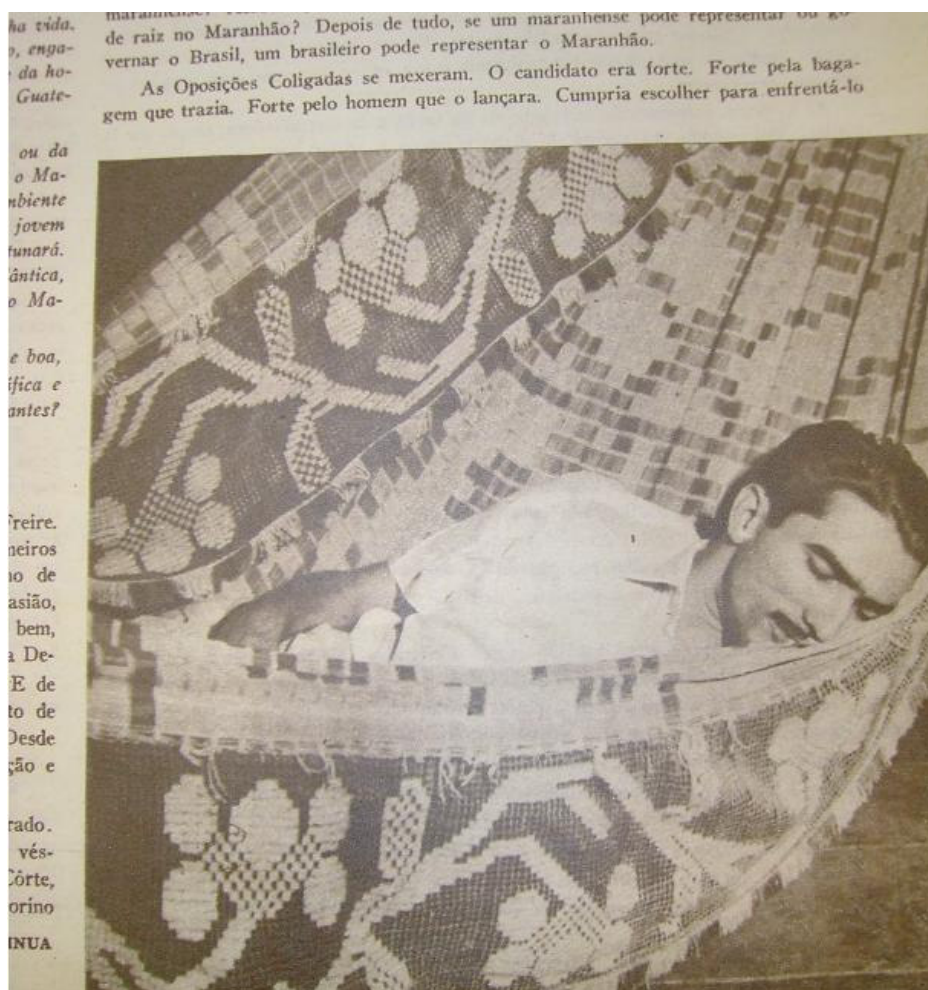


Figura 81: Pique Nique no Maranhão. *O CRUZEIRO*, 02 abr. 1955.

⁵⁵⁵ *O Cruzeiro*, 02 abr. 1955.

A divulgação de matérias sobre a violência na política alagoana também eram utilizadas para enfatizar a necessidade de combater o atraso na prática política de algumas regiões do país, em especial no sertão nordestino, região por si só relacionada à idéia de atraso. Esta é a tônica da reportagem “Alagoas Conflagrada”⁵⁵⁶ que tem como tema o assassinato de um deputado da UDN e enfatiza em seus subtítulos a idéia de atraso. As fotografias têm o objetivo de chocar o público. A maior e principal delas, trata do deputado morto, em sua cama, cercado por seus filhos pequenos. Na seqüência, outras fotografias mostram políticos mortos e feridos por balas. Uma foto, destacada das demais, mostra o coração do deputado morto “varado por balas” em cuja legenda lemos: “Eis o coração do deputado Marques da Silva , varado por duas balas calibre 45. Ele é bem o símbolo do primarismo político do nordeste , onde as lutas partidárias são regadas a sangue (...)”⁵⁵⁷

Estas imagens parecem caracterizar uma reportagem policial, mas as legendas orientam o leitor para o sentido político da matéria. Diferente das policiais em que se procura e/ou se acusa o criminoso, esta acusa a política “primitiva” ainda existente no sertão. Toda a violência passa a ser relacionada com o antigo, com o Brasil do passado. Para reforçar essa idéia, a reportagem traz na primeira página, em destaque (numa caixa de texto) um texto escrito em itálico, com o título: “Como se vivêssemos há 300 anos atrás”⁵⁵⁸ onde podemos ler,

O caso das Alagoas fixa, no cenário nacional, um dos aspectos mais velhos e de contundente atualidade da sociologia sertaneja: a usança de fazer política a ferro e fogo, pondo a descoberta, em todo o seu primitivismo chocante, o caudilhismo dominante em vastas áreas do território brasileiro. O que ocorre, em tese mais profunda, não é a luta de partidos políticos, mas o impacto sangrento entre troncos de famílias que se entredevoram para o garroteamento político dos municípios. Rígidos códigos morais regem os redutos que se homiziam nas bandas do sertão e do agreste – nas serras e nos tabuleiros – de onde opõe resistência ao sopro civilizador que vem do litoral.⁵⁵⁹

Observamos, portanto, que também no campo político, a imagem reproduzida é aquela do atraso *versus* desenvolvimento, civilização *versus* barbárie. Imagem de um país que a revista *O CRUZEIRO* entendia estar passando por um “processo civilizador” e, este, tinha uma direção clara: de cima para baixo, do centro para as margens, do litoral para o interior.

⁵⁵⁶ *O Cruzeiro*, 02 março 1957.

⁵⁵⁷ Idem.

⁵⁵⁸ Idem.

⁵⁵⁹ Idem.

Globalmente, a direção era norte-sul, ou seja, da Europa e América do Norte para a América do Sul.

Podemos dizer que a *vassoura* de Jânio, a *simpatia* de Jucelino e a *espada* de Lott constituíram-se em símbolos que ajudaram a construir, nas fotorreportagens da revista *O CRUZEIRO*, uma determinada imagem da democracia brasileira do final dos anos 50, reproduzindo, no nível político, aquelas idéias de “estágio de desenvolvimento”, “crise de crescimento” ou “etapa do processo civilizador”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O CRUZEIRO representou em suas páginas, na segunda metade dos anos 1950, imagens do país que, ao mesmo tempo em que refletiam o imaginário desenvolvimentista⁵⁶⁰ do período, reforçavam-no, colorindo-o conforme suas convicções sobre a realidade brasileira que se configurava na época.

As representações sociais na revista *O CRUZEIRO* estiveram pautadas pelo contexto brasileiro dos anos 1950 em que o crescimento acelerado da década aliado à crise que se afigurava, na segunda metade do período, levaram à intensificação dos debates sobre o modelo de desenvolvimento a ser adotado, a fim de garantir a continuidade do crescimento, fazendo ressurgir o debate entre liberais e anti-liberais que, nos anos 1940, popularizou-se como entreguistas versus nacionalistas.

Independente do modelo defendido, de uma forma geral, a ideologia do desenvolvimento tinha por base a busca da integração do Brasil ao mundo ocidental capitalista, tendo como objetivo central a superação do atraso. A idéia-força atraso versus desenvolvimento permeou, assim, todas as discussões sobre o tema.

Embora *O CRUZEIRO* fosse uma publicação distinta das revistas especializadas, onde estavam ocorrendo os debates intelectuais sobre a questão, não ficou à margem da discussão e tratou de veicular, de uma forma mais informal, as imagens – literalmente - deste debate, na medida em que seu discurso teve por base a fotografia. Em conformidade com as discussões, veiculou em suas matérias aquela idéia força central - atraso versus desenvolvimento - mas também tratou de difundir o modelo de desenvolvimento ligado ao grupo de interesse ao qual ela pertencia e, mais especificamente do proprietário, Assis Chateaubiand. Esse modelo tinha, como base, o combate ao nacionalismo; apoio ao capital estrangeiro; crítica à burguesia nacional; anticomunismo; defesa dos cafeicultores e combate ao intervencionismo estatal.

Uma das formas de representação desse modelo econômico foi através da heroicização de José Maria Whitaker, que ocupou a pasta da fazenda por um curto período em 1955. Através de uma série de reportagens sobre esse personagem, a revista ia difundindo suas propostas, permeadas pela divulgação de sua vida pessoal. Valores como família, abnegação e trabalho, mesclavam-se com teorias econômicas. A série de reportagens desenvolveu-se como uma novela sobre a vida do ex-ministro em meio a qual,

⁵⁶⁰ Desenvolvimentismo aqui entendido no sentido amplo de desenvolvimento.

pedagogicamente, são explicitadas suas teorias econômicas que basicamente defendiam o setor exportador, o combate à inflação e a reforma cambial. Associa-se, desta forma, sua proposta econômica a uma imagem sempre benéfica, experiente e sábia de um grande avô da nação. O modelo econômico era identificado, também, com uma imensa árvore que daria muitos frutos, mas tinha que vencer a erva daninha, os outros projetos.

O modelo de desenvolvimento proposto também esteve explicitado através da veiculação de reportagens sobre a questão do petróleo e sobre o café. Nas primeiras, as matérias visavam mostrar aos leitores a situação de atraso em que o país se encontrava em termos de exploração do produto, ao mesmo tempo, enfatizava o fato dele constituir-se em pré-requisito para que o Brasil atingisse o nível de desenvolvimento desejado. As imagens associavam a exploração à tecnologia avançada e as contrastavam com imagens da selva, comumente associada à barbárie e ao atraso.

Imagens que enfatizavam a produção agrária do Brasil foram freqüentes na revista durante o período. O café, como produto isolado, foi o mais destacado. As reportagens enfatizaram a importância do produto para a economia nacional, no entanto, nesta nova etapa de desenvolvimento e diante das condições do mercado internacional, o cultivo do café também deveria acompanhar este movimento, superando as formas antigas (atrasadas) de cultivo. As reportagens reproduziram esta questão, ou seja, a necessidade de melhorias técnicas no processo produtivo. A divulgação da Campanha Cafés Finos tinha esse objetivo. Utilizando frases e imagens de efeito, a defesa do café aparecia como uma batalha. A vitória proporcionaria a inserção do Brasil de forma competitiva no mercado mundial. Artifícios como o concurso de rainha do café, divulgados na revista, chamavam atenção para a importância do produto na economia nacional.

A análise das reportagens veiculadas na revista permitem-nos dizer que o desenvolvimento que ela defendia para o Brasil era aquele baseado no modelo neoliberal, na defesa do setor exportador, sobretudo, o cafeicultor, combate à inflação e não intervenção na economia.

Mas as reportagens representaram o desenvolvimento para além de seu aspecto estritamente econômico. A dimensão cultural foi amplamente explorada por elas. O imaginário desenvolvimentista também foi o dos “anos dourados”, caracterizado por uma efervescência cultural, principalmente, a partir da segunda metade da década de 1950.

A inserção do país no mundo civilizado corresponderia à elaboração de uma cultura nacional com a qual pudéssemos ser reconhecidos no contato com os povos desenvolvidos.

Essa discussão esteve presente em órgãos governamentais como o ISEB, que pretenderam reelaborar a própria noção de cultura, num processo de renovação cultural.

Da mesma forma que na área econômica, também em relação à cultura, ocorria uma polarização de posições: um grupo – reformista - defendia que a adequação da cultura à nova realidade deveria pressupor a conscientização popular e, portanto, a inserção do povo; outro grupo – folclorista - entendia que a cultura nacional deveria ter por base aspectos folclóricos do país como única fonte fidedigna da cultura popular . Esse debate esteve representado na revista, contribuindo para a elaboração e difusão de um discurso sobre a cultura nacional.

A renovação cultural esteve representada nas fotorreportagens através da divulgação de uma cultura mais refinada baseada nas expressões artísticas européias e norte-americanas. É o caso das reportagens sobre as peças encenadas pelo TBC, geralmente de autores estrangeiros e dirigidas também por estrangeiros, as reportagens sobre os espetáculos de Ballet, também sob a organização de coreógrafos estrangeiros e a divulgação das obras do MASP, em conformidade com o projeto empreendido, sobretudo, pela elite paulista, sendo que alguns membros passaram a atuar como mecenas das artes, entre eles, o próprio Chateaubriand.

Mesmo fundamentadas nos modelos estrangeiros, essas expressões culturais eram associadas na revista à cultura nacional. O caráter nacional apareceria na medida em que temas nacionais eram incorporados aos novos espetáculos. A cultura popular, como portadora do espírito nacional, serviria de inspiração e, após sofrer o processo de intermediação, era elevada à categoria de cultura nacional.

Atraso *versus* modernidade permearam as representações sobre a cultura na revista. Reportagens sobre o passado – atrasado - da cultura nacional, como o teatro de revista da Praça Tiradentes, ou os antigos *bailados* apareciam como contrapontos às imagens dos novos espetáculos nas *boites* de Copacabana ou às peças encenadas pelo TBC.

As reportagens valorizavam a cultura popular enquanto essência da nacionalidade, no entanto, evidenciam seu processo de “domesticação”. Nesse sentido, a desqualificação do carnaval de rua frente a qualificação das festas de salão evidenciava a necessidade de organizar o popular. As reportagens mostravam o processo de apropriação do popular pelas elites que o transformavam em nacional. Esse movimento pode ser percebido quando os *gran-finos* subiam o morro para aprender a sambar, ou quando o modelo *teatro de revista* era explorado pelas boates da zona sul carioca, tornando-os espetáculos estereotipados de brasilidade a serem comercializados no exterior.

O CRUZEIRO tratou, também, de representar em suas páginas, maneiras mais adequadas de se comportar e estilos de vida que estivessem mais afinados com a nova realidade do país, *em vias de civilizar-se*. Valores como a liberdade, o humanismo, a moral, a família, trabalho, uma educação refinada compunham os fundamentos das novas maneira de ser, que os leitores da revista eram orientados a reproduzir, pois, a plena inserção do país no mundo burguês capitalista deveria vir acompanhada pela aceitação e adoção dos valores próprios desse mundo.

Esses modos de conduta foram difundidos, constantemente, nas mais diversas reportagens da revista. *Misses*, artistas de Hollywood e astros do esporte serviram de modelos dotados de atributos positivos e/ou negativos pelos quais os leitores deveriam pautar sua existência.

Nas reportagens sobre as *misses* buscou-se um padrão da “moça brasileira”, que deveria ser *bem comportada* e, nesse sentido, era sempre comparada à norte-americana, tida como referência positiva na qual a brasileira deveria se espelhar. Os ideais enfatizados foram a valorização do lar como espaço feminino por excelência, casamento e maternidade como principal objetivo a ser alcançado, possuir uma certa “cultura geral”(línguas, artes, conhecimento geral), valores característicos da sociedade burguesa.

O concurso de *miss* Universo representava a inserção do país no mundo dito civilizado, na medida em que as representantes brasileiras eram comparadas, em seus qualificativos, com as de outras nações. Nesse processo, a brasileira aparecia, geralmente, numa posição de submissão à candidata européia e norte-americana, mas em condições de superioridade em relação as latino-americanas, reproduzindo, assim, o mesmo discurso – sobre a posição do Brasil no mundo – da revista em relação aos outros níveis da realidade social brasileira.

A representação da mulher brasileira como um traço cultural identitário do país, também foi explorado pela revista. Também neste aspecto os qualitativos físicos das brasileiras eram avaliados em comparação com as mulheres do mundo desenvolvido.

Outros personagens que serviram de modelos para divulgação de valores e comportamentos foram os astros de Hollywood. Para além da divulgação pura e simples do *american way*, essas reportagens eram repletas de juízos de valor sobre a sua conduta. O mundo artístico era visto como um mundo à parte e não deveria pautar os comportamentos dos leitores. A vida artística foi representada em oposição ao ideal de felicidade que somente poderia ser alcançada na simplicidade do lar. Valores tradicionais como casamento, maternidade, simplicidade, vida no lar são associados à felicidade dos artistas e se contrapõem à vida profissional cheia de vícios e dificuldades. Distinções relativas as questões de gênero aparecem de forma explícita nestas representações.

Da mesma forma, os astros do esporte serviram de modelos para representar os padrões de comportamentos desejados na nova sociedade brasileira. A força bruta, como qualificativo de alguns atletas, opunha-se à técnica e racionalidade de outros, numa reprodução do discurso atraso *versus* desenvolvimento. Este discurso aparecia não só distinguindo um atleta de outro como, também, na divisão hierárquica entre esportes de elite e esportes mais populares.

A necessidade de difundir os padrões de comportamento esteve vinculada ao contexto da época, marcado pelo crescimento urbano, concentração da população e diversificação social. Tornava-se urgente elaborar critérios de distinção definidores dos diferentes grupos sociais.

As representações sociais na revista também se direcionaram para a produção e reprodução das imagens dos diferentes espaços nacionais, promovendo sua classificação. Nesse aspecto, foram veiculadas reportagens que tratavam das discussões sobre os problemas estruturais das cidades brasileiras, a conquista e exploração do sertão e a divulgação da natureza do país enquanto exótica e, ao mesmo tempo, fonte de riquezas a serem exploradas.

As reportagens sobre o interior – sertão – reforçaram o imaginário bandeirante desbravador do sertão que conduziu a chamada *marcha para o oeste nos anos 30*. A conquista aparecia como necessária ao desenvolvimento nacional. Integrar passava a ser representado como sinônimo de civilizar e a idéia-força atraso *versus* desenvolvimento aparece como oposição cidade *versus* sertão. A imagem do conquistador bandeirante é idealizada pela revista, sintetizada pela divulgação hiper-valorizada da obra de Rondon. Os indígenas, nessa visão, são considerados como parte integrante do espaço incivilizado e, portanto, passíveis de serem conquistados para a civilização na luta pela superação do atraso.

Reportagens sobre as lutas pela terra no oeste brasileiro representavam claramente a luta inevitável pela civilização, as “lutas de pacificação” de que nos fala Elias. As reportagens posicionaram-se em defesa dos sertanejos, no entanto, os retrataram como “heróis sem cultura”, partícipes de uma luta inglória contra o desenvolvimento. A violência é representada como marcas do atraso, vícios do coronelismo oligárquico a ser superado.

O espaço nacional também foi representado como o das belezas naturais, numa continuidade da tão decantada visão edênica do país. Esta imagem, entretanto, ganha um novo componente no período: a natureza passa a ser vista, não somente paraíso natural, mas também fonte de riqueza. É o caso de Foz do Iguaçu, ao mesmo tempo, representada nas reportagens da revista como paraíso tropical e possibilidades de exploração de energia. O ideário do desenvolvimento da época direciona à natureza um novo olhar, agora menos

romântico e mais econômico. Ela é representada, então, como patrimônio nacional, capital cultural e, ao mesmo tempo, econômico.

A cidade também foi contemplada nas fotorreportagens de *O CRUZEIRO*, destacando-se o Rio de Janeiro, cujas imagens constituíam-se, já na época, um dos símbolos do país.

A representação do Rio de Janeiro nas reportagens aparecia de forma dicotômica. De um lado, era a imagem da *cidade maravilhosa*, com praias da moda e espaços de lazer da elite e classes médias urbanas, era o “Brasil exportação”. De outro, era o *locus* dos problemas do crescimento acelerado e sem planejamento.

As reportagens evidenciaram uma preocupação com o comprometimento da imagem símbolo do Rio de Janeiro que estaria ameaçada pelo crescimento desordenado. As denúncias de problemas em Copacabana, reduto por excelência das elites e classe média cariocas, sinalizaram a esses grupos a necessidade de providências. As reportagens, entretanto, não questionavam o crescimento, mas mostravam estes problemas como passíveis de serem superados com a adoção de medidas racionais de organização do espaço, próprias do mundo desenvolvido. A veiculação de imagens de projetos como os do metrô e a sua comparação com as maiores cidades do mundo evidenciam este propósito.

As representações sobre a política concentraram-se nos personagens políticos em evidência na época. As reportagens analisadas foram sobre Jânio Quadros, Juscelino Kubitschek e Henrique Teixeira Lott. Estas representações mesclavam referências pessoais a ações propriamente políticas. De uma forma geral, valorizaram aspectos como democracia, modernidade, dinamismo, honestidade e racionalidade. As fotorreportagens, devido à especificidade desta forma informativa, veiculavam um discurso diferenciado sobre os políticos, na medida em que eles apareciam como personagens da revista entre outros, como *misses*, jogadores de futebol ou astros de Hollywood.

A vassoura, a simpatia e a espada foram os símbolos que representaram a política do período nas reportagens da revista. O atraso deveria ser varrido pela vassoura de Jânio, a modernidade garantida pela simpatia de JK e a democracia defendida pela espada de Lott.

Jânio, então governador de São Paulo, reproduzia a imagem do moralismo, adequado ao discurso das elites dominantes da época, sobretudo as ligadas à UDN. Ele representava o novo bandeirante civilizador de São Paulo. Nas reportagens que compõem a série “Tire o chapéu a São Paulo” é apresentado um relatório de suas obras confirmando essa ação civilizadora. A aceleração do tempo é uma das representações ligadas à política janista, em conformidade como o desenvolvimento acelerado do país, as ações políticas deveriam também acelerar-se.

A revista difundiu também a representação do presidente simpático, Juscelino Kubitschek. Ajudou a construir a imagem do presidente como menino pobre, órfão, que saiu do interior para estudar e venceu na vida por esforço próprio, sempre conduzido por nobres ideais. Imagem associada à do país, também “menino pobre” que lutava para se desenvolver, conforme a visão de Chateaubriand, descrita por Nasser.

A simpatia de JK ajudava a construir uma imagem mais moderna do político brasileiro, pois era comparado ao seu colega norte-americano Eisenhower, que também teria esta característica – a simpatia - como maior trunfo, sendo considerado o novo modelo de político das modernas democracias. Juscelino e Eisenhower apareciam na revista como cúmplices, lideranças da América desenvolvida frente aos outros líderes da América Latina ainda presos a modelos mais atrasados.

No campo político, o desenvolvimento foi representado, sobretudo, pela idéia de democracia. O embate entre atraso *versus* desenvolvimento assumia, assim, a forma autoritarismo *versus* democracia. No entanto, apresentou uma visão específica da democracia - sob a égide da espada. A presença constante de Lott nas reportagens assinalava para esta fragilidade da nossa democracia, reproduzindo a imagem salvacionista historicamente ligada ao exército brasileiro.

As reportagens também trataram de enfatizar modelos negativos, anti-heróis, que representavam o passado atrasado do país e que ainda persistia em algumas regiões. Qualitativos como primitivismo e caudilhismo eram aspectos que deveriam ser combatidos e substituídos por uma nova geração de políticos dispostos a dar fim a *República dos Compadres*, seja através da vassoura, da simpatia ou da espada.

As fotorreportagens da revista *O CRUZEIRO*, através da combinação de imagens e textos verbais, produziram e reproduziram um determinado discurso sobre a sociedade brasileira na segunda metade dos anos 1950. Pela característica do veículo – revista de variedades e fotorreportagens – representou a realidade nacional nos seus mais variados aspectos: políticos, culturais, econômicos e geográficos. Em todas essas esferas uma idéia-força conduziu os discursos, aquela do atraso *versus* desenvolvimento, como uma etapa do desenvolvimento em si, na época inquestionável enquanto realidade futura da nação. Assim, a defesa de um modelo econômico específico, a busca de uma definição da cultura nacional entre o erudito e o popular, a classificação e integração do espaço nacional e uma prática política moderna e democrática pautaram as representações sobre o desenvolvimento na revista *O CRUZEIRO*, entre os anos de 1955 e 1957.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro. **Revista Brasileira de História**, v. 21, n. 41, 2001.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões**: Entre a história e a memória. Bauru/São Paulo: EDUSC, 2000.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. MetrÓpole e Cultura: O novo modernismo paulista em meados do século. In.: Tempo Social, **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, p. 39-52, outubro de 1997.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**: História da Imprensa Brasileira. São Paulo: Ática, 1990.

BAITZ, Rafael. **Um continente em foco**: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964). São Paulo: FFLCH/USP, 2003.

BANDEIRA, Muniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **A UDN e o Udenismo**: As ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **O Governo de Jânio Quadros**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **O Governo Kubitschek**: Desenvolvimento econômico e estabilidade política. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1979.

_____. O Governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento. In: GOMES, Ângela de Castro. (org.) **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

BIAGI, Orivaldo Leme. **O imaginário e as guerras da imprensa**: Estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coréia (1950-1953) e Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana” (1964-1973). Tese defendida na UNICAMP, 2001.

BIELSCHOWSKI, Ricardo. **O pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento**. 3.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Tradução: VARRIALLE, Carmem C. [et.al]. 5.ed. Brasília: Editora da UNB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **O Poder Simbólico**. 10.ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007.

_____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BUENO, Magali Franco. **O Imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de geografia e da mídia impressa**. Dissertação de mestrado do PPG em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo: USP, 2002.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo (Imprensa Paulista 1920-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do Desenvolvimento – Brasil: JK – JQ**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CARNEIRO, Glauco. **Brasil, Primeiro. História dos Diários Associados**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CARVALHO, José Murilo. O Motivo edênico no Imaginário social brasileiro. **Revista Brasileira Ciências Sociais**. v. 13, n. 38, São Paulo, out. 1998.

CARVALHO, Maklouf. **Cobras Criadas**. São Paulo: SENAC, 2001.

CELSO, Afonso. **Porque me ufano do meu país**. 8.ed., Rio de Janeiro, Garnier: [s/d.].

CHARTIER, Roger. O Mundo Como Representação. In.: CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2002.

_____. **“Cultura Popular”**: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 179-192.

CHATEAUBRIAND, Assis. Economia Tropical. Artigo publicado nos órgãos dos Diários Associados em 27 dez. 1957. In: CHATEAUBRIAND, Assis. **O Pensamento de Assis Chateaubriand**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2001. v. 4, p. 890. Artigos publicados em 1957.

_____. Pela Redenção da Inteligência Brasileira. Artigo publicado nos órgãos dos Diários Associados em 13 jan. 1957. In: CHATEAUBRIAND, Assis. **O Pensamento de Assis Chateaubriand**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2001. v. 4, p. 43. Artigos publicados em 1957.

COSTA, Helouise. A fotografia como projeto etnicida. In.: **Fotografia: comunicação e cultura**. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM.

_____. **Diacuí**: a fortreportagem como projeto etnicida. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/17/diacuí/diacuí>>. Acesso em: 22 maio 2006.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. **El pensamiento latinoamericano em el siglo XX**: desde la Cepal al neoliberalismo 1950-1990. Buenos Aires: Biblos, 2003. v. 2.

DRAIBE, Sônia. **Rumos e Metamorfoses: Estado e Industrialização no Brasil: 1930-1960**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993. v. 2.

ESPIG, Márcia Janete. **O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico**: O caso do Contestado. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXIV, n. 2, dezembro, 1988, p. 269-289.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2000.

FERREIRA, Jorge. Crises da República. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (org.): **O tempo da experiência democrática**: a democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. (O Brasil Republicano; v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FONSECA, Pedro César Dutra. Gênese e Precusores do desenvolvimentismo no Brasil. In.: **Revista Pesquisa e Debate do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política**. Departamento de Economia, PUCSP, SP, v. 15, n. 2, p. 225-256, 2004.

FURTADO, Celso. **A Hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

_____. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura S.A., 1961.

GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-nação na era Vargas. **Revista Brasileira História**. v. 20, n. 39, São Paulo, 2000.

GAVA, José Estevam. **Momento Bossa Nova: Arte, cultura e representação sob os olhares da revista O CRUZEIRO**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP-Assis), 2003. In.: <http://www.biblioteca.unesp.br/bibliotecadigital/document/?view=2504>.

GINZBURG, Calo. **O Queijo e os Vermes**. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. (org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p.13.

_____. **Qual a cor dos anos dourados?** In.: GOMES, Ângela de Castro (org.) **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

GORENDER, Jacob. **A Burguesia Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HAFFNER, Jacqueline A. H. **A Cepal e a Industrialização Brasileira (1950-1961)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOBBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos: O breve século XX – 1914-1991**. São Paulo. Cia. das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações Sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNQUEIRA, Mary. Representações políticas do território latino-americano na revista **Seleções**. **Revista Brasileira de História**. Ano 1. v.21, n. 042, dez. 2001.

KARAM, Tanius. Fotografia jornalística, discurso visual e direitos humanos na imprensa da Cidade do México. In.: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (org.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LEOPOLDI, Maria Antonieta. Crescendo em meio à incerteza: a política econômica do governo JK (1956-1960). In.: GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon**. Tese (Doutorado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

MALAN, Pedro Sampaio. Relações Econômicas Internacionais do Brasil: (1945-1964). In: PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; et. al. **O Brasil Republicano: Economia e Cultura (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1995. (História Geral da Civilização Brasileira. T.3, v. 4).

MARTINS FILHO, João Roberto. Forças Armadas e política, 1945 – 1964: a ante-sala do golpe. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (org.). **O tempo da experiência democrática: a democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. (O Brasil Republicano; v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história, possibilidades de análise. In.: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (org.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MEYRER, Marlise. **Evangelisches Stift: Uma Escola para Moças das Melhores Famílias**”. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

MORAES, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. In: PUCRS, **Revista Educação**, Porto Alegre, ano XXII, n. 37, março 1999, p. 7-32.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK: Industrialização e modelo Oligárquico de desenvolvimento rural. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (org.). **O Tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano; v.3).

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Avanços e Recuos: A política Exterior de JK**. In: GOMES, Ângela de Castro.(org.) **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: Utopia e massificação (1950-1980)**. São Paulo: Contexto, 2006.

NASCIMENTO, Ceolin Patrícia. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete**. São Paulo: Annablume, 2002.

NETTO, Accioly. **Império de Papel: os bastidores de O CRUZEIRO**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

NEVES, Lucília Almeida. In.: BENEVIDES, Maria Vitória. **O governo Kubitschek: O desenvolvimento econômico e estabilidade política – 1956-1961**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Memórias do Rio de Janeiro**. In: OLIVEIRA, Lucia lippi de (org). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 65.

_____. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

PEREGRINO, Nadja. **O CRUZEIRO: a revolução da fotorreportagem**. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINHO, Diva Benevides. **Aspectos do pensamento econômico do Brasil: 1940-1960**. São Paulo: IPE/USP, 1986.

RESENDE, Vera F. **Planos e regulação urbanística: a dimensão narrativa das intervenções na cidade do Rio de Janeiro**. In: OLIVEIRA, Lucia lippi de (org). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

RODRIGUES, Marly. **A década de 50**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1996.

SAES, Décio. Classe Média e Política no Brasil: 1930-1964. In.: CASTRO GOMES, Ângela Maria de; et.al. **O Brasil Republicano: Sociedade e Política (1930-1964)**. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1996. (História Geral da Civilização Brasileira; t.3 ,v.3).

SALLUM, Brasílio Jr. A Condição Periférica: O Brasil nos quadros do capitalismo mundial (1945-2000). In.: MOTA, Carlos Guilherme.(org.) **Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000): A grande transação**. São Paulo. SENAC, 2000.

SILVA, Heloisa Conceição Machado da. **Da Substituição de importações á substituição de exportações: a política de Comércio exterior brasileira de 1945 a 1979**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SILVA, Marcos. **Prazer e Poder do Amigo da Onça**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil Não É Longe Daqui**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TAVARES, José Nilo. **Gênese do Império Associado de Assis Chateaubriad**. São Bernardo do Campo: Comunicação e Sociedade, v.4, n.7, p. 144-168.

TOLEDO, Caio Navarro de. **ISEB: fábrica de ideologias**. São Paulo: Ática, 1977.

TORRE, Juan Carlos e DE RITZ, Liliana. Argentina desde 1946. In.: LYNCH, John; et.al. **História de la Argentina**. Barcelona: Editora Crítica, 2002.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da segunda guerra**. São Paulo: Cia. das letras, 2000.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **A Dupla Face de Jano: Romantismo e Populismo**. In.: GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

WAIBERG, Jacques A. **Império das Palavras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1977.

OBRAS CONSULTADAS

ABREU, A. A.; LATTMAN-WELTMAN, F.A. **Imprensa em transição: o jornalismo Brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Relações internacionais e política externa brasileira: História e sociologia da diplomacia brasileira**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

AMARAL; Hélio. **Comunicação, pesquisa e documentação**. São Paulo: Graal, 1981.

BACZKO, Bronislaw. **Los imaginários sociales: memórias y esperanzas coletivas**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.

_____. Imagem Social. In.: **Enciclopédia Einaudi**, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985. v. 5.

BAHIA, Juarez. **Jornalismo, informação e comunicação**, São Paulo, ed. Martins, 1971.

BANDEIRA, Moniz. **Brasil – Estados Unidos: A rivalidade emergente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

BETHELL, Leslie. **História da América Latina**. Barcelona: Crítica, 1997. v. 11-13.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2000.

CAPELATO, Maria Helena R. **Propaganda política na Vargasismo e Peronismo**. São Paulo: Tese de livre-docência apresentada à FFLCH-USP, 1997.

_____. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, EDUSP, 1994.

_____. **Multidões em cena**. Propaganda política no Vargasismo e no Peronismo. Campinas: Papyrus, 1998

CARDOSO, Ciro F. **Um historiador fala de teoria e metodologia**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____; MALERBA, Jurandir. **Representações**: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus. 2000.

CARONE, E. **A república liberal**. Evolução Política (1945-1964). São Paulo: DIFEL, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CASA NOVA, Vera. **Lições de almanaque**: um estudo semiótico. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHATEAUBRIAND, Assis. **O pensamento de Assis Chateaubriand**. Artigos publicados em 1955. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2001.

_____. **O pensamento de Assis Chateaubriand**. Artigos publicados em 1956. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2001.

_____. **O pensamento de Assis Chateaubriand**. Artigos publicados em 1957. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2001.

CHOMSKY, Noam. **O que Tio Sam realmente quer**. Brasília: UNB, 1996.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **O Segundo governo Vargas**. 1951-1954. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____; (org.). **As instituições brasileiras da Era Vargas**. Rio de Janeiro: UERJ/Fundação Getúlio Vargas, 1999.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França moderna.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

DEL PRIORE, Mary. (org.) **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FALCON, Francisco. **História cultural.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FERRO, Marc. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação.** São Paulo: Ibrasa, 1983.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Construção jornalística e dizer social. In: PORTO, Sérgio D. (org.). **O jornal: da forma ao sentido.** Brasília: Paralelo 15, 1997.

FREUND, Gisele. **La fotografia como documento social.** 10.ed. Bracelona: FotoGGrafia, 2002.

GALVANI, Walter. **Um século de poder - Os bastidores da Caldas Júnior.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância.** São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. **Norma e Forma.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

HIRST, Mónica (comp.). **Continuidad y cambio en las relaciones América.** Latina/Estados Unidos, Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1987.

HOBBSAWN, Eric J. **A era do Capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1982.

_____; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1984.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos**. O Breve Século XX – 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HUNT, Lynn. **A nova história Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.

JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao sul do Rio Grande**: análise de Seleções do Reader's Digest, Porto Alegre: editora da Universidade São Francisco, 2001.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3.ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LE GOFF, Jacques. **Histoire et imaginaire**. Paris: Poiesis, 1986.

_____. (org.). **A História nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARIANI, Bethânia. **Os Comunistas no Imaginário dos Jornais**. 1922-1989. Campinas: Revan/UNICAMP, 1998.

MAUAD, Ana Maria; CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna. In.: NOVAIS, Fernando A. (coord.); SCHWARCZ, Lilia M. (org.) **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Cia. das letras, 1998.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Fontes Visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, propostas cautelares. In: O ofício do historiador, **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, jul. 2003, p. 11-36.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: História e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MORIN, Violette. **Aplicação de um método de análise da imprensa**. São Paulo: ECA, 1970.

MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem Incompleta; a experiência brasileira (1500-2000); a grande transação**. São Paulo: SENAC, 2000.

_____. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)**. São Paulo: Ática, 1978.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MOREL, Marco. (org.) **História e Imprensa, homenagem a Barbosa Lima. Sobrinho-100 anos**. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

OLIVIEN, Ruben George. **Urbanização e mudança social no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1988.

ORTIZ, Renato. **Mundialização da Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAIVA, Eduardo França. **História e imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PESAVENTO, Sandra J. Representações. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH/ Contexto, v.15, n. 29, 1995.

_____. **O Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: UFRGS. 1994.

PIERUCCI, Antônio et. al. O Brasil republicano: economia e cultura (1930-1964). In.: FAUSTO, Boris (org.). **História geral da civilização brasileira**. Tomo III. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 3.ed., 1995.

PINTO, Virgílio Noya. **Comunicação e cultura brasileira**. São Paulo: Ática, 2003.

POLETTO, Dorivaldo Walmor. **50 anos do manifesto da CEPAL**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1942.

RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

_____. Francisco. **Comunicação e teoria crítica da sociedade**: Fundamentos da crítica à indústria cultural em Adorno. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SCHOULTZ, Lars. **Estados Unidos**: Poder e submissão. Bauru: EDUSC, 2000.

SCHWARTZMAN, Simon. **O pensamento nacionalista e os Cadernos do ‘Nosso Tempo’**. Brasília: UNB, 1981.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora**: A influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Sumus, 1991.

SKIDMORE, T. **Brasil de Getúlio a Castelo (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira**. 10.ed. São Paulo: Difel, 1982.

SORJ, Bernardo. **A construção intelectual do Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SWAIN, Tânia Navarro. **Historia no Plural**. Brasília: UNB, 1994.

VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro F. (orgs.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VERON, Eliseu. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1981.

VOVELLE, M. **Imagens e imaginário na história**: fantasmas e certezas nas mentalidades. desde a idade média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997.

WAINER, Samuel. **Minha Razão de Viver** – memórias de um repórter. Rio de Janeiro: Record, 1988.

FONTES CONSULTADAS

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: *O CRUZEIRO* Editora, 1955 a 1957.

O CRUZEIRO, 01 jan. 1955.

O CRUZEIRO, 08 jan. 1955.

O CRUZEIRO, 17 jan. 1955.

O CRUZEIRO, 22 jan. 1955.

O CRUZEIRO, 29 jan. 1955.

O CRUZEIRO, 05 fev. 1955.

O CRUZEIRO, 12 fev. 1955.

O CRUZEIRO, 19 fev. 1955.

O CRUZEIRO, 26 fev. 1955.

O CRUZEIRO, 05 março 1955.

O CRUZEIRO, 12 março 1955.

O CRUZEIRO, 19 março 1955.

O CRUZEIRO, 26 março 1955.

O CRUZEIRO, 02 abr. 1955.

O CRUZEIRO, 09 abr. 1955.

O CRUZEIRO, 11 abr. 1955.

O CRUZEIRO, 23 abr. 1955.

O CRUZEIRO, 30 abr. 1955.

O CRUZEIRO, 07 maio 1955.

O CRUZEIRO, 14 maio 1955.

O CRUZEIRO, 21 maio 1955.

O CRUZEIRO, 28 maio 1955.

O CRUZEIRO, 04 jun. 1955.

O CRUZEIRO, 25 jun. 1955.

O CRUZEIRO, 02 jul. 1955.

O CRUZEIRO, 09 jul. 1955.

O CRUZEIRO, 16 jul. 1955.

O CRUZEIRO, 23 jul. 1955.

O CRUZEIRO, 30 jul. 1955.
O CRUZEIRO, 06 ago. 1955.
O CRUZEIRO, 13 ago. 1955.
O CRUZEIRO, 20 ago. 1955.
O CRUZEIRO, 27 ago. 1955.
O CRUZEIRO, 03 set. 1955.
O CRUZEIRO, 10 set. 1955.
O CRUZEIRO, 17 set. 1955.
O CRUZEIRO, 24 set. 1955.
O CRUZEIRO, 01 out. 1955.
O CRUZEIRO, 08 out. 1955.
O CRUZEIRO, 15 out. 1955.
O CRUZEIRO, 22 out. 1955.
O CRUZEIRO, 29 out. 1955.
O CRUZEIRO, 05 nov. 1955.
O CRUZEIRO, 12 nov. 1955.
O CRUZEIRO, 19 nov. 1955.
O CRUZEIRO, 26 nov. 1955.
O CRUZEIRO, 03 dez. 1955.
O CRUZEIRO, 10 dez. 1955.
O CRUZEIRO, 17 dez. 1955.
O CRUZEIRO, 24 dez. 1955.
O CRUZEIRO, 31 dez. 1955.
O CRUZEIRO, 07 jan. 1956.
O CRUZEIRO, 14 jan. 1956.
O CRUZEIRO, 21 jan. 1956.
O CRUZEIRO, 28 jan. 1956.
O CRUZEIRO, 04 fev. 1956.
O CRUZEIRO, 11 fev. 1956.
O CRUZEIRO, 18 fev. 1956.
O CRUZEIRO, 25 fev. 1956.
O CRUZEIRO, 25 fev. 1956.
O CRUZEIRO, 03 março 1956.
O CRUZEIRO, 10 março 1956.

O CRUZEIRO, 17 março 1956.
O CRUZEIRO, 24 março 1956.
O CRUZEIRO, 31 março 1956.
O CRUZEIRO, 07 abr. 1956.
O CRUZEIRO, 14 abr. 1956.
O CRUZEIRO, 21 abr. 1956.
O CRUZEIRO, 28 abr. 1956.
O CRUZEIRO, 05 maio 1956.
O CRUZEIRO, 12 maio 1956.
O CRUZEIRO, 19 maio 1956.
O CRUZEIRO, 26 maio 1956.
O CRUZEIRO, 02 jul. 1956.
O CRUZEIRO, 09 jul. 1956.
O CRUZEIRO, 16 jul. 1956.
O CRUZEIRO, 23 jul. 1956.
O CRUZEIRO, 30 jul. 1956.
O CRUZEIRO, 07 jul. 1956.
O CRUZEIRO, 14 jul. 1956.
O CRUZEIRO, 21 jul. 1956.
O CRUZEIRO, 28 jul. 1956.
O CRUZEIRO, 04 ago. 1956.
O CRUZEIRO, 11 ago. 1956.
O CRUZEIRO, 18 ago. 1956.
O CRUZEIRO, 25 ago. 1956.
O CRUZEIRO, 01 set. 1956.
O CRUZEIRO, 08 set. 1956.
O CRUZEIRO, 15 set. 1956.
O CRUZEIRO, 22 set. 1956.
O CRUZEIRO, 29 set. 1956.
O CRUZEIRO, 06 out. 1956.
O CRUZEIRO, 20 out. 1956.
O CRUZEIRO, 03 nov. 1956.
O CRUZEIRO, 10 nov. 1956.
O CRUZEIRO, 17 nov. 1956.

O CRUZEIRO, 24 nov. 1956.
O CRUZEIRO, 01 dez. 1956.
O CRUZEIRO, 08 dez. 1956.
O CRUZEIRO, 15 dez. 1956.
O CRUZEIRO, 22 dez. 1956.
O CRUZEIRO, 29 dez. 1956.
O CRUZEIRO, 05 jan. 1957.
O CRUZEIRO, 12 jan. 1957.
O CRUZEIRO, 19 jan. 1957.
O CRUZEIRO, 26 jan. 1957.
O CRUZEIRO, 02 fev. 1957.
O CRUZEIRO, 09 fev. 1957.
O CRUZEIRO, 16 fev. 1957.
O CRUZEIRO, 23 fev. 1957.
O CRUZEIRO, 02 março 1957.
O CRUZEIRO, 09 março 1957.
O CRUZEIRO, 16 março 1957.
O CRUZEIRO, 23 março 1957.
O CRUZEIRO, 06 abr. 1957.
O CRUZEIRO, 13 abr. 1957.
O CRUZEIRO, 20 abr. 1957.
O CRUZEIRO, 27 abr. 1957.
O CRUZEIRO, 04 maio 1957.
O CRUZEIRO, 11 maio 1957.
O CRUZEIRO, 18 maio 1957.
O CRUZEIRO, 25 maio 1957.
O CRUZEIRO, 01 jun. 1957.
O CRUZEIRO, 08 jun. 1957.
O CRUZEIRO, 15 jun. 1957.
O CRUZEIRO, 22 jun. 1957.
O CRUZEIRO, 29 jun. 1957.
O CRUZEIRO, 13 jul. 1957.
O CRUZEIRO, 20 jul. 1957.
O CRUZEIRO, 27 jul. 1957.

O CRUZEIRO, 03 ago. 1957.
O CRUZEIRO, 10 ago. 1957.
O CRUZEIRO, 17 ago. 1957.
O CRUZEIRO, 24 ago. 1957.
O CRUZEIRO, 31 ago. 1957.
O CRUZEIRO, 07 set. 1957.
O CRUZEIRO, 14 set. 1957.
O CRUZEIRO, 21 set. 1957.
O CRUZEIRO, 28 set. 1957.
O CRUZEIRO, 05 out. 1957.
O CRUZEIRO, 19 out. 1957.
O CRUZEIRO, 26 out. 1957.
O CRUZEIRO, 02 nov. 1957.
O CRUZEIRO, 09 nov. 1957.
O CRUZEIRO, 23 nov. 1957.
O CRUZEIRO, 30 nov. 1957.
O CRUZEIRO, 07 dez. 1957.
O CRUZEIRO, 14 dez. 1957.
O CRUZEIRO, 21 dez. 1957.
O CRUZEIRO, 28 dez. 1957.

ACERVOS CONSULTADOS

- Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Setor de Periódicos.

- Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa
Setor de Imprensa.